

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida pelo Allen Arthur Jensen e aprovada pela comissão julgadora.

Campinas, 28 de maio de 1985

Keith S. Brown Jr.

Orientador

SISTEMAS INDÍGENAS DE CLASSIFICAÇÃO DE AVES:

ASPECTOS COMPARATIVOS, ECOLÓGICOS E EVOLUTIVOS

ALLEN ARTHUR JENSEN

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutor em Ciências

Orientadores:

Dr. Keith S. Brown, Jr.

Dr. Aryon D. Rodrigues

CAMPINAS

1985

**SISTEMAS INDÍGENAS DE CLASSIFICAÇÃO DE AVES:
ASPECTOS COMPARATIVOS, ECOLÓGICOS E EVOLUTIVOS**

Síntese

São examinados os sistemas classificatórios de aves usados por quatro tribos indígenas de ambientes e estilos de vida algo semelhantes. Três destas tribos (Wayampi, Urubu-Kaapor e Sateré-Mawé) pertencem ao mesmo tronco lingüístico (Tupi), e a quarta (Apalaí) pertence a um tronco não Tupi. O objetivo principal é entender melhor as influências que o ambiente físico, a cultura e a linguagem desempenham na evolução de cada sistema. O sistema classificatório dos índios Wayampi é estudado detalhadamente (capítulo III) com respeito à taxonomia e à hierarquiaêmica das aves. Capítulo IV apresenta uma comparação do sistema Wayampi com os das outras três tribos, baseada na nomenclatura das aves e também nos membros componentes dos agrupamentosêmicos. No capítulo V é discutido o papel do ambiente na evolução dos sistemas classificatórios das aves entre as quatro tribos indígenas estudadas.

Autor: Allen Arthur Jensen

Orientadores: Keith Spalding Brown, Jr.

Aryon Dall'Igna Rodrigues

AGRADECIMENTOS

A realização desta tese envolveu muito mais do que simplesmente trabalho meu; não existe trabalho científico que seja individual. Não seria possível citar aqui todos os que colaboraram diretamente e, ainda menos, os que colaboraram indiretamente, proporcionando tempo, espaço, material ou encorajamento. Frequentemente minha persistência nos estudos foi resultado do estímulo de meus colegas e, especialmente, de minha família.

Sem o apoio constante e o amor de minha esposa, Cheryl, e de minhas filhas, Naomi e Andrea, esta pesquisa teria sido muito mais difícil. Elas me permitiram ficar longos períodos fora de casa durante esta pesquisa. Além disso, Cheryl é minha colega mais íntima. A maioria das idéias apresentadas nesta tese foram examinadas primeiramente por ela. O conhecimento e análise da língua dos Wayampi foi um esforço conjunto com ela.

Agradeço também a meus pais, Harold e Verna, que me orientaram muitos anos sobre o valor do trabalho consciente e da integridade em todas as áreas da vida.

Meus orientadores, Dr. Keith S. Brown Jr. e Dr. Aryon D. Rodrigues, são pessoas de valor especial para mim. Ambos mostraram, além do conhecimento dos assuntos relevantes para esta pesquisa, muita paciência e confiança em mim, ainda quando eu mesmo não tinha tanta confiança. O Dr. Brown me sensibilizou sobre muitos aspectos, não só científicos em natureza, mas também sobre mim mesmo e sobre minha capacidade. Quanto aos índios do Brasil, o Dr. Rodrigues é uma "enciclopédia de informações" e ele sempre teve sua porta aberta para mim.

Os membros da pré-banca merecem agradecimentos especiais. O Dr. Jacques Vielliard ofereceu não só seu tempo e seu conhecimento científico, além de sua vivência com as aves, como também franqueou seu arquivo de gravações de cantos da avifauna para meu uso. O Dr. Woodruff Benson, ecologista especializado em dinâmica de populações e comunidades, orientou-me em ecologia de campo. O Dr. Luís Octávio M. Machado (ornitólogo), o Dr. Luís Carlos Cagliari (lingüista especializado em fonética) e o Dr. Carl H. Harrison (lingüista especializado em gramática, particularmente entre grupos indígenas do tronco Tupi) ofereceram informações e críticas valiosas a respeito do texto e do assunto desta tese.

O Dr. Darrell Posey (etnozoólogo da Universidade Federal do Maranhão) ampliou minha visão da ciência cognitiva, tendo-me incluído em um programa de estudos etnobiológicos entre os índios Kayapó, no Pará. Na mesma ocasião, David Oren, do Museu Paraense Emílio Goeldi, me orientou na área de ecologia de aves e me ensinou os elementos básicos para a coleta e taxidermia dos pássaros.

Os membros missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL, Insituto Lingüísitco de Verão) são colegas em todos os sentidos e me ajudaram em muitas áreas. Foi o estudo de classificação de aves entre os Kaiwá, de John Taylor (1980) que me incentivou a fazer também um estudo das aves; agradeço ao John por este estímulo. Al e Sue Graham (os lingüistas-missionários entre os Sateré-Mawé), Jim e Kay Kakumasu (entre os Urubu-Kaapor) e Ed e Sally Koehn (entre os Apalaí) ofereceram suas casas, alimentação, espaço para trabalhar e acesso aos ajudantes indígenas para a pesquisa. Mike Navratil e Fred Niehoff, pilotos do SIL, concordaram em me transportar para todas as localidades onde realizei a pesquisa.

Robert Wright, Carolyn Andrews e a digitadora, Lizbeth S. Carvalho, prepararam o manuscrito da tese no computador. Não fosse sua colaboração, esta tese teria levado muito mais tempo para ficar pronta.

Os colegas, Gary e Robbi Olson, deixaram à minha disposição mais de duzentos textos e lendas no idioma Wayampi, muitos dos quais foram valiosos para esta pesquisa.

O Dr. Pierre Grenand fez o etno-dicionário do mundo vivo entre os Wayampi da Guiana Francesa (1980). A presente tese reflete em vários lugares informações que ele coletou.

Dominique Gallois (1981) também me ensinou a respeito da cultura Wayampi e providenciou muitas informações úteis.

Agradeço também à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) por autorizar meu trabalho entre os índios do Brasil. Merecem agradecimentos especiais, Iberê Sassi (chefe do Posto Amapari) e sua esposa Maeva, que sempre me deram apoio, amizade e colaboração.

Silas e Eldna de Lima, missionários da Missão Novas Tribos do Brasil, que trabalham na aldeia Wayampi **ytuwasu**, me ofereceram hospitalidade e apoio total durante os dias que passei naquela aldeia.

Os ajudantes indígenas merecem meus agradecimentos, não só por terem compartilhado informações tão úteis para esta tese, mas também por terem tolerado minhas perguntas estranhas e, às vezes, tolas, durante muitas horas de estudo. Os informantes Wayampi foram Kurikuri, Kurawa e Majawai, da aldeia Molocapote (que não existe mais), Piriri, Jasitu, Saramare,

Kasiripina, Matapi, Seremeté e Jurara, da região do Anapará. Os Sateré-Mawé foram Servo, Ranuljo, Reniwau e Sueu. Os Apalaí foram Caboclo, Jaké e Araipo, e os Urubu-Kaapor foram Pieru e Pimenta.

Também quero agradecer à CAPES pela concessão da bolsa de estudos durante os quatro anos em que realizei esta pesquisa.

Finalmente, quero agradecer ao meu Senhor e Deus, Jesus, que me orientou durante as últimas quatro décadas em termos de persistência, paciência, estima para com a humanidade e na busca da verdade.

ÍNDICE

Síntese	i
Agradecimentos	ii
Índice	vi
Lista de Figuras	xii
Lista de Tabelas	xvi
I. Introdução	1
A. Considerações sobre a complexidade de grupos indígenas do Brasil	1
B. Estudos já realizados em etnobiologia, especialmente a respeito da biologia sistemática	3
C. Objetivos	18
II. Materiais e métodos	19
A. A escolha dos grupos indígenas usados neste estudo	19
B. Aves como meio de pesquisa etnobiológica	25
C. Preparação do material	26
D. Os informantes	28
E. Aspectos lingüísticos	32
F. Outros parâmetros estudados	32

III. Etnozootologia Wayampi e princípios de nomenclatura	33
A. Recursos lingüísticos para a formação de nomes	34
1. Recursos gramaticais	34
a. Palavra simples	34
b. Palavra complexa	34
c. Palavra composta	35
i. Compostos atributivos	35
ii. Compostos determinativos	37
iii. Compostos cumulativos	38
2. Recursos Onomatopéicos	39
3. Empréstimos de vocabulário	40
B. Critérios empregados pelos Wayampi para a identificação de aves ao nível da palavra	42
1. Aspectos morfológicos (biológicos)	42
a. Cor	42
b. Traços característicos	43
c. Tamanho	43
d. Características em comum com outras espécies	44
2. Aspectos ecológicos	44
a. Alusão ao lugar em que se encontra a espécie	44
b. Alimentação	45
3. Critérios sociológicos	45
4. Relações com aspectos do mundo religioso	45
C. Recursos culturais empregados na formação do sistema classificatório de aves	46
1. Sistema de organização social: chefes e subordinados	46
2. O dono e o patrimônio	47

3. Competição entre os Wayampi e certas aves	48
4. Aves como fontes de proteína e como matéria-prima para adornos plumários	49
D. Classificação das Aves	51
1. Concordância do sistema classificatório científico com o sistema Wayampi	51
a. Áreas de correspondência direta	53
b. Áreas de correspondência 1:X	53
c. Áreas de correspondência 2:1	54
d. Áreas em que uma espécie, mais ou menos atípica, é associada com outro grupo	54
2. Relação entre o número efetivo de espécies no território do Amapá, especialmente no rio Amaparí, e o número conhecido pelos Wayampi	55
3. Relação entre o número de espécies incluídas numa etnofamília e o número conhecido por nome próprio	56
4. Questão da hierarquia	58
5. Definição Wayampi de ave (etnoclasse)	63
E. Taxonomia	63
1. Namupewar	63
2. Uruvu	65
3. Wyraupewar	67
4. Kujuipewar	70
5. Uru	72
6. Jakami	72
7. Arakupewar	72
8. Pykaupewar	76
9. Ararapewar	78
10. Asigaupewar	80

11. Anu	80
12. Tapupupewar	83
13. Wakyropewar	83
14. Wainumypewar	86
15. Uruku'apewar	88
16. Jawasipewar	90
17. Karamamāpewar	90
18. Akurupewar	93
19. Tukāpewar	93
20. Pekūpewar	96
21. Japupewar	98
22. Wyrasīpewar	100
23. Ypepewar	102
24. Pavopewar	104
25. Wyrataja'ūpewar	106
26. Tagarapewar	108
27. Wyrapitawapewar	108
28. Piriripewar	111
29. Sa'imāpewar	113
30. Sīpewar	115
F. Conclusões	115

IV. Estudo Comparativo	122
A. Introdução	122
B. Aspectos lingüísticos da nomenclatura	122
1. Tinamidae	132
2. Phasianiidae	132

3. Ardeidae, Threskiornithidae, Phalacrocoracidae, Anhingidae, Cochleariidae	132
4. Anatidae	133
5. Cathartidae	133
6. Accipitridae, Falconidae, Pandionidae	134
7. Cracidae, Opisthocomidae	134
8. Psophiidae	135
9. Rallidae, Charadriidae, Scolopacidae	135
10. Columbidae	135
11. Psittacidae	136
12. Anu	136
13. Cuculidae	137
14. Tytonidae, Strigidae	137
15. Caprimulgidae, Nyctibiidae	137
16. Apodidae, Hirundinidae	137
17. Trochilidae	138
18. Trogonidae	138
19. Momotidae	138
20. Alcedinidae	139
21. Bucconidae	140
22. Ramphastidae	140
23. Picidae, Dendrocolaptidae, Furnariidae	140
24. Formicariidae	141
25. Cotingidae	141
26. Pipridae	142
27. Tyrannidae	142

28. Turdidae	143
29. Icteridae	143
30. Thraupidae	143
31. Fringillidae	143
C. Componentes da etnofamília e observações sobre os sistemas classificatórios Tupi	144
V. A participação do ambiente na evolução de sistemas classificatórios	153
A. Clima	153
B. Relevo	155
C. Solos	156
D. Vegetação	161
E. Efeitos do ambiente nas populações de aves	163
F. Ambiente, populações de aves e sistemas classificatórios	165
VI. Oportunidades para pesquisa adicional	171
VII. Conclusões e Resumo	173
VIII. Summary	178
Bibliografia	183
Apêndices	
I. Aves reconhecidas entre os Wayampi (Amapari, Oiapoque, Jari), os Urubu-Kaapor, os Sateré-Mawé e os Apalaí	195
II. Símbolos usados na ortografia de nomes indígenas nesta tese	219

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1.	Sistema filosófico de classificação nominal da língua proto-Bantu.	5
Fig. 2.	Árvore verdadeira (Durbin).	7
Fig. 3.	Árvore imperfeita (Durbin).	7
Fig. 4.	Árvore biológica (Durbin).	8
Fig. 5.	Esquema da inter-relação entre as cinco categorias taxonômicas da etnobiologia e seus níveis relativos numa etnotaxonomia ideológica.	12
Fig. 6	Esquema revisado da seqüência de complexidade na nomenclatura de cores nas culturas diferentes.	14
Fig. 7.	Esquema de seqüência das "life-forms" (etnoclasses) botânicas e zoológicas.	16
Fig. 8.	Localização das áreas de pesquisa: Wayampi, Apalaí, Sateré-Mawé, Urubu-Kaapor e Kaiwá. Localização e topografia regional das áreas indígenas Apalaí e Wayampi.	21
Fig. 9.	Localização da área indígena Urubu-Kaapor.	23
Fig. 10.	Localização da área indígena Sateré-Mawé.	24
Fig. 11.	Exemplos das fichas de pesquisa etnozoológica.	27
Fig. 12.	Composição taxonômica de famílias de aves de cada etnofamília Wayampi.	52
Fig. 13.	Relações por família entre espécies de aves presentes na região da aldeia Taitetuá (Wayampi) e o número conhecido por nome pelos informantes.	59
Fig. 14.	Representação esquemática da visão Wayampi de relações entre os seres vivos.	61

- Fig. 15.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Namupewar**. 64
- Fig. 16.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Uruvupewar**. 66
- Fig. 17.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Wyraupewar**. 68
- Fig. 18.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Kujuipewar**. 71
- Fig. 19.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Urupewar**. 73
- Fig. 20.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Jakamipewar**. 74
- Fig. 21.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Arakupewar**. 75
- Fig. 22.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Pykaupewar**. 77
- Fig. 23.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Ararapewar**. 79
- Fig. 24.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Asigaupewar**. 81
- Fig. 25.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Anupewar**. 82
- Fig. 26.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Tapupupewar**. 84
- Fig. 27.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Wakyropewar**. 85
- Fig. 28.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília **Wainumypewar**. 87

Fig. 29. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Uruku'apewar.	89
Fig. 30. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Jawasipewar.	91
Fig. 31. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Karamamapewar.	92
Fig. 32. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Akurupewar.	94
Fig. 33. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília tukāpewar.	95
Fig. 34. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Pekūpewar.	97
Fig. 35. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Japupewar.	99
Fig. 36. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Wyrasīpewar.	101
Fig. 37. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Ypepewar.	103
Fig. 38. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Pavopewar.	105
Fig. 39. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Wyrataja'ūpewar.	107
Fig. 40. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Tagarapewar.	109
Fig. 41. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Wyrapitawapewar.	110
Fig. 42. Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Piriripewar.	112

- Fig. 43.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Sa'imāpewar. 114
- Fig. 44.** Hierarquia linear, estrutura social e composição da etnofamília Sīpewar. 116
- Fig. 45.** Importância relativa dos critérios de classificação aplicados pelos índios Wayampi nos diversos níveis taxonômicos. 121
- Fig. 46.** Contraste de conteúdo e de número de espécies conhecidas por nome de algumas etnofamílias entre os Wayampi, Urubu, Sateré e Apalaí. 145
- Fig. 47.** Climógrafos mostrando a variação mensal de temperatura e pluviosidade em cinco localidades próximas às aldeias indígenas estudadas. 154

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1.** Número de espécies que ocorrem na região dos Wayampi que são pouco reconhecidas pelos informantes. 57
- Tabela 2.** Os nomes de etnogêneros cognatos entre quatro grupos do tronco lingüístico Tupi. 123
- Tabela 3.** A. Comparação de parâmetros ambientais das áreas indígenas. B. Similaridade relativa de alguns aspectos ambientais entre as áreas indígenas dos Wayampi, Apalaí, Sateré-Mawé e Urubu-Kaapor. 158
- Tabela 4.** Frutas silvestres procuradas pelos Wayampi, a época de amadurecimento e aves associadas com elas. 169

I. INTRODUÇÃO

A. Considerações sobre a complexidade dos grupos indígenas do Brasil.

Nos últimos trinta anos tem sido de interesse crescente entre cientistas de vários campos a tentativa de estudar as origens e rotas de dispersão das diversas línguas indígenas faladas por todas as partes da América Tropical. Esta diversidade lingüística não parece seguir padrões simples de migração, como pela costa ou pelos sistemas fluviais; o quadro verificado parece mais uma dispersão em mosaico, sugerindo padrões complexos de migração de grupos no passado.

Há várias disciplinas envolvidas no estudo desta complexidade usando principalmente critérios lingüísticos e antropológicos. Ao mesmo tempo, algumas tentativas foram feitas para associar fatores físicos e biológicos a esta diversidade. Meggers (1954, 1977a, 1977b e 1979) e Lathrap (1972), entre outros, usaram dados de Haffer (1969, 1974) sobre aves, Miller (1977) sobre arqueologia, Prance (1973), Pickergill e Heiser (1977) sobre plantas, Eden (1975), Van der Hammen (1974) e Absy (1979) sobre paleoclimas, Brown e Ab'saber (1979) sobre paleoecologia e evolução de insetos, e outras fontes, relacionando-os com dados lingüísticos e antropológicos, para sugerir uma possível relação entre o ambiente paleoecológico e a evolução cultural e lingüística em comunidades humanas.

Um problema potencial com o uso exclusivo de dados lingüísticos e antropológicos é que há alguns grupos indígenas que aparentemente perderam sua língua e adotaram uma outra, embora mantendo a sua própria cultura. Outros grupos, por outro lado, fizeram o inverso: mudaram a sua cultura profundamente, mas aparentemente conservaram sua língua.

Portanto, seria de grande importância achar um critério que se aplicasse diretamente aos dados lingüísticos e antropológicos e que fosse, de preferência, mais estável que estes.

De interesse relativamente recente são alguns aspectos da etnobiologia que poderiam oferecer um critério valioso a este respeito. Aspectos da biologia sistemática, conforme percebidos pelos povos indígenas, poderiam fornecer um critério relativamente estável em comparação com os fatores culturais e lingüísticos, da mesma maneira que os padrões da biologia sistemática, desenvolvidos por Platão há muitos séculos e Lineu mais recentemente, embora tenham sofrido muitas modificações em sua estrutura, ainda são mantidos na biologia ocidental moderna. Isto aconteceu apesar de ter havido mudanças drásticas nas ciências, nas culturas e nas línguas descendentes da tradição platônica dos povos que, ainda assim, mantêm até hoje este mesmo sistema classificatório do mundo natural.

Nos seus estudos de três grupos indígenas norte americanos, de origens lingüísticas diferentes, mas de culturas quase idênticas, Bright & Bright (1965:255) mostraram que a biotaxonomia entre as três tribos é muito mais semelhante que sua língua, e, em decorrência disto, eles puseram em dúvida se a etnotaxonomia seria basicamente uma entidade lingüística ou antropológica. Para estes autores, aspectos lingüísticos sobrevivem por sua correspondência à língua aboriginal. Todavia, um outro aspecto da taxonomia é a estrutura conceptual. Foi justamente através desta estrutura que eles acharam uma correspondência entre as culturas, não evidente na estrutura lingüística. Através deste estudo e outros semelhantes, uma pergunta óbvia é, que papel desempenha o ambiente ao determinar a maneira em que o homem organiza o mundo ao redor dele?

B. Estudos já realizados em etnobiologia, especialmente a respeito da biologia sistemática.

Há muitos anos vários cientistas vêm demonstrando interesse em fazer comparações entre vocabulários indígenas, o que resultou principalmente em etno-dicionários bilíngües. Alguns (por exemplo, Zeisberger, 1887, 1910 e Coudreau, 1892) fizeram dicionários que incluíram seções grandes dedicadas ao vocabulário de classificação biológica. Estas seções eram semelhantes: uma parte dava uma visão geral da cultura e do povo, seguida por uma lista de nomes usados para plantas e animais. Às vezes foi incluída junto com o léxico uma descrição das maneiras em que certos animais ou plantas foram utilizados.

Estudos cognitivos têm sido desenvolvidos a partir de 1954 para entender culturas humanas como sistemas de conceitos. August Mahr foi talvez um dos primeiros cientistas a dedicar-se ao preparo de dicionários exclusivamente biológicos com sentido semântico e cognitivo. Ele fez primeiro um estudo da língua Delaware, focalizando a terminologia das partes anatômicas do corpo humano (Mahr, 1960), e tentando entender a relação do vocabulário com a maneira empregada para classificar as partes do corpo. Logo depois (Mahr, 1962), ele fez um estudo entre os índios da mesma tribo (os Delaware falam uma língua da família lingüística algonquina, situando-se principalmente no estado de Ohio, nos Estados Unidos), descrevendo espécies de plantas e animais em termos de sua classificação científica e o respectivo vocabulário em termos de sua estrutura semântica. Por exemplo, a palavra em Delaware para Fagus grandifolia Ehrh. (faia vermelha) é **shawa tankhakan**. Mahr notou que as duas palavras mostram para os Delaware uma só espécie com dois estágios de crescimento; **shawewi** significa "fraco" e **tankhakan** significa "cesto". No primeiro estágio de crescimento, a casca da

árvore fica fraca e não se pode usá-lo para fazer cestas; isto é possível somente no segundo estágio. Neste caso os Delaware classificam a árvore por critérios práticos. Curiosamente esta espécie tinha dois nomes científicos em nossa cultura por causa das grandes diferenças morfológicas entre os dois estágios, até que foi demonstrado que representavam apenas uma só espécie. A língua Delaware dá assim informação ecológica, através do seu sistema classificatório.

Creider (1975) mostrou que em Proto-Bantu (África) aparentemente existia um grande número de classes de substantivos distintos pelo seu conteúdo semântico.¹ Creider mostrou como os classificadores de substantivos, marcados por afixos distintos, podiam distinguir um grupo de outro por critérios morfológicos (Fig. 1).

Ao mesmo tempo, Creider demonstrou a deficiência deste sistema como uma solução final (ou única) para descrever a estrutura do sistema classificatório biológico. Os pássaros seriam classificados entre os animais, enquanto os ovos deles seriam classificados pela sua forma, sem relacionar uns aos outros. Também a classe semântica de "coisa" (que é distinguida dos "animados") realmente inclui "animais desprezados" (além de "coisas não animadas") como a rã, ou uma pessoa aleijada.

Jan Miller (1977) também notou que os índios Delaware, enquanto conheciam as mesmas distinções taxonômicas que os europeus, ainda tinham grandes diferenças na interpretação semântica destas distinções. Por exemplo, no nível mais alto da hierarquia classificatória, um dos grupos é

¹ Embora uma proto-língua não permita a análise de dados reais, a situação mostrada por Creider é comum em línguas modernas.

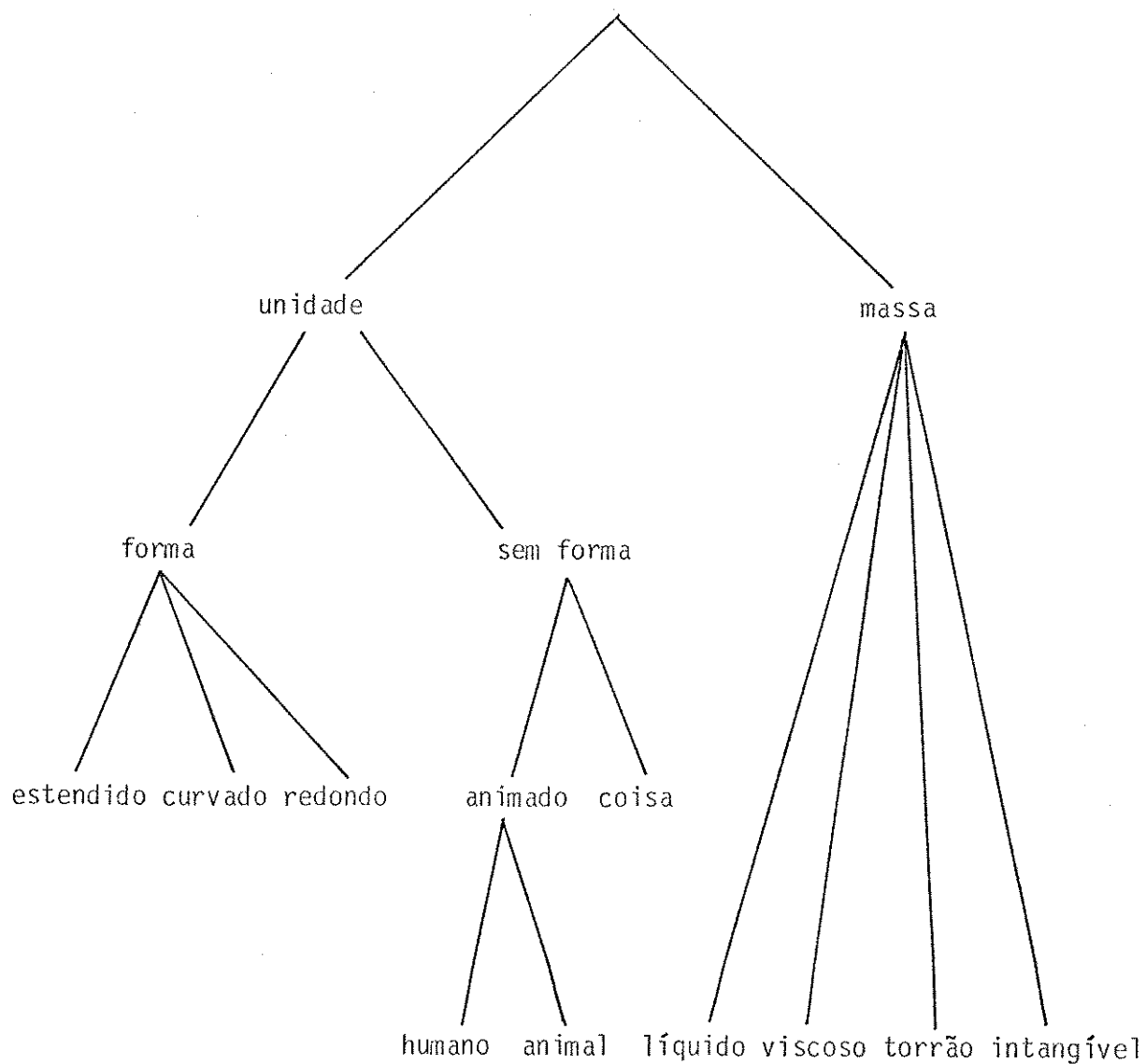


Fig. 1 - Sistema filosófico de classificação nominal da língua Proto-Bantu (Creider, 1975).

distinguido dos outros por possuir (1) a capacidade de raciocínio, (2) uma linguagem e (3) o poder espiritual de fazer uma obra específica. Porém, dentro deste grupo há deuses, pessoas, animais, pássaros, árvores, plantas e milho. Claramente, o critério entre os sistemas, embora com idéias similares em termos superficiais do vocabulário, não é necessariamente o mesmo semanticamente.

Entretanto, ele notou que, em grande parte, os Delaware distinguem entre os grupos biológicos, principalmente em termos ecológicos. Um nível classificatório, por exemplo, faz distinção entre animais que habitam na água, na floresta ou na terra subterraneamente. Outros critérios na classificação (além do habitat) são a emissão de sons (canto, coro, grito, uivo, etc.), o movimento (rastejo, salto, vôo), a aparência, as relações mitológicas ou com outras espécies, o uso e a cor.

Rodrigues (1970) notou que os índios Xetá, no noroeste do Estado do Paraná, também têm um sistema classificatório que segue padrões ecológicos, que poderiam ser encontrados através do sistema lexical. Os Xetá têm quatro verbos para "comer", segundo a natureza dos animais cuja carne se ingere; **pawâwa** é o verbo usado para comer carne de tamanduá, **jurúri**, para comer carne de animal agressivo (onça, gavião, cobra venenosa), **pokai**, para comer carne de animal que vive na água ou junto à água (peixe, cobra d'água, capivara, martim-pescador) e, **u**, para comer carne de animal não agressivo nem aquático (paca, macaco, tucano, larvas, etc.)

Marshall Durbin (1966) propõe um dos primeiros modelos no processo de estabelecer os objetivos da teoria da etno-ciência. Ele propõe regras ordenadas (que são sensíveis ao contexto) mostrando que um modelo assim nos permitiria generalizar os dados e estabelecer grupos de uma "classe

natural", que talvez não poderia ser reconhecida doutra sorte, pelo pesquisador nem pelo membro da cultura à primeira vista. Da mesma maneira como podemos mostrar o árvore verdadeira através de regras ordenadas:

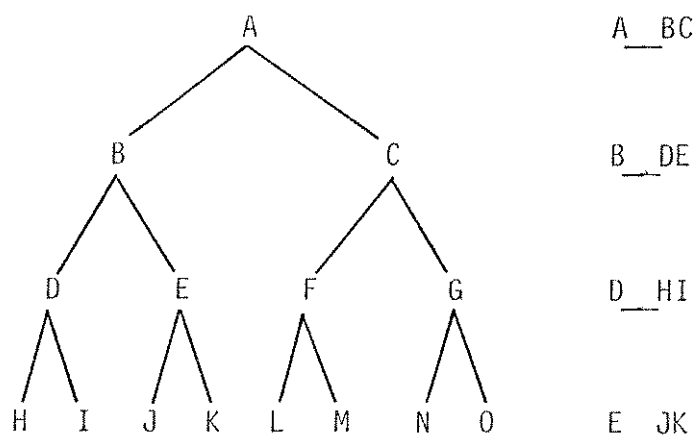
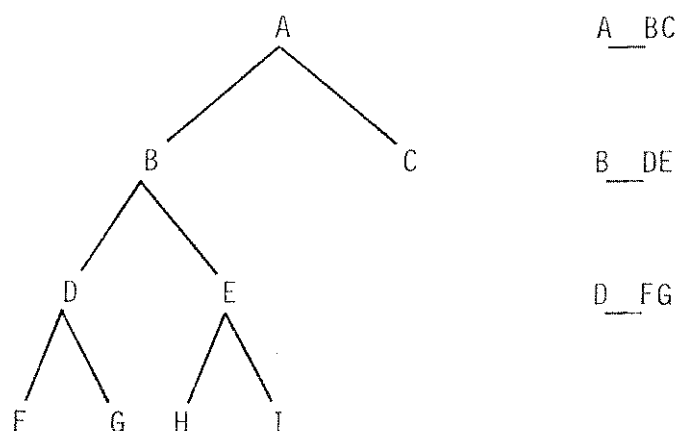


Fig. 2 - Árvore verdadeira (Durbin, 1966).

ou árvores imperfeitas:

Fig. 3 - Árvore imperfeita (Durbin, 1966).



Também se pode mostrar regras ordenadas da taxonomia, em que as expansões de cada nóculo estão marcadas por itens lexicais, e em que as expansões representem "tipos" do nóculo mais alto. Por exemplo, a seguinte árvore:

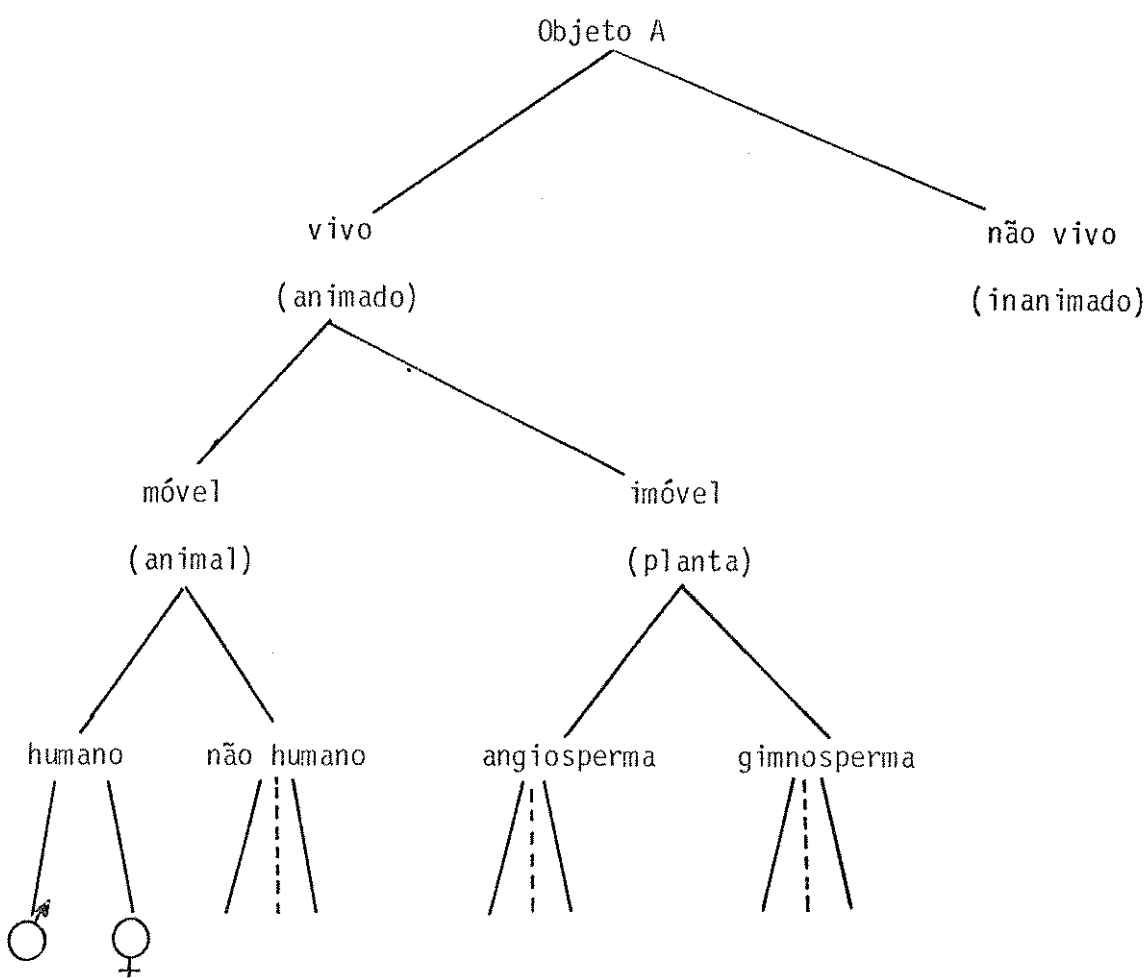


Fig. 4 - Árvore biológica (Durbin, 1966).

Cada grupo poderia representar um nível de hierarquia:

objeto	vivo, não vivo
vivo	móvel, imóvel
móvel	humano, não humano
humano	masculino, feminino

Berlin (1972, 1973, 1976) e Berlin, Breedlove e Raven (1973, 1974) mudaram a ênfase da etnobiologia. Ademais de mostrar como um mapa cognitivo de um grupo humano se distingue dos de outros grupos humanos, eles também procuraram as similaridades entre os sistemas cognitivos. Identificaram uma lista de princípios de classificação e nomenclatura baseada em dados de sete grupos lingüísticos. Um dos grupos era o Guaraní, uma língua relacionada com o Wayampi, Urubu e Sateré, tratadas neste trabalho. Além da lista de princípios, Berlin et alii(1973) mostraram que a maioria dos seres humanos em todas as partes do mundo usam estratégias semelhantes ao organizar conceitos biológicos.

Os princípios são os seguintes:

1. Todas as culturas reconhecem grupos naturais de organismos e os tratam como unidades descontínuas na natureza. Estas discontinuidades são **taxa**.

Estes **taxa** são agrupados em classes por traços similares (categorias etno-biológicas) e podem ser agrupadas em até o máximo de cinco níveis na hierarquia biológica.

(A) **Iniciador absoluto** (Unique Beginner). É o nível mais alto da hierarquia biológica. A maioria das culturas não tem este nível (não fazendo distinção, por termos próprios, entre a planta e o animal).

(B) **Etnoclasse** (Life-form). A maioria das culturas tem este nível de classificação e normalmente as subclasses são poucas em número (5-10). Reconhecem-se linguisticamente por lexemas

principais (não compostas, vide III.A.1.c.) e sempre apresentam **taxa** subordinados a ele. Exemplos de nomes populares em português seriam: ave, árvore, peixe, cobra, inseto e erva.

(C) **Etnogênero** (Generic). Numa língua, a maioria do léxico classificatório está incluída neste nível. Também a maioria do léxico se ajusta em uma ou duas categorias de "**Life-form**". Este pode ser o nível final de alguns **taxa**. Este também é o nível que a criança aprende. Normalmente o nível genérico é distinguido por lexemas principais. Exemplos de nomes populares em português seriam: tucano, onça, palmeira, besouro, pinheiro e abelha.

(D) **Etnoespécie** (Specific). Em geral os ocupantes deste nível são menos numerosos que os do genérico. Se este nível existir, normalmente representa um grupo de organismos de muita importância cultural. De regra, também o específico é o nível terminal e é distinguido por lexemas secundários. Um exemplo de nome em português seria o tucano-de-peito-amarelo.

(E) **Etno-subespécie** (Varietal). Este nível é raro entre as culturas indígenas e somente é usado para as espécies extremamente importantes na cultura. O "**Varietal**" é caracterizado por lexemas secundários.

O conceito de gênero ou etnogênero é crucial em etnobiologia e de modo geral é percebido como o menor agrupamento que precisa de um nome

distinto. Normalmente o etnogênero é considerado o ponto básico de referência num sistema classificatório.

2. As etnocategorias são organizadas de maneira hierárquica e os taxa de qualquer nível são mutuamente exclusivos.

3. Taxa da mesma categoria etnobiológica normalmente ocorrem ao mesmo nível taxonômico (Vide Fig. 5). As etnoclasses, por exemplo, normalmente ocorrem no nível 1, enquanto os etnogêneros no nível 2, mas também às vezes ocorrem no nível 1.

4. Taxa intermediários são incluídos numa das etnoclasses ("life-forms") e incluem taxa etnogenéricos. Esta categoria é rara e de modo geral é também sem nome explícito.

De modo geral, taxa sem nome sempre se definem por critérios morfológicos e nunca por função.

Berlin, Breedlove e Raven (1973) também mencionaram que o número de palavras (nomes classificatórios) não pode ser multiplicado além de certos limites. O número deve ser de tal modo restrito que cada um dos falantes da língua possa transmitir seu conhecimento à próxima geração. Normalmente o limite superior do léxico classificatório é de 3000 a 4000 palavras.

De interesse especial é o trabalho feito por Grenand (1980), que passou seis anos entre os índios Wayampi (na Guiana Francesa), relacionando os nomes científicos de espécies de aves, mamíferos, peixes, insetos, árvores, arbustos, ervas, cipós e palmeiras com os seus equivalentes em Wayampi. Ele

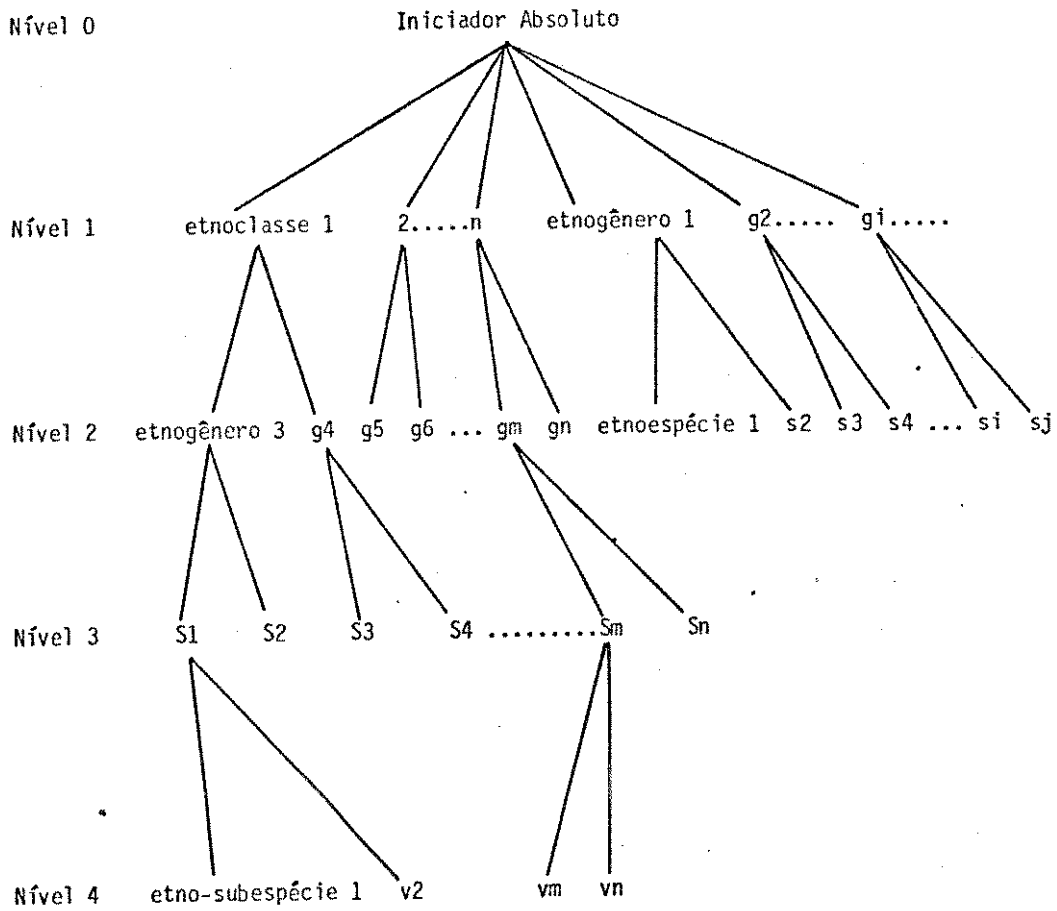


Fig. 5 Esquema da inter-relação entre as cinco categorias taxonômicas da etnobiologia e seus níveis relativos numa etnotaxonomia ideológica (Berlin *et alii*, 1973).

tentou ver o mundo vivo através dos olhos dos Wayampi e fez um dicionário de 3500 termos biológicos, incluindo o sentido semântico de muitos dos termos.

Hunn (1975, 1976, 1977, 1982) levantou dúvida se os critérios de nomenclatura (usados para definir a posição relativa na hierarquia taxonômica) correspondem a critérios psicológicos. Ele diz que o modelo taxonômico de Berlin simplesmente mostra a existência de um taxon numa hierarquia sem explicar por que está lá. Também a existência de categorias não nominalizadas mostra que há categorias cognitivas sem marcação lingüística as quais, por este motivo, não se encaixam nos critérios de taxa no esquema de Berlin.

Berlin e Kay (1969) descobriram (através dos padrões de cores de 98 línguas) que existe aparentemente uma seqüência ou ordem em que certas categorias de cor estão nominalizadas, na maioria das línguas (Fig. 6). No esquema deles, se uma língua tiver uma só categoria para as cores, esta contrastará somente o preto e branco; se tiver três categorias, além do preto e branco, a terceira categoria será vermelho, etc.

Esta seqüência se relaciona favoravelmente com a posição dos bastonetes e cones na retina do olho. Neuro-fisiologicamente, além do preto e branco, as cores vermelha, amarela, verde e azul são distinguidas naturalmente (Bornstein, 1973). Ou seja, os bastonetes responsáveis pela percepção destas cores têm a maior distância entre si.

C.H. Brown (1977, 1979a, 1979b, 1984) e Brown e Witkowsky (1982), influenciados pelas implicações do estudo de cores por Berlin e Kay (1969) estenderam esta idéia desenvolvendo um esquema teórico sobre a seqüência em que certas categorias de "life-form" estão incorporadas nas culturas (vide

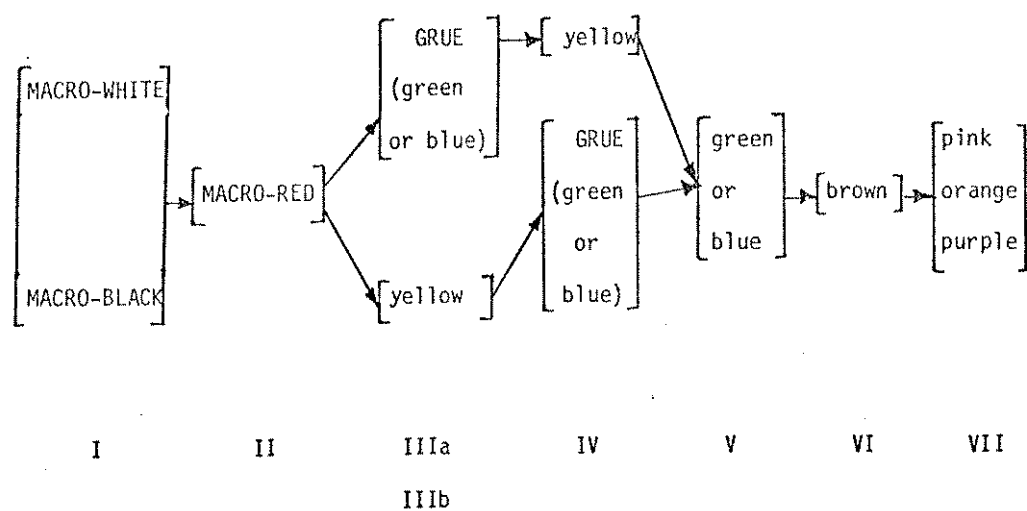
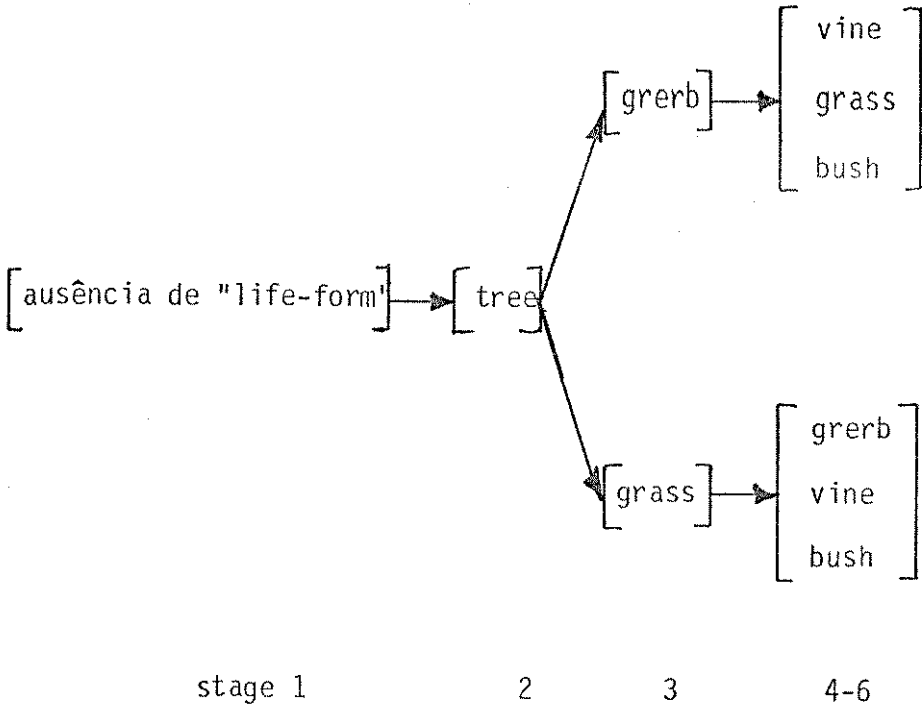


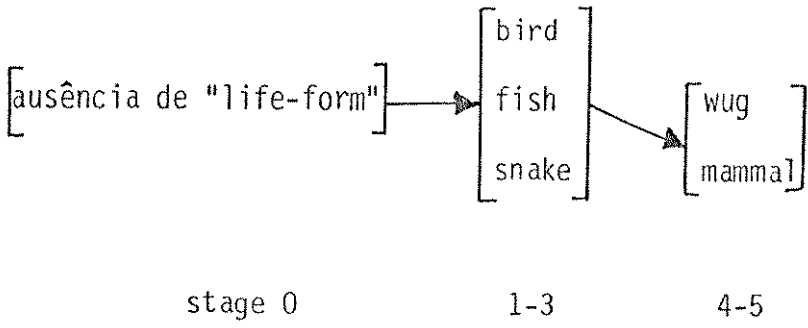
Fig. 6 Esquema revisado de seqüência de complexidade na nomenclatura de cores nas culturas diferentes (Berlin e Kay, 1969).

Fig. 7a,b). No esquema deles, a seqüência em que novas categorias de etnoclasse são incluídas nas línguas obedece a uma certa ordem, tal como a seqüência de inclusão de categorias de cores (Berlin e Kay, 1969). Por exemplo, se uma língua tiver uma só categoria ao nível da etnoclasse para plantas, a categoria será "tree" (árvore). Se tiver duas categorias, a segunda será ou "grerb" (capim e erva) ou "grass" (capim) em qualquer ordem, e, se tiver três, e as primeiras duas forem "tree" e "grerb", a terceira será ou "vine" (cipó) ou "grass" ou "bush" (plantas de médio porte).

Entretanto, surgiram muitas dúvidas sobre a correspondência que Brown fez entre o esquema de seqüência de nomenclatura de cores e a seqüência de complexidade de etnoclasses. A percepção das cores tem fundamento neurofisiológico, enquanto a percepção de etnocategorias não tem tal fundamento (Randall e Hunn, 1984). Também o esquema de Brown não leva em conta o fato de que o próprio ambiente determina, em parte, a importância relativa de certas etnoclasses de plantas e animais para uma cultura humana.



(a)



(b)

Fig. 7 Esquema de seqüência das "life-forms" (etnoclasses) botânicas (a) e zoológicas (b)(C.H.Brown,1984).

Ainda que estas dúvidas se apresentem a respeito do esquema de Brown, tanto sobre o esquema em si quanto sobre a qualidade dos seus dados, as idéias têm influenciado estudos etnobiológicos.

Em resumo, muitos dicionários etnobiológicos têm sido produzidos com a intenção de associar vocabulários indígenas aos nomes científicos. Estes estudos, embora sejam interessantes, não contribuíram realmente para o nosso entendimento do sistema classificatório biológico dos grupos indígenas, exceto possivelmente ao nível da palavra.

Também um número de estudos têm sido feitos usando o dicionário etnobiológico apenas como um instrumento para identificar a estrutura semântica (ou o sentido) dos componentes das palavras classificatórias na língua indígena. Tais trabalhos têm se mostrado não somente interessantes, mas também muito valiosos em termos de ajudar-nos a entender as razões para a terminologia usada. Mahr (1960, 1962), Wyman e Harris (1960), Grenand (1980), Lescure et alii (1980) e Grimes (1980a,b), contribuíram muito neste sentido.

Berlin, Breedlove e Raven (1973) formularam hipóteses universais sobre sistemas classificatórios de cada nível de hierarquia. Outros modelos de classificação também têm sido avançados tentando captar (entender) o sistema classificatório do ponto de vista (psicológico) da cultura e não necessariamente a hierarquia da natureza (Bright & Bright, 1965, e Hunn, 1976).

Também tem havido muita discussão teórica dirigida às metodologias e aos modelos em termos de achar maneiras para melhor entender os universais de classificação biológico dentro de uma cultura e entre as culturas. Mais

notáveis nesta área são os trabalhos de Creider (1975), Durbin (1966) e Werner (1966).

C. Objetivos

O interesse desta tese é testar a coesão através do tempo de um sistema classificatório biológico, com a idéia de que tal entendimento poderia dar uma contribuição ao estudo dos relacionamentos entre as tribos indígenas do Brasil. Isto será feito através de um estudo detalhado do sistema classificatório biológico de tribos indígenas relacionadas culturalmente e lingüisticamente, identificando os níveis da hierarquia e os critérios usados para fazer divisões na classificação. Depois, o mesmo estudo será feito numa cultura bem mais distante lingüisticamente, mas ainda de estilo de vida semelhante, para testar a hipótese de mudança através de longo período de tempo. Também se inclui um estudo comparativo dos sistemas de classificação, identificando as similaridades e dissimilaridades (quais partes teriam sido modificadas e quais não, através do tempo). Não são apenas as diferenças entre os grupos relacionados lingüisticamente e aquele não relacionado, mas também as semelhanças entre si (especialmente nomes cognatos) que são importantes neste estudo. Assim, poder-se-ia avaliar a influência do ambiente e da cultura na evolução lingüística dentro de grupos indígenas da Amazônia. Também, usando estes dados, poder-se-á discutir o valor de sistemas classificatórios como um instrumento para relacionar culturas indígenas, especialmente no Brasil.

II. Materiais e métodos

A. A escolha dos grupos indígenas usados neste estudo

Para atingir os objetivos desta tese, aproveitei o conhecimento já adquirido durante vários anos de residência, junto com minha esposa, com os Wayampi nas aldeias Molocopote (Rio Jarí) (Fig. 8) e Tataira (sistema fluvial Amaparí, Amapá). Aprendemos a manter diálogos básicos no seu idioma. Apreciei especialmente a relação íntima que estes indígenas mantêm com o mundo natural, manifestada tanto nas suas atividades cotidianas quanto na estrutura social da cultura. Assim foi inicialmente determinado quais os aspectos etno-ecológicos dos Wayampi que seriam a base deste estudo.

A língua dos Wayampi pertence à família Tupi-Guarani (TG), constituindo justamente com o idioma das Emerillon, da Guiana Francesa, o único ramo desta família situado ao norte do rio Amazonas (também a Língua Geral Amazônica ou Nheengatu é ainda falada ao norte do Amazonas, mas foi introduzida como língua dos colonizadores. Vide também Arnaud(1971,1983), Gallois(1980,1983) Grenand & Grenand(1979) e Olson(1982). A família lingüística TG filia-se a um agrupamento maior, que é o tronco Tupi (Rodrigues 1971, 1982a,b).

As outras tribos foram escolhidas levando em consideração fatores lingüísticos, culturais e ambientais em relação aos Wayampi, e também fatores puramente logísticos. Escolheram-se duas línguas do mesmo tronco lingüísticos (uma das quais da mesma família lingüística que o Wayampi e ambas com estilos de vida bastante semelhantes aos dos Wayampi). Foram escolhidas as seguintes:

1. Urubu-Kaapor (Família Tupi-Guaraní, tronco Tupi; Rodrigues, 1982a), localizada na floresta tropical, no sistema do Rio Gurupi no Estado do Maranhão, 3°S, 46.5°W (Fig. 9)(vide Kakumasu, 1967).

2. Sateré-Mawé (Família Mawé, tronco Tupi; Rodrigues, 1982b), localizada na floresta tropical, no Estado do Pará, 3.3°S, 56.9°W (Fig. 10).

Também foi escolhida uma tribo não Tupi, mas ainda de ambiente e estilo de vida comparável aos dos Wayampi:

3. Apalaí (Família Karib, não filiada ao tronco Tupi; Rodrigues, 1982c), localizada na fronteira entre a floresta e a savana tropical no Rio Paru do Leste, no Estado do Pará, 1.2°N, 54.7°W (Fig. 8) (vide Koehn, Sem data).

Logisticamente todas as tribos foram relativamente fáceis de visitar e estudar, sendo que a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Summer Institute of Linguistics (SIL) desenvolvem trabalhos entre todas. Este fato me facilitou bastante, permitindo o trabalho desde os primeiros minutos em cada tribo. Os membros do SIL também providenciaram informantes (a maioria dos quais treinados em trabalho com dados lingüísticos) e um lugar para fazer os estudos. A cidade de Belém (onde resido) fica no centro da região habitada por estas tribos. Informações a respeito das tribos foram acessíveis em Belém através do Museu Goeldi, do SIL e da FUNAI.



Figura 8a. Localização das áreas de pesquisa: Wayampi (W_1 = do Jari, W_2 = do Amapari), Apalai (A), Sateré-Mawê (S) e Urubu-Kaapor (Ur). Certas dados Kaiwa (Kw) também estão incluídos no Capítulo IV.

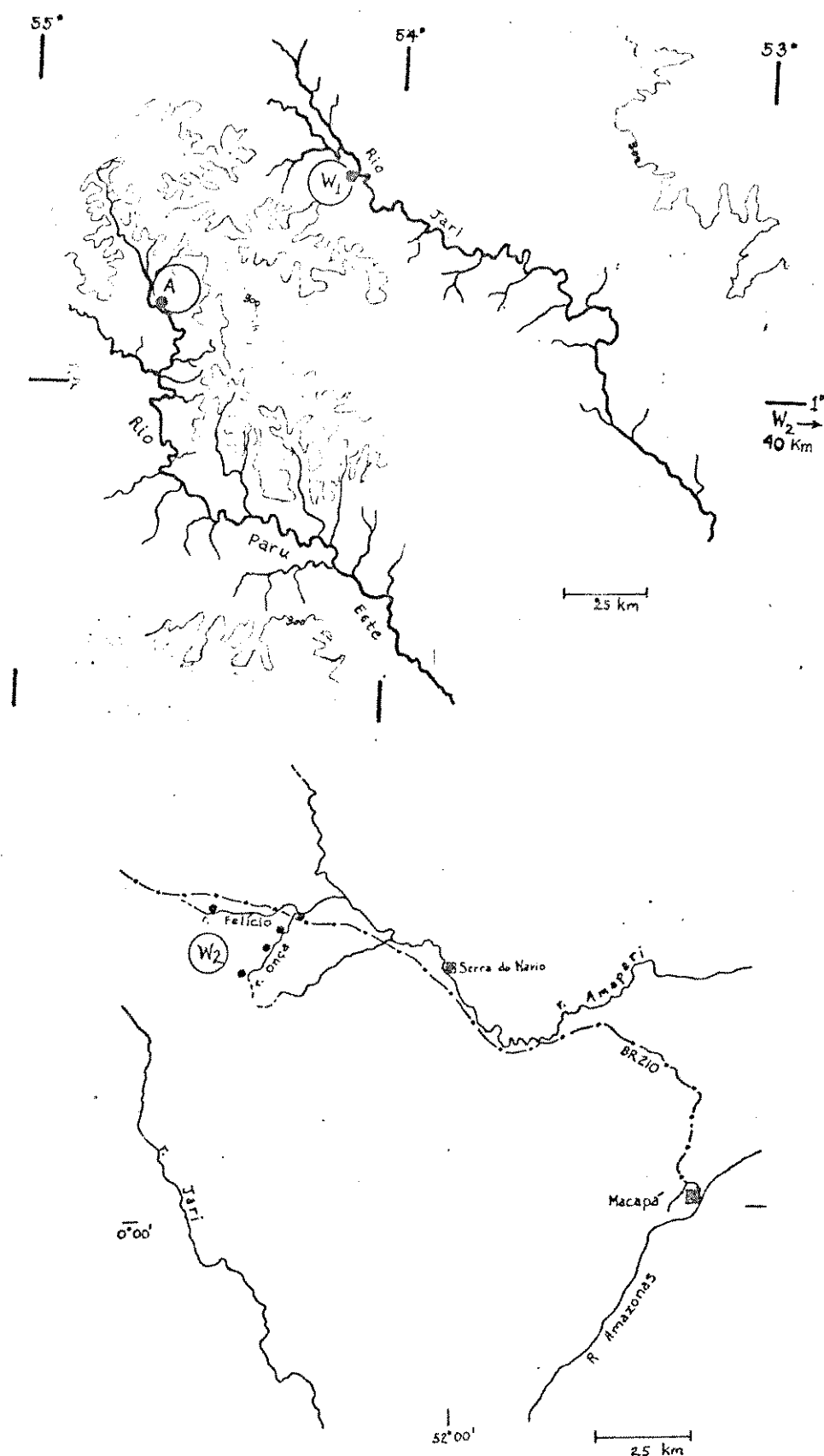


Figura 8b. Localização e topografia regional das áreas indígenas Apalai (A) e Wayampi do Jari (W₁) (acima) e da área indígena Wayampi do Amapari (W₂) (em baixo).

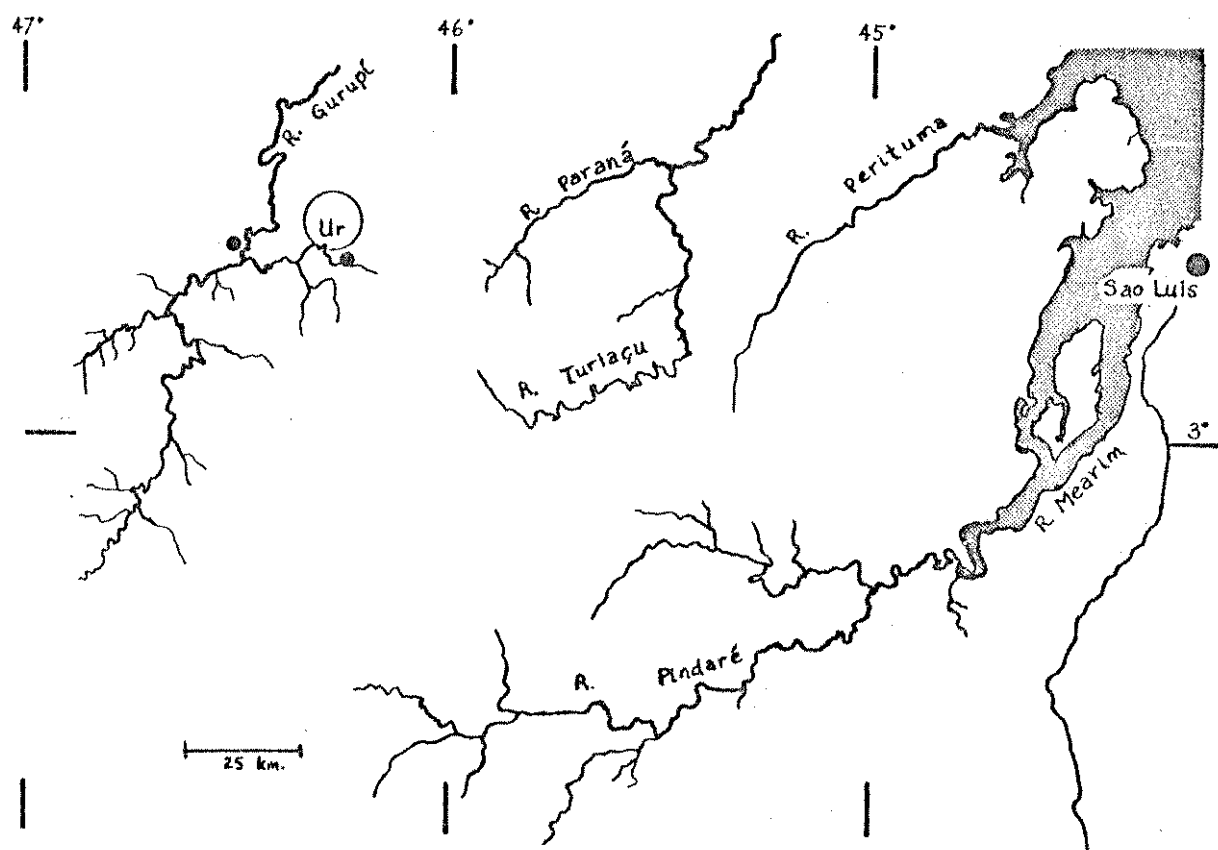


Figura 9. Localização da área indígena Urubu-Kaapor.

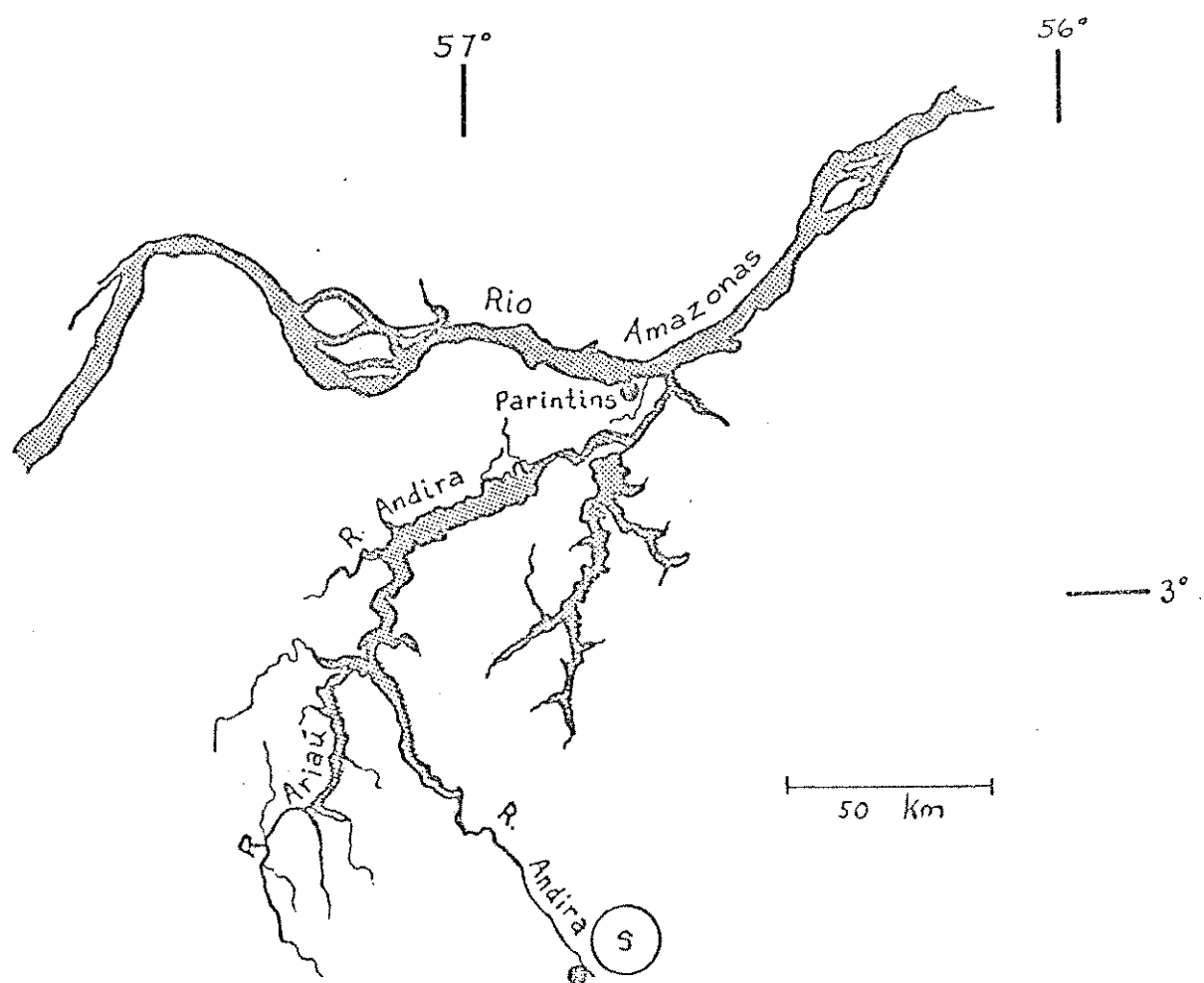


Figura 10. Localização da área indígena Sateré-Mawé

B. Aves como meio de pesquisa etnobiológica

As aves foram escolhidas como meio de pesquisa na interface cultura/língua/ambiente pelas seguintes razões:

1. Já era evidente de que os Wayampi conheciam bem as aves e que o conhecimento delas ocupava uma posição importante na sua cultura, manifestada através de lendas e mitos.

2. A classe Aves é uma descontinuidade biológica com fronteiras fixas e facilmente observáveis, facilitando uma comparação entre vários grupos indígenas diferentes.

3. A classificação das espécies dentro da classe Aves pode aproveitar ampla gama de critérios morfológicos, ecológicos, etológicos e acústicos.

4. O número de espécies de aves na floresta tropical amazônica é alto, permitindo uma base ampla de dados e um estudo bastante profundo.

5. Fotografias ou desenhos detalhados de aves são encontrados em livros facilmente disponíveis no Brasil (Frisch, 1981; Meyer de Schauensee & Phelps, 1978 e Haverschmidt, 1968), providenciando um bom instrumento de pesquisa.

C. Preparação do material

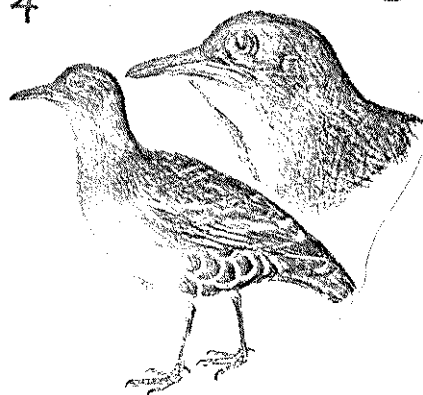
Há vários métodos de pesquisa etnobiológica descritos na literatura dos últimos anos. Os mais proveitosos são os de Posey (1979, 1983), Berlin, Breedlove & Raven (1968), Berlin e O'Neill (1981), Hunn (1975), Hays (1976, 1979, 1983), Healey (1975) e A. Jensen (1984).

Não existe um único método adequado para a coleta dos dados necessários; aproveitei várias sugestões oferecidas por estes autores e abandonei outras que não se comprovaram úteis nos estudos entre os Wayampi.

Aprender bem a língua dos Wayampi foi uma necessidade. Muitas vezes informações foram coletadas indiretamente, transmitidas através do diálogo entre duas pessoas Wayampi, ou faladas em voz alta por um vizinho Wayampi embriagado, conversando consigo mesmo. Este tipo de informação normalmente seria inacessível para aqueles que não são fluentes na língua indígena. Um conhecimento da gramática Wayampi foi também útil para o reconhecimento dos sentidos das palavras; neste caso, o trabalho de Grenand (1980) foi também muito proveitoso.

O método mais útil, que se tornou a base desta pesquisa, foi o uso de fichas, cada uma com uma fotografia ou desenho de uma espécie de ave, como na Fig. 11. Os desenhos foram retirados principalmente do livro de Haverschmidt (1968). Muitos outros desenhos também foram tirados do livro de Frisch (1981), especialmente de espécies que ocorrem em outras regiões do estudo, mas não no Suriname. Havia no total cerca de 500 fichas, cada uma com um desenho de uma espécie. Os estudos de Novaes (1960, 1970, 1973, 1974, 1978, 1980), Meyer de Schauensee (1970), Meyer de Schauensee e Phelps (1978), Pinto (1978), Puyo (1978), Ruschi (1979) e Snow (1982), ajudaram a

b 4

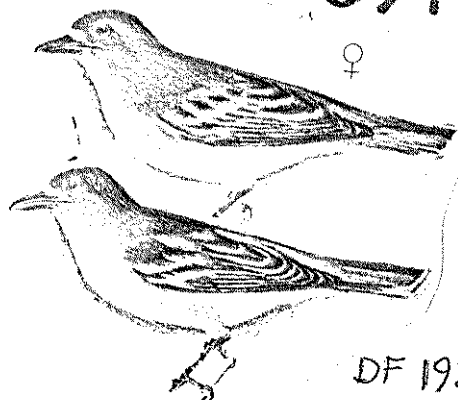


TINAMIDAE

CrypturellusParvirostrisInambuxororó
Small billed Tinamou

397

♀



DF 193(5)

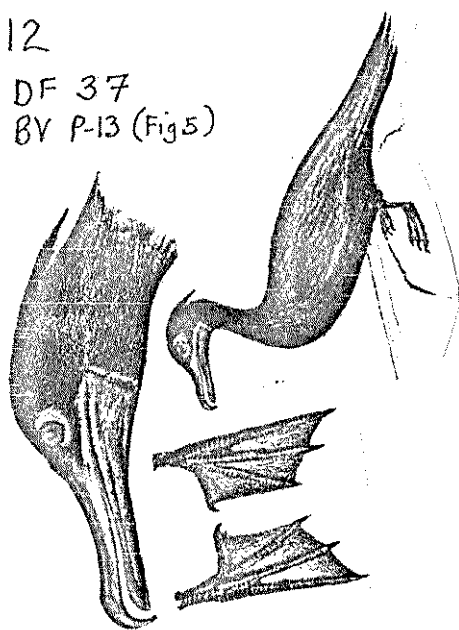
Cotingidae

PachyramphusmarginatusBlack-capped-Becard
Bico-grosso-de-coroa -
negra

12

DF 37

BY P-13 (Fig 5)

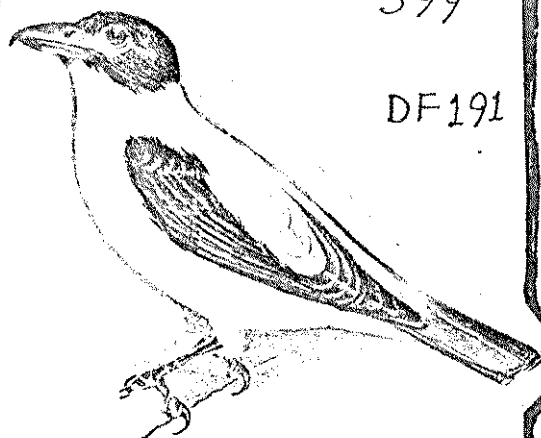


PHALACROCORACIDAE

Phalacrocorax olivaceusNeotropic Cormorant
Biguá

399

DF 191



COTINGIDAE

Tityra cayanaBlack-Tailed Tityra
Anambê-branco

Figura 11. Exemplos das fichas de pesquisa etnozoológica
(classificação de aves).

avaliar a avifauna da cada região para saber quais fichas usar na pesquisa entre os residentes. As fotos de Dunning (1982) e as de Meyer de Schauensee (1978) ajudaram nos casos em que os índios tiveram problemas na identificação de determinadas aves nas fichas.

D. Os informantes

Aos informantes foi dado tempo adequado para que pudessem ordenar as espécies de aves (representadas nas fichas) em grupos naturais. Eu já sabia da existência de chefes (**rowijã**) de aves através das lendas Wayampi, e pedi a eles que primeiramente identificassem todos os chefes e, depois, que acrescentassem a cada chefe os membros do grupo deste. Uma vez feito isso, deu para entender que existem também mini-chefes (**rowijã miti**), cada um com seu próprio subgrupo, tal como na estrutura política Wayampi. Entre os Wayampi, ao todo participaram na pesquisa uma mulher e dez homens. A mulher tinha aproximadamente 25 anos e os homens, mais ou menos de 20 a 50. Em termos de parentesco, os três ajudantes do rio Jarí (Majawai, Kurawa e Kurikuri) são irmãos (do mesmo pai), enquanto que os sete ajudantes do Amaparí têm entre si parentescos mais heterogêneos. Entre os que tomaram parte neste estudo, só Piriri foi considerado (por seus companheiros) como um "especialista" no conhecimento de aves.

Entre os Apalaí, Sateré-Mawé e Urubu-Kaapor, dois ou três informantes foram consultados em cada caso. O informante Apalaí conhecido pelo nome Caboclo, também é considerado um "especialista" em aves.

Um informante geralmente levava um dia inteiro apenas para dividir as aves em agrupamentos. Normalmente, não tiveram dificuldade no reconhecimento

das aves. Entretanto, havia um limite máximo de atenção à tarefa. Eles não estavam acostumados a fazer este tipo de análise tão fina de um assunto tão restrito. Posey (1979:90) no seu trabalho etnobiológico entre os Kayapó disse, "eu achei fastidiosas as repetições incessantes e os Kayapó as acharam ainda mais...o limite máximo de atenção deles era de 20 minutos e o meu era apenas um pouco mais". Todavia, com vários blocos de tempo entremeados de intervalos, um estudo relativamente completo pôde ser realizado dentro de três dias com um informante. Este método tinha de ser desenvolvido com vários informantes, para assegurar que os resultados obtidos fossem realmente agrupamentos bem conhecidos entre vários falantes da língua. O estudo completo envolveu cinco Wayampi (dois do rio Jarí e três do Rio Amaparí), com contribuições mais limitadas de seis outras pessoas.

Nestes estudos menores foram verificados os nomes das espécies, os chefes das etnofamílias e informações particulares às espécies, como sua alimentação e seu habitat. Estes estudos parciais foram feitos normalmente no campo, ao invés de ao redor da mesa. Para verificar os chefes das etnofamílias (vide III.B.2.), por exemplo, perguntei, "moma'e ã kakã rowijã?" ("Quem é o chefe do Caracaracacã, Daptorius americanus?"), ou "Ove po kapī tarã kū" ("O pipira (Ramphocelus carbo) tem parentes?"), "moma'e po amē" ("Quais são, então?"). Assim, as informações da mesa foram verificadas no campo.

A respeito de cada agrupamento, quando sabia da existência de chefes entre as aves, sempre perguntei quem era o chefe do agrupamento, o nome do chefe e também a quem ele chefiava. Sempre perguntei se havia outros membros do domínio dele não incluídos no agrupamento de fichas na mesa de estudos. Outras perguntas versaram sobre a alimentação, ecologia e comportamento das espécies.

Fiz também uma gravação dos cantos das aves conhecidas na área indígena Wayampi, para verificar seu conhecimento dos sons ou cantos da avifauna. Foram gravados 81 cantos de aves diferentes num gravador cassette (Superscope) e foram tocados para quatro indivíduos Wayampi, que ouviram e identificaram cada canto.

O estudo foi muito menos completo entre as outras tribos (não Wayampi) por razões logísticas e financeiras. Passei apenas três dias entre os Apalaí, de quatro a quatro dias e meio entre os Sateré Mawé e Urubu-Kaapor, no início de 1984. Estes estudos etnobiológicos são superficiais e bastante preliminares. No caso dos Apalaí, também fiz um estudo de dois dias com Jaké (informante Apalaí) em dezembro de 1983, quando ele veio para passar alguns dias em Belém. Considero estes estudos preliminares porque somente consegui coletar nomes para as espécies e identificar as fronteiras e os chefes dos agrupamentos. Não identifiquei muitos dos critérios para as divisões e agrupamentos, nem consegui verificar informações dadas por dois ou três informantes com outros. Ainda assim, creio que os dados obtidos são relevantes e comparáveis porque se coadunam favoravelmente com as informações históricas (vide Capítulo IV). No caso dos Sateré, um grupo dos homens participou do agrupamento e tinha pouca discordância entre si mostrando que eles reconheceram os desenhos e que os agrupamentos eram salientes entre si.

Ainda que os nomes dos pássaros da ordem, Passeriformes (pássaros pequenos), estejam incluídos no Apêndice I, as observações a respeito dos agrupamentos deles não estão incluídas nesta tese por envolverem dados, especialmente mal verificados e também pela complexidade destes agrupamentos. A parte mais demorada do estudo foi justamente a dos

passeriformes, que também são os pássaros que oferecem a maior discordância a respeito das fronteiras dos seus agrupamentos.

A comparação dos nomes das aves nas quatro tribos diferentes é feito no Apêndice I, sendo também distinguidos os três grupos Wayampi. Convém observar no Apêndice I que há vários casos em que existe discordância de nomes entre os Wayampi das três regiões (Jarí, Oiapoque e Amaparí). Isso reflete em parte diferenças de terminologia. Muitas vezes os membros de uma aldeia mostraram conhecer a nomenclatura das outras aldeias, mas simplesmente responderam: "mas nós chamamos ela (a espécie) assim". Há também uma outra razão para algumas das discordâncias. Os Wayampi identificam espécies de aves não só por critérios de morfologia, mas também pelo comportamento e pelo canto. De modo geral, eles não têm dificuldade em identificar espécies vivas. Entretanto, como notou Grenand (1980), a identificação de espécies mortas (utilizadas por ele) é mais difícil para o índio. Desenhos e fotografias, da mesma maneira, oferecem apenas um aspecto da ave e, às vezes, alteram e distorcem a postura ou até a morfologia, prejudicando assim, a identificação. Sem dúvida, há casos nesta tese que refletem essas deficiências das representações gráficas. No entanto, mesmo assim, creio que os dados deste estudo mostram os conceitos básicos das terminologias indígenas analisadas.

Numa mesma lista do Apêndice I, podem ocorrer dois ou três nomes para uma mesma espécie. Em geral não se trata, nesses casos, de simples sinonímia, mas de divergência entre os informantes na identificação do nome específico. De regra, o primeiro nome mencionado é aquele sobre o qual convergiram as informações de maior número de informantes ou o que foi fornecido pelo informante "especialista" em aves.

E. Aspectos Lingüísticos

A ortografia usada na escrita de palavras indígenas nesta tese e a definição dos símbolos usados se encontram no Apêndice II. De modo geral as línguas tupi neste estudo têm ortografias semelhantes, permitindo comparações rápidas. No entanto, já que fui eu quem transcreveu os nomes das aves entre os Urubu, Sateré e Apalaí, para facilitar a comparação, a ortografia aqui não é equivalente às ortografias usuais nestas línguas.

F. Outros parâmetros estudados

A análise do ambiente (da floresta e dos solos) foi feita por observação pessoal e a informação adicional foi verificada com os mapas do projeto RADAMBRASIL (1973-1979), Vol. 6,7,9,10 e Geografia do Brasil (IBGE; 1977). Os resultados e análise desses dados se encontrará no capítulo V. Fiz também uma análise simples de solos diferentes em todas as regiões incluídas neste estudo para se comparar com os dados do Projeto RADAMBRASIL (1973-1979), Baena & Dutra (1982), e Falesi (1964). Além de observações sobre a cor e textura, também determinei o pH e o conteúdo relativo dos elementos Ca, P, e K, usando estojo La Motte Chemical Model EL para a análise dos solos. Amostras foram coletadas imediatamente do horizonte A (solos sem restos vegetais) e secadas antes de fazer as análises.

III. Etnozoologia Wayampi e princípios de nomenclatura

Os Wayampi têm um conhecimento vasto do seu mundo vivo. Como visto através do dicionário-etnociêntífico de Grenand (1980), os Wayampi têm nomes para pelo menos 3500 espécies biológicas que existem ao redor de sua área de habitação. Esse conhecimento inclui espécies de todo tipo de flora e fauna visível ao olho humano e reflete um conhecimento baseado, em parte, nas deduções e observações diretas feitas por eles atualmente e também no conhecimento dos antepassados transmitido de pai para filho ou através das lendas e mitos que todos conhecem. A informação inclui, às vezes, espécies não mais vistas hoje em dia pelos Wayampi, mas como informação guardada na mente, das descrições detalhadas feitas pelos seus antepassados. Esta informação total sobre as espécies acumuladas através de muito tempo providencia informação útil para os que vivem atualmente: informação de como reconhecer uma dada espécie e como esta se encaixa entre as outras dentro do ambiente em que existe. De interesse também é a maneira como eles tratam os agrupamentos de espécies que oferecem comparativamente menos interesse para eles, mas mesmo assim são tratados de maneira eficiente e consistente com o mundo real.

Como Grenand (1980) mostrou, isto pode ser visto ao nível do vocabulário. Um dado nome (termo de identificação) não somente identifica uma espécie, mas também pode fornecer informações específicas sobre aquela espécie: informações de parentesco e também detalhe(s) sobre a morfologia ou aspectos do comportamento. O nível do vocabulário não é, entretanto, a única maneira de transmitir informação, como será mostrado adiante.

A. Recursos lingüísticos para a formação de nomes

1. Recursos gramaticais

O nome Wayampi para um taxon pode ser uma palavra simples (de uma só raiz), complexa (uma raiz com afixos) ou composta (mais de uma raiz). Pode também consistir na reduplicação de sílabas ou de grupos de sílabas (para uma descrição mais detalhada, vide Jensen, C. 1984b). Nos exemplos a seguir, + indica a fronteira entre a raiz e seu afixo e ≠, a fronteira entre duas raízes. A maioria dos nomes vieram dos Wayampi do Anaparí. Caso haja diferença, o nome da fonte aparece ao lado do nome indígena.

a. Palavra simples

i. paku (vide Apêndice II)

<u>Myletes</u> pacou	pacu (peixe)
----------------------	--------------

ii. pykau

<u>Columbidae</u>	pomba (ave)
-------------------	-------------

b. Palavra complexa

i. kure'i

[kure + 'i]

Amazona amazonica

(Papagaio + diminutivo)

papagaio - pequeno

ii. karau (Grenand)

[kara + u]

Dioscorea alata

(cará + aumentativo)

cará - grande

c. Palavra composta

A maior parte do vocabulário biológico é constituída de palavras compostas em que uma das raízes é um atributo da outra ou em que uma é a determinante da outra.

i. Compostos atributivos

Um núcleo, representado por um substantivo, é modificado por um atributo representado por um outro substantivo ou por um verbo descritivo, intransitivo ou transitivo flexionado.

A. Substantivo ≠ substantivo

	núcleo		atributivo
1. ywylatakulu (Grenand)	[ywyla	≠	takulu]
Leguminosae sp.	(árvore	≠	pedra)
	(árvore de madeira dura)		

	núcleo		atributivo
2. pekūtata	[pekū	≠	tata]
<u>Picumnus exilis</u>	(picapau	≠	fogo)
	(picapau de cor vermelha)		

B. Substantivo ≠ verbo descritivo

- | | | | |
|---------------------------|------------------|---|------------|
| | núcleo | | atributivo |
| 1. jawasimiti | [jawasi | + | miti] |
| <u>Chloroceryle aenea</u> | (martim-pescador | + | pequeno) |
| | (martim-pescador | | pequeno) |

C. Substantivo ≠ verbo intransitivo

- | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|--|------------|
| | núcleo | | atributivo |
| 1. aikupekai | [aikupe ≠ kai] | | (Jari) |
| <u>Tangara chilensis</u> | (uropigio de ave ≠ | | queimado) |
| <u>T. velia</u> | (uropigio da ave que parece | | queimado) |

- | | | | |
|-----------------------------|----------------------|--|------------|
| | núcleo | | atributivo |
| 2. a'ykai (Grenand) | [a'y ≠ kai] | | |
| <u>Bradypus tridactylus</u> | (preguiça ≠ | | queimada) |
| | (preguiça que parece | | queimada) |

- | | | | |
|----------------------------|----------------------------|--|------------|
| | núcleo | | atributivo |
| 3. anyraporosu'u (Grenand) | [anyra ≠ poro + su'u] | | |
| <u>Desmodus rotundus</u> | (morcego ≠ gente + morder) | | |
| | (morcego que morde gente) | | |

D. Substantivo e verbo transitivo flexionado

	núcleo	atributivo
1. mani'oja'u (Grenand)	[mani'o ≠ ja + 'u]	
<u>Manihot palmata</u>	(mandioca ≠ nós + comer)	
	(macaxeira)(mandioca comestível)	

ii. Compostos determinativos

Um núcleo, representado por um substantivo, é precedido por um determinante, representado por outro substantivo:

	det.	núcleo
A. ajāwya	[ajā ≠ wyra]	
<u>Tapera naevia</u>	(espírito ≠ ave)	
	(ave com poderes espirituais)	
	det.	núcleo
B. akykyga	[akyky ≠ yga]	
<u>Inga rubiginosa</u>	(guariba ≠ ingá)	
	(ingá que guariba come)	

	det.	núcleo
C. pakuwar	[paku ≠ war]	
<u>Pandion haliaetus</u>	(pacu (obj.) ≠ comedor)	
	(comedor de peixe)	

iii. Compostos cumulativos

Qualquer dos constituintes das palavras pode ser, por sua vez, também uma palavra composta.

A. wainumyposiasĩ (Grenand)	[wainumy ≠ (posia ≠ sĩ)]
<u>Phaethornis sp.</u>	(beija-flor ≠ (peito ≠ pálido))
	núcleo ≠ atrib.
	núcleo atrib.
	(beija-flor de peito pálido)

B. ywylatakulupilã (Grenand)	[(ywyla ≠ takulu) ≠ pilã]
Leguminosae sp.	(madeira ≠ pedra) ≠ vermelha
	núcleo atrib.
	núcleo det.
	(madeira dura avermelhada)

C. wyrasĩsĩ	[(wyras ≠ sĩ) ≠ sĩ]
<u>Egretta thula</u>	garça ≠ branca ≠ branca
	núcleo ≠ atrib.
	núcleo atrib.
	(garça bem branca)

2. Recursos onomatopéicos

O nome do animal pode refletir o canto, o chilreio, o grasnar, o chiar, ou qualquer som por ele produzido. O elemento imitativo pode ser monossilábico ou polissilábico. O número de sílabas reduplicadas na onomatopéia parece refletir o número de sílabas percebidas como formando uma unidade no canto. Frases de cantos podem ser encaixadas inteiramente no nome onomatopéico até três sílabas.

a. kapĩ

Ramphocelus carbo

voz: ||pĩ|pĩ||

b. paipaijo

Lipaugus vociferans

voz: ||pai|pai|jo||

c. arakwã

Ortalis motmot

voz: ||rã|rã|kwã||

d. wisiwisi

Homoptera (Cicadidae)

som: ||wi|si|wi|si|...||

e. tewitewi

Atelopus pulcher (rã)

voz: ||te|wi|te|wi|...||

f. kurikuri

Pionus menstruus (maitaca)

voz: ||ku|rĩ|ku|rĩ|...||

g. **aisiriri** (Grenand)

Tangara velia

voz: || $\bar{r}i|\bar{r}i|\bar{r}i|\bar{r}i$...||

3. Empréstimos de vocabulário

A maioria dos termos acima do nível da espécie são nomes caracteristicamente Tupi-Guarani. Espécies e subespécies, embora tenham nomes também caracteristicamente Tupi-Guarani (relacionados linguisticamente com o etnogênero), mudaram o significado do nome da espécie, pois em muitos casos as espécies são diferentes daquelas que os antepassados conheceram. Há vários exemplos em que o nome da espécie aparentemente foi emprestado dos índios Wayana ou dos Apalaí (família lingüística Karib). Somente duas destas espécies são endêmicas à região norte do Rio Amazonas. As outras de modo geral acham-se espalhadas em todas as áreas da floresta amazônica. Por isso, é difícil chegar a uma conclusão a respeito do motivo para os empréstimos.

a. **moturukuã** (Wayampi) **mytylakua** (Apalaí)

(Momotus momota)

canto comum: || $\bar{u}|\bar{r}u|\bar{u}|\bar{r}u$ || |(Vielliard)|

canto agressivo: || $\bar{t}u|\bar{r}u|\bar{r}u|\bar{r}u|\bar{r}u$..||

b. **makwāsiri** (Wayampi) **makuatili** (Apalaí)

(Thamnomanes caesius)

canto comum: || tã̃|tã̃|tã̃|tã̃ tã̃| tã̃ tã̃ tã̃|tã̃ tã̃ tã̃||

outro canto: || tã̃|tã̃|ti|ri|| (Vielliard)

c. **takiriri** (Wayampi) **takilili** (Apalaí)

(Cotinga cotinga)

canto: || či|ri|ri|ri|ri||

d. **peũ** (Wayampi) **meũ** (Apalaí)

(Rupicola rupicola) (endêmico na região)

canto: || wõ|| || wõ|| (Meyer de Schauensee e Phelps, 1978:238)

e. **karamore** (Wayampi) **kurima** (Apalaí)

(Psarocolius viridis)

canto: || i̇|ī|t|t|ī|ī|| (Vielliard)

f. **sakyro** (Wayampi) **sakulal** (Apalaí)

(Cacicus haemorrhous)

canto: || tr...|k̄a|ru|| (Vielliard)

g. **makukawa** (Wayampi) **mahkawa** (Apalaí)

(Crypturellus undulatus)

canto: || _|—|_|—||

h. arapono (Wayampi)

olopono (Apalaí)

Cairina moschata (emprestado do Karib - Grenand, 1980:125)

canto: ||cua|cua|| (Meyer de Schauensee)

B. Critérios empregados pelos Wayampi para a identificação de aves ao nível da palavra.

1. Aspectos morfológicos (biológicos)

a. Cor: pode ser da plumagem em geral ou de uma parte conspícua do corpo.

i) namupijū [namu ≠ pijū]

Crypturellus cinereus (inambu ≠ preto)

(inambu preto)

ii) makorokoropirā [makorokoro ≠ pirā]

Eudocimus ruber (Tresquiornitídeo ≠ vermelho)

(tresquiornitídeo vermelho)

iii) wyrakāsī [wyrā ≠ kāsī]

Spizastur melanoleucus (ave ≠ cabeça branca)

(ave de cabeça branca)

iv) wainumyposiasī (Grenand) [wainumy ≠ posiasī]

Phaethornis sp. (beija-flor ≠ peito pálido)

(beija-flor de peito pálido)

b. Traços característicos: destaca-se uma característica morfológica particular.

- i) **wyratuwai** [wyr̥a ≠ tuwai]
Muscivora tyrannus (ave ≠ rabo)
 (ave de rabo bifurcado)

- ii) **tukāsīpuku** [tuka ≠ sīpuku]
Pteroglossus viridis (tucano ≠ bico comprido)
 (tucano de bico comprido)

- iii) **pekūsiwa** [pekū ≠ kusiwa] (Grenand)
Dendrocolaptes sp. (picapau ≠ desenhado)
 (picapau listrado)

c. Tamanho: destaca-se espécies grandes ou pequenas.

- i) **wyrau** [wyr̥a + u]
Harpia harpyja (ave + aumentativo)
 (ave grande)

- ii) **ēju'amiti** [ēju'a ≠ miti]
Falco ruficularis (falcão ≠ pequeno)
 (falcão pequeno)

- iii) kure'i [kure + i]
Amazona amazonica (papagaio + diminutivo)

d. Características em comum com outras espécies.

- i) akykwainumy [akyky ≠ wainumy]
Chrysolampis mosquitus (guariba ≠ beija-flor)
 (associado ao guariba)
- ii) maraira'aga [marai ≠ (r + a'aga)]
Opisthocomus hoazin (jacu ≠ imitação)
 (com a aparência de jacu)
- iii) wainumy [wainumy + u]
Agamia agami (beija-flor + grande)
 (com a aparência de beija-flor, mas grande)

2. Aspectos ecológicos

a. Alusão ao lugar em que se encontra a espécie:

- i) takuruwe [takuru + we]
Columbina passerina (pedra + sufixo)
 ou C. minuta (anda nos lugares pedregulhosos)
- ii) yamekauke'i (Grenand) [yameka ≠ uke'i]
Tyrannidae sp. (camaleão ≠ cunhada)
 (anda no mesmo habitat que o camaleão)

ii) ajāreaty [ajā ≠ (r + eaty)]
Perissocephalus tricolor (espírito ≠ tio)
 (espírito do tio)

iii) amākyja (Grenand) [amāky ≠ ja]
Myiobius barbatus (chuva ≠ dono)
 (causador da chuva)

5. Imitação do canto

(vide III.A.2. "Recursos lingüísticos — onomatopéia")

C. Recursos culturais empregados na formação do sistema classificatório de aves.

1. Sistema de organização social: chefes e subordinados.

A organização social dos Wayampi é relativamente simples. Segundo Gallois (1983:113) o grupo local é formado pela associação de várias famílias nucleares através de uma rede de relações entre parentes e afins. O chefe é quem fundou esse grupo. Nas aldeias que eu conheço, o chefe da aldeia é o mais respeitado e seu conhecimento é considerado o mais profundo de todos os membros. É ele quem sabe relacionar as características do ambiente para determinar onde eles devem derrubar a floresta para fazer a roça. É ele quem determina quando o rio está suficientemente baixo para envenenar a água para a coleta de peixe. Frequentemente ele é também o mais trabalhador de todos na aldeia.

Da mesma forma, cada grupo de aves (agrupamento de aves consideradas afins), também vai ter chefe. Neste caso, o chefe serve como o padrão ou espécie exemplificadora do agrupamento. É difícil entender por que certa espécie foi escolhida como chefe em lugar de outra. Às vezes parece que ela é a mais numerosa das espécies participantes, ou que tem traços considerados como mais no "eixo", é o maior, tem menos restrições alimentares ou é o mais procurado pelos Wayampi.

Exemplos:

a) **Wyrau** Harpia harpyja, Gavião real

É o chefe das aves rapineiras, não só pelo seu tamanho, mas também porque ele é mais oportunista do que os outros gaviões de grande porte.

b) **Tukãne'e** Ramphastos tucanus, Tucano-de-bico-avermelhado

É o chefe entre os tucanos provavelmente porque é a espécie dominante na exploração das frutas de açaí (Euterpe oleracea). Existe um alto grau de competição entre os tucanos e os Wayampi.

2. O dono e o patrimônio

Para os Wayampi, o criador deles (**Janejar**) é o seu dono (**Jane** = gente, **-jar** = dono). Segundo Gallois (1980, 1983) e vários mitos coletados por Olson (1975), **Janejar**, no contexto histórico, é relacionado intimamente aos Wayampí (apesar de que também existe um histórico de conflitos entre eles). No sistema etnobiológico deles, as espécies de aves no mundo vivo também têm donos, mas são diferentes do homem (embora o **Janejar** tenha criado as espécies de aves mesmo como o homem). Estas espécies têm a tendência de juntar-se no ambiente em que certo tipo de dono reside. Por isso, todas as

aves que aninham-se ao lado dos rios, que derivam o sustento do rio, ou que freqüentam áreas inundadas de água têm como seu dono o espírito do rio ("moju"), Eunectes murinus (sukuriju). Aves subordinadas ao **moju** incluem, por exemplo, os **ype** (Anatidae), **wyrasĩ** (Ardeidae, Threskiornithidae) e **arakur** (Rallidae), entre outras.

Aves que aninham-se no alto dossel da floresta têm como seu dono o espírito da árvore ("kumaka"), Ceiba pentandra (samaúma). Exemplos de aves com este dono incluem as **arara** (Psittacidae) e algumas **pykau** (Columbidae).

Aves que andam no chão da selva e estabeleceram o ninho lá têm como seu dono o espírito da terra, **yvy**, e incluem os **namu** (Tinamidae) e a maioria dos **piriri** (Formicariidae e alguns Tyrannidae).

O espírito do céu, **yva**, é o dono dos Cathartidae (**uruvu**) e alguns Accipitridae (**tawato**), porque o céu parece ser o domínio deles.

3. Competição entre os Wayampi e certas aves

Um dos critérios ecológicos mais usados para distinguir entre etnofamílias ou etnosubfamílias de aves é relativo à fruta da palmeira **wasei** Euterpe oleracea (açaí): se, como uma família, eles se alimentam ou não destas frutas. Grenand (1980:51) notou isso a respeito dos tucanos. Entretanto, os **pavo** (Cotingidae e alguns Turdidae e Capitonidae) também são distinguidos dos **wyrataja'ũ** (Thraupidae, e alguns Vireonidae, Parulidae e Cotingidae) porque o primeiro se alimenta de **wasei** e o segundo de outras frutas.

A vida dos Wayampi é semi-nômade. Nas épocas frutíferas de certas árvores, os Wayampi deixam seu lugar permanente em procura das frutas estimadas, freqüentemente nas aldeias e roças abandonadas em tempos passados (Gallois, 1984), mas também nos lugares ideais para o florescimento das frutas procuradas. Além de açaí, os Wayampi também procuram ingá, bacaba, taperebá, cacau, castanha do Pará, biribá, maçaranduba, goiaba, bacuri, caju e sorva. Ao procurar estas frutas, aves servem como indicadores da presença de fruta em regiões não conhecidas (conversa com o informante Saramare). As aves que se alimentam de certas frutas indicam não só que a região é rica nestas frutas, mas também que tem solos favoráveis à derrubada da selva e para fazer roças, ou seja, que os solos são suficientemente férteis para sustentar uma roça. Saramare e Jasutu (chefes de duas aldeias diferentes) dizem que aves, plantas, mamíferos e até borboletas e abelhas são regularmente usados por eles para caracterizar um habitat. Em termos de aves, o que sempre eles querem encontrar numa floresta são: a) Cotingidae, b) Columbidae, c) Ramphastidae, d) Psophiidae, e) Psittacidae, f) Turdidae, que são todos, pelo menos em parte, frugívoros.

4. Aves como fontes de proteína e como matéria prima para adornos plumários.

De modo geral, para os Wayampi, as aves ou são ou não são comestíveis, dependendo principalmente do seu tamanho e da sua fonte de nutrição. As aves carnívoras são rejeitadas categoricamente como fonte de proteína para os Wayampi do Amaparí (diálogo com Piriri, Saramare e Matapi (informantes) e também observação pessoal). Por isso são rejeitadas as aves de rapina e os socós e guarás.

Normalmente pássaros pequenos não são procurados pelos adultos como alimento (observação pessoal), ainda que considerados altamente comestíveis (Grenand, 1980) como as pombas. Rapazes treinando com arco e flecha freqüentemente se alimentam de sua caça que inclui pássaros pequenos — principalmente Pipridae, Parulidae e Tyrannidae (observação pessoal).

Grupos de aves muito procurados por adultos são Tinamidae (inambu), Phasianidae (uru), Cracidae (arakuã, kujubi, jacu, mutum), Columbidae (pombas), Psittacidae (araras e papagaios principalmente), Ramphastidae (tucanos) e a maioria das Cotingidae (anambé, uiratatá).

Não há necessariamente uma correspondência entre as aves procuradas por razões alimentícias e as procuradas para adornos plumários; uma utilização não implica na outra. Nunca vi, por exemplo, as penas dos inambu, uru ou pomba aparecerem nos adornos plumários. Por outro lado, muitos pássaros pequenos (Thraupidae, Formicariidae e Pipridae) contribuem para a fabricação destes adornos sem os Wayampi se alimentarem de sua carne. Entretanto, os Psittacidae são utilizados tanto para adornos como para a alimentação.

Ovos de aves da selva não são procurados de modo geral, embora os de aves domésticos sejam bastante utilizados como alimento (galinha, por exemplo). São mais procurados os ovos de camaleão grande, **orori** |yamaka (Grenand, 1980)|, Iguana iguana, de tartaruga, **tawaru** |tawalu (Grenand, 1980)|, Podocnemis unifilis, e de jacaré, **jakare** |yakale (Grenand, 1980)|, como também foi notado por Grenand (1980:91). Uma das primeiras perguntas feitas após a chegada na aldeia é, "masakararupi'a ove poĩ" ("você tem ovos de galinha?").

Normalmente não se alimentam de animais ou aves domesticadas, ainda que a mesma espécie na selva seja freqüentemente procurada por razões alimentícias. Aves domésticas são normalmente apanhadas como filhotes. Quando os Wayampi acham um ninho, simplesmente retiram os filhotes e os criam na aldeia. Às vezes uma caça que não esteja gravemente ferida passará a ser um animal doméstico também, ao invés de janta. Qualquer ave pode ser um animal doméstico, inclusive passarinhos; mais freqüentemente domesticam-se mutum, Crax alector; jacamim, Psophia crepitans; araras, papagaios e periquitos de várias espécies (Psittacidae) e tucanos de várias espécies (Ramphastidae). Parece que os Wayampi sustêm a necessidade de ter um certo número de animais domésticos. A galinha, por outro lado, também é considerada "nima" (animal doméstico), mas é criada por motivo alimentício — como fonte de ovos e de carne.

D. Classificação das aves

1. Concordância do sistema classificatório científico com o sistema Wayampi.

Segundo Hunn (1977), em qualquer ambiente, não existe um contínuo de espécies com poucas diferenças morfológicas entre si, mas, sim, um número de descontinuidades naturais que definem os agrupamentos das espécies. Por isso, não há surpresa em que um grupo etnobiológico de aves possa corresponder a um agrupamento científico. Nota-se na figura 12, por exemplo, que a maioria dos agrupamentos etnológicos, do ponto de vista científico são independentes dos outros agrupamentos. Ou seja, em 65% dos casos, as etnofamílias não compartilham aves de uma família científica com uma outra etnofamília. Famílias científicas são conhecidas como "like-species" (referências) de modo geral.

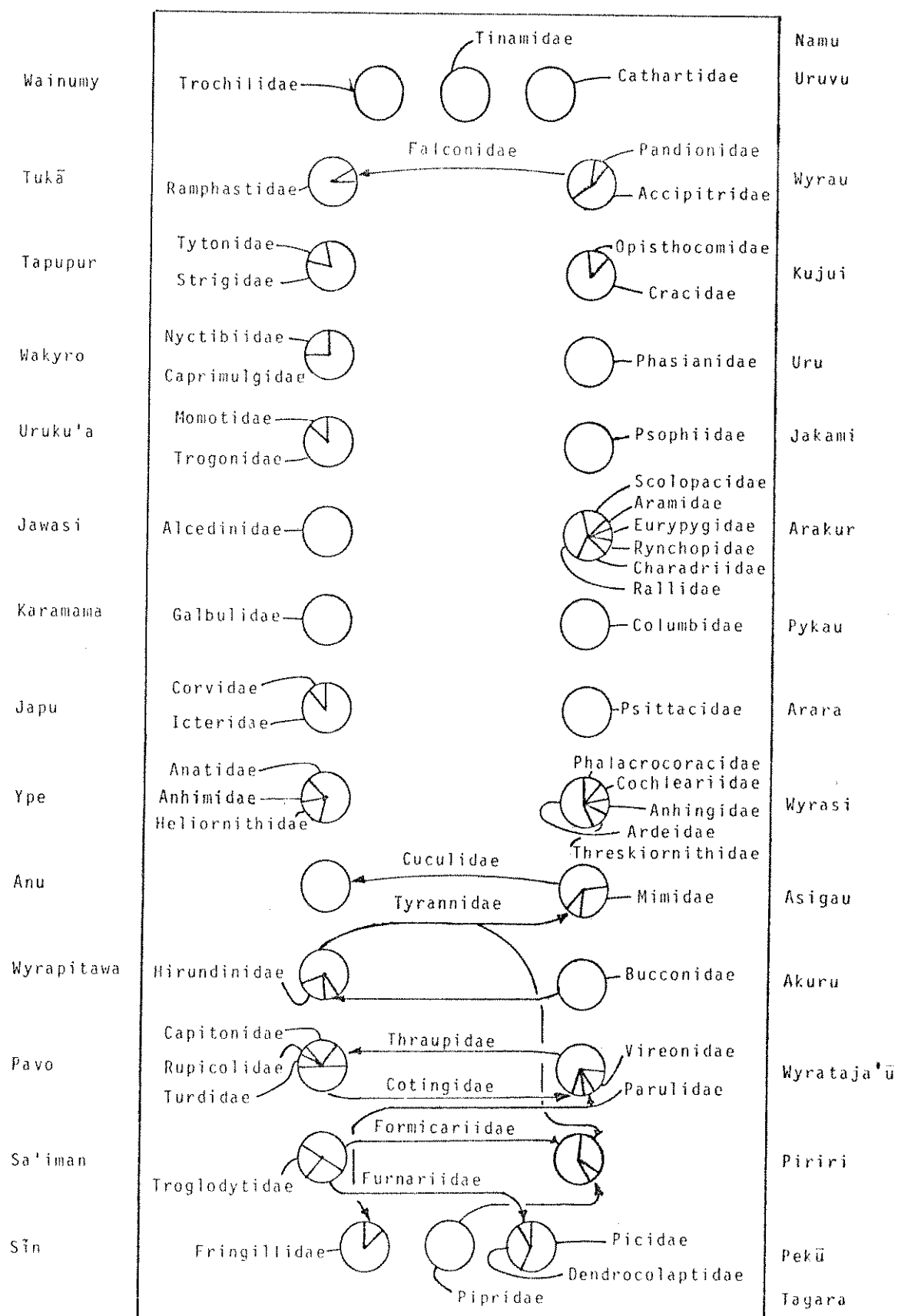


Figura 12. Composição taxonômica de famílias de aves (segundo Meyer de Schauensee, 1970) de cada etnofamília Wayampi (nomes indígenas nas margens).

a. Áreas de correspondência direta (33% das etnofamílias)

Há casos em que uma etnofamília corresponde cognitivamente a uma família ou a uma ordem científica inteira.

Exemplos:

uruvu — urubu (Cathartidae)

wainumy — beija-flor (Trochilidae)

jawasi — martim-pescador (Alcedinidae)

uru — uru (Phasianidae)

namu — inambu (Tinamidae)

b. Áreas de correspondência 1:X (30% das etnofamílias)

Uma etnofamília pode conter (incluir) duas ou mais famílias científicas completas.

Exemplos:

kujui — Cracidae (aracuã, etc.), Opisthocomidae (cigana)

uruku'a — Trogonidae (surucuá), Momotidae (udu)

wyrasĩ — Threskiornithidae (coro-coro), Ardeidae (socó),
Coconidae (cegonhas), Cochleariidae (arapapa),
Phalacrocoracidae (biguá) e Anhingidae (biguá-tinga)

Alguns destes agrupamentos fazem sentido na sistemática científica.

c. Áreas de correspondência 2:1

Uma família científica pode ser representada por duas etnofamílias, cuja delineação corresponde às subdivisões sistemáticas entre os níveis de Família e de Gênero científico.

Exemplos:

asigau — papa-lagarta, saci (Cuculidae)

anu — anu (Crotophagus) (Cuculidae)

sa'iman — Furnariidae (Troglodytidae, etc.)

pekū — (pica-pau) (Furnariidae, Picidae)

d. Áreas em que uma espécie, mais ou menos atípica, é associada com outro grupo.

A etnofamília corresponde à sistemática científica com a única exceção daquela espécie atípica no seu comportamento ou uso ou associação alimentar.

Exemplos:

tukāpewar — Falconidae (Daptrius americanus)

wyraupewar — (Daptrius ater)

pavo — Cotingidae (Anambés)

wyrataja'ū — (Platypsaris minor)

wyrapitawa — Tyrannidae (papa-mosca, bem-te-vi, suiriri)

piriri — (Tyranniseus gracilipes, Camptostoma
obsoletum, Idioptilon zosterops)

asigau — (Muscivora tyrannus)

2. Relação entre o número efetivo de espécies no território do Amapá, especialmente no rio Amaparí, e o número conhecido pelos Wayampi.

Entre as espécies de aves avaliadas pelos Wayampi, eles reconheceram cerca de 500 (vide Apêndice I). Eu considero este o número de espécies encontradas na sua vida cotidiana, o qual é comparável com o número de espécies anotadas por Novaes (1974, 1978) nos seus estudos ornitológicos no Amapá.

Destas espécies conhecidas, 271 tinham nomes próprios em que todos os informantes concordaram na identificação da espécie. O trabalho de Grenand (1980) confirma, para os Wayampi na Guiana Francesa, a identidade dos nomes compartilhados pelos Wayampi do Amaparí e do Jari. Existem mais 67 espécies conhecidas em que a identidade de cada uma está encaixada em outra espécie. Ou seja, são espécies identificadas de maneira genérica — sempre em relação a outra espécie. Ainda assim, é uma identidade cognitiva, como é comprovado pelo grau de coerência existente entre os informantes.

Existem também 132 espécies em que há bastante confusão a respeito da identidade exata da espécie. Os Wayampi têm mais dúvidas a respeito das aves dificilmente vistas de perto ou que não são procuradas ativamente (vide

Tabela 1). Relacionado com isso, poderia ser o fato de que a maioria daquelas confundidas não têm distinções óbvias morfológicas que as destaquem das outras espécies conhecidas. Entretanto, existe uma outra possibilidade mais importante, que é talvez que estas espécies simplesmente representam animais pouco conhecidos ecologicamente entre os Wayampi, porque de modo geral não oferecem interesse particular por eles.

3. Relação entre o número de espécies incluídas numa etnofamília e o número conhecido por nome próprio.

Quando etnofamílias têm seis membros ou menos, é bem provável que os Wayampi conheçam todos (vide Fig. 13). Assim, conhecem todos os **namu**, Tinamidae (cinco espécies), **anu**, Cuculidae (duas espécies) e **uruvu**, Cathartidae (três espécies), **kujui**, Cracidae (cinco espécies) e **ype**, Anatidae (quatro espécies), ainda que nem todas sejam procuradas. Existe uma exceção entre os **uruku'a**, Trogonidae/Mimidae (cinco espécies), em que nem todos têm seu próprio nome. Segundo a Tabela 1 e a Figura 13, quando há mais de seis espécies em uma etnofamília, os Wayampi identificam a média de 68% delas por nome.

Algumas etnofamílias maiores têm uma porcentagem alta de aves identificadas (relativas a outras etnofamílias), entre as quais os **tukân**, Ramphastidae (100% de 7); **arara**, Psittacidae (88% de 24); **wyrau** (74% de 39) e **tagara**, Pipridae (80% de 10). A maioria destas são etnofamílias de bastante interesse entre os Wayampi. Por outro lado, **wainumy**, Trochilidae (25% de 27) é uma etnofamília que oferece muito menos interesse, o mesmo se dando com os **wyrapitawa**, **sa'imén** e **sĩn** (Passeriformes insetívoros). Os

Tabela 1. Número de espécies por família que ocorrem na região dos Wayampi que

são reconhecidas ou pouco reconhecidas pelos informantes.

Etnofamília	Nº Etno- gêneros	Nº Etno- espécies	Nº de nomes próprios para etnoespécie	Nº presente na região
Namu	3	5	5	5
Uruvu	1	3	3	3
Wyrau	13	23	21	39
Kujui	5	5	5	6
Jakamĩ	1	1	1	1
Uru	1	1	1	1
Arakur	6	15	11	23
Pykau	3	11	7	12
Arara	13	21	20	24
Asigau	3	8	7	10
Anu	1	2	2	2
Tapupur	3	7	5	9
Wakyro	2	7	5	9
Wainumy	1	19	6	27
Uruku'a	3	5	4	5
Jawasi	1	5	5	5

Karamama	4	6	6	6
Akuru	3	6	6	6
Tukān	2	7	7	7
Pekū	3	19	11	28
Japu	5	9	8	10
Wyrasī	9	14	14	22
Ype	2	6	6	6
Pawo	14	17	17	
Wyrataja'ū	19	21	21	
Tagara	1	8	8	10
Wyrapitawa	13	30	20	
Piriri	12	29	21	
Sa'iman	11	17	12	
Sīn	5	11	6	

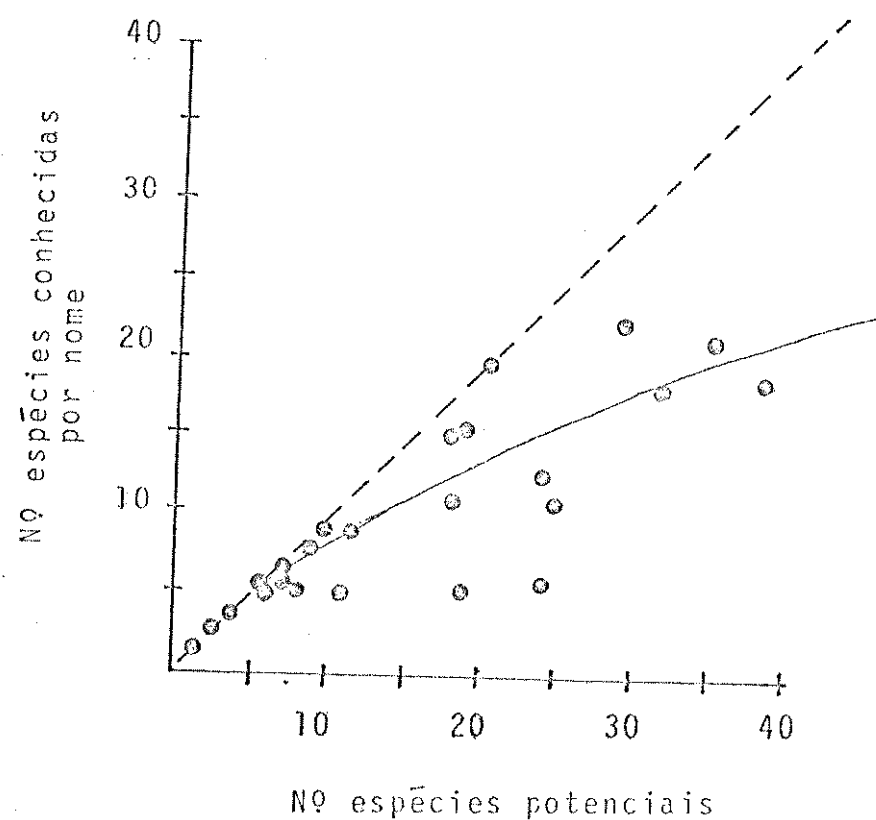


Figura 13. - Relações por família entre espécies de aves presentes na região da aldeia Taitetuã (Wayampi) e o número conhecido por nome pelos informantes.

Vemos que a habilidade de reconhecer todas as espécies de uma família tende a deteriorar em proporção direta ao número de espécies na família.

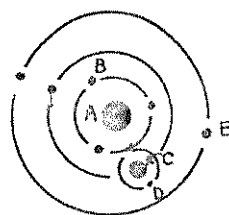
pykau, Columbidae, compõem um grupo muito procurado por motivo de alimento, mas têm apenas 58% dos seus membros conhecidos por nome próprio. A maioria do restante representa pombas encaixadas cognitivamente junto com as outras espécies com nomes próprios. Os Columbidae são aves sem plumagem conspícua ou brilhante, que, embora tenham um canto distinto, também freqüentemente andam solitariamente no dossel da floresta ou no chão. Talvez por isso os membros destacados por nome são principalmente aqueles que andam em grupos ou que são menos ariscos.

4. Questão da hierarquia

De acordo com o esquema de Berlin et alii (1973), o sistema classificatório Wayampi teria quatro níveis manifestos com os seguintes nomes: "life-form" (etnoclasse), que se relaciona com a classe científica; etnogênero, que se relaciona às vezes com a família ou a subfamília ou então com o gênero científico; etno-espécie, que se relaciona com o gênero ou com a espécie científica; e etnosub-espécie, que se relaciona com a espécie ou subespécie científica. Entretanto, apesar de a discussão anterior organizar o mundo das aves ao redor dos Wayampi dessa maneira hierárquica, tenho muitas dúvidas quanto à subdivisão do mundo vivo de maneira hierárquica, em que um agrupamento ou espécie é sempre superior ou inferior a outro. Segundo o sentido da palavra "chefe" (**jowijã**), em Wayampi, e o que posso entender do ponto de vista deles sobre aves, é mais razoável ver estes seres como organizados ao redor de um núcleo (ave-padrão) com as outras aves da etnofamília, estando a distâncias variáveis deste núcleo (Fig. 14).

De acordo com o esquema de Berlin, os agrupamentos etnogenéricos são os mais numerosos e também os mais salientes (proeminentes) das categorias da

Fig. 14 Representação esquemática da
visão Wayampi de relações entre
os seres vivos,



em que (A) = ave padrão (chefe) da etnofamília, (B) = aves especialmente próximas de A em termos de morfologia, (C) = parecidas com parentes bem próximos, (E) as periféricamente relacionadas com (A). (D) = Designadas como mais relacionadas com (C).

hierarquia, o que se verifica na classificação Wayampi (Tabela 1). Seus nomes, na sua maioria, devem ser lexemas principais, sem sentido em si, ou nomes onomatopéicos. Entretanto, 33 (22%) dos nomes etnogênicos dos Wayampi são palavras complexas ou, ainda, compostas, que não concordam bem com o esquema de Berlin.

Segundo Berlin, nomes para etno-espécies de modo geral são lexemas secundários (palavras compostas, vide III.A.1.c.) e normalmente incluem o nome do etnogênero superordenado como parte do nome composto, como é o caso do sistema Wayampi. Por exemplo: **tukãmiti** = **tukã** (etnogênero tucano) + **-miti** = (pequeno). Os casos excepcionais poderiam ser classificados como etno-subgênero. Etno-subespécies sempre são lexemas secundários.

A etnoclasse ("life-form") é reservada para o agrupamento que se chama **wyra**, e corresponde à classe científica Aves.

Embora o esquema de Berlin corresponda bem para alguns agrupamentos de aves [notavelmente os **wainumy** (Trochilidae), os **anu** (Cuculidae), **jakami** (Psophiidae) e **jawasi** (Alcedinidae)], os outros agrupamentos de aves sempre têm de um a três níveis, além daqueles declarados por Berlin et alii. Estes são níveis cognitivos subordinados ao etnogênero ou superordenados ao etnogêneros, podem ser agrupamentos de identificação nominal ou de identidade latente (sem nome). Entretanto, nos três casos, são agrupamentos cognitivos e salientes entre os Wayampi. Por exemplo, inambu-chororão (Crypturellus variegatus) é freqüentemente identificado como **namu** entre crianças, apesar de que entre os adultos, tecnicamente é um **sui**, um parente dos **namu** (vide Fig. 3). Para facilitar, usarei o seguinte esquema de hierarquia:

X	<u>etnoclasse</u>	patente ("overt")
	<u>etnofamília</u>	patente
	<u>etnosubfamília</u>	latente ("covert")
X	<u>etnogênero</u>	patente
X	<u>etno-espécie</u>	patente
X	<u>etnosubespécie</u>	patente

X = agrupamentos incluídos no esquema de Berlin et alii.

Existem casos duvidosos em que etno-subgênero, uma categoria latente será usado também.

5. Definição Wayampi de ave (etnoclasse)

Do ponto de vista Wayampi (Amaparí), uma ave voa, tem bico, penas, rabo de penas, pés característicos e sua prole vem inicialmente na forma de ovos (Piriri, Mikutu). Excluídos por definição são os morcegos (*anyra*). Os morcegos compõem um agrupamento junto com ratos (*anuja*). C. Brown (1984:15) mostrou que alguns grupos indígenas juntam morcegos com as aves. Os Apalaí fazem isto (vide capítulo IV). Também excluídos por definição entre os Wayampi são os invertebrados voadores, como a borboleta.

A lista de características de aves acima estabelece entre os Wayampi as fronteiras da descontinuidade chamada *wyra* (Aves). Animais com todas estas características têm o que Hunn (1977:46) chama de qualidade de avicularidade ("birdness"). Ou seja, têm qualidades sistemáticas para serem chamadas aves. A correspondência é direta com a classe científica Aves. Não existem espécies duvidosas ou que sejam dificilmente incluídas entre os *wyra*. Galinhas e jacamins, que normalmente não voam, ainda são *wyra*, pois são capazes de voar (Piriri).

E. Taxonomia

1. *Namu(pewar)* [*Inãmũ* (Grenand, 1980), *inamu* (Jari)]. Esta etnofamília tem correspondência direta com a família científica Tinamidae e tem a hierarquia mostrada na Fig. 15. *Namu* é um nome etnogenérico e, sendo nome do chefe da família, forma também o nome da família: *Namupewar* (ou a família do *Namu*).

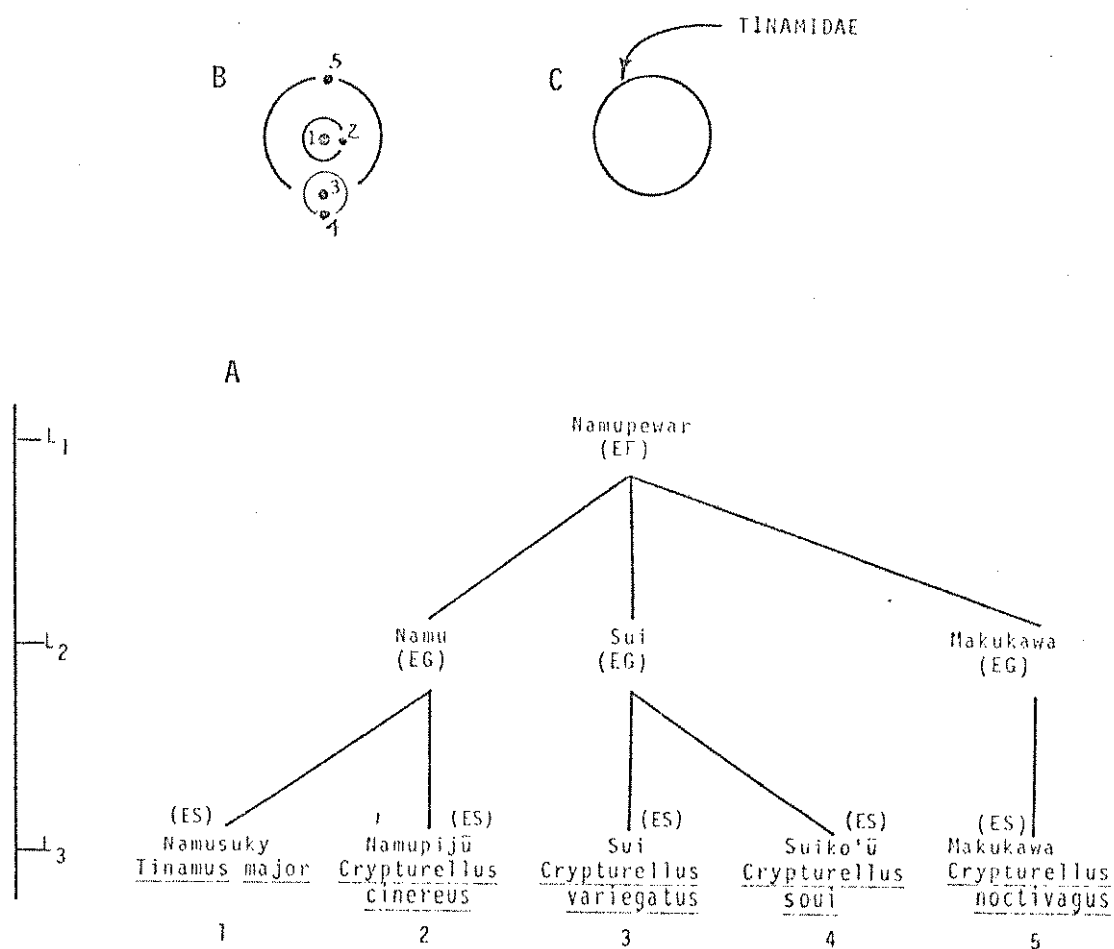


Figura 15. (A) Hierarquia linear da etnofamília Namupewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica. EF = etnofamília, EG = etnogênero, ES = etnoespécie, L = nível, 1 = o chefe da etnofamília.

As divisões entre os grupos genéricos são feitas pelo canto. Como os Wayampi (Amapari, Jari) dizem, os namu têm o assobio comprido e nivelado (|_____|); os sui têm o assobio intermitente e ascendente (||_____|—|—|—|—|—|—|) e o makukawa tem uma série de duas notas desniveladas (|—|—|—|—|—|). Isto encaixa bem com a realidade. Tinamus major tem o canto contínuo bem como o Crypturellus cinereus, porém, o canto deste último parece o assobio de apito de polícia, mas a frequência basicamente é nivelada. As espécies são distinguidas por critérios morfológicos.

2. Uruvu [uruwu (Grenand, 1980), uruwu (Jari)]

Os uruwu têm uma correspondência direta com a família científica Cathartidae (vide Fig. 16). Dentro desta etnofamília, os Wayampi reconhecem três espécies. O chefe é uruwu (Sarcoramphus papa) e as duas etnoespécies são distinguidas por critérios morfológicos. Cathartes burrovianus têm nomes diferentes entre os falantes do Amapari e do Oiapoque. No Amapari o nome, pinone, corresponde ao etnogênero, e no Oiapoque, o nome, uruwupy, corresponde à etnoespécie, segundo o esquema de Berlin et alii (1973). Isto pode ser um problema de modo geral nas hierarquias apresentadas adiante. Muitas vezes dois nomes apareceram espontaneamente para a mesma espécie, às vezes mostrando a mesma coisa como Cathartes. Pode ser que outras vezes a identidade lingüística para a etno-espécie tenha sido perdida, mas cognitivamente a espécie é percebida como etno-espécie.

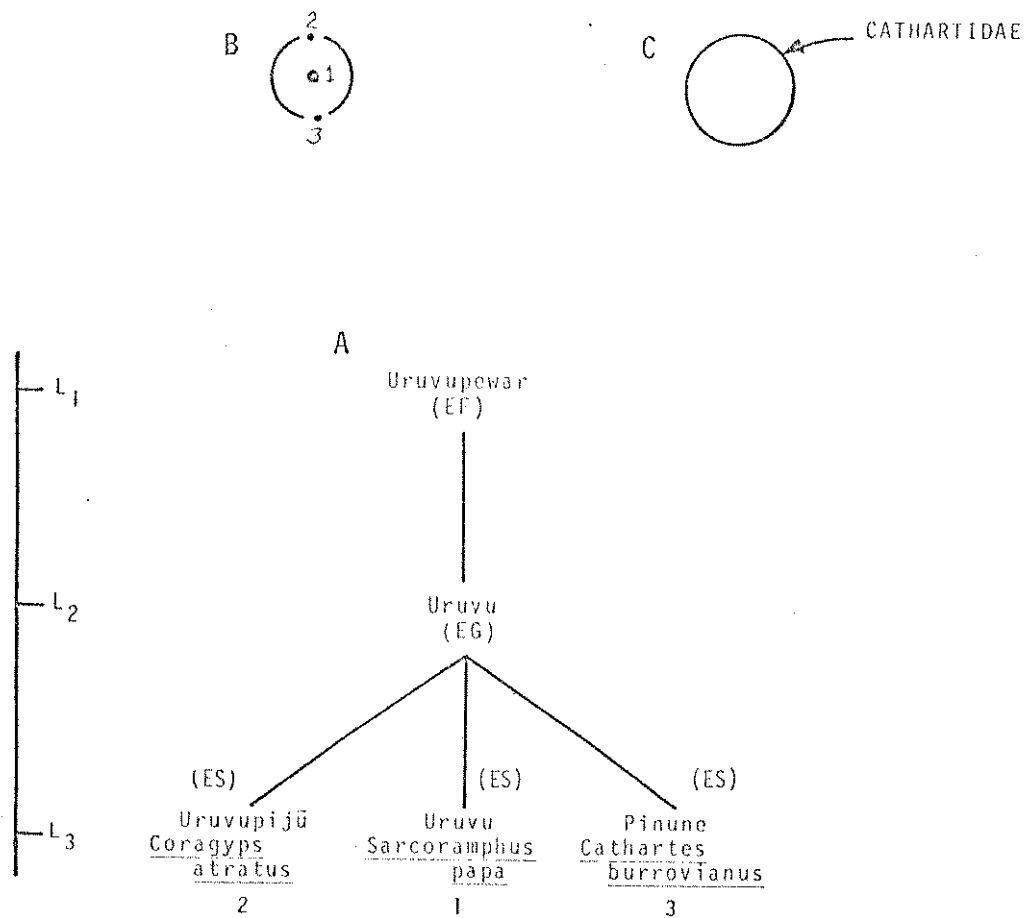


Figura 16. (A) Hierarquia linear da etnofamília Uruvupewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica. O nome, Uruvupewar, foi proposto por analogia às outras etnofamílias.

3. Wyraupewar [wɪlau (Grenand, 1980), wyrau (Jari)]

Wyraupewar tem correspondência de modo geral com as aves de rapina (Accipitridae, Falconidae e Pandionidae), e significa para os Wayampi que os membros fazem parte da família em que **Wyrau** (Harpia harpyja) é o chefe.

O **kakã** (Daptrius americanus) é um Falconidae eventualmente entre os **wyraupewar** por razão de aparência. Entretanto, sua alimentação é diferente dos outros **wyraupewar** e, por isso, os Wayampi têm o costume de classificar o **kakã** junto com os tucanos (Ramphastidae), porque ele se alimenta de fruta e também porque tem uma aparência distantemente relacionada.

De modo geral, **tawato** [tawato (Grenand, 1980)], é um nome genérico que inclui a maioria das aves de rapina (vide Fig. 17). Notavelmente excluído dos **tawato**, por motivo de alimentação, é o **kokoítori** (Herpetotheres cachinnans), **tapē** (Elanoides forficatus), **kakã** (já mencionada), **tamã** (Daptrius ater) e **wyrau** (Harpia harpyja).

A delinação entre os etnogêneros é feita por critérios de alimentação, morfologia e de comportamento. **Eju'a** (duas espécies de Falco), se distinguem pela maneira como procuram a caça (Grenand, 1980): saltam do alto para capturá-la. **Japakani** inclui duas espécies (Morphnus guianensis e Spizaetus ornatus), distinguidas pela crista que têm na cabeça. **Japakani** é estreitamente relacionado com **wyrakāsi** (Spizastur melanoleucus) pelo motivo que todos caçam macacos e animais de relativamente grande porte. **Wyrakāsi** é distinguido de **Japakani** pela cabeça branca (Grenand).

Tawato inclui os Accipiter (**Tawatopane**), Helicolestes e Buteo albonotatus (**Tawatopijū**) e Milvago chimachima (**tawatokunakuna**). Os **Tawato**

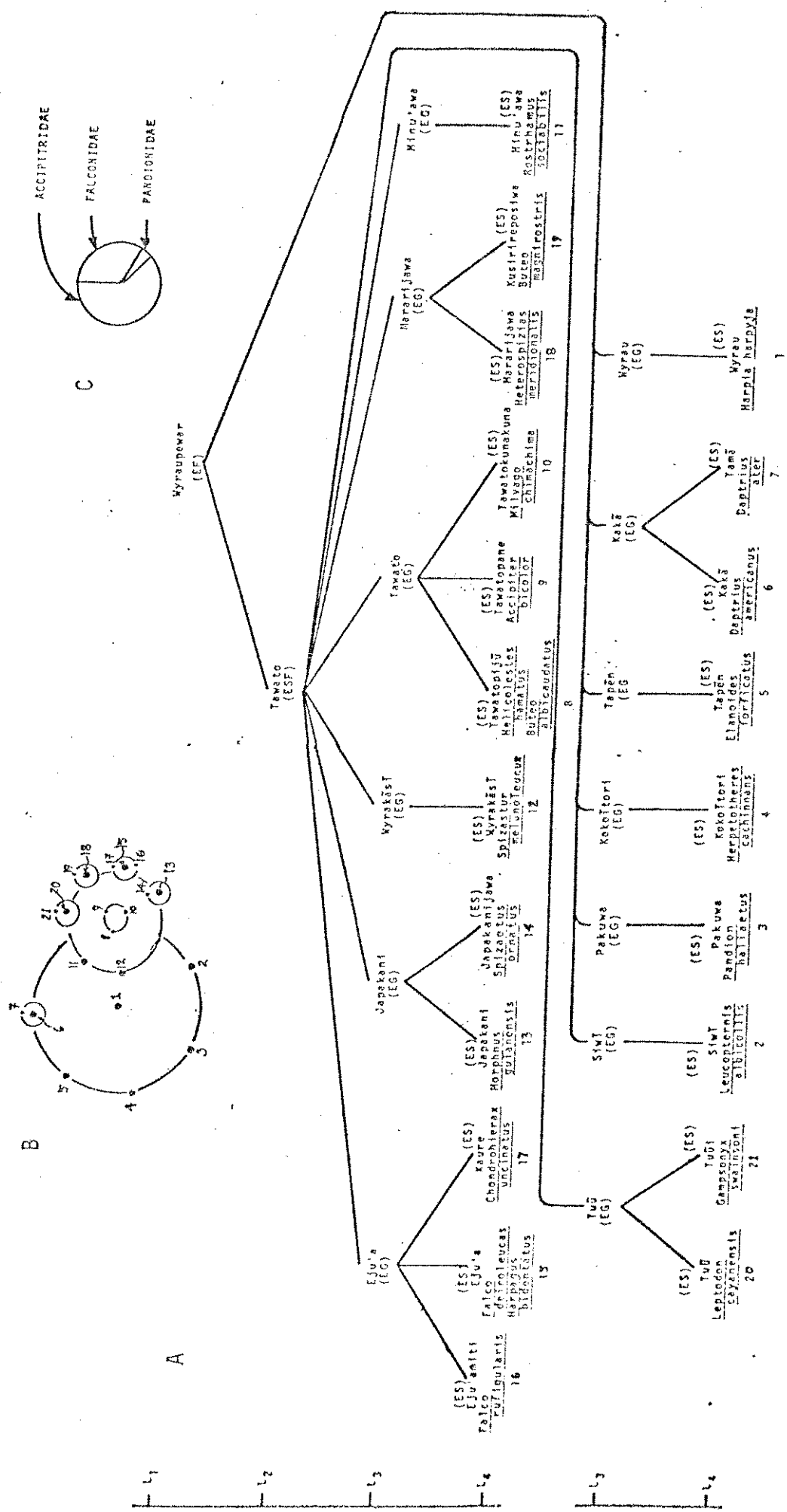


Figura 16. (A) Hierarquia linear da etnofamília Wyräupewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

procuram a caça de relativamente menor porte e, como o nome **tawatopane** [**tawato** = rapineira, **pane** = frustrativo] implica, embora esta espécie também procure caça de tamanho grande, ela quase sempre não é bem sucedido (Piriri).

O etnogênero **mararijawa** inclui duas espécies, Heterospizias meridionalis, e Buteo magnirostris (**Kusirireposiwa**). Ambos se alimentam de lagartos. Os Wayampi não sabem a razão por que B. magnirostris têm o nome assim [**kusiri** = Saguinus midas (sahuim), **posi** = excremento, **wa** = comedor]. "Os antepassados sabem", eles dizem. Segundo Meyer de Schauensee & Phelps (1978), B. magnirostris se alimenta de lagartos e insetos. Pode ser que este gavião seja apenas um oportunista, procurando lagartos (insetívoros) em lugares onde insetos se juntam, como nas fezes dos mamíferos.

Existem duas espécies de **tuũ**, distinguidas somente pelo seu tamanho diferente.

Siwĩ (Leucopternis) é o nome para gaviões de cor branca. Na Guiana Francesa, os Wayampi aparentemente chamam o Harpia harpyja com dois nomes, **siwĩ** sendo usado para o estágio imaturo.

Pakuwa (Pandion haliaetus) é o etnogênero para aquele que se alimenta de peixe [**paku** = Myletes pacou (pacu-peba), **war** = comedor].

Minu'awar (Rostrhamus sociabilis) se alimenta de caramujos [**minu'a** = Barus oblongus (Gastropoda), **war** = comedor].

Os **tawato** (etno-subfamília) são procuradores de carnes de vários tipos — mamíferos de pequeno e médio porte, aves, peixes, lagartos e moluscos.

Wyrau não é excluído. É que ele é o chefe do grupo maior, que inclui também os que não são **tawato**, como os seguintes:

Kokoĩtori (Herpetotheres cachinnans), que se alimenta de cobras; **Tapē** (Elanoides forficatus), que procura invertebrados, e os dois caracara, **kakā** (Daptrius americanus) e **tamā** (D. ater), que se alimentam de frutas e insetos, respectivamente.

4. Kujuipewar [kuyuwi (Grenand, 1980), kujui (Jari)]

Os **kujupewar** incluem as famílias científicas Cracidae e Opisthocomidae e são divididos em três agrupamentos, baseados no habitat (vide Fig. 18). O primeiro agrupamento (etno-subfamília) é latente e inclui o chefe mais dois etnogêneros, **marai** (Penelope marail) e **arakwā** (Ortalis motmot). Eles andam na altura média da floresta e se alimentam de açaí (Euterpe). Estas duas aves são bem comestíveis (Grenand, 1980) e provavelmente estão em competição com os Wayampi. O **kujui**, Pipile kujubi (chefe da etnofamília) também se alimenta de açaí.

Mytū (Crax alector) é encontrada freqüentemente no chão e não se alimenta de açaí, segundo Matapi e Piriri (informantes). Provavelmente ele também é distinguido por razão de morfologia.

Maraira'aga (Opisthocomus hoazin) tem seu nome devido à semelhança de forma como **marai** [marai = P. marail, ra'aga = aparência falsa]. **Maraira'aga** não se alimenta de açaí, embora tenha um habitat semelhante.

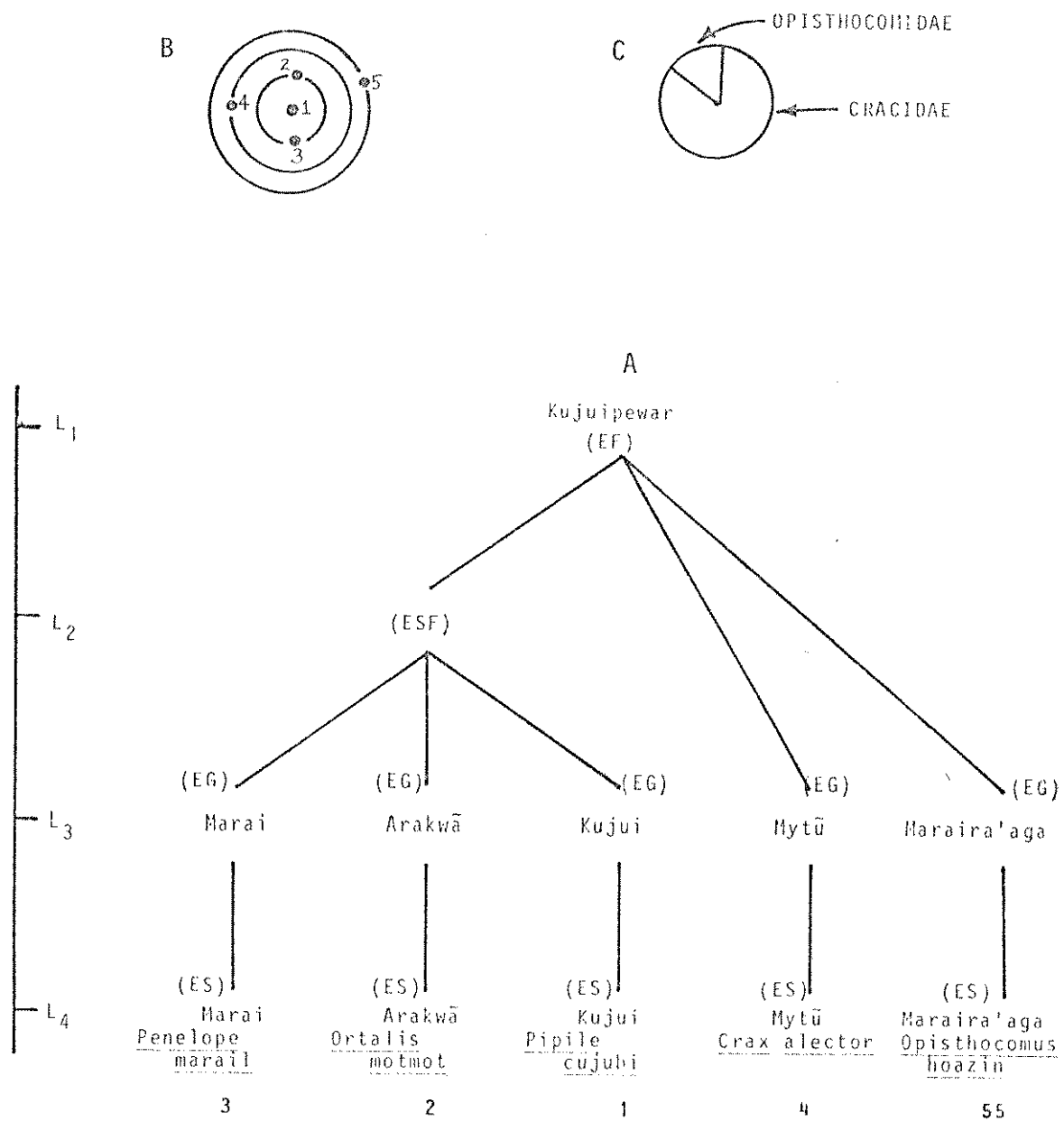


Figura 18. (A) Hierarquia linear da etnofamília Kujuipewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

5. Uru [ulu (Grenand, 1980)]

Tem uma só espécie de uru (Odontophorus gujanensis), mas podendo ocorrer uma segunda (Colinus cristatus), que corresponde à família científica Phasianidae. Uma pessoa adulta quis juntar os uru com os namu (Tinamidae), mas os outros informantes deixaram uru separado (Fig. 19).

6. Jakami [yakami (Grenand, 1980)]

Jakami também é uma espécie sem filiação com outras aves e corresponde à família científica Psophiidae. Como Grenand diz (1980:160), ele é bem procurado tanto como caça quanto como animal doméstico (Fig. 20).

7. Arakupewar [Alaku (Grenand, 1980)]

Os arakupewar correspondem às ordens científicas Gruiformes e Charadriiformes e se dividem em três agrupamentos (vide Fig. 21), baseados principalmente em critérios alimentícios. Excluídas dos arakupewar são as famílias Psophiidae (acima) e Heliornithidae, Heliornis fulica (vide ypepewar, nº 23). No entanto, o restante está relacionado na mesma etnofamília, aparentemente por habitat (se encontram perto da água) ou por morfologia superficial: "têm aparências semelhantes", segundo Piriri (um informante).

Os arakur sensu stricto se alimentam principalmente de caramujos e incluem o chefe dos arakupewar, Aramus guarauna (arakuru), Aramides cajanea (arakur) e Rallus maculatus (arukuviri). A Fig. 21 também mostra que o chefe

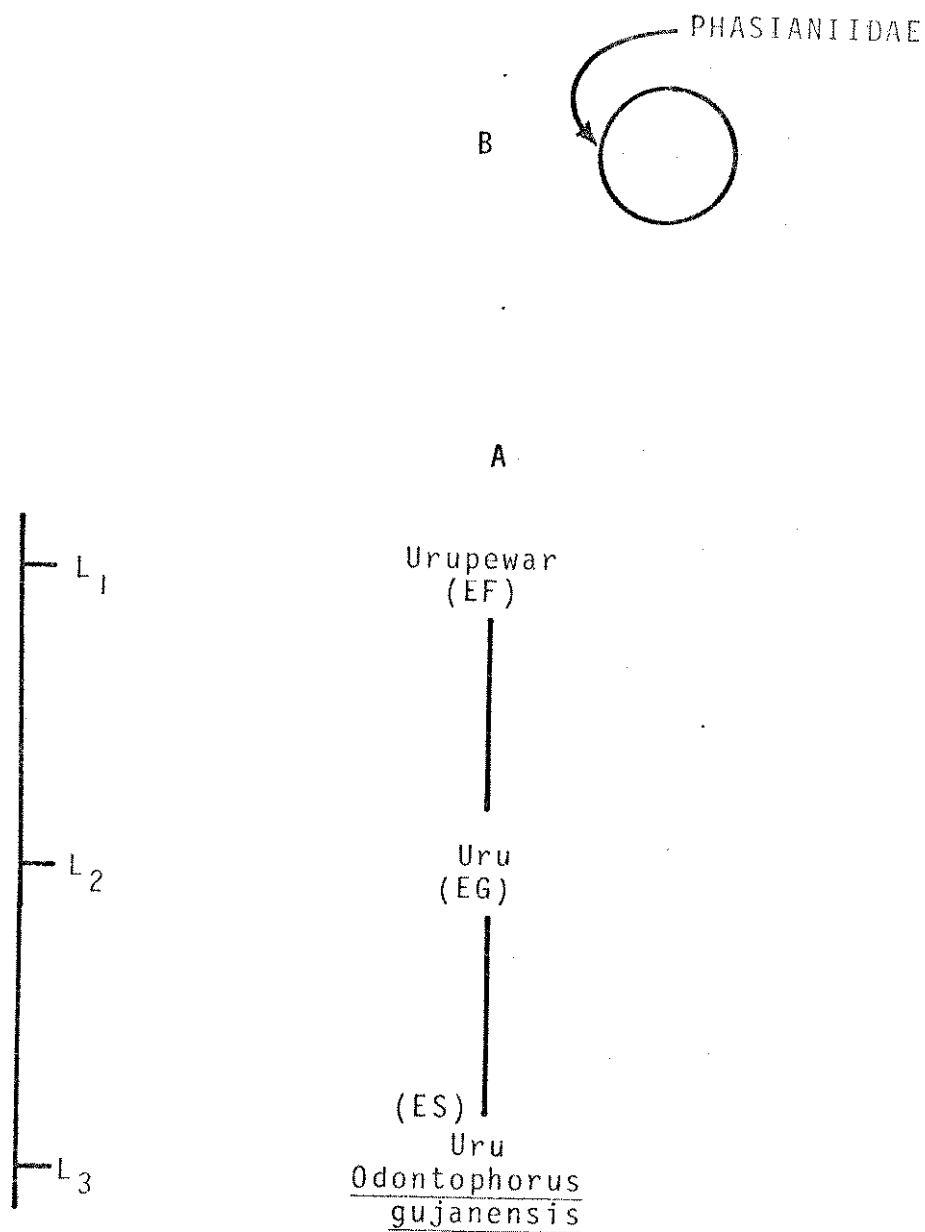


Figura 19. (A) Hierarquia linear da etnofamília Urupewar.
 (B) Composição científica. Urupewar foi proposto por analogia às outras etnofamílias.

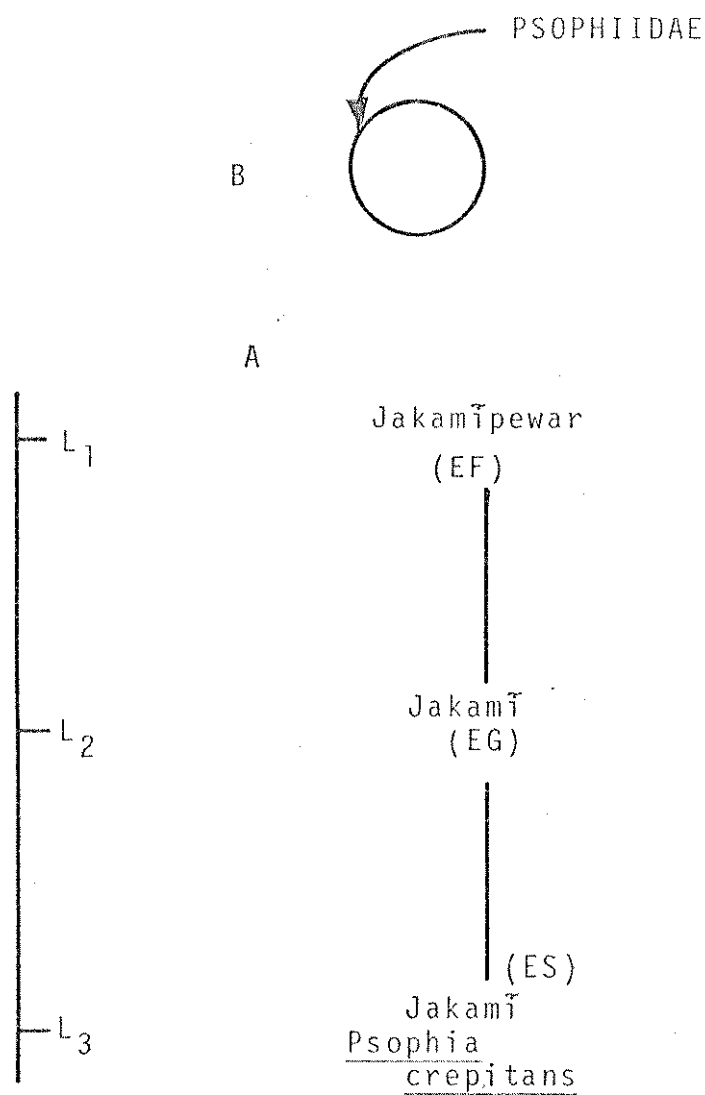


Figura 20. (A) Hierarquia linear da etnofamília Jakamipewar.
 (B) Composição científica. O nome, Jakamipewar foi
 proposto por analogia às outras etnofamílias.

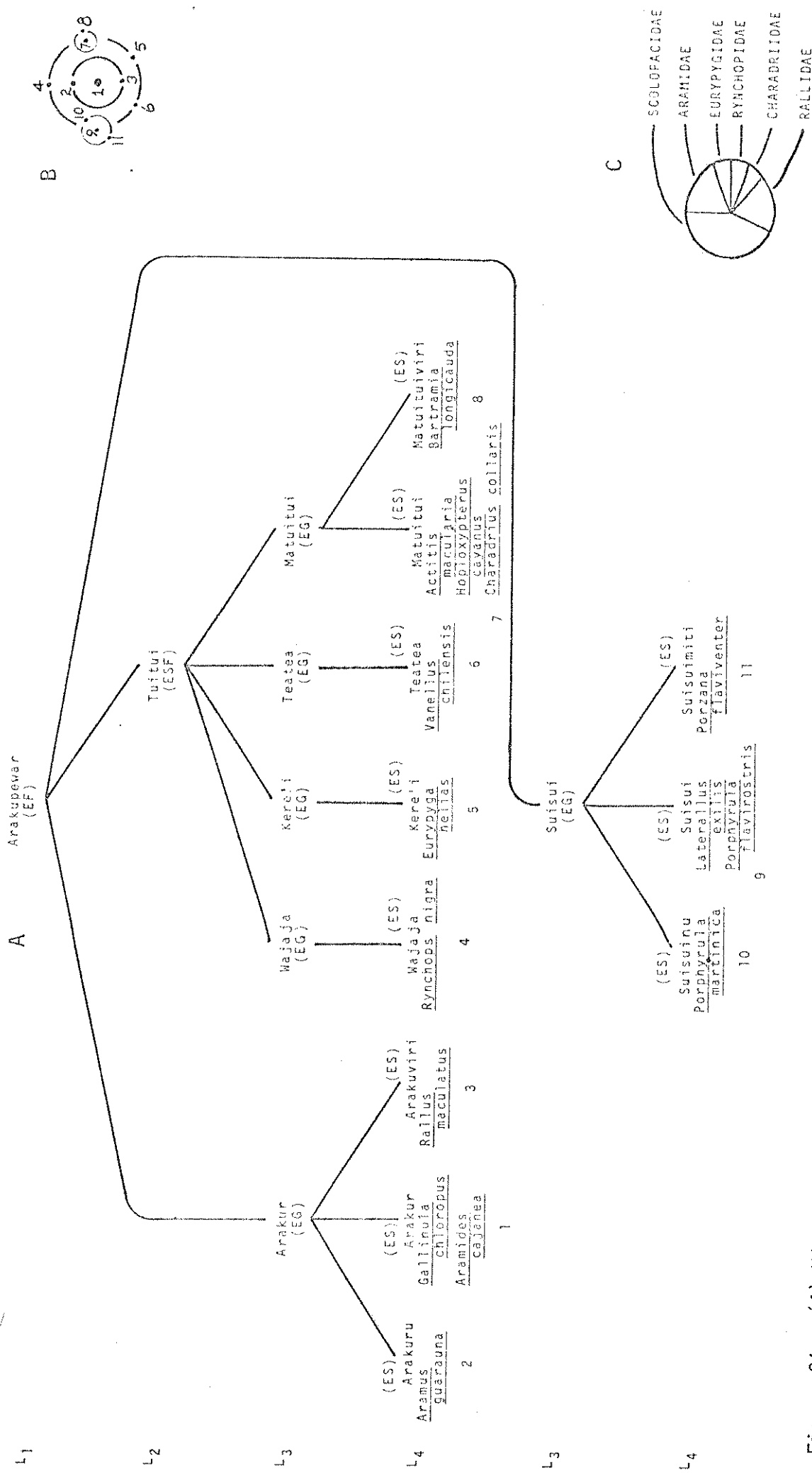


Figura 21. (A) Hierarquia linear da etnofamília Arakupewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica

da etnofamília pode ocorrer taxonomicamente no nível mais baixo. Sua posição política não é vista da mesma maneira que sua posição taxonômica.

O segundo etnogênero, **suĩsuĩ** se alimenta de sementes e inclui Laterallus exilis e Porzana flaviventer.

A etnosubfamília **tuitui** corresponde às famílias científicas Charadriidae, Scolopacidae e Eurypygidae: são aqueles que se alimentam de insetos. Presumivelmente, as distinções entre os etnogêneros desta família são feitas pela morfologia.

8. Pykaupewar [Pĩkau (Grenand, 1980)]

Esta etnofamília corresponde diretamente à família científica Columbidae e o chefe é Columba plumbea (**pykauro**) (vide Fig. 22). A distinção principal entre os etnogêneros é baseada no seu habitat. Os **pykau** se alimentam no alto da floresta enquanto que os membros da subfamília latente, que inclui **irusi** e **takuruwe**, são encontrados no chão. Esta etnofamília tem cinco pombas de nomes próprios e quatro que se encaixam entre os **irusi** ou **pykau**, sem nome próprio. Existe uma exceção notável: Claravis pretiosa às vezes foi chamado **pykausovỹ** (pomba azul escura) e outras vezes **irusi**. Segundo Meyer de Schauensee & Phelps(1978), esta espécie se encontra no chão e até no alto da floresta. Por isso talvez ela tenha sido classificada como **pykau**. Entretanto, seu tamanho (cerca de 22cm) é mais semelhante ao dos **irusi** (cerca de 20cm) do que os **pykau** (cerca de 33cm), o que poderia explicar por que ele foi classificado como **irusi**. Parece que às vezes as razões cognitivas para certas divisões são diferentes ainda que as divisões básicas sejam relativamente fixas.

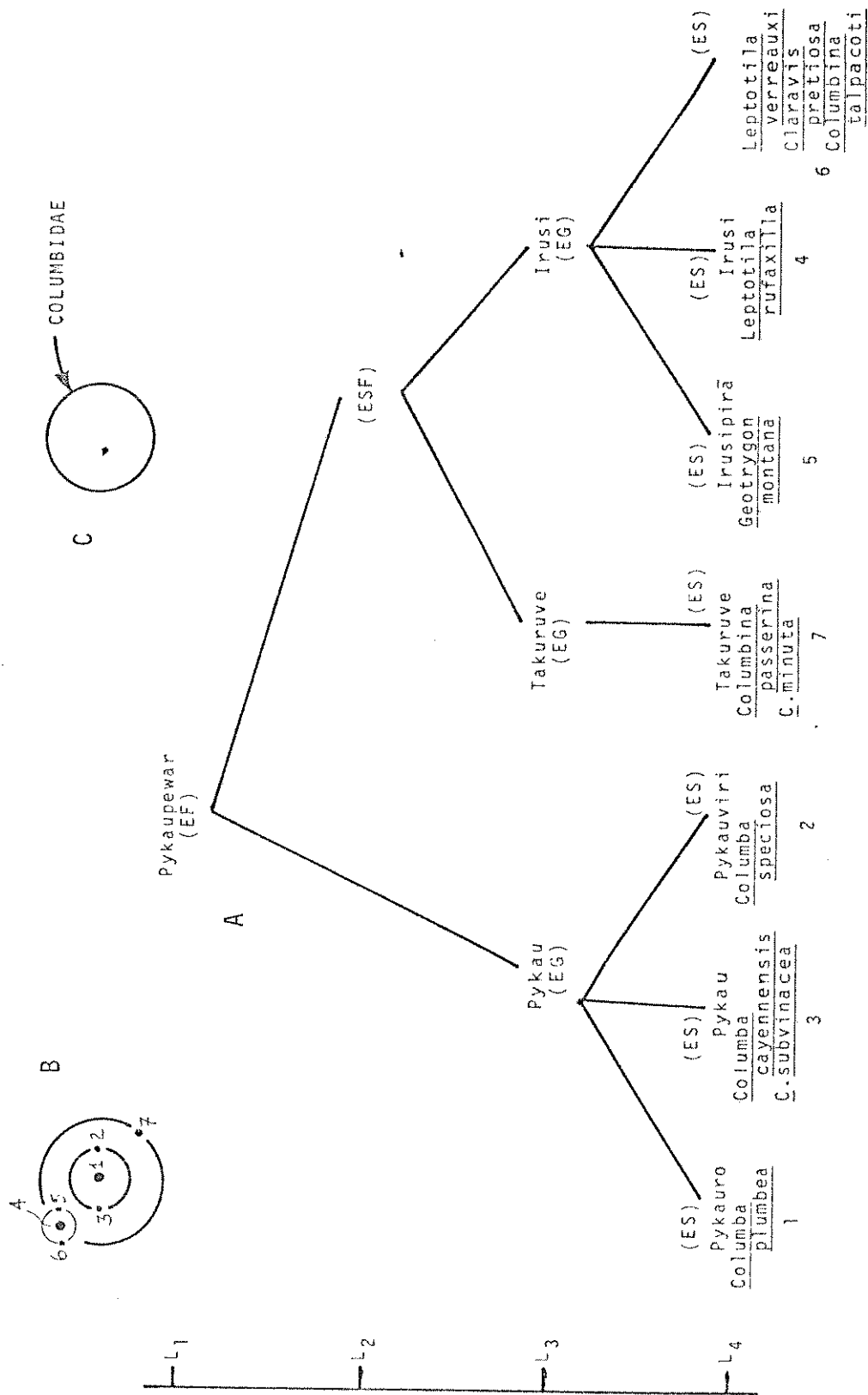
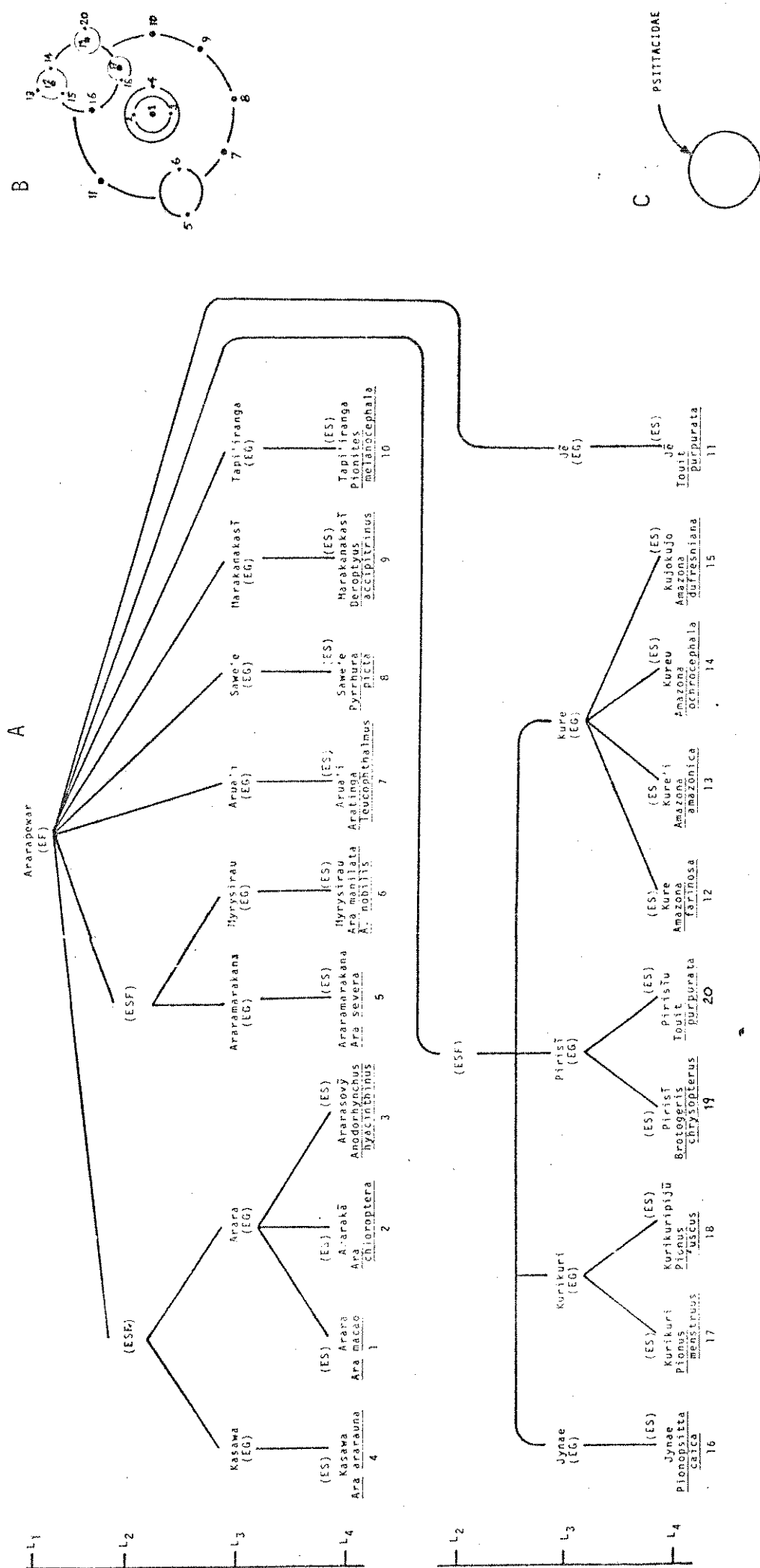


Figura 22. (A) Hierarquia linear da etnofamília Pykaupewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

Muitas das pombas são imitadas ideofonicamente e são reconhecidas por seu canto, ainda que nenhum nome reflita isso onomatopeicamente.

9. Ararapewar [alala (Grenand, 1980), arara (Jarí)]

Os **ararapewar** correspondem diretamente à família científica Psittacidae (Fig. 23). A característica da etnofamília é o bico (dados do informante Piriri). O fato de que um grande número deles (9 dos 20) têm nome onomatopéico sugere também que seu canto (caracteristicamente alto e penetrante) poderia ser também característico da etnofamília. O chefe da etnofamília é **arara** (Ara macao), mas esta etnofamília também tem um minichefe, **jowijãmiti** cujo nome é **kure** (Amazona farinosa). Ele reina sobre a etno-subfamília que se alimenta de frutas (não açaí) e sementes. As outras aves se alimentam de açaí e nozes e as divisões entre os etnogêneros são feitas principalmente por critérios morfológicos e de canto. "Eles simplesmente são diferentes" diz Piriri. Os gêneros científicos Ara e Anodorhynchus são agrupados em duas etno-subfamílias cuja distinção é feita pelo tamanho [Ara macao, A. chloroptera, A. ararauna e Anodorhynchus hyacinthinus têm tamanhos entre 84 e 90cm, enquanto Ara severa, A. manilata e A. nobilis têm entre 35 e 51cm (Meyer de Schauensee & Phelps 1978)]. Os **pirisĩ** (Forpus passerinus e Brotogeris chrysopterus) são distinguidos das outras **ararapewar** por seu tamanho pequeno, mas principalmente por sua dieta: os Wayampi dizem que eles se alimentam de bagas.



10. Asigaupewar [asĩngau (Grenand, 1980)]

Asigaupewar inclui os membros da família científica Mimidae, a maioria das Cuculidae e o Tiranídeo, Muscivora tyrannus (Fig. 24). Esta etnofamília é distinguida por seus membros terem rabos compridos e dietas semelhantes (insetos). Excluído dos Cuculidae é o gênero Crotophaga (**ani**), que tem comportamento bastante diferente — são vistos em bando (de números grandes) ao invés de isoladamente ou em pares. Todavia, para os Wayampi eles simplesmente são diferentes.

O **tarotaro** é o etnogênero de **asigau** de faixa preta ou máscara preta que cruza os olhos. O Tyrannidae M. tyrannus e o Cuculidae Coccyzus melacoryphus têm o mesmo nome neste etnogênero.

Os Mimidae são percebidos como iguais entre os **asigaupewar**, as duas espécies aparecendo com duas espécies de Cuculidae abaixo do mesmo etnogênero.

O Tapera naevia (**ajãwyrá**) é distinguido, dizem, por motivo espiritual. O canto dele significa a morte de alguém (vide também Grenand 1980:127); além de ter um canto meio melancólico: || — | — ||, ele também tem comportamento diferente dos outros Cuculidae, alimentando-se solitariamente no chão ou próximo dele.

11. Anupewar [Anu (Grenand, 1980)]

Os **anu** são as duas espécies de Cuculidae excluídas dos **asigaupewar** (acima; vide Fig. 25). Ao nível da etno-espécie, **anupijũ** é distinguido por morfologia (**anu** = anu, **pijũ** = preto) e a outra, **anukoro** (C. major) pelo

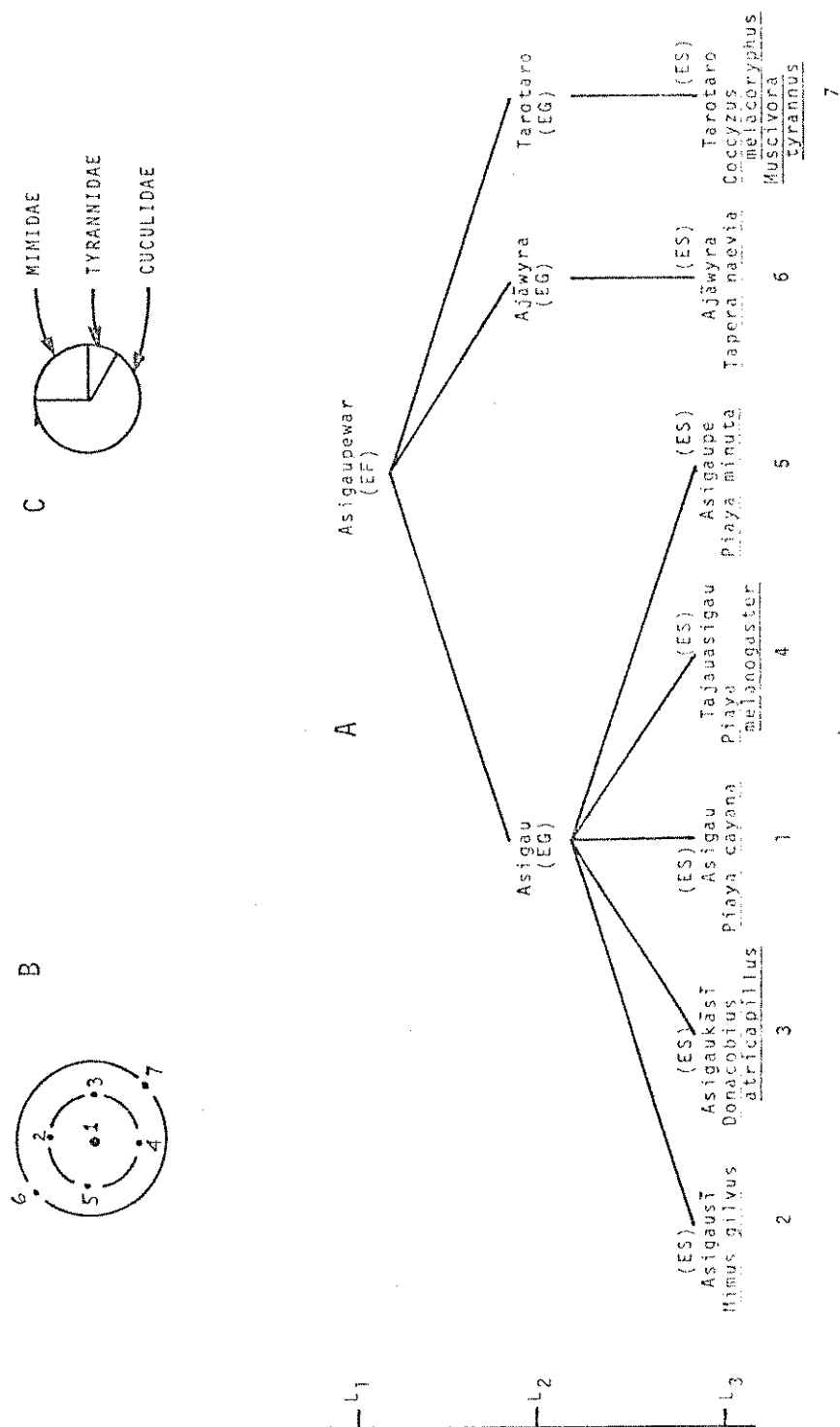


Figura 24. (A) Hierarquia linear da etnofamília Asigaupewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

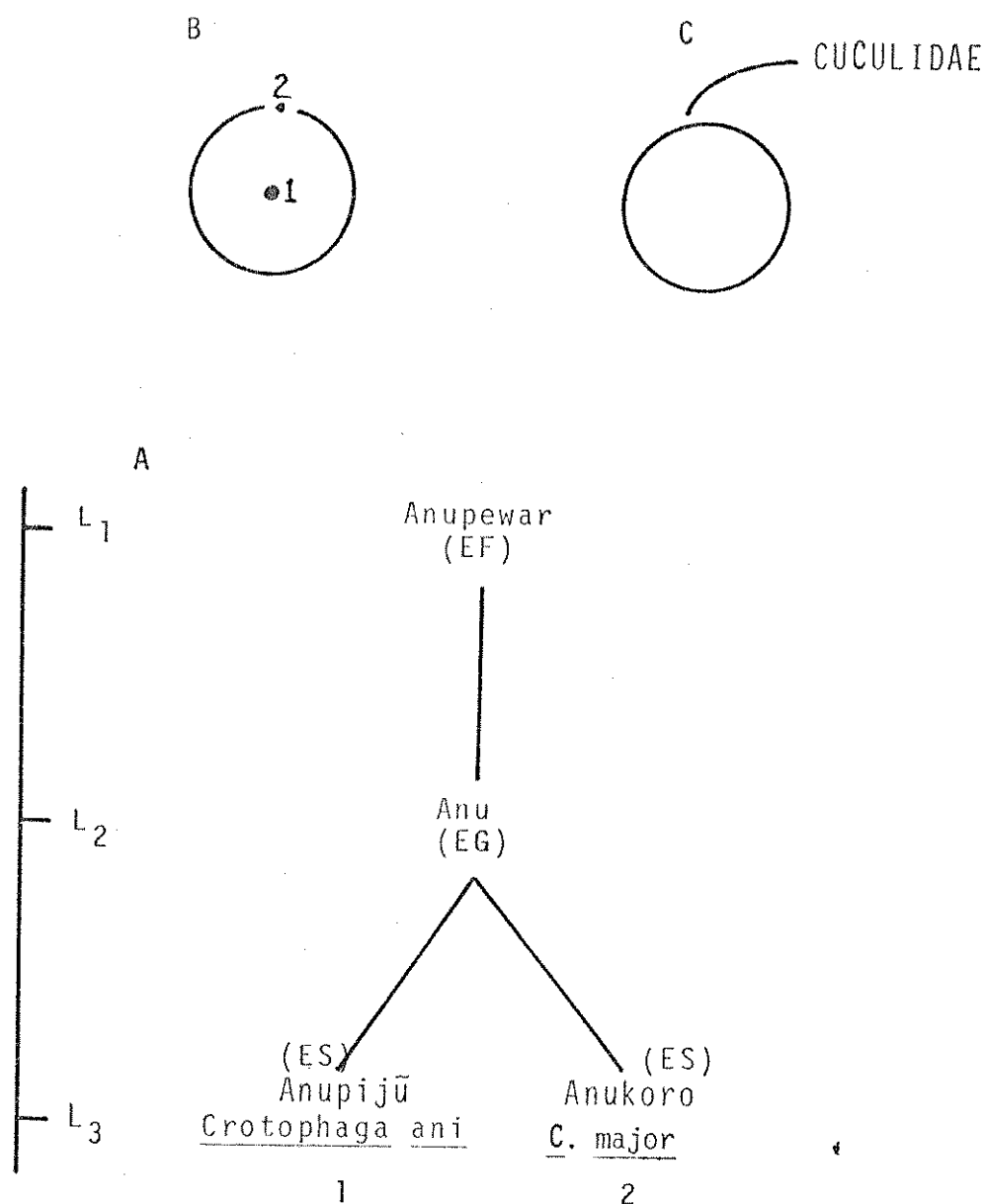


Figura 25. (A) Hierarquia linear da etnofamília Anupewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica. Anupewar foi proposta por analogia às outras etnofamílias.

canto (**koro** = canto onomatopéico). Os **anu** se alimentam de larvas (o informante Piriri).

12. Tapupupewar [Tapupu (Grenand, 1980)]

Esta etnofamília corresponde diretamente à ordem científica Strigiformes (corujas) e é subdividida em três etnogêneros, conforme seus hábitos alimentícios (vide Fig. 26). **Tapupur**, Pulsatrix perspicillata (chefe da etnofamília), se alimenta de invertebrados (e vertebrados), enquanto **urukure'a**, Bubo virginianus, Rhinoptynx clamator e Lophostrix cristata, se alimentam de morcegos e outros vertebrados. Otus choliba e O. watsonii (**torovuvũ**) se alimentam só de insetos. Podem distinguir os etnogêneros morfologicamente ou pelo canto. **Tapupur** e **torovuvũ** são nomes onomatopéicos. O significado do nome **urukure'a** é desconhecido.

13. Wakyropewar [wakilo (Grenand, 1980), wakyro (Jarí)]

A etnofamília **wakyropewar** corresponde diretamente à ordem científica Caprimulgiformes (urutau e curiango), e se alimenta de invertebrados. Este agrupamento é chefiado por **wakyrosĩ** Caprimulgus cayennensis, e é subdividido em dois etnogêneros (vide Fig. 27), conforme o habitat. Os **wakyro** (etnogênero que corresponde à família científica Caprimulgidae) se encontram no chão da floresta ou do campo, enquanto **pirakoki** (que corresponde à família Nyctibiidae) se encontra na floresta, mas não no chão.

É interessante notar que ao nível da espécie, quatro das seis espécies têm nomes onomatopéicos. No entanto, sendo estas espécies noturnas, ouvidas muito mais que vistas, e sendo que são todas espécies de cores que não

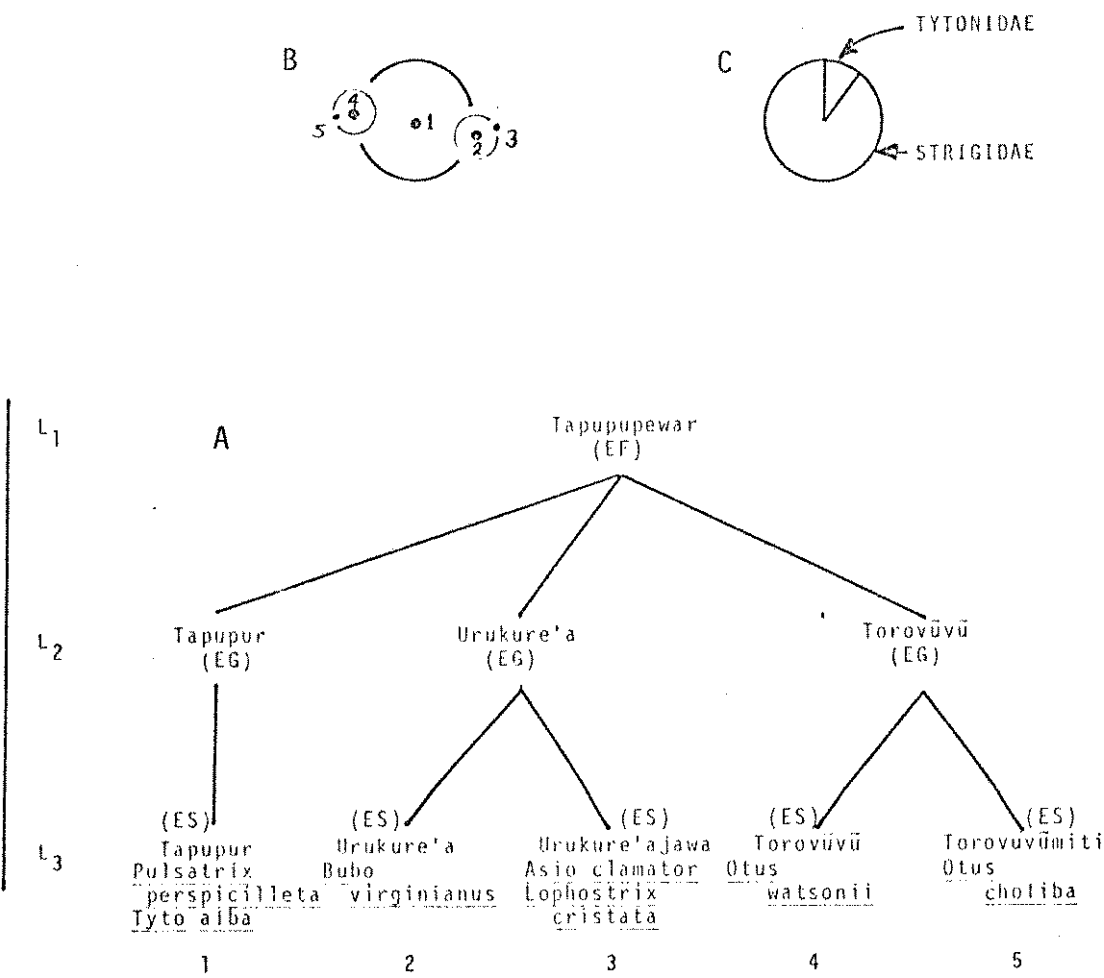


Figura 26. (A) Hierarquia linear da etnofamília Tapupupewar.
(B) Estrutura social. (C) Composição científica.

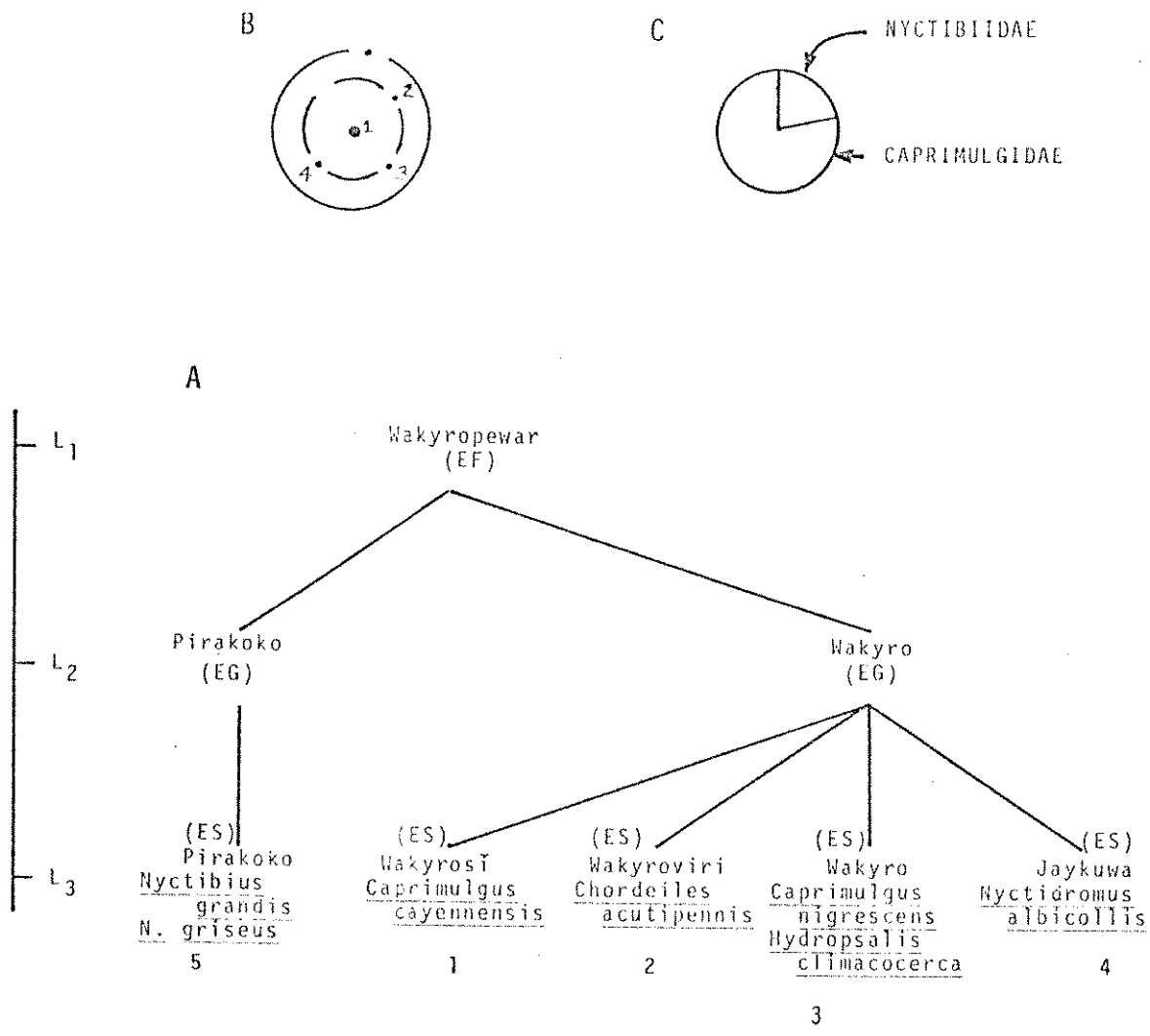
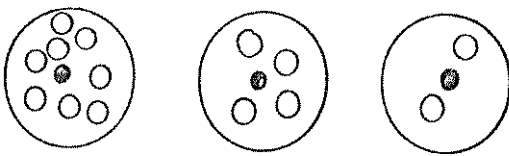


Figura 27. (A) Hierarquia linear da etnofamília Wakyropewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

chamam a atenção, é lógico que o canto seria destacado no nome. Nota-se que duas das cinco corujas também têm nomes onomatopéicos (Fig. 26).

14. Wainumypewar [wainimi (Grenand, 1980), wainumy (Jarí)]

O etnogênero **wainumy** tem correspondência direta com a família científica Trochilidae (vide Fig. 28). Todas se alimentam de **ipotype'egato** (mel das flores). O **akykywainumy** (Topaza pella) é o chefe deste etnogênero, que é dividido em seis etnoespécies, conforme critérios morfológicos. As 19 espécies científicas de beija-flores conhecidas pelos Wayampi são divididas então entre estas seis etnoespécies. Existem mais cinco outras espécies que todos conhecem, mas há confusão sobre a qual etnoespécie elas pertencem. O fato de que todas as etnoespécies, menos uma, têm dois ou mais membros, indica que a etnoespécie do beija-flor é uma categoria que engloba as espécies científicas com alguns traços morfológicos em comum, como o seguinte:

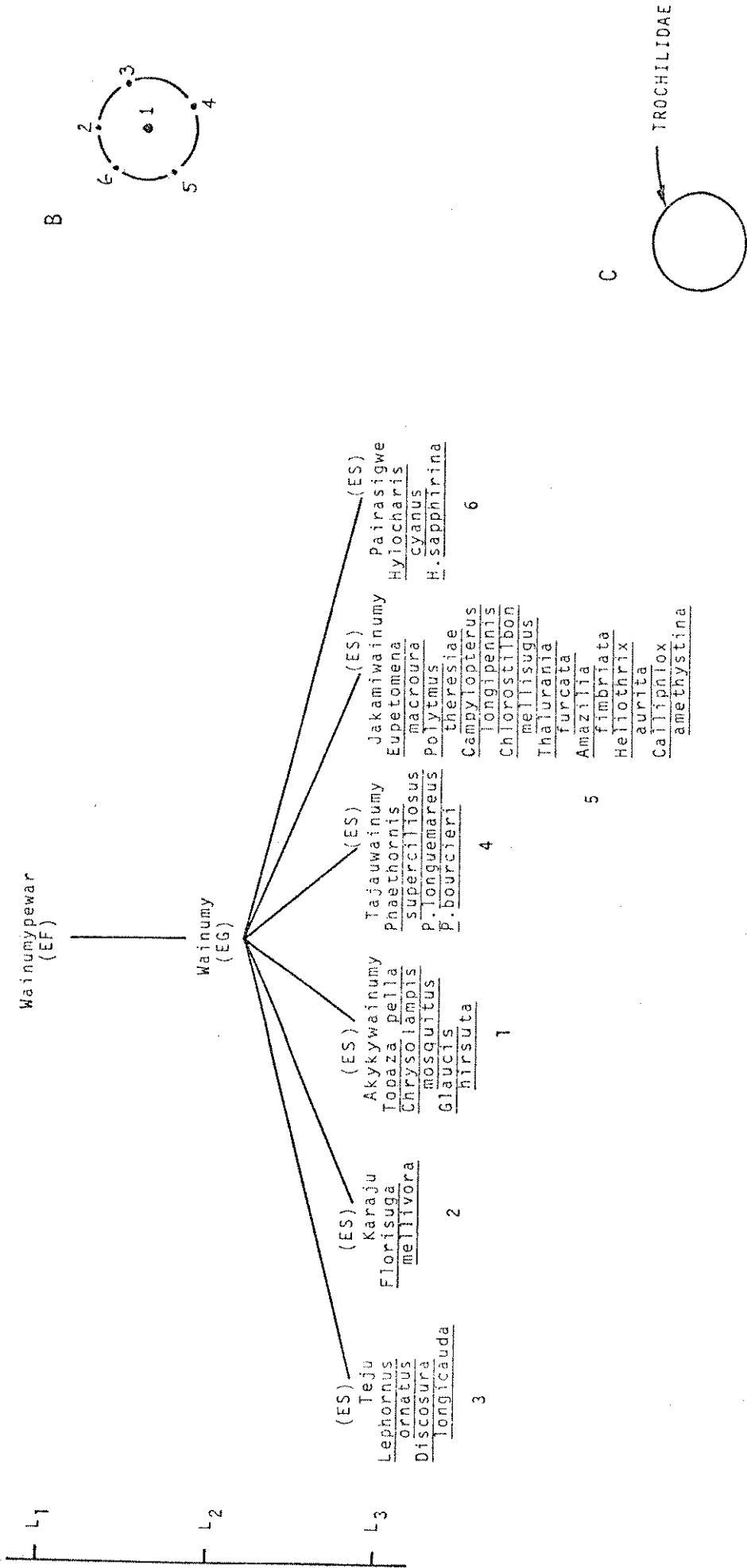


em que

● = beija-flor com o(s) traço(s) característico(s) da etnoespécie

○ = membros da etnoespécie com características em comum com

○ = fronteira da etnoespécie.



Os beija-flores de peito vermelho pertencem à etnoespécie **akykwainumy** em que Topaza pella é a espécie exemplar do grupo. **Tajauwainumy** (Phaethornis superciliosus) são aquelas de peito pálido. Os de peito verde ou azul são chamados **jakamīwainumy** (Eupetomena macroura é a espécie indicadora). Os de garganta ou cabeça azul são chamadas **pairasigwe** (Hylocharis cyanus). **Teju** (Lophornis ornatus) e **karaju** (Florisuga mellivora) são distinguidos por razões desconhecidas, talvez por terem morfologia bastante diferente dos outros beija-flores — uma tem crista vermelha na cabeça e a outra, rabo largo e branco.

Talvez os **wainumy** sejam identificados principalmente pela cor do peito, porque beija-flores são pequenos e bem ativos. Se quiserem identificar a maioria das espécies, têm que fazê-lo com o mínimo de observação detalhada.

15. **Uruku'apewar** [**uluku'a** (Grenand, 1980), **uruku'a** (Jarí)]

A etnofamília **uruku'a** corresponde às duas famílias científicas Trogonidae (surucuá) e Momotidae (udu/juruva) (vide Fig. 29). Embora se alimentem de invertebrados e frutinhas (Meyer de Schauensee & Phelps 1978), elas têm importância especial para os Wayampí porque se alimentam de açai (Euterpe) e porque as penas são procuradas para a fabricação de adornos plumários, especialmente coroas de penas (**akāneta**).

Presume-se que as distinções entre os etnogêneros são feitas por outros critérios além da morfologia, mas não se sabe o que são. Não é por razão da cor, nem do tamanho. Trogon melanurus e T. violaceus têm cores e tamanhos diferentes uma da outra, mas são semelhantes a outras espécies. Todas têm cantos semelhantes.

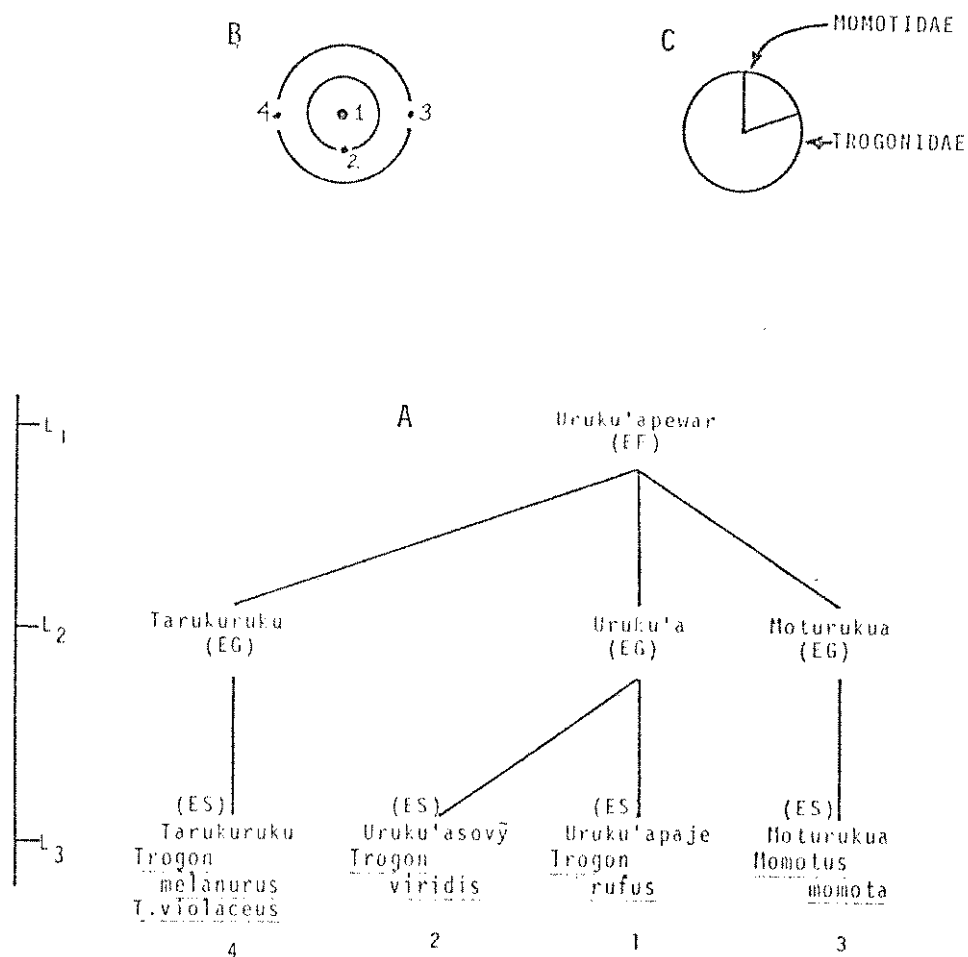


Figura 29. (A) Hierarquia linear da etnofamília Uruku'apewar.
 (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

Moturukuã, o único Momotidae, é distinguido dos outros etnogêneros provavelmente em razão da morfologia.

16. **Jawasipewar** [**yawasi** (Grenand, 1980)]

O etnogênero **yawasi** corresponde diretamente à família científica Alcedinidae (martim-pescador) (Fig. 30). Entre os cinco membros desta família relativamente pequena, existem apenas duas espécies que têm nomes fixos: **yawasi** (Ceryle torquata), que é o chefe do etnogênero, e **yawasimiti** (Chloroceryle aenea). Embora as outras espécies tenham nomes próprios, elas são mais frequentemente identificadas como apenas **yawasi**. Parece que os Wayampi destacam a maior ave (C. torquata) da menor (C. aenea), e não se importam com as outras. Existem poucas diferenças morfológicas e de canto entre os Alcedinidae na sua região, e os Wayampi não mostram muito interesse por eles como o sistema classificatório demonstra.

17. **Karamamāpewar** [**kalamāma** (Grenand, 1980)]

Esta etnofamília tem correspondência direta com a família científica Galbulidae (ariramba). São quatro agrupamentos ou etnogêneros (vide Fig. 31), cada um distinguido do outro principalmente por fatores morfológicos. Todos se alimentam da mesma coisa — insetos — embora **maratito/karamamāpijū** (Anapari), **pyī** (Guiana Francesa), Brachygalba lugubris, se destaca por preferir baratas. Além de sua preferência alimentícia, ele também se distingue por sua cor escura (**karamamāpijū** — **pijū** = preto), e provavelmente por seu tamanho pequeno. **Jawaimi'a/jawa**, Galbula dea, tem cor mais escura ainda, mas com o dobro do tamanho do **maratito**. Os Wayampi dizem que ele

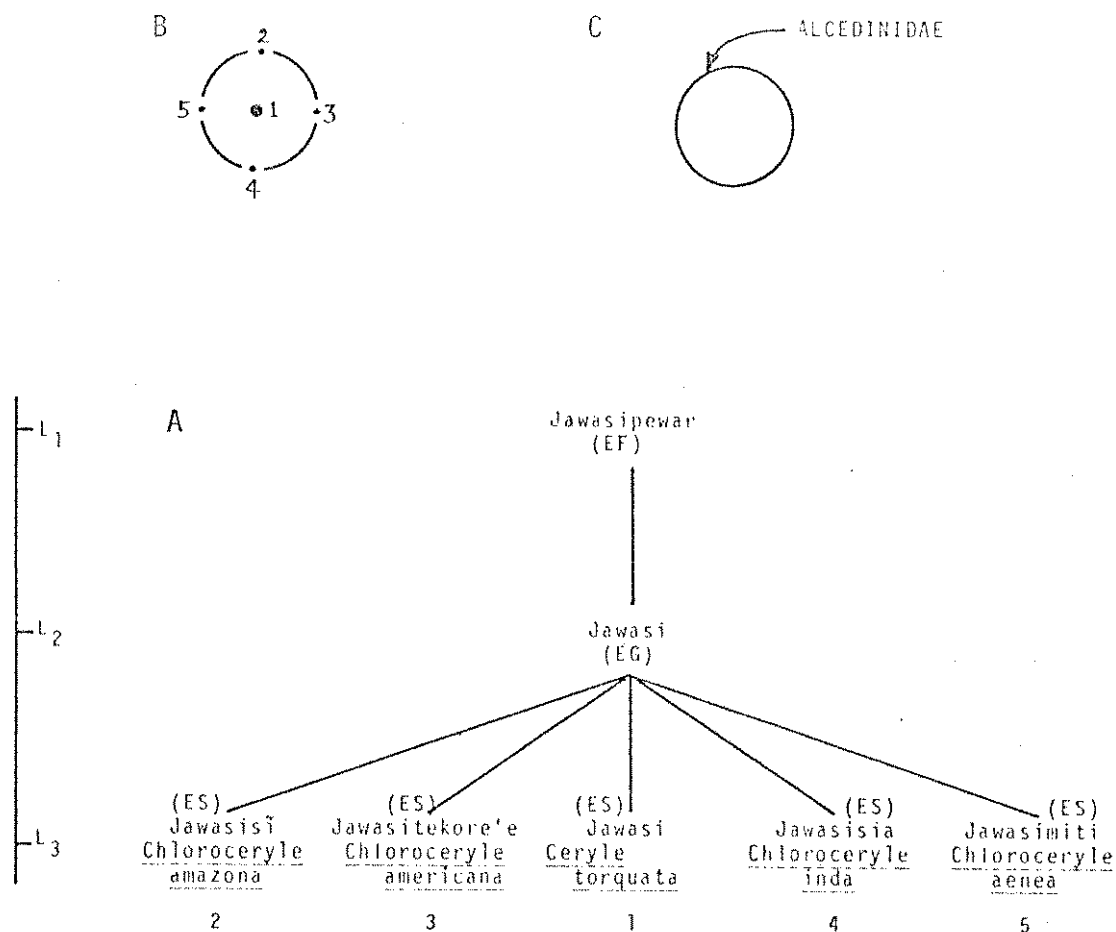


Figura 30. (A) Hierarquia linear da etnofamília Jawasipewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

O nome Jawasipewar foi proposta por analogia às outras etnofamílias.

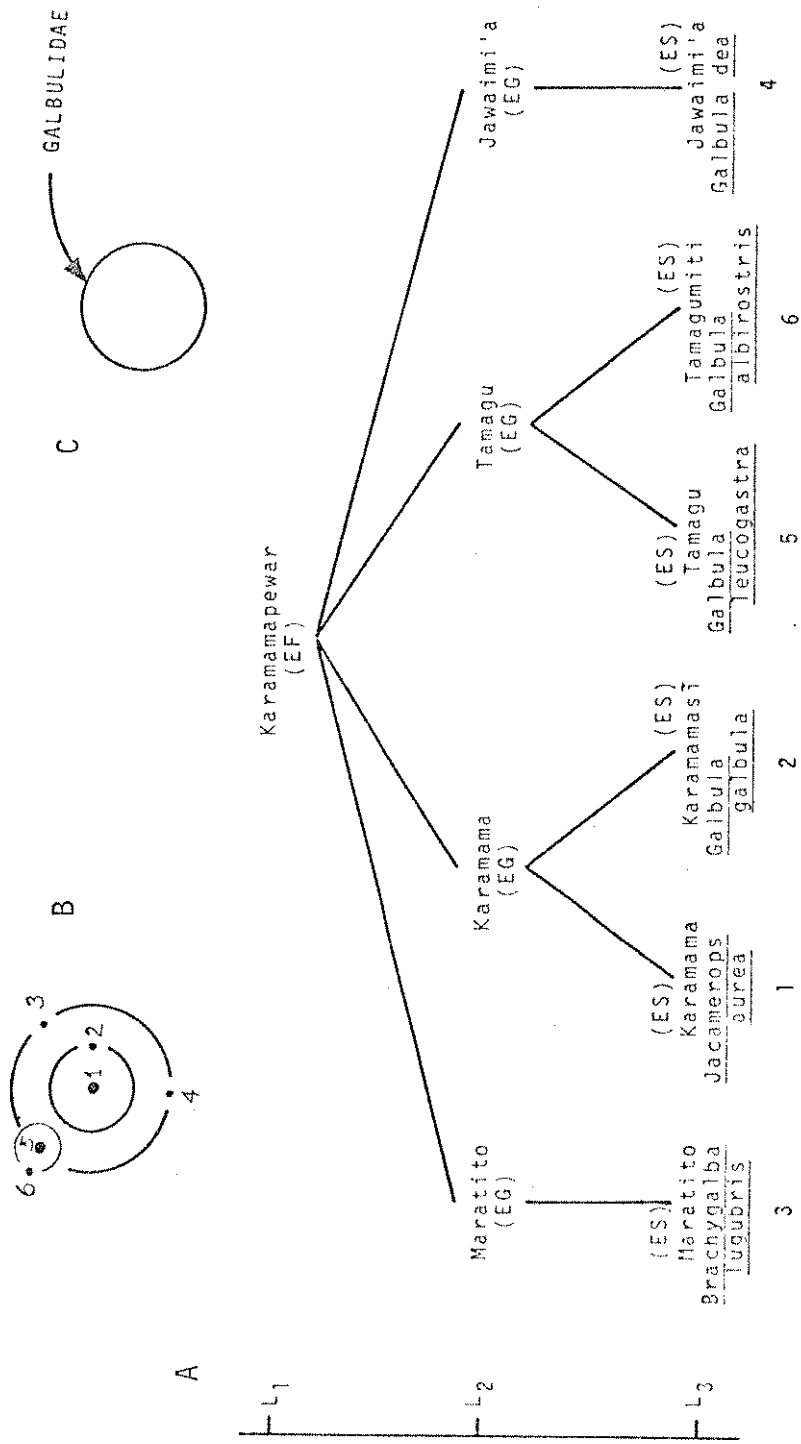


Figura 31. (A) Hierarquia linear da etnofamília Karamamãpewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

simplesmente é diferente. **Karamanã**, Jacamerops aurea, é o chefe da etnofamília e mostra o padrão de cores que os Wayampi consideram típico da família, compartilhado com **karamanãsĩ** (G. galbula). **Tamagu** (Galbula leucogastra e G. albirostris), embora bem semelhante a **karamanã**, aparentemente é distinguido por motivo das diferenças de cor (G. leucogaster tem peito mais escuro e G. albirostris cabeça escura).

18. Akurupewar [akulu (Grenand, 1980)]

A etnofamília **akurupewar** é chefiada por Notharchus macrorhynchos, e inclui a maioria das espécies da família científica Bucconidae (vide Fig. 32). Notavelmente excluído desta etnofamília é Chelidoptera tenebrosa (**sapera/wyramapape**) que os Wayampi incluem entre as andorinhas. Meyer de Schauensee & Phelps (1978:167) diz que esta espécie é bastante diferente dos outros Bucconidae, tanto na morfologia quanto no comportamento. Um nome popular em inglês é "swallow-wing" (provavelmente um empréstimo), sugerindo que sua morfologia seja semelhante ao da andorinha.

Existem três etnogêneros nesta etnofamília. **Akuru** pode ser o padrão da cor e **wyrapisuru** (Monasa atra), o único membro preto, é destacado por motivos de cor ou, como Grenand (1980:158) diz, o canto também poderia ser indicativo. As espécies de **akuru** são todas distinguidas por motivos morfológicos.

19. Tukāpewar [tukā (Grenand, 1980)]

Na sua maioria, a etnofamília **tukāpewar** corresponde à família científica Ramphastidae (vide Fig. 33). Também é incluído entre os **tukan**, o **kakā**, Daptrius americanus (Falconidae) (vide III.E.3.). Todos os **tukāpewar**

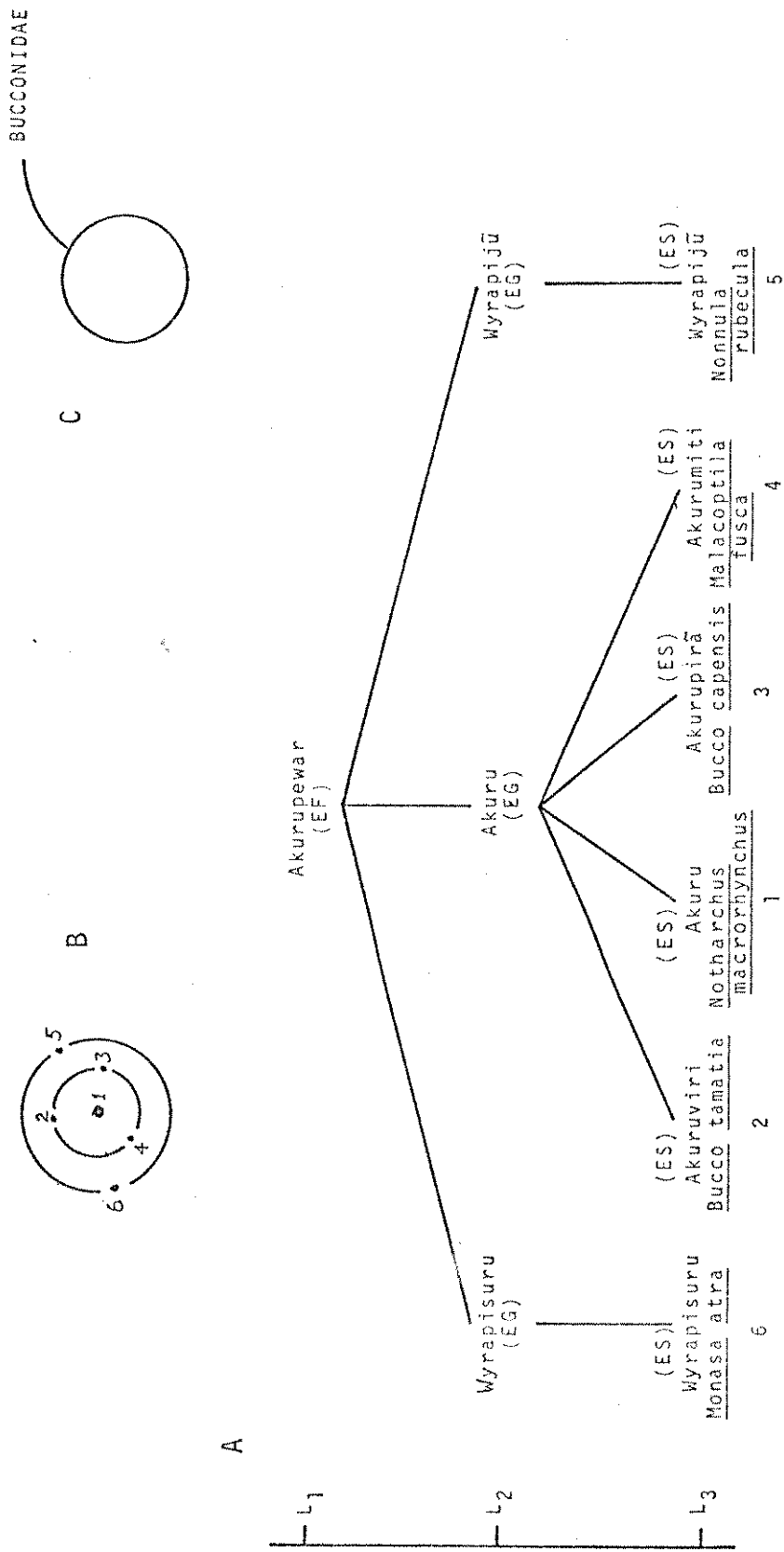


Figura 32. (A) Hierarquia linear da etnofamília Akurupewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

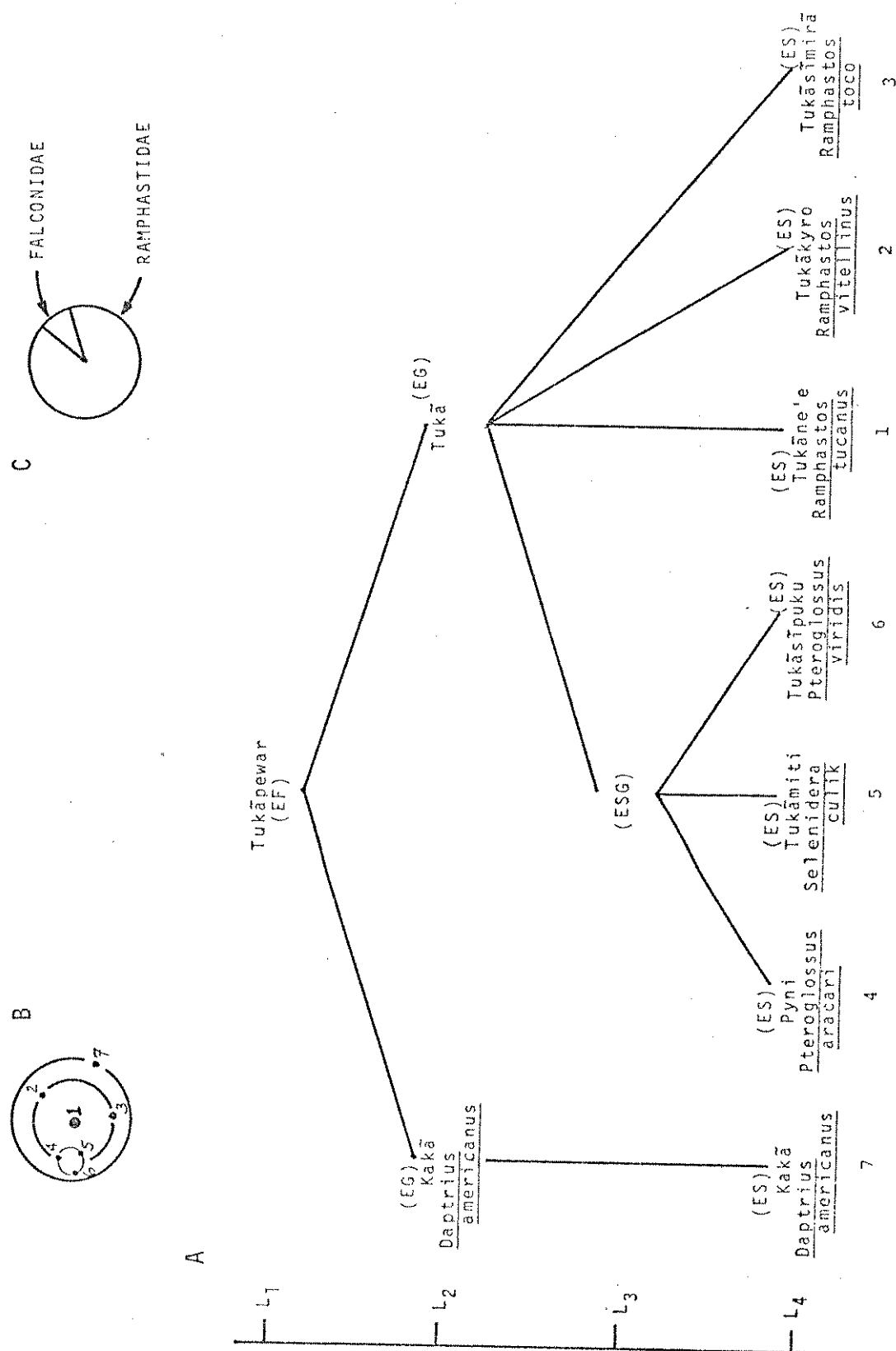


Figura 33. (A) Hierarquia linear da etnofamília Tukāpewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

se alimentam de frutas, especialmente de açaí (Euterpe) na época certa. Todos os Ramphastidae na região são conhecidos por nome. Dois etnogêneros são distinguidos: **kakã** (Falconidae) e **tukan** (Ramphastidae).

As etnoespécies são divididas em dois agrupamentos diferentes, distinguindo principalmente aqueles que seguem o padrão morfológico do gênero Ramphastos e as outras espécies divergentes (Pteroglossus e Selenidera). Esta divisão é feita latentemente no nível do etno-subgênero. Linguisticamente as espécies são relacionadas a **tukan** (quase todos tendo nomes compostos do núcleo **tukan**), mas, ainda assim, um agrupamento cognitivo existe, feito por causa da morfologia divergente.

O chefe da etnofamília é **tukane'e** (Ramphastos tucanus), a espécie mais comum da região do Amaparí e a mais procurada. As espécies são distinguidas por seu canto ou sua morfologia.

20. Pekūpewar [pekū (Grenand, 1980)]

A etnofamília **pekūpewar** corresponde, na sua maior parte, às famílias científicas Picidae (pica-pau) e Dendrocolaptidae (arapaçu), mas também inclui duas espécies (e possivelmente mais) de Furnariidae (vide Fig. 34). Embora Picidae e Dendrocolaptidae representem categorias científicas diferentes, as duas famílias têm aspectos semelhantes no seu comportamento, a mesma alimentação e sobem nas árvores do mesmo modo — só que os Dendrocolaptidae não bicam as árvores como os pica-paus.

Não há evidência no trabalho de Grenand (1980) de que os Wayampi da Guiana Francesa façam uma distinção entre os pica-paus e arapaçus. Entretanto, entre os do Amaparí, a distinção é prontamente feita

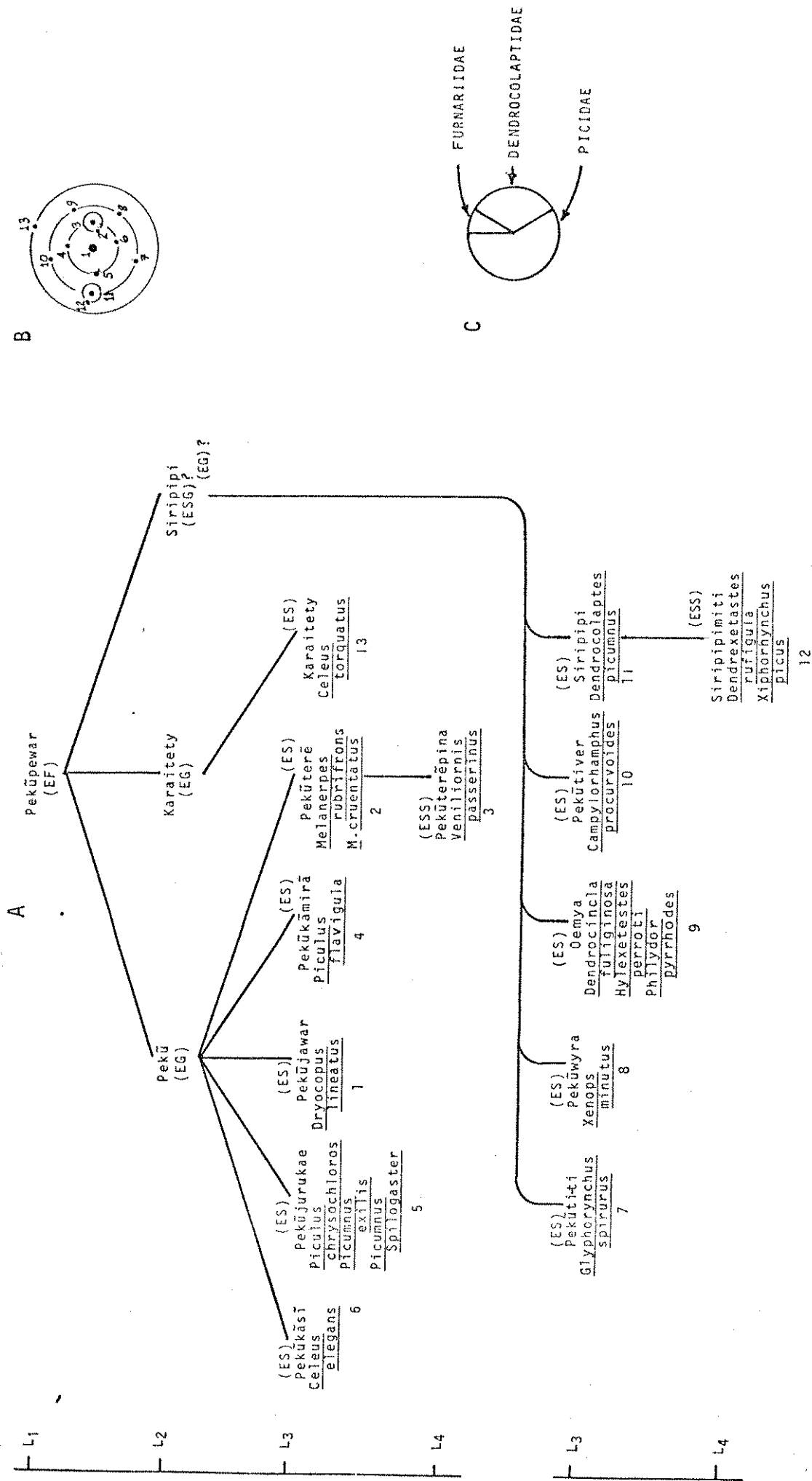


Figura 34. (A) Hierarquia linear da etnofamília Pekūpewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

espontaneamente. Alguns Furnariidae são mantidos juntos com os Dendrocolaptidae na classificação. Como se vê na Fig. 34, poder-se-á determinar que os **siripipi** representam um etnogênero. A vantagem desta interpretação é que não introduz um novo etnogrupo (etno-subgênero) que não se encontra entre as outras etnofamílias mostradas neste trabalho. Esta interpretação ilustra o caso onde vários nomes relacionados cognitivamente com um etnogênero **siripipi** são relacionados linguisticamente com outro (**pekū**).

Considerar o **siripipi** como etnogênero, se poderia resolver o problema lingüístico ao considerar a raiz de palavras compostas como uma raiz determinativa (vide I.A.). Semelhantemente, **wainumyu** (**wainumy** - beija-flor; **u** - grande) significa Agamia agami (socó-beija-flor), mas cognitivamente não é realmente um beija-flor.

O caso dos **siripipi** é mais problemático do que o caso do **wainumyu**, pois **siripipi** e **pekū** são percebidos como elementos da mesma etnofamília, entretanto, **wainumyu** não pertence à etnofamília dos beija-flores.

O chefe da etnofamília é **pekūkāmīrā** (Dryocopus lineatus). Ele é a espécie mais comum nas roças e florestas secundárias. É também o chefe dos **siripipi** (arapaçu).

21. Japupewar [yapu (Grenand, 1980)]

Esta etnofamília reúne duas famílias científicas: Icteridae e Corvidae (vide Fig. 35). A única espécie de Corvidae conhecida no Amapá (Cyanocorax cayanus) tem um canto estridente e uma morfologia não muito afastada de alguns Icteridae. Também se alimentam em lugares semelhantes e dos mesmos

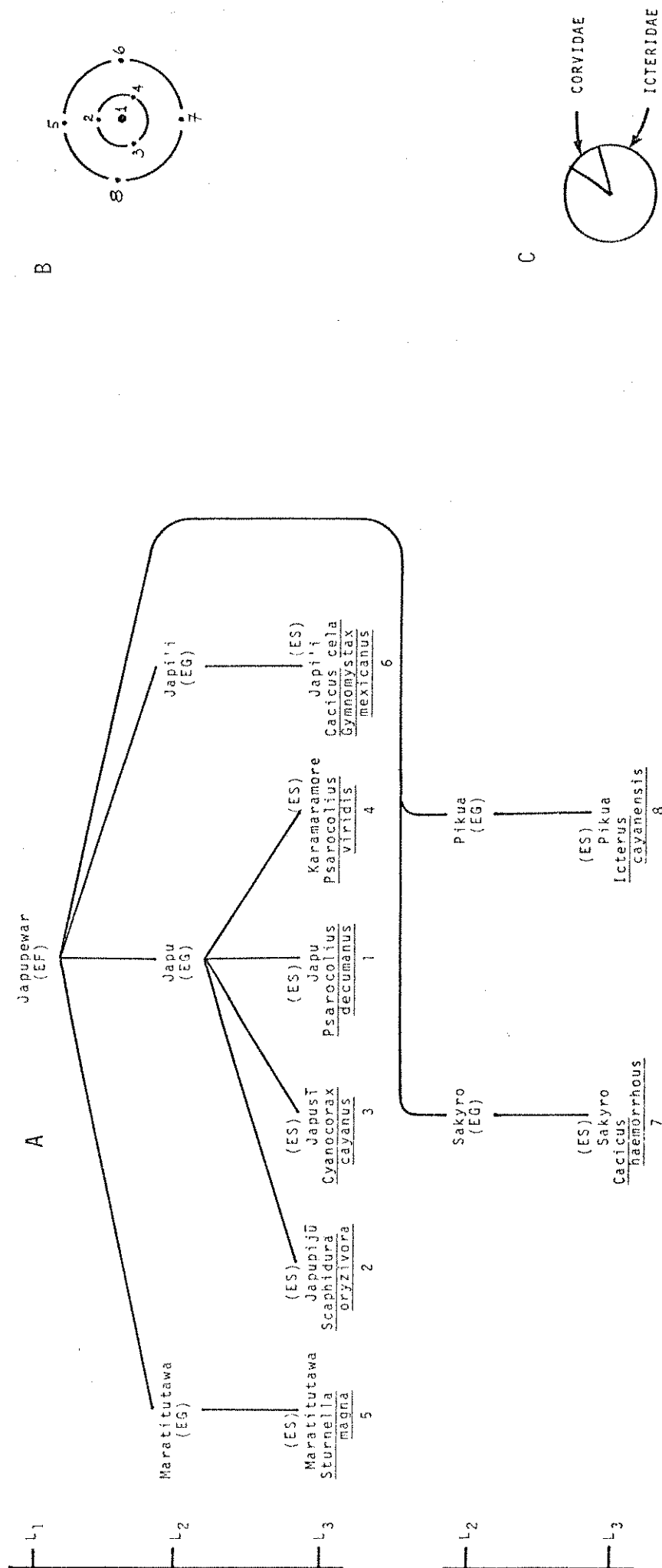


Figura 35. (A) Hierarquia linear da etnofamília Japupewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

itens — insetos e frutinhas. É por isso talvez que os Wayampi relacionam estas duas famílias. O nome indígena para a espécie é **japusī**, linguisticamente relacionado com o chefe da etnofamília **japu** (Psarocolius decumanus). O **japu** tem dois nomes; o outro é **karamaramore/karamore** que mostra, mais uma vez, que o nome específico não demonstra necessariamente o parentesco lingüístico.

Os etnogêneros são distinguidos por critérios morfológicos e pelo canto. **Japu** aparentemente inclui as aves maiores enquanto **japi'i** (Cacicus cela e Gymnomystax mexicanus) são os menores. **Sakyro** (Cacicus haemorrhous) e **pikua** (Icterus cayanensis) são muito diferentes das outras morfologicamente — boa razão de destacá-las nos seus próprios etnogêneros.

22. Wyrasīpewar [**wīlasī** (Grenand, 1980), **wyrasī** (Jarí)]

Esta etnofamília é grande e bastante heterogênea, com várias famílias científicas. São cinco famílias de duas ordens diferentes (vide Fig. 36): Anhingidae (uma espécie), Phalacrocoracidae (uma espécie), Cochleariidae (uma espécie), Threskiornithidae (três espécies) e Ardeidae (dez espécies). São reunidos porque todos se alimentam de peixe e vivem na beira dos rios ou lagoas. Os gêneros correspondem às famílias científicas da seguinte maneira:

Etnogênero

Família Científica

wyrasī

oko

mawari

wakara

Ardeidae

makorokoro

kawawa

Threskiornithidae

karara

Anhingidae

kunuwa

Phalacrocoracidae

arapapa

Cochleariidae

O chefe da etnofamília é **wyrasī**, Casmerodius albus, que é o maior e o mais branco dentre as espécies da etnofamília. A única etno-subfamília inclui todos os socós brancos — os mais semelhantes a **wyrasī**. Os outros etnogêneros se relacionam às descontinuidades naturais (vide acima).

23. Ypepewar

Ype corresponde basicamente à família científica Anatidae (patos), mas inclui também Anhima cornuta (Anhimidae), e Heliornis fulica (Heliornithidae) (vide Fig. 37). O chefe da etnofamília é Cairina moschata (arapono/ype). Eles se alimentam da mesma coisa — insetos e agrião.

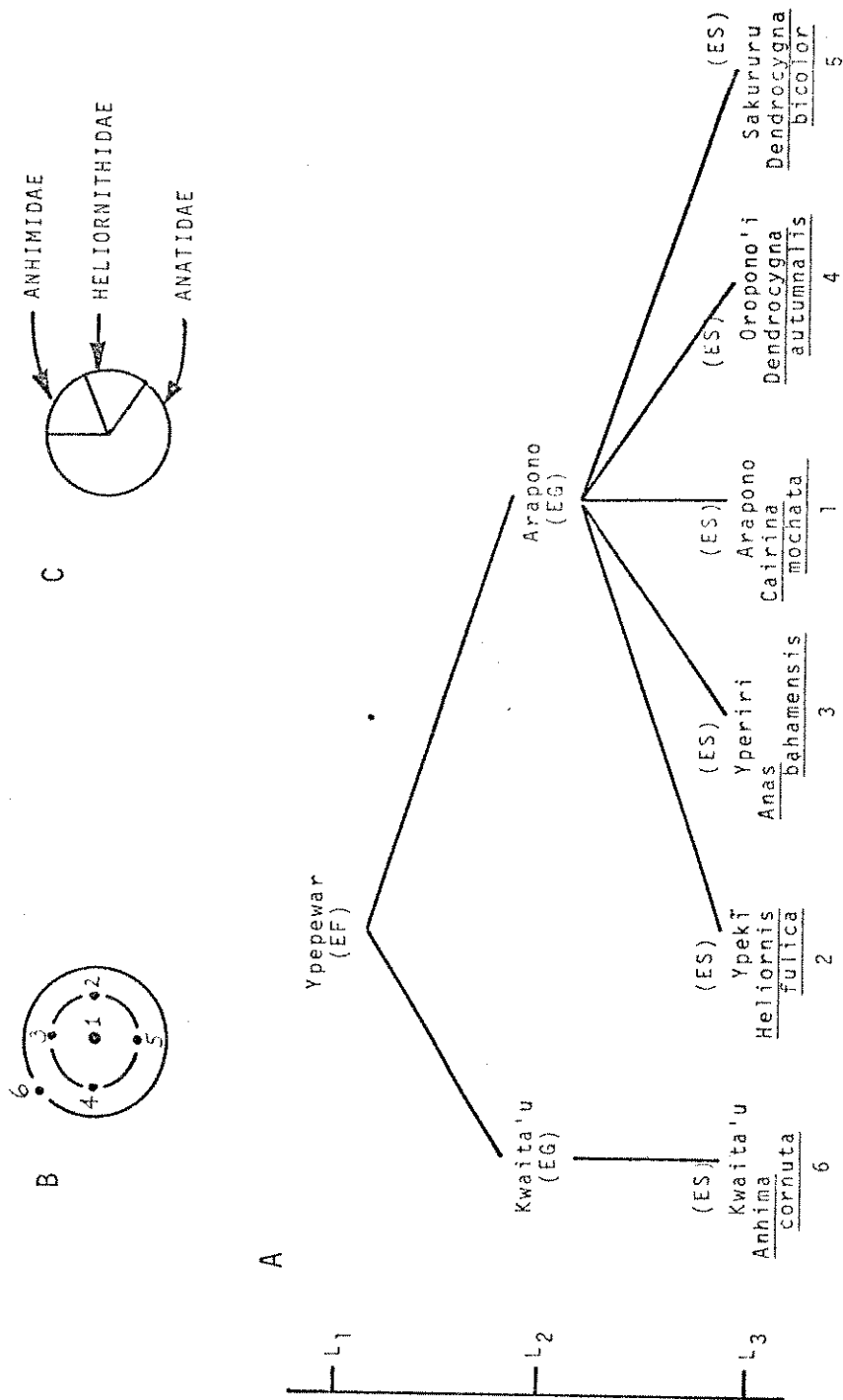


Figura 37. (A) Hierarquia linear da etnofamília Ypepewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

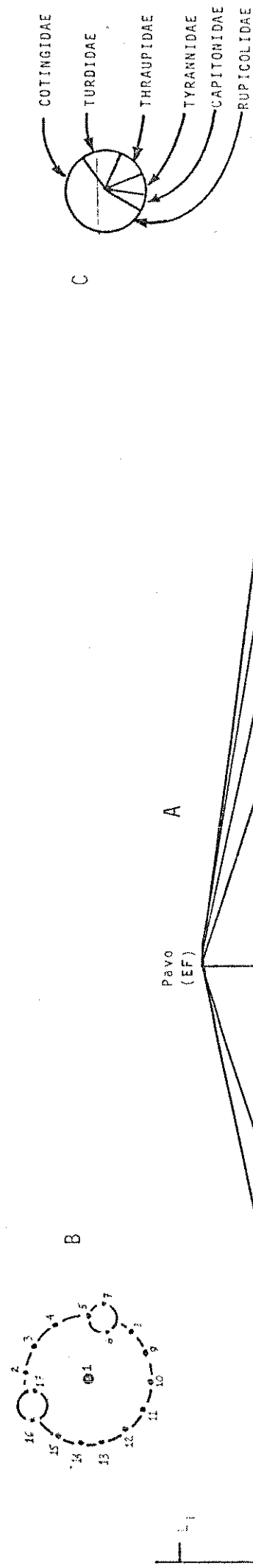
Anhima cornuta é destacada no seu próprio etnogênero, presumivelmente por motivo da morfologia. É o único membro da etnofamília sem pés palmados (não possui os dedos anteriores ligados por membranas inteiriças).

24. Pavopewar [pāwō (Grenand, 1980)]

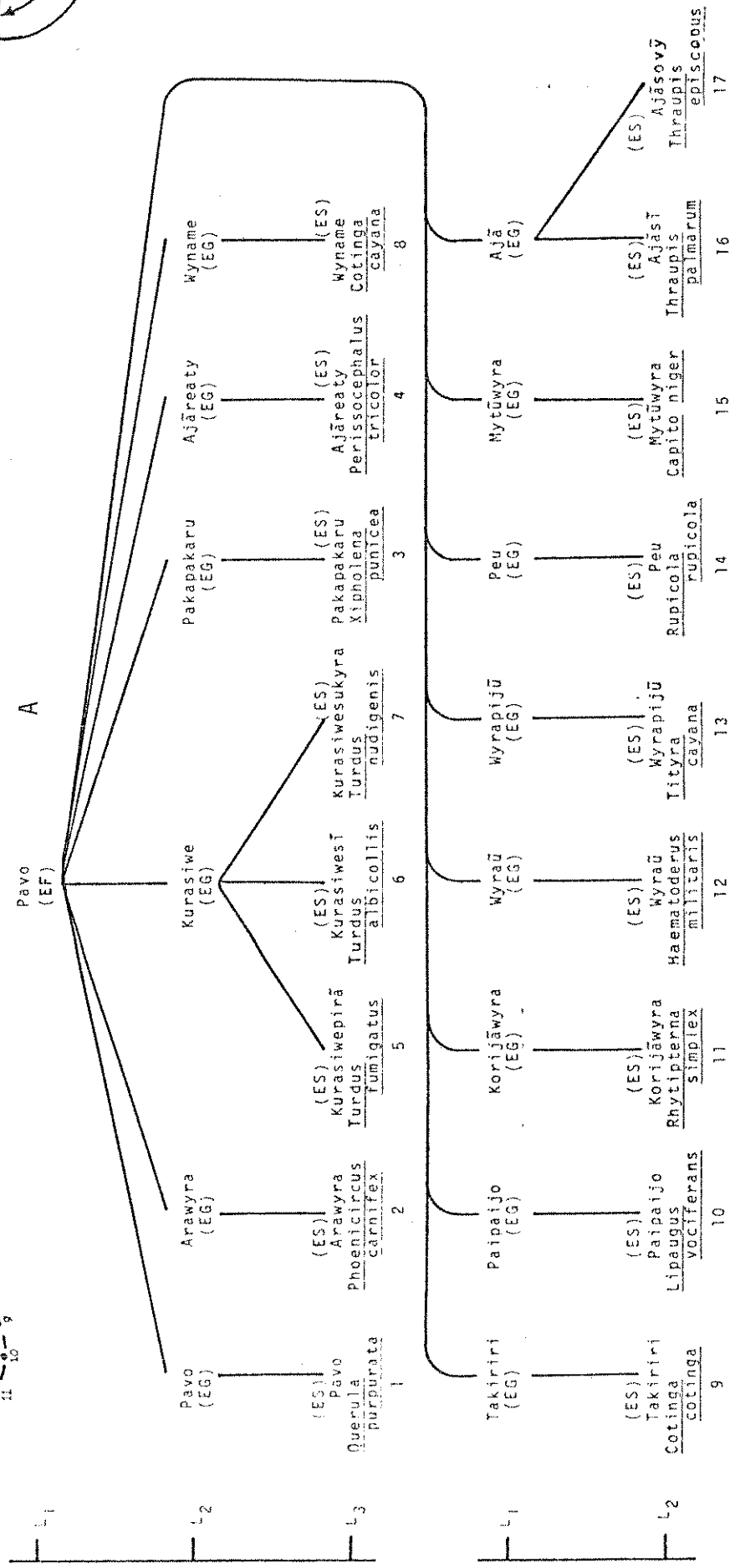
Esta etnofamília (Fig. 38) tem muito interesse para os Wayampi, principalmente porque as aves que a compõem se alimentam de açaí, mas também porque as plumagens de muitas delas são úteis na fabricação de adornos. Raramente os vi se alimentando da carne destas espécies. Parece que os **pavo** são caçados porque se alimentam de açaí e, em segundo lugar, por sua plumagem (normalmente a pele inteira, inclusive a cabeça).

A maior parte desta etnofamília vem da família científica Cotingidae, espécies que chamam a atenção por sua plumagem ou por seu canto; de modo geral não são espécies tímidas. Este fato, além do interesse gerado economicamente, poderia explicar a ausência de inclusividade dos etnonomes (um nome = uma espécie), e também explicar a razão por que há pouca confusão na identidade das espécies. Também são incluídas nesta etnofamília os Turdidae (sabiás), o gênero Thraupis (Thraupidae), um Capitonídeo, Capito niger, e o Rupicolídeo, Rupicola rupicola. Todos são oportunistas na época da açaí. O chefe da etnofamília é **pavo** (Querula purpurata).

Distinções entre as espécies são feitas por critérios morfológicos. **Ajāreaty** (Perissocephalus tricolor) destaca-se por ter um canto relacionado com o aspecto religioso.



C



A

B

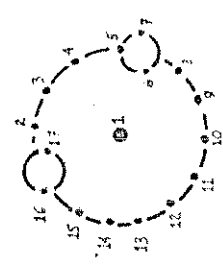


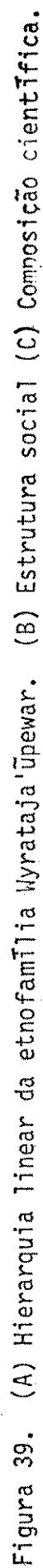
Figura 38. (A) Hierarquia linear da etnofamília Pavopewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

25. Wyrataja'ūpewar [wīratāyĩ (Grenand, 1980)]

A etnofamília **wyrataja'ū** contrasta com a etnofamília **pavo** em não se alimentar de açaí (Euterpe), mas somente de outras frutas. A família científica mais característica desta etnofamília é Thraupidae (75%) e o chefe é **wyrataja'ū**, Euphonia violacea (Gaturamo-verdadeiro) (vide Fig. 39). Os Thraupidae são aves de tamanho menor [13cm (9-16cm)] (Meyer de Schauensee & Phelps, 1978) que os Cotingidae [22cm (17-36cm)], o que poderia explicar de maneira puramente mecânica a divisão das duas etnofamílias. Os **wyrataja'ū** não conseguem engolir a semente do açaí (mais ou menos 1,5 cm de diâmetro). Quanto às outras famílias incluídas, Vireonidae e Parulidae também têm tamanhos menores (10-12cm), e o Cotingídeo Platypsaris minor (16,5cm) aparentemente prefere outras frutas — segundo Meyer de Schauensee & Phelps (1978), ela se alimenta de bagas e insetos.

As etnosubfamílias dissimuladas aparentemente englobam espécies de morfologias semelhantes. Algumas espécies do gênero científico Tangara se formam numa etnosubfamília. Também as Euphonia são agrupadas, os Vireonidae e três Thraupidae de gêneros diferentes, todos os quais têm faixas ou máscaras pretas sobre os olhos.

Essa é uma etnofamília que também, de modo geral, não oferece para os Wayampi confusão entre as espécies. Elas são espécies muito destacadas por terem cores espetaculares, encontradas nas áreas que os Wayampi frequentam, e procuradas por suas plumagens.



26. Tagarapewar [Tāngala (Grenand, 1980)]

Um dos informantes agrupou esta etnofamília junto com os **wyrapitawapewar** (próxima etnofamília). A maioria a deixou separada. É um agrupamento que tem seu próprio chefe, **tagarajywarā** (Manacus manacus) (Fig. 40). São destacados porque se alimentam de bagas perto do chão.

A etnofamília **Tagarapewar** tem correspondência direta com a família científica Pipridae, uma correspondência vista tanto pelo agrupamento quanto pelos fatores lingüísticos (todos têm nomes compostos de raiz, **tagara**). Uma das espécies de Pipridae (Tyrannneutes virescens) tem o nome **tagarasinei** (**tagara** = Pipridae, **sinei** = Tolmomyias spp. (Tyrannidae)], mostrando que esta espécie tem atributos de ser **tagara** ou **sinei**. Neste caso ela é classificada com as outras **tagara**. Entretanto, **aapimiti** (Neopelma chrysocephalum) é um Pipridae incluído mesmo com os Tyrannidae (vide Fig. 40). **Tagara** são pássaros procurados para a fabricação de adornos plumários.

27. Wyrapitawapewar

Esta etnofamília corresponde de modo geral aos Tyrannidae (bem-te-vi) e os Hirundinidae (andorinhas), mas também inclui um Bucconídeo, Chelidoptera tenebrosa, na mesma etno-subfamília com as andorinhas (vide Fig. 41). Estão contrastadas as espécies que se alimentam de bagas (principalmente) versus aquelas que se alimentam de insetos. Segundo Meyer de Schauensee & Phelps (1978), algumas espécies de Tyrannidae se alimentam de bagas (além de insetos). Por isso, há um fundamento potencial para tal agrupamento ao nível da etno-subfamília. Seria difícil provar a validade deste esquema, porque pouco é conhecido sobre a ecologia dos Tyrannidae da região; ainda mais, não

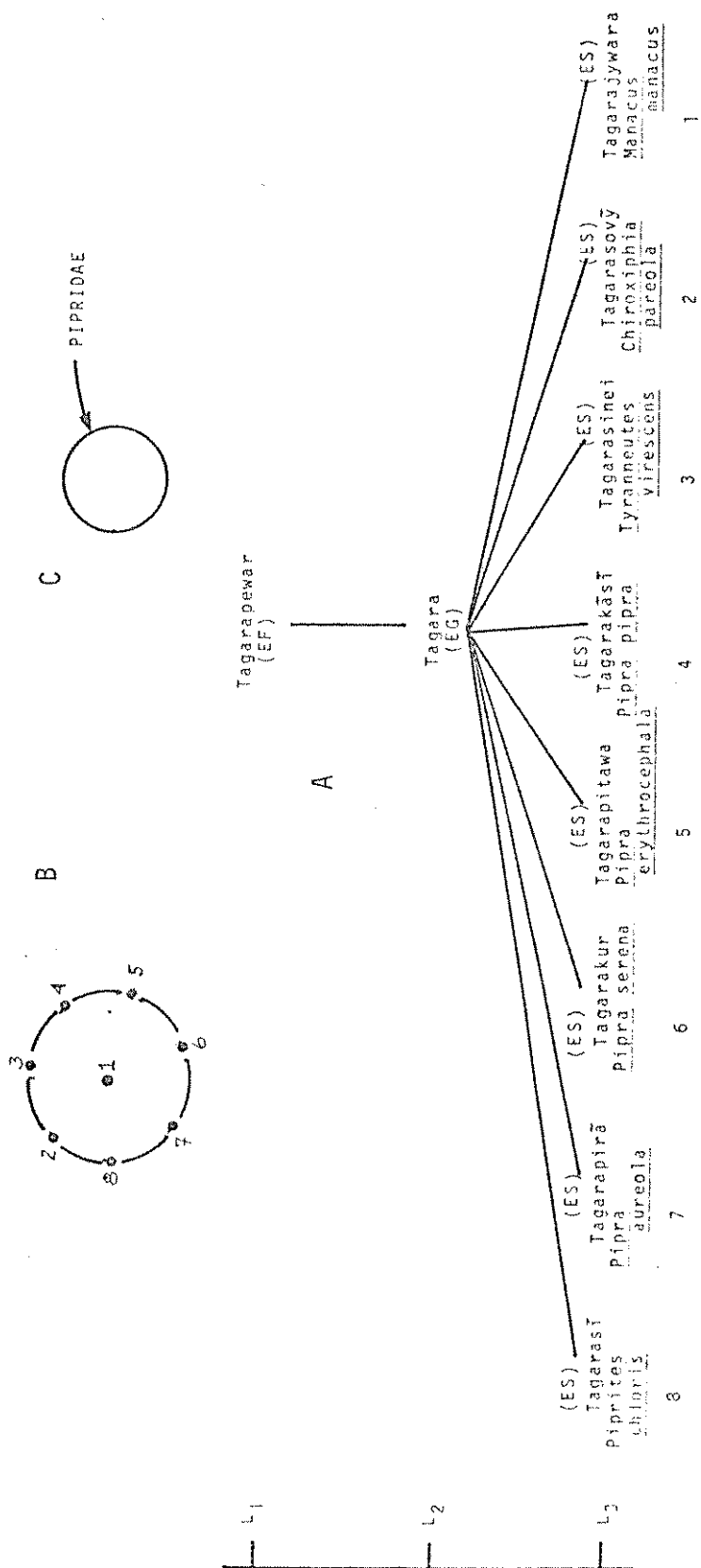


Figura 40. (A) Hierarquia linear da etnofamília Tagarapewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

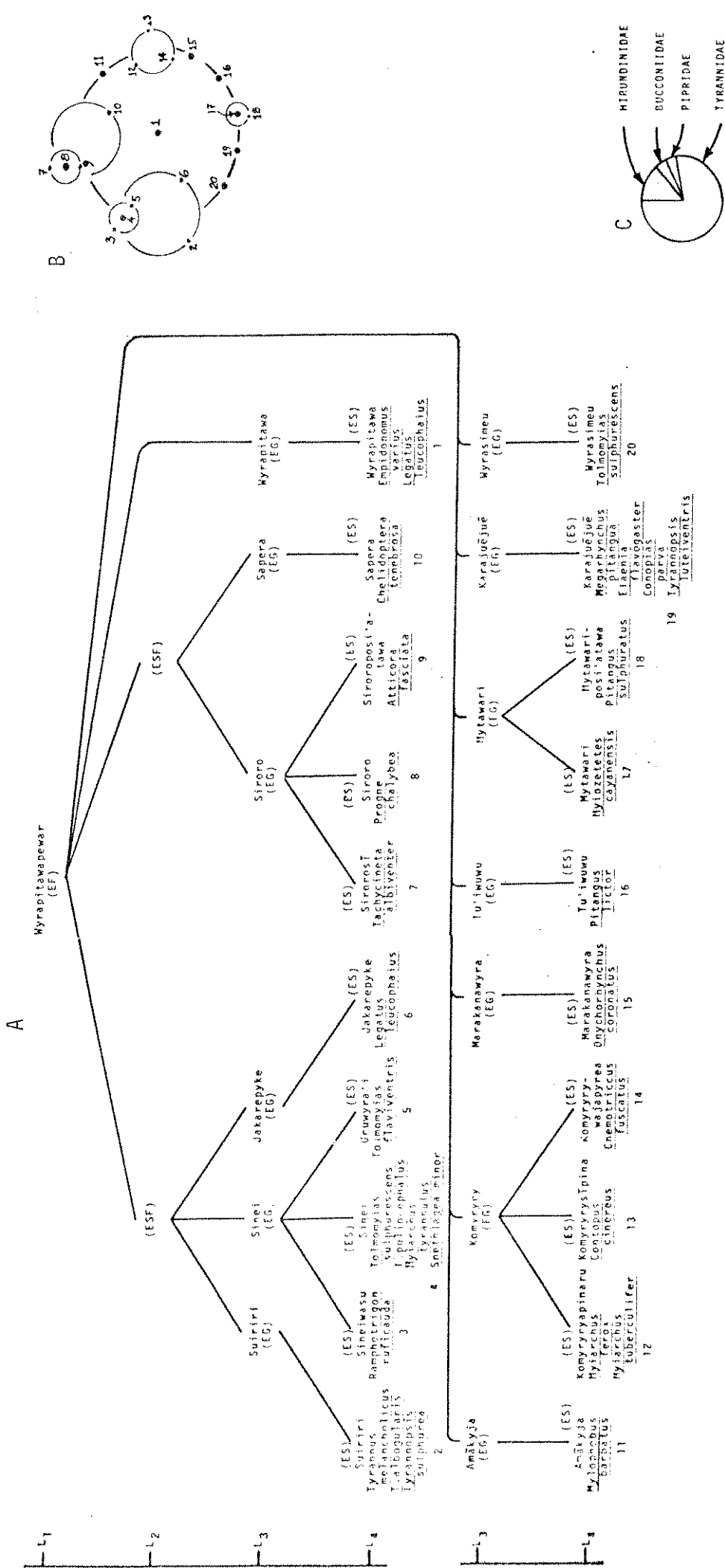


Figura 41. (A) Hierarquia linear da etnofamília Wyrapitawapewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

houve consistência entre os informantes sobre os componentes das duas etno-subfamílias.

Ao nível de etnogênero, a maioria dos nomes é onomatopéico, mostrando que para estas aves é muito mais fácil distinguir padrões de canto do que de morfologia, um fato evidente para qualquer pessoa que as estuda. É muito mais fácil procurar padrões entre os cantos dos Tyrannidae do que distinções morfológicas entre as espécies. Os Wayampi não caçam **wyrapitawa**, nem os procuram pela sua plumagem. Por isso, talvez, 50% das aves conhecidas sem confusão compartilham seu nome com outra espécie semelhante e não têm nomes próprios. Além dos pássaros apresentados na Fig. 41, há mais 14 espécies (30% dos Tyrannidae apresentados) freqüentemente e consistentemente confundidas entre os informantes.

28. Piriripewar [pilili (Grenand, 1980)]

Esta etnofamília se distingue dos **wyrapitawa** principalmente pelo ambiente onde se encontra — no chão da floresta ou no meio da moita ou vegetação rasteira. A maioria das espécies vem da família científica Formicariidae. O restante vem da família Tyrannidae, principalmente Todirostrum e Lophotriccus, que têm nomes próprios (vide Fig. 42). Três etnogêneros correspondem às descontinuidades científicas: **uruwa** corresponde aos gêneros Myrmothera e Grallaria (Tovacas); **wina** corresponde aos gêneros Formicarius e Myrmornis (pinto-do-mato) e **wyramaraka** corresponde ao gênero Todirostrum (Tyrannidae) (sebinhos). Um relacionamento (etno-subfamília) é feito pelos Wayampi consistentemente entre os **wina** (Formicarius), **wyrateãsi** (Gymnopathys rufigula), e **taokawar** (Pithys albifrons) por razão não verbalizada pelos Wayampi. No entanto, Gymnopathys freqüentemente é visto juntamente com Pithys e outros Formicariidae acompanhando correições de

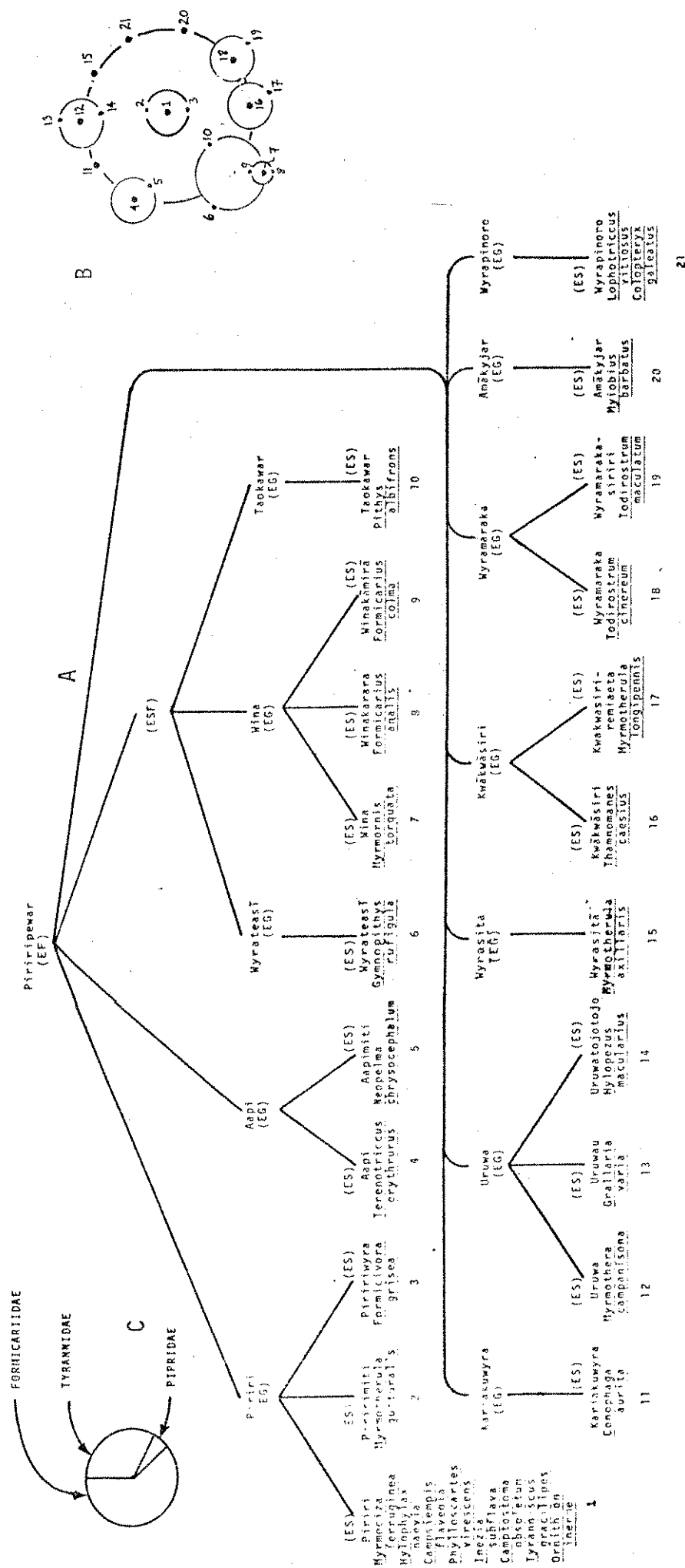


Figura 42. (A) Hierarquia linear da etnofamília Piripewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

formigas, se alimentando de outros invertebrados. Poderia ser que a etno-subfamília, neste caso, fosse feita cognitivamente por causa da associação habitual da presença física de umas espécies com as outras. **Piriri** (Myrmeciza ferruginea) é o chefe da etnofamília e é um nome onomatopéico. Abaixo do etnogênero, **piriri** há pelo menos nove espécies (Formicariidae e Tyrannidae) relacionadas com Myrmeciza pelo canto.

29. Sa'imāpewar

A etnofamília **sa'iman** correlaciona-se principalmente com a família Formicariidae, mas inclui também Furnariidae do gênero Synallaxis e todos os Troglodytidae (vide Fig. 43). Os Wayampi não verbalizam como este agrupamento é distinguido dos **piriripewar** ou dos **wyrapitawa**. Muitos se encontram no chão até a altura média da floresta e se alimentam de insetos. O chefe da etnofamília, **sa'iman**, Thamnophilus amazonicus, tem um canto esquisito e forte. As outras chocas (Sakesphorus canadensis, Cymbilaimus lineatus, e Taraba major com cantos do mesmo tipo) também fazem parte desta etnofamília.

A distinção entre os etnogêneros é feita principalmente por critérios morfológicos e de canto. Os Troglodytidae são unidos latentemente na mesma etno-subfamília e os Synallaxis são agrupados no mesmo etnogênero, pelo nome onomatopéico **teretere**.

Sietātā (Myrmotherula surinamensis) está relacionado ao nível da etno-subfamília com os Synallaxis, o que pode ser uma correlação cognitiva feita por motivo de associação de habitat. Meyer de Schauensee & Phelps (1978:207-8) diz que o Myrmotherula brachyura freqüentemente forrageia em bandos mistos de pássaros.

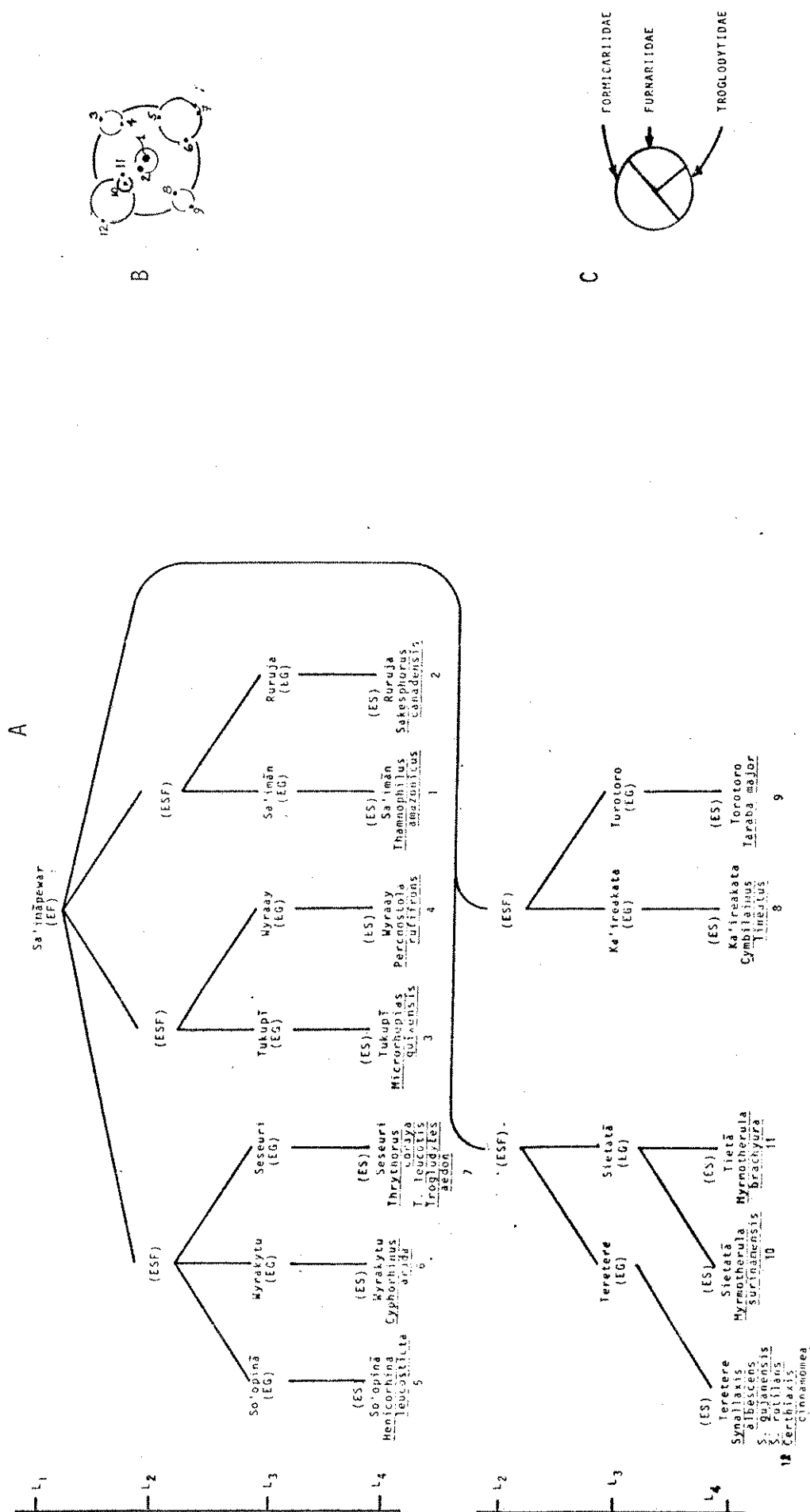


Figura 43. (A) Hierarquia linear da etnofamilia Sa'ima'pewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

30. Sīpewar [sī'ī (Grenand, 1980)]

Esta etnofamília tem correspondência com os Fringillidae e uma espécie de Parulidae, Granatellus pelzelni (Fig. 44). Os sīpewar se alimentam de insetos e a'āi (sementes). Distinção entre os etnogêneros é feita por motivo de canto, morfologia e de fatores ecológicos. Wyrasīato [wyrā (ave) ≠ sī (bico) + ato (grosso)], Oryzoborus crassirostris, também tem o nome avasiaky (avasi = milho), que é uma justaposição de canto e indicador de sua alimentação, que é o milho (Grenand, 1980). Às vezes kwākwāwa é dado também como o nome da etnofamília que identifica pássaros encontrados mais freqüentemente na grama (kwākwā = capim). O chefe da etnofamília é sīn (Saltator maximus).

F. Conclusões

Os Wayampi têm um sistema de classificação que pode ser visto num esquema hierárquico segundo o esquema apresentado por Berlin (1973). Assim, a maioria dos níveis hierárquicos são reconhecidos explicitamente (identificados por um nome), mas alguns são conhecidos implicitamente (latente) (sem nome).

O agrupamento mais genérico é chamado wyrā e corresponde diretamente à classe científica Aves. Brent Berlin (1973) chama este nível de etnoclasse ("life-form"), uma descontinuidade natural que muitos povos etnicamente diferentes reconhecem. Abaixo da etnoclasse, os Wayampi reconhecem trinta

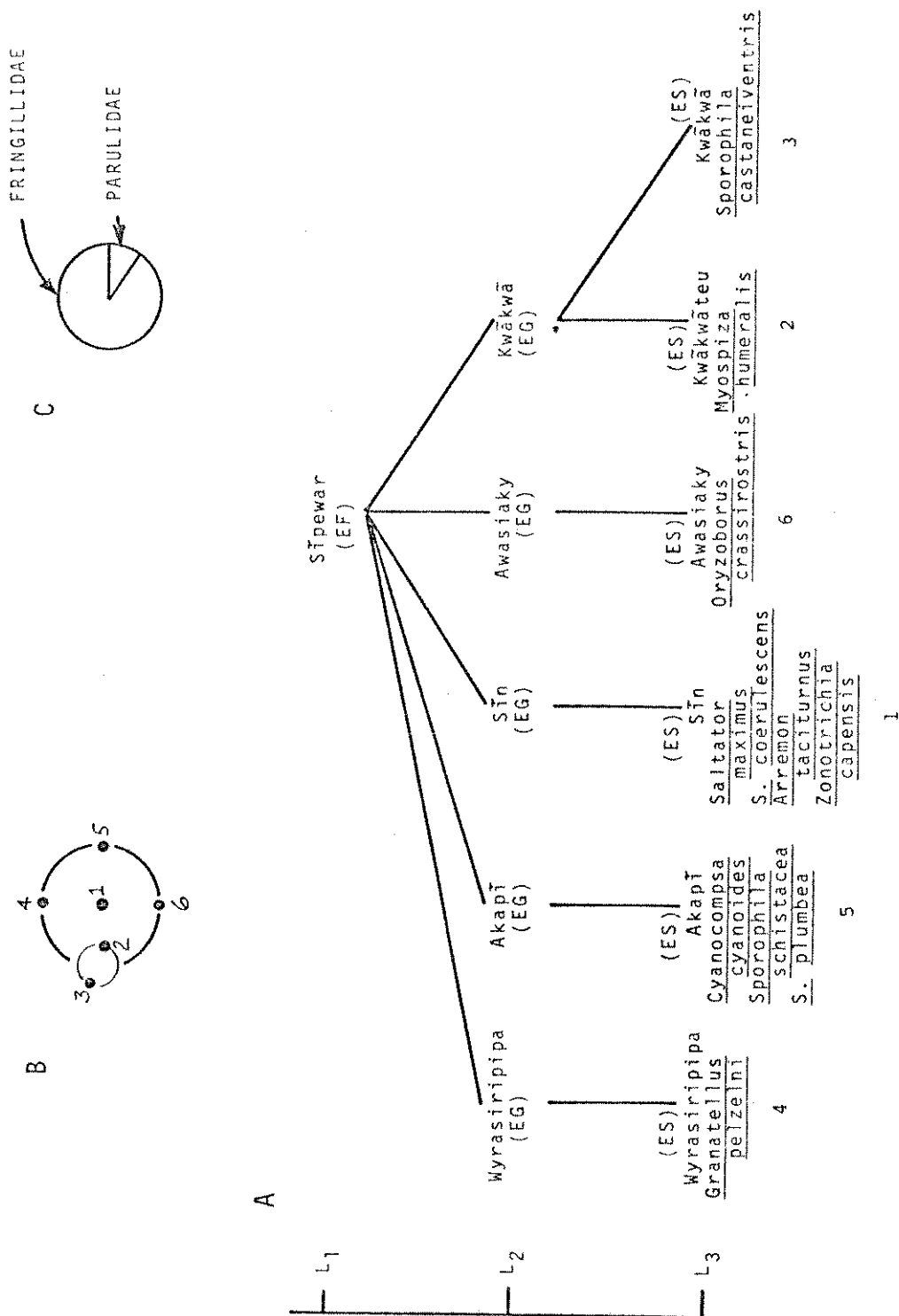


Figura 44. (A) Hierarquia linear da etnofamília Sĩpewar. (B) Estrutura social. (C) Composição científica.

descontinuidades que correspondem até certo ponto às famílias científicas de aves. Algumas dessas descontinuidades conformam ao que Berlin chama de "etnogênero", como por exemplo **tagara** (Pipridae), **wainumy** (Trochilidae) e **jawasi** (Alcedinidae). Entretanto, a maioria dos agrupamentos são mais genéricos do que o etnogênero e, de fato, reúnem agrupamentos de etnogêneros. Estou chamando esse tipo de agrupamento a "etnofamília", já que Berlin não designou nem reconheceu níveis entre "etnoclasse" e "etnogênero".

As etnofamílias são identificadas muitas vezes pelo nome de um chefe (uma espécie representativa ou padrão da etnofamília). É interessante que, para os Wayampi, a etnofamília é como uma família mesmo no sentido tradicional da palavra : o chefe é o centro da família e as outras espécies aparecem em distâncias variáveis do chefe. A etnofamília freqüentemente inclui mais de uma família científica de aves; são relacionadas por motivo de comportamento ou de alimentação junto com a morfologia superficial. Às vezes o chefe da etnofamília tem um nome etnoespecífico, inferior linguisticamente ao etnogênero. Isso mostra que o chefe não é visto de modo hierárquico, mas no mesmo nível que as outras espécies.

Exemplos de etnofamílias incluem **Piriripewar** com 12 etnogêneros (Tyrannidae 29%, Formicariidae 65%, Pipridae 6%), **wyrasīpewar** com 9 etnogêneros (Ardeidae 65%, Threskiornithidae 17%, Anhingidae, Phalacrocoracidae e Cochleariidae), **namupewar** com 3 etnogêneros (Tinamidae) e **ararapewar** com 13 etnogêneros (Psittacidae). Nos casos do **tagara** (Pipridae) e **wainumy** (Trochilidae), a etnofamília e o etnogênero são iguais. Ou seja, eles não incluem parentes distantes entre si.

Etnogêneros são distinguidos por motivo de canto, alimentação, habitat ou morfologia (vide Fig. 33). Na sua maioria, os nomes para os etnogêneros

são palavras simples ou complexas, mas normalmente não são compostos cumulativos (vide III.A.1.). Por critérios puramente lingüísticos, então, os nomes etnogenéricos não se encaixam no esquema de Berlin, no qual eles deveriam ser nomes simples. Todavia, de modo geral, os etnogêneros Wayampi encaixam-se bem no esquema de Berlin da seguinte maneira:

1. Muitas vezes (66%) eles são nomes terminais de agrupamento (descontinuidades). Quando, porém, o etnogênero não é o terminal, são incluídos nele as etnoespécies rotuladas com lexemas secundários, que, na sua maioria, são palavras compostas, uma das raízes sendo a do etnogênero.

2. São as mais numerosas de todas as etnocategorias no sistema Wayampi:

30	etnofamílias
19	etnosubfamílias
163	etnogêneros
2	etnosubgêneros
268	etnoespécies
4	etnosubespécies

3. São os agrupamentos mais proeminentes entre as categorias usadas.

As etnoespécies quase sempre são palavras compostas ou compostas cumulativas, uma das raízes sendo o termo para o etnogênero do qual faz parte. Todavia, há casos em que o nome da espécie é onomatopéico. Em alguns destes casos, foram dados espontaneamente dois nomes para a mesma espécie, um mostrando a relação lingüística e o outro, a onomatopéica. Outras vezes,

não há evidência lingüística nenhuma para a posição da etnoespécie, mas os Wayampi dizem o que é. Pode ser que a nomenclatura de algumas etnoespécies tenha mudado no passado e que o nome mostrando a relação lingüística tenha-se perdido após um tempo indeterminado de desuso.

A categoria de etno-subespécie é muito rara. Ela ocorre só entre os **wyrasīpewar** e **pekūpewar**, aves que os Wayampi não procuram por razão alimentícia, nem pela plumagem. Não há evidência de que a etno-subespécie exista com aves de alta importância para os Wayampi.

Parece haver mais uma categoria além da etnofamília, acima do nível de etnogênero, chamado aqui de etno-subfamília. Esse agrupamento normalmente identifica agrupamentos dentro de uma etnofamília conforme traços de comportamento (onde se encontra, de que se alimenta) ou de morfologia (vide Fig. 45). Na maioria das vezes é uma divisão cognitiva, mas latente (não identificada por palavra).

Porém, mesmo que o esquema possa ser visto de maneira hierárquica, é muito mais razoável ver as aves num esquema consistente com seu sistema social/político (vide Fig. 14). Assim, um agrupamento ou espécie não é visto sempre como superior ou inferior ao outro, mas ocupando distâncias variáveis de uma espécie nuclear, dependendo do grau relativo de contraste do chefe com as outras espécies na mesma família. Para exemplos, vide as Figuras 4-34, contrastando cada sistema de forma hierárquica com o mesmo em forma cultural integrante.

Os Wayampi transmitem informações a respeito das aves através da nomenclatura (vide III.A e B) e também do próprio sistema (vide III.C-E). Informações de comportamento são normalmente transmitidas nos níveis mais

genéricos (etnogênero e acima; vide Fig. 45). Divisões por canto são feitas ao nível do etnogênero até a etnoespécie, mas não ao nível da etnofamília nem da subespécie. Embora as divisões por fatores morfológicos ocorram em todos os níveis da hierarquia, há uma tendência para ser o único critério nas divisões mais específicas.

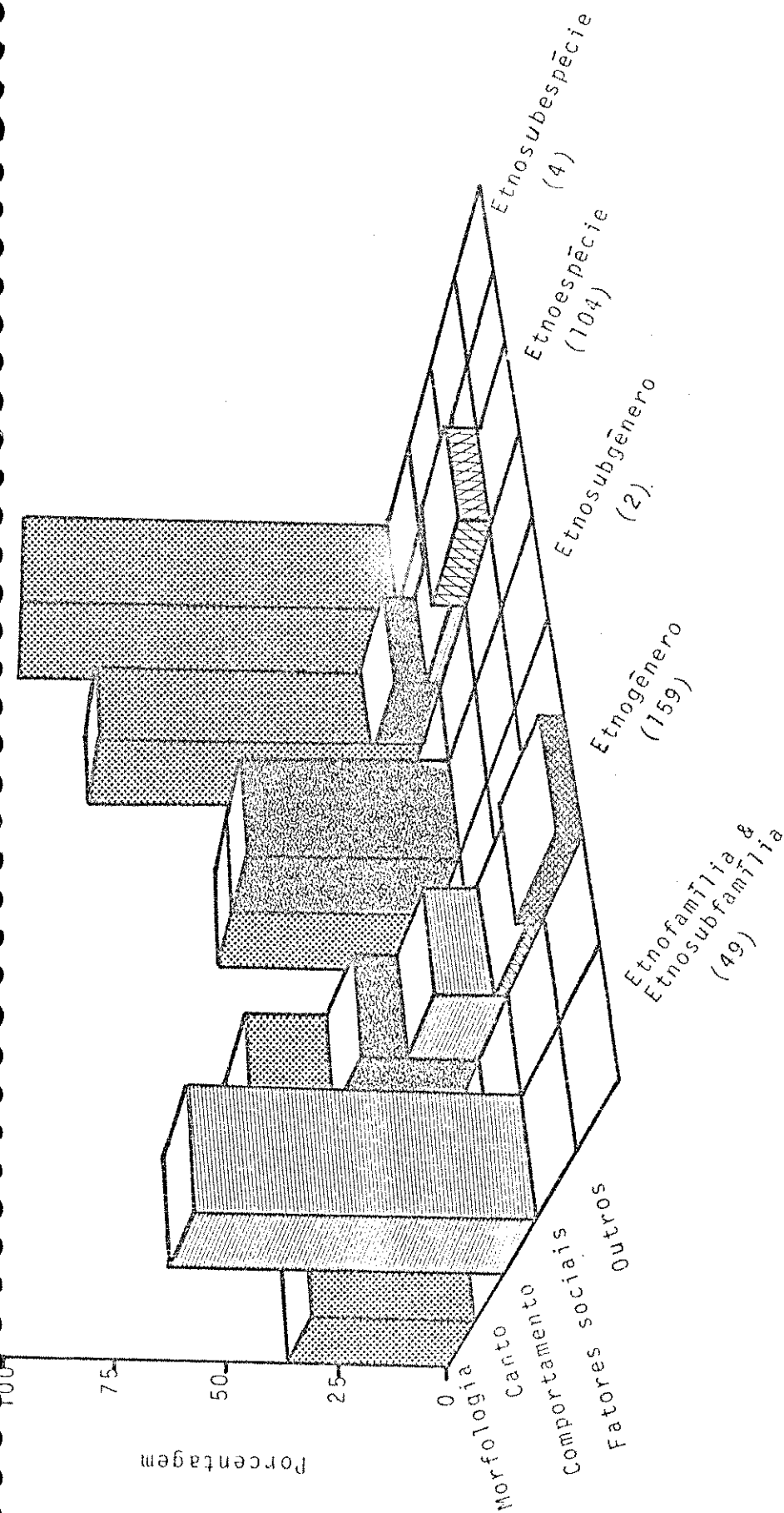


Figura 45. Importância relativa dos critérios de classificação aplicados pelos índios Wayampi nos diversos níveis taxonômicos. (número) = número de membros componentes da categoria

IV. Estudo Comparativo

A. Introdução

O sistema classificatório de aves usado pelos Wayampi tem vários aspectos em comum com os usados por grupos indígenas do tronco lingüístico Tupi considerados neste estudo. Estas similaridades são vistas tanto ao nível da nomenclatura quanto ao nível dos agrupamentos de aves reconhecidos. Por outro lado, os Apalaí, um grupo indígena não Tupi, mas Karib, mostram um sistema classificatório bastante afastado daqueles dos grupos Tupi. Isso também pode ser visto ao nível de nomenclatura bem como ao nível dos agrupamentos cognitivos que conhecem. O propósito deste capítulo é identificar as áreas de similaridade e dissimilaridade entre os grupos Tupi e chegar a uma conclusão sobre quais aspectos do sistema são característicos de povos desse tronco lingüístico.

B. Aspectos lingüísticos da nomenclatura

Os grupos Tupi têm a tendência de conservar a nomenclatura das aves (vide Tabela 2). Há 63 nomes etnogenéricos em Wayampi (40% do total) que são cognatos com pelo menos um outro grupo Tupi. A presença de cognatos aponta palavras com importância histórica na língua (a palavra foi conservada através do tempo). Vinte e oito das trinta etnofamílias em Wayampi têm pelo menos um membro com nome cognato com outra língua Tupi. Em 17 destas etnofamílias (63%), o nome do chefe (padrão) é o nome cognato. Parece, então, que a tendência não é somente para conservar a nomenclatura, mas também para preservar o padrão de características da família exemplificada no chefe.

Tabela 2. Os nomes de etnôgêneros cognatos entre quatro grupos do tronco linguístico Tupi. Na lista de nomes populares portugueses (Andrade, 1982) só são dadas para efeito de comparação, os de origem Tupi (em sua maioria empréstimos da língua Tupinambá, em alguns casos, também da Língua Geral Amazônica). (—) indica cognatos. (?) dūvida.

NOMES POPULARES	FAMÍLIA CIENTÍFICA	KAIWĀ	WAYAMPI	URUBU-KAAPOR	SATERE-MAWE
1. Inambu	Tinamidae	Ynambu —	Namu —	Inambu	
Sururina/Sovi		Xuri Kwakwa ?	Sui ?	Tururi	Urit'i
Macucaua			Makukawa		
2. Uru	Phasianiidae	Uru —	Uru —	Uru — ?	Ukuru'a
3. Cararā	Anhingidae		Karara —	Karara —	Karara
Socō	Ardeidae	Hoko —	Oko —	Soko —	Soko
Acarā			Wakara		
Mauari/Maguari	Ciconiidae		Mawari —	Magwari —	Mawari
Arapapā	Cochleariidae	Gwyraja'āi	Arapapa —	Arapapar	
4. Corō-corō	Threskiornith.		Makorokoro		Koroka
Ipeca	Anatidae	Ype —	Ype —	Ype —	Ypeka
Ipequi	Heliornithidae		Pekĩ —	Ypekĩ	
5. Urubu	Cathartidae	Yruvu —	Uruvu —		Urupu
				Yrapuru	Uruwu
				Yrapimbor	

Tabela 2. (cont.)

NOMES POPULARES	FAMÍLIA CIENTÍFICA	KAIWĀ	WAYAMPI	URUBU-KAAPOR	SATERE-MEWE
6.					
Uiraçu	Accipitridae	Gwyrandusu	Wyráu	Wyráhu	
Sovi		Syvi	Yvi		Hywi
Tauatō		Tagwato	Tawato	Tawato	Hau'atok'i
Nhapacanim		Japykani	Japakani	Japukani	
Caracarā-cancā		Karakara	Karakara		
Cacā			Kakā	Kakā	Kakay
			Tamā	Taman	
Tapena		Tapeny	Tapē		
Acauā		Makagwa	Moiwa		
Caure			Kaure		Kaure
Temtem		Teūteū	Eju'a	Araju'a	
Quiriquiri		Kirikiri			
Cujubi	Cracidae	Kujui	kujui		
Mutum		Mytū	Mytū	Mytū	Myi'ūpot
Aracuā		Jaku	Arakwā	Arakwā	Arakwā
Jacupemba		Jakupe		Jakupe	
7.					

Tabela 2. (cont.)

NOMES POPULARES	FAMÍLIA CIENTÍFICA	KAIWĀ	WAYAMPI	URUBU-KAAPOR	SATERE-MAWE
Jacutinga	Psophiidae Opisthocomidae	Jakutinga	Marai		
Jacamim			Jakami —	Jakamim	
Jacu Cigana			Jasana/ Maraira'aga		I'atina
Saracura	Rallidae	Sarakura —	Arakur —	Sarakur —	Taragku
Batuĩtuĩ	Scolopacidae		Kere'i —	Jekere'e	
Tēu-tēu			Matuĩtui —	Mytuitui	
Pocaçu	Columbidae	Teuteu —	Teāteā		
Juriti		Pykasu —	Pykau —	Pykahu —	Pykasu
Picuĩ		Jaruti —	Irusi —	Juruxi —	Urit
Arara	Psittacidae	Pyku'i —		Pyku'i	Myryhu
Maracanã		Gwa'a	Arara —	Arara	
Aruaĩ		Arua'i —	Araramarakana —	Arakana'i —	Ma'akana
Paraua-i/Curica		Parakau	Parawa —	Parawa	Kurika
Anacã				Anakã	
Ararauna				Ararauna	

Tabela 2. (cont.)

	NOMES POPULARES	FAMÍLIA CIENTÍFICA	KAIWĀ	WAYAMPI	URUBU-KAAPOR	SATERE-MAWE
13.	Curica					
	Jandaia					
	Anu	Cuculidae	Anu	Anu	Anū	Aiun'i
14.	Atingaçu/ Uirā-paje	Cuculidae	Tingasu	Asigau	Yrapaje	Tiku'a
15.	Urucurēia	Tytonidae	Urukure'a	Urukure'a	Urukure'a	Urukut
	Caborē	Strigidae	Kavore			Morehapetut
16.	Bacurau	Caprimulgidae		Wakyro	Wakura	Mukuray
	Urutau	Nyctibiidae	Yrutau		Uruta	
17.	Taperā	Apodidae	Mbyjujui	Myjū'i		
18.	Guainumbi	Trochilidae	Mainumbi	Wainumy	Inumy	
19.	Surucuā	Trogonidae	Suruku'a	Uruku'a	Suruku'a	Huruku'a
20.	Juruva/ Udu	Momotidae	Jyryi		Jyry	Huutuk'i
					?	
21.	Iaguaçati/ Ariramba	Alcedinidae	Jaravati	Jawasi	Wariranhū	Arirampa
22.	Macuru	Bucconidae	Sakururā	Akuru	Akuru	Hakuru'a
				Sapera/Tape	Tapera	

Tabela 2. (cont.)

NOMES POPULARES	FAMÍLIA CIENTÍFICA	KAIWĀ	WAYAMPI	URUBU-KAAPOR	SATERE - MAWE
23. Tucano	Ramphastidae	Tukā	Tukān	Tukan	Iukan
Araçari		Arasari		Arasari	
24. Ipecu	Picidae	Ypekū	Pekū		Ypekĩhit
Arapaçu	Dendrocolaptidae Furnariidae	Ypekūmbe	Oemya	Oambyha Arapasu	
25. Tovaca	Formicariidae		Wina	Winar	
Anambē			Uruwa	Uruwa	Turuwa
Pavō	Cotingidae		Wyname	Yname	Unaĩpe
27. Tangarā	Pipridae	Tangara	Tagara	Tagara	
28. Suiriri	Tyrannidae	Suiriri	Suiriri	Wiririhu	
Pitangüā		Pitāngwā	Pytawari	Pitawa	
			Wyrapitawā	Wyratawa	
29. Sabia-caraxuē	Turdidae	Koroxire	Kurasiwe		
30. Japu	Icteridae	Japu'i	Japu	Japu	
Japim		Japi'i	Japi'i	Japi'i	Tiapi'i

Tabela 2. (cont.)

NOMES POPULARES	FAMÍLIA CIENTÍFICA	KAIWÁ	WAYAMPI	URUBU-KAAPOR	SATERE-MAWE
Iraūna			Wyraū —	Wyraun —	Irauna — Ai'unwato —
31. Akaē	Corvidae	Aka'ē			
32. Sanhaço	Thraupidae	Sanhovy — Aratanhe'ē — Kapiāi	Ajāsovỹ — Wyrataja'ũ — Kapi'ĩ	Wajagyhowy — Wyrata'ĩg —	
33.	Fringillidae		Sĩn —	xĩg —	

Muitas vezes estes cognatos representam a mesma espécie (ou o mesmo gênero). Por exemplo, **kurasiwe** (Wayampi) é equivalente a **koroxire** (Kaiwá), referindo-se à família científica Turdidae. Outras vezes a inclusividade do nome muda. A palavra poderia referir-se a uma espécie em Wayampi, mas incluir aquela espécie junto com outras espécies semelhantes numa segunda língua, ou seja, tem sentido mais amplo. **Parawa** (Wayampi) se refere à Amazona ochrocephala, mas, entre os Urubu, **parawa** se refere a todas as espécies de Amazona. Poderia ocorrer também o contrário, em que um nome que se refere a um grupo de aves entre os Wayampi tenha sentido mais restrito entre outros grupos Tupi. **Tawato** (Wayampi) pode referir-se a todos os gaviões carnívoros enquanto que, entre os Urubu-Kaapor, se refere somente a três gêneros de gaviões; **japukani** vira o nome genérico para os carnívoros.

Existem casos em que os cognatos se referem a espécies ou gêneros diferentes. Entre os Kaiwá, **mbyjuijui** é o nome genérico para os Apodidae, mas em Wayampi, o cognato **myjũ'i** se refere aos Hirundinidae. O nome popular português para os Hirundinidae, **tapeira**, tem um cognato na língua Wayampi (**sapera** ou **tape**) que se refere à espécie Chelidoptera tenebrosa (Bucconidae). Os Wayampi incluem esta espécie junto com os Hirundinidae por razão de semelhanças de comportamento de voo.

Segundo Rodrigues (1983), o grau de diferenciação observável entre as línguas em dado momento é uma função do tempo decorrido entre o início da cisão entre seus falantes e o momento da observação. De modo geral essa diferenciação é feita levando em consideração critérios de fonologia e de gramática além de critérios de léxico. Somente por comparação dos números relativos de cognatos entre os grupos tupi será possível ver a correlação com o esquema de Rodrigues, em que o Wayampi e o Urubu-Kaapor são juntados no mesmo subconjunto lingüístico (p.12) e o Kaiwá é colocado num outro

subconjunto, dando o grau de maior diferenciação, sendo as três línguas componentes da mesma família lingüística (Tupi-Guarani). Por outro lado, o Sateré-Mawé faz parte de outra família, não Tupi-Guarani, mas ainda dentro do mesmo tronco Tupi, tendo critérios lingüísticos mais fracamente relacionados com os Tupi-Guarani. Segundo o número de cognatos da Tabela 1, as outras línguas neste estudo se comparam com o Wayampi da seguinte maneira:

Wayampi → Urubu-Kaapor → Kaiwá → Sateré-Mawé

em que Sateré-Mawé é o mais distante do Wayampi. Dos 63 cognatos que o Wayampi têm com os outros grupos Tupi, 49 (79%) são cognatos com os do Urubu, 33 (53%) são cognatos com os do Kaiwá e pelo menos 17, talvez até 25 (27-40%) cognatos com os do Sateré-Mawé.

Há muita diferença entre os Kaiwá e os outros grupos Tupi estudados aqui em termos de seu ambiente bem como de seu estilo de vida. Situados na zona subtropical do estado do Mato Grosso do Sul, os Kaiwá têm um número reduzido de espécies de aves em comum com as outras tribos estudadas aqui, apesar de que quase todas as famílias científicas terem representantes conhecidos na zona subtropical, bem como na zona tropical. Não se encontra nem Psophiidae (jacamim) nem Opisthocomidae (cigana) entre os Kaiwá. A tribo é principalmente de agricultores como nos outros grupos indígenas. Muitos têm emprego na economia nacional fora da aldeia. Isso não implica que os Kaiwá são menos sensíveis ao mundo vivo, mas que o grau de contato provavelmente é menor. As diferenças culturais bem como as diferenças ambientais poderiam explicar em parte por que o número de cognatos não é comparável com o dos Urubu (33 cognatos ao invés de 40-45). Todavia, um

estudo mais detalhado poderia revelar mais cognatos não encontrados neste estudo.

Os Sateré-Mawé aparentemente apresentam acentuada influência lexical da Língua Geral Amazônica (LGA) (Rodrigues 1983), uma língua Tupi-Guarani falada na sua região no passado. Algumas palavras emprestadas são relativamente fáceis de reconhecer segundo as mudanças lingüísticas conhecidas (Rodrigues, comunicação pessoal). Um exemplo, **ypeka** (Anatidae) tem vogal final como no nome popular em português ipeka, mas historicamente as vogais finais eram perdidas em Sateré bem antes do contato com a LGA. Outros cognatos não são empréstimos da LGA, como **urit** (Columbidae; rolinha) e **urukut** (Strigidae). Também o Sateré tem cognatos sobre os quais é difícil dizer definitivamente se se trata ou não de empréstimo. Por isso, o número de cognatos Sateré na Tabela 2 é mal definido (17-25). O número 17 inclui todos os cognatos que não são obviamente empréstimos. O número mais alto (25) não é considerado como o índice real de comparação de mudanças lingüísticas.

As vezes a evidência para a tendência de conservar o léxico pode ser vista através dos nomes populares em português. Há casos neste estudo em que o nome de uma ave não tem cognato entre os outros grupos Tupi, mas um cognato é encontrado entre os nomes populares do português que têm raízes Tupi, sugerindo que fez parte do patrimônio lexical Tupi. Crypturellus undulatus, por exemplo, tem o nome **makukawa** entre os Wayampi, mas não há cognato entre os outros grupos Tupi estudados. Entretanto, um nome popular da espécie é **macucauá**, registrado por Temninis no Rio Juruena em 1815 (Andrade, 1982:53). Também o Ptilerodius pileatus, conhecido pelo nome **wakara** entre os Wayampi, mas sem cognato entre os outros grupos Tupi neste

estudo, tem um cognato **acará** entre o patrimônio lexical de nomes populares (Andrade, 1982:9).

1. Tinamidae

O Kaiwá, o Wayampi e o Urubu compartilham o mesmo termo (**ynambu**, **namu**, **inambu**) com equivalência semântica: o nome se refere aos Tinamidae de modo genérico (nome da etnofamília) e também aos inambus maiores. As três tribos também têm em comum o nome que se refere aos inambus menores (**xurikwakwa**, **sui** e **tururi**), mas o Wayampi destaca o Crypturellus undulatus com o nome **makukawa** que é cognato e semanticamente equivalente ao nome popular em português (de origem Tupinambá) **macucauá** (Andrade, 1982).

O Sateré não tem nome cognato com os dos outros grupos estudados.

2. Phasianidae

Os Wayampi e os Urubu têm o mesmo nome para os Phasianidae (**uru**), o qual também é seu nome popular em português (Tupinambá). Se fosse registrado o nome em Kaiwá, deveria ser também **uru** ou talvez **yrú**. O nome em Sateré é **ukuru'a** que, embora mostre semelhanças, não pode ser tido como cognato.

3. Ardeidae, Threskiornithidae, Phalacrocoracidae, Anhingidae, Cochleariidae

Um termo que se estende a todos os quatro grupos tupi é o nome que se refere à maioria dos Ardeidae — **hoko** (Kaiwá), **oko** (Wayampi), **soko** (Urubu) e **soko** (Sateré). Possivelmente o cognato em Sateré é um empréstimo da LGA. Em

aditamento, há outros dois termos que o Sateré tem em comum com o Urubu e o Wayampi (**karara** e **mawari**) que naquele também poderiam ser empréstimos. Nomes bastante onomatopéicos são sempre duvidosos quanto à cognação. Por isso, o nome do Mesembrinibis cayennensis (**koroka** em Sateré) provavelmente não é cognato com o Wayampi (**makorokora**), apesar de referir-se à mesma espécie.

Wakara se refere em Wayampi à Pilherodius pileatus, que tem o cognato **acará** entre os nomes populares do português (Tupinambá).

4. Anatidae

Neste caso, todos os grupo Tupi têm nomes cognatos: **ype** (Kaiwá), **ype** (Wayampi), **ype** (Urubu) e **ypeka** (Sateré). É bem provável que o Sateré emprestou o cognato da LGA (nome popular, **ipecá**). Entre os Urubu, **ype** tem sentido mais restrito, referindo-se apenas aos Anatidae. **Johu** é o nome genérico para a família. **Oropono** se refere aos Anatidae em Wayampi, um nome emprestado dos Apalaí-Wayana (Karib). **Mareka** foi emprestado do português pelos Sateré e se refere a uma espécie, Dendrocygna bicolor.

5. Cathartidae

O Kaiwá, o Wayampi e o Sateré têm nomes cognatos: **yruvu** (Kaiwá), **uruvu** (Wayampi) e **urupu** (Sateré). Em aditamento, o Sateré aparentemente emprestou o nome **uruvu** da LGA, dando-lhe um raio semântico mais amplo, modificando o nome da etnofamília. **Urupu** se refere a Cathartes burrovianus. Os índios Urubu não têm nenhum cognato para os Cathartidae em comum com os outros grupos Tupi estudados.

6. Accipitridae/Falconidae/Pandionidae

O Wayampi tem dez cognatos com os outros grupos Tupi nesta etnofamília, todos também cognatos com os nomes populares (vide Tabela 2-6). **Tawato** é o nome genérico para os comedores de carne (segundo a definição que os Wayampi dão à carne — vide III.E.3 acima). Também **tagwato** tem o mesmo sentido entre os Kaiwá, apesar da definição de carne mudar um pouco. No entanto, entre os Urubu, **tawato** tem sentido mais restrito (Pandionidae) e entre os Sateré, **hau'atok'i** se refere às duas espécies de Spizaetus. Para os Urubu, **japukani** tem um sentido mais genérico, que o de seus cognatos nas outras línguas, tomando o mesmo lugar como **tawato** entre os Wayampi. **Hywi** é, em Sateré, o nome genérico que se refere aos carnívoros.

Gwyrandusu significa gaviões grandes em Kaiwá, mas em Urubu (**wyrahu**) e Wayampi (**wyrau**), seus cognatos, se referem ao Harpia harpyja, um sentido mais restrito. **Kaure** em Wayampi e Sateré refere-se a espécies diferentes de pequenos gaviões. É provável que este tenha sido emprestado da LGA pelos Sateré.

7. Cracidae/Opisthocomidae

O Wayampi têm quatro cognatos com outros grupos Tupi (ou com o Tupinambá; vide Tabelas 1-7 e 9). Kaiwá e Urubu têm três. O nome **arakwā** em Sateré é provavelmente uma palavra emprestada da LGA, equivalente semanticamente aos seus cognatos nos outros grupos Tupi por se referir à Ortalis sp.. É um nome bastante onomatopéico.

Marai é o nome para Penelope marail em Wayampi, mas os outros grupos Tupi incluem essa espécie entre os jacu, sem nome próprio. Como o nome científico mostra, **marai** é um nome conhecido fora da área indígena Wayampi. A cigana, Opisthocomus hoazin, tem dois nomes, um dos quais é **maraira'aga** ou "jacu-falso". O nome popular é jacu-cigana, sugerindo que os Tupi no passado também relacionaram a cigana com o jacu.

8. Psophiidae

O jacamim (Tabela 1-8) não ocorre na região em que os Kaiwá moram. **Jakami** (Wayampi) é cognato com **jakamim** (Urubu) e **jacamim** (nome popular de origem tupinambá).

9. Rallidae/Charadriidae/Scolopacidae

O Kaiwá, o Wayampi, o Urubu e o Sateré têm os nomes **arakura**, **araku**, **sarakur** e **taragku** respectivamente para os Rallidae (vide Tabelas 1-10). O raio semântico é semelhante entre estes grupos indígenas. **Uripe'i** às vezes parece permutável com a palavra **taragku** em Sateré. Os sentidos precisos das duas palavras são desconhecidos; talvez elas sejam intercambiáveis. **Matuitui** em Wayampi e **mytuitui** em Sateré são cognatos e se referem às mesmas aves — Scolopacidae, embora entre os Wayampi também se incluam as Charadriidae.

10. Columbidae

Há duas palavras cognatas entre todos os quatro grupos Tupi. **Pykasu** (Kaiwá), **pykau** (Wayampi), **pykahu** (Urubu) e **pykasu** (Sateré) se referem às pombas maiores (Columba), enquanto **jaruti** (K), **irusi** (W), **juruxi** (U) e **urit** (S) se referem às pombas menores. O raio semântico do **jaruti**, **juruxi** e **urit**

é mais restrito do que suas contrapartes cognatas em Wayampi. Em Kaiwá, Urubu e Sateré, estes nomes referem-se aos juritis (Geotrygon e Leptotila), enquanto **pyku'i** (K)(U) e **myryhu** (S) se referem às rolas (Claravis e Columbina). **Irusi** (W) tem raio semântico mais amplo, juntando as rolas e juritis. **Pykasu** (S) provavelmente foi emprestado da LGA pelos Sateré e parece ter um raio semântico mais restrito, ou pode ser que se refira às pombas (Columba) e seja intercambiável com **myryhuwato** (vide Apêndice 1).

11. Psittacidae

Há relativamente poucos nomes cognatos de aves na família Psittacidae. John Taylor (1981:14) observou que entre os Kaiwá não há nomes inclusivos, mas, sim, apenas nomes específicos, provavelmente porque todas as espécies têm gritos bastante característicos e, de fato, todos têm nomes onomatopéicos em Kaiwá. Todavia, entre os outros três grupos Tupi se encontram alguns nomes inclusivos e também alguns (mas poucos) cognatos, um dos quais (**arua'i**) é comum ao Kaiwá (vide Tabela 1-12).

Com respeito ao gênero Amazona, os Urubu têm só o nome **parawa** que se refere a eles, enquanto os Wayampi têm dois nomes, **parawa** e **kure**. Os Sateré, reconhecendo o mesmo agrupamento de aves, chamam-nos de **kurika**, idêntico ao nome popular (curica), que provavelmente foi emprestado da LGA e que, através do tempo, mudou o sentido de Amazona para Pionopsitta.

12. Anu (Cuculidae)

São cognatos os nomes em todos os quatro grupos Tupi.

13. Cuculidae

Tigasu (K) e asigau (W) são cognatos entre si e também com o nome popular *atingaçu* (vide Tabela 2). Um outro nome popular da LGA, *uirá-pajé*, que também se refere à *Piaya cayana*, é cognato com *yrapaje* (U), mas entre os Urubu, este nome tem sentido mais amplo, referindo-se a todos os Cuculidae menos os *Anu*.

14. Tytonidae/Strigidae

Todos os grupos Tupi têm um cognato em comum: *urukure'a* (K), (W), (U) e *urukut* (S). Em aditamento, o Kaiwá tem outro cognato (*kavore*) com um nome popular, *caboré*.

15. Caprimulgidae/Nyctibiidae

O Wayampi, o Urubu e o Sateré têm cognatos para os Caprimulgidae: *wakyro* (W), *wakura* (U) *mukuray* (S) e *bacurau* (português) (vide Tabela 2-16). Todos distinguem entre os Caprimulgidae e Nyctibiidae, para estes o Urubu tem o termo *uruta*, cognato com o nome popular português, *urutau*. O termo Kaiwá é também cognato (*yurutau*), mas seu domínio semântico aumenta-se para incluir os Caprimulgidae e os Nyctibiidae. Os nomes *pirakoko* (W) e *pirāpot'i* (S) são de origem desconhecida.

16. Apodidae/Hirundinidae

O nome para os Hirundinidae em Wayampi (*myjū'i*) é cognato com o nome para os Apodidae em Kaiwá (*mbyjuijui*). O nome popular para os Apodidae

(**taperá**) é o nome Wayampi e Urubu para uma espécie de *Bucconidae*, *Chelidoptera tenebrosa*, que pelo menos os Wayampi incluem junto com os *Hirundinidae* (vide Tabela 2:17 e 23).

17. Trochilidae

O Wayampi e o Urubu têm cognatos — **wainumy** (W) e **inumy** (U) que se referem aos Trochilidae (Tabela 2:18). De onde veio o nome **xirino** em Kaiwá é desconhecido pelo autor. Espécies de *Galbulidae* também estão incluídas entre os beija-flores (por exemplo, vide Taylor, 1980:11). Entretanto, os Kaiwá distinguem os hábitos diferentes dos beija-flores das dos arirambas. Esta idéia de juntar os beija-flores e as arirambas aparentemente é bem Tupi, como é evidenciado pelos nomes populares brasileiros [beija-flor-da-água, beija-flor-grande, guainumbiguaçu (Andrade 1982:16)].

18. Trogonidae

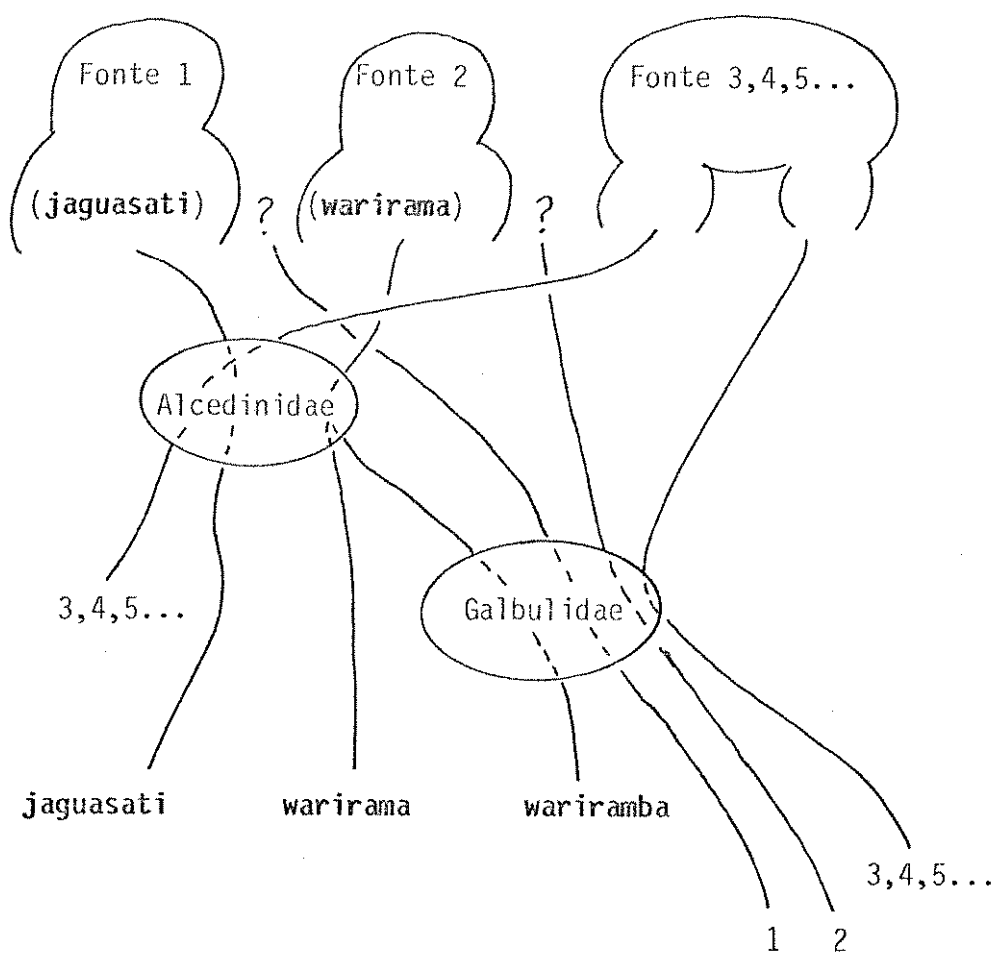
Todos os grupos Tupi compartilham cognatos com o português (de origem Tupinambá); **suruku'a** (K), **uruku'a** (W), **suruku'a** (U) e **huruku'a** (S). Entre os Wayampi **tarukuruku** se refere à *Trogon melanurus*. Então lexicalmente **uruku'a** é mais restrito, ainda que semanticamente é equivalente aos outros cognatos Tupi.

19. Momotidae

O Urubu tem cognato (**jyry**) com o nome popular em português **juruva**. Talvez a palavra dos Sateré também seja cognato **huutuk'i**.

20. Alcedinidae

Parece que, com respeito aos Alcedinidae, havia um tempo no passado em que pelo menos alguns Tupi juntaram Galbulidae a Alcedinidae (provavelmente por razão de aparência ou comportamento). Isto está evidenciado pelo fato de que um nome popular das duas famílias é **ariramba** ou **uarirama** (Andrade, 1982). Os Sateré e Urubu têm cognatos com este nome: **wariranh**u (U) e **arirampa** (S), mas se refere estritamente aos Alcedinidae. Um outro nome popular de raiz Tupi é **iaguaçati**, que é provavelmente cognato do nome Kaiwá (**jararatig**) e Wayampi (**jawasi**). Parece que a história dos nomes era assim:



1,2,3,4,5... = (karamama, ajaratyhu,
tynỹ, hutuk'i...)

21. Bucconidae

Os quatro grupos Tupi têm nomes cognatos com traços semânticos semelhantes (provavelmente iguais). Não se sabe como os Kaiwá classificam o Chelidoptera tenebrosa, mas provavelmente ela está excluída dos **sakururã** (K) como nos outros grupos Tupi.

22. Ramphastidae

Os quatro grupos Tupi têm nomes cognatos que têm traços semânticos iguais. Os Wayampi mudaram o nome dos araçarís para **pyni**, um nome onomatopéico de origem desconhecida, apesar de eles manterem os araçarís cognitivamente separados dos tucanos. Os Sateré também fazem esta distinção, apesar de o nome dos araçarís mudar através dos tempos.

23. Picidae/Dendrocolaptidae/Furnariidae

O nome genérico para os picapaus (arapaçu) se limita aos Dendrocolaptidae inclusive as Furnariidae, do gênero Xenops, para os Wayampi e Tupinambá. Pelo contrário, o cognato (**arapasu**) em Urubu se refere também aos Picidae e Dendrocolaptidae.

Ypekū (K) e **peku** (W) são cognatos com **ipeku** (nome popular) e têm alcances semânticos semelhantes. Em princípio se referem a todos os Picidae e alguns Dendrocolaptidae, embora o nome da etnofamília inclua todos os Dendrocolaptidae e, para os Wayampi, duas espécies de Furnariidae. O cognato do Sateré (**ypekĩhit**) se refere somente aos dois gêneros de Dendrocolaptidae (Dendrocincla e Glyphorhynchus), sendo **he'apot'i**, o nome da família, o qual

se refere principalmente aos Picidae; **yrypoipoi** se refere aos Dendrocolaptidae de modo geral.

Oemya (W) e **oambyha** (U) têm traços semânticos diferentes, apesar de as espécies fazerem parte da mesma etnofamília.

24. Formicariidae

Entre os Formicariidae, os Wayampi e Urubu compartilham entre si dois cognatos com traços semânticos iguais. **Wina** (W) e **winar** (U) identificam as espécies de pinto-do-mato, Formicarius e Myrmornis torquata, aves de comportamento e morfologia semelhantes — uma descontinuidade natural. Os Sateré também destacam o gênero, mas não com um cognato. As tovacas e torom-torons são destacados por cognatos entre os Wayampi (**uruwa**), Urubu (**uruwa**) e Sateré (**туруwa**) com traços semânticos semelhantes.

25. Cotingidae

Os cognatos **wyname** (W), **yname** (U) e **unaĩpe** (S) se referem à mesma espécie, Cotinga cayana. O nome popular em português de origem Tupinan |bá também é cognato (anambé), apesar de ter traço semântico mais amplo, referindo-se a quase todos os Cotingidae.

Pavo, que se refere à Querula purpurata em Wayampi é cognato com o nome popular **pavó**, que se refere a Pyroderus scutatus. **Pavo** é um nome onomatopéico em relação ao Querula purpurata. Então, sua aplicação para Pyroderus scutatus deve ser uma mudança subsequente.

26. Pipridae

Os **tangara** são destacados como uma etnofamília em todos os grupos indígenas Tupi considerados neste estudo e os nomes em Kaiwá (**tangara**), Wayampi (**tagara**) e Urubu (**tagara**) são cognatos.

27. Tyrannidae

De modo geral é difícil estabelecer o traço semântico exato dos nomes dos passeriformes. Isto é porque muitas vezes os critérios para a distinção são complexos, os agrupamentos mais inclusivos e os aspectos morfológicos menos óbvios. Os informantes são menos conclusivos nas suas determinações das fronteiras dos passeriformes cuja morfologia não é distinta:

Há pelo menos quatro nomes em Wayampi que são cognatos dos de outros grupos Tupi. **Suiriri** e **wiriri** são cognatos com **suiriri** em Kaiwá e **wiririhu** em Urubu, referindo-se às espécies de Tyrannus entre os Urubu e Wayampi, mas incluindo os Myiarchus nos Urubu. Provavelmente o nome em Kaiwá tenha traço semântico mais amplo também, pois o nome popular **suiriri** se refere aos Tyrannus, Machetornis, Satrapa, Sublegatus e Suiriri e até outros gêneros (Andrade, 1982:83).

Não se sabe com certeza se **pytawari** e **mytawari** em Wayampi sejam cognatos de **pitawã** em Urubu-Kaapor e **pitagwã** em Kaiwá; se referem ao mesmo gênero, Pitangus (o nome latim do gênero).

Wyrapitawa em Wayampi é cognato com **wyratawa** em Urubu, e se refere aos Myiopagis. O nome popular é Cucurutado.

28. Turdidae

Os Turdidae compõem uma descontinuidade reconhecida por todos os grupos Tupi e identificados por nomes aparentemente cognatos entre os Kaiwá (**koroxire**) e os Wayampi (**kurasiwe**). Um nome popular para os Turdidae também parece ser cognato (**caraxué**).

29. Icteridae

Em relação às espécies de Icteridae, há três cognatos em Wayampi com o Urubu, dois deles com o Sateré. Os três também têm cognatos nos nomes populares. **Iraūna** (S) presumidamente foi emprestado da LGA e se refere em todas as línguas neste estudo à mesma espécie Scaphidura oryzivora.

30. Thraupidae

O Wayampi tem dois cognatos que se referem às espécies de Thraupidae. O primeiro, **ajāsovỹ**, se refere a uma espécie de Thraupis (**ajā** sendo o nome genérico) enquanto **wajagyhowy** se refere ao resto do gênero Thraupis. Duvidosamente **sanhovy** (K) é um cognato, mesmo que se refira ao mesmo gênero (Taylor 1980:15).

31. Fringillidae

Kapiaĩ em Kaiwá se refere à espécie Volatinia jacarina, enquanto o cognato em Wayampi, **kapi'ĩ**, é o nome genérico para todos os passarinhos granívoros. **Sĩn** em Wayampi e **xig** (U) se referem à mesma espécie — Saltator maximus, e é um nome onomatopéico do grito.

C. Componentes da etnofamília e observações sobre os sistemas classificatórios Tupi

Conforme a Fig. 46, existem três aspectos que distinguem os três grupos Tupi do Apalaí (Karib):

1. De modo geral, em Apalaí não há nomes para a identificação dos agrupamentos reconhecidos cognitivamente; digo "reconhecidos" porque os Apalaí agrupam as aves, com facilidade, em descontinuidades semelhantes às usadas pelos grupos Tupi. As relações entre as aves são representadas por meio de fatores lingüísticos também, mas como os Apalaí não apresentam um sistema de chefes e subordinados entre a avifauna, também não existe este ponto de referência verbal. Parece que os agrupamentos cognitivos são mais encobertos (não verbais). Isso concorda com as observações feitas por Edward e Sally Koehn, lingüistas trabalhando entre os Apalaí há mais de vinte anos (comunicação pessoal).

2. Alguns agrupamentos mostram que os Apalaí identificam comparativamente menos espécies do que os grupos Tupi, notavelmente os Falconiformes (quase a metade das espécies identificados pelos grupos Tupi), Picidae/Furnariidae, Trochilidae, Icteridae, Alcedinidae e também, como o Apêndice 1 sugere, as aves passeriformes. Podemos supor que um sistema com pequeno número de nomes genéricos provavelmente terá uma capacidade mais reduzida de armazenar eficientemente o vocabulário. Talvez por isso, os Apalaí tenham apenas cerca de 170 nomes distintos na sua nomenclatura para a avifauna em contraste com cerca de 270 para os grupos Tupi. O número 170 (Apalaí) é mais semelhante ao número de nomes etnogenéricos dos Wayampi (157) que sugere um limite máximo de nomes completamente distintos dos outros.

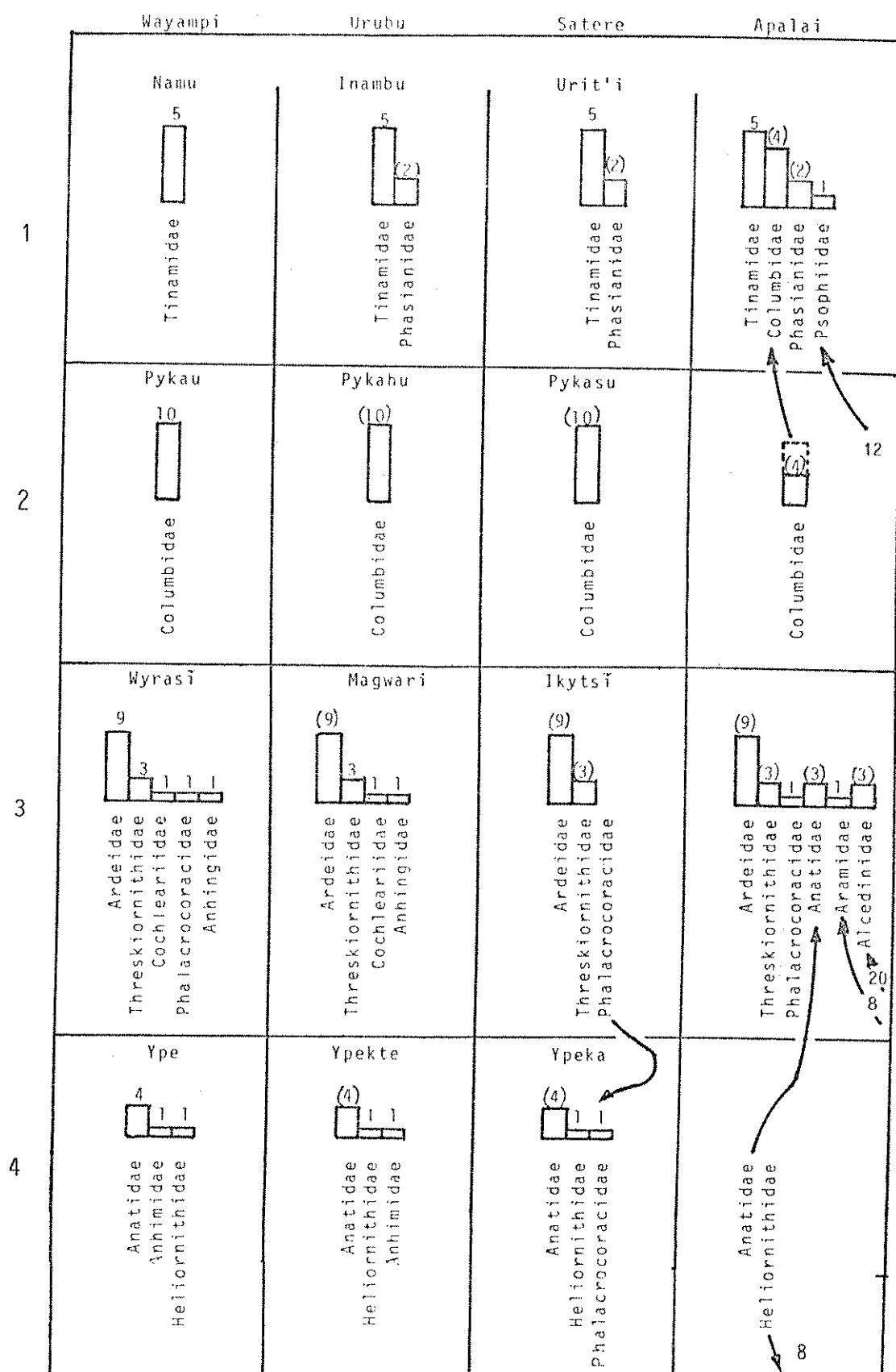


Figura 46. Contraste de conteúdo e de número de espécies conhecidas por nome de algumas etnofamílias entre os Wayampi, Urubu-Kaapor, Sateré-Mawé e Apalai. (n) indica uma figura irresoluta. Flechas indicam deslocamento de famílias científicas

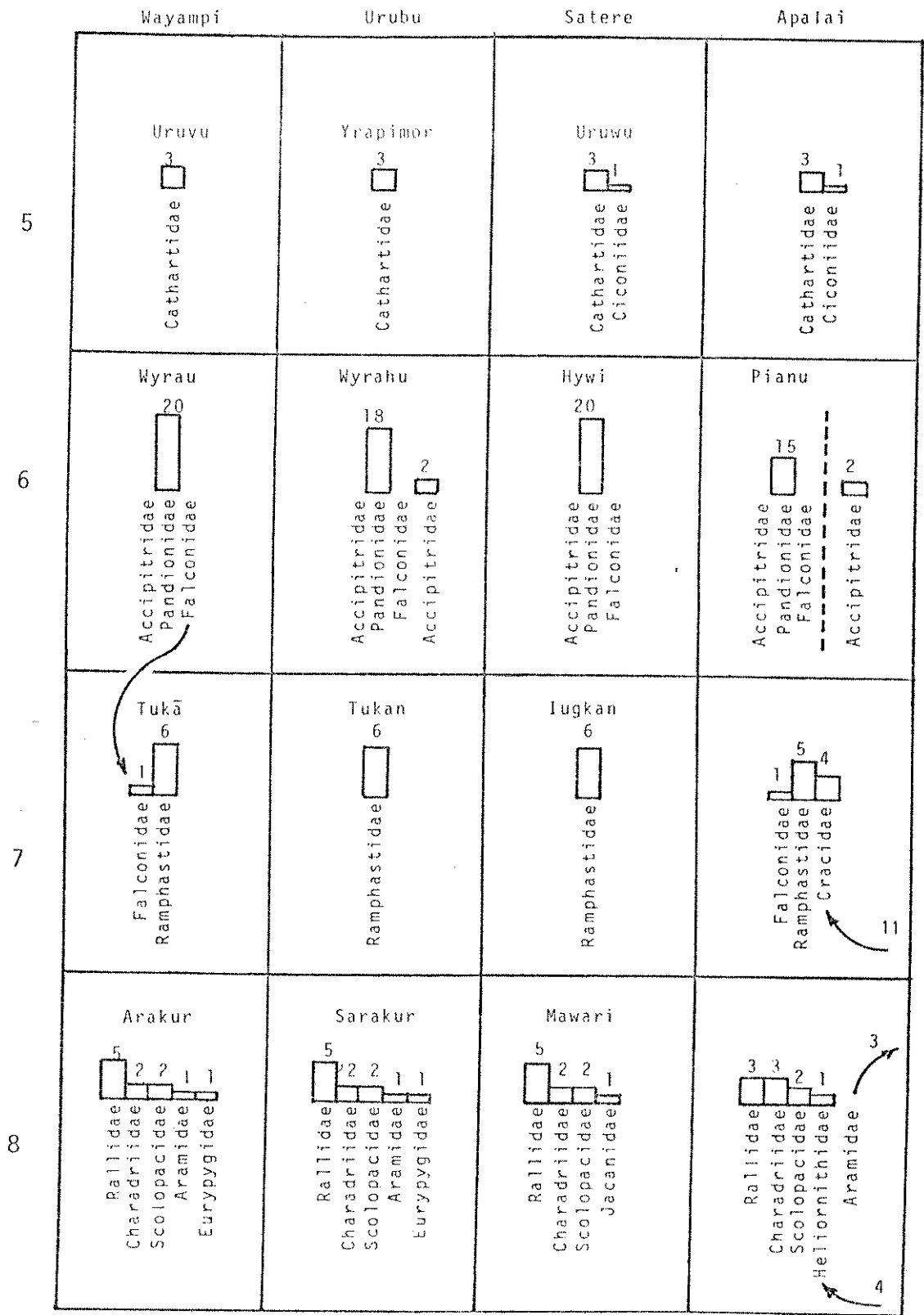


Figura 46. (cont.)

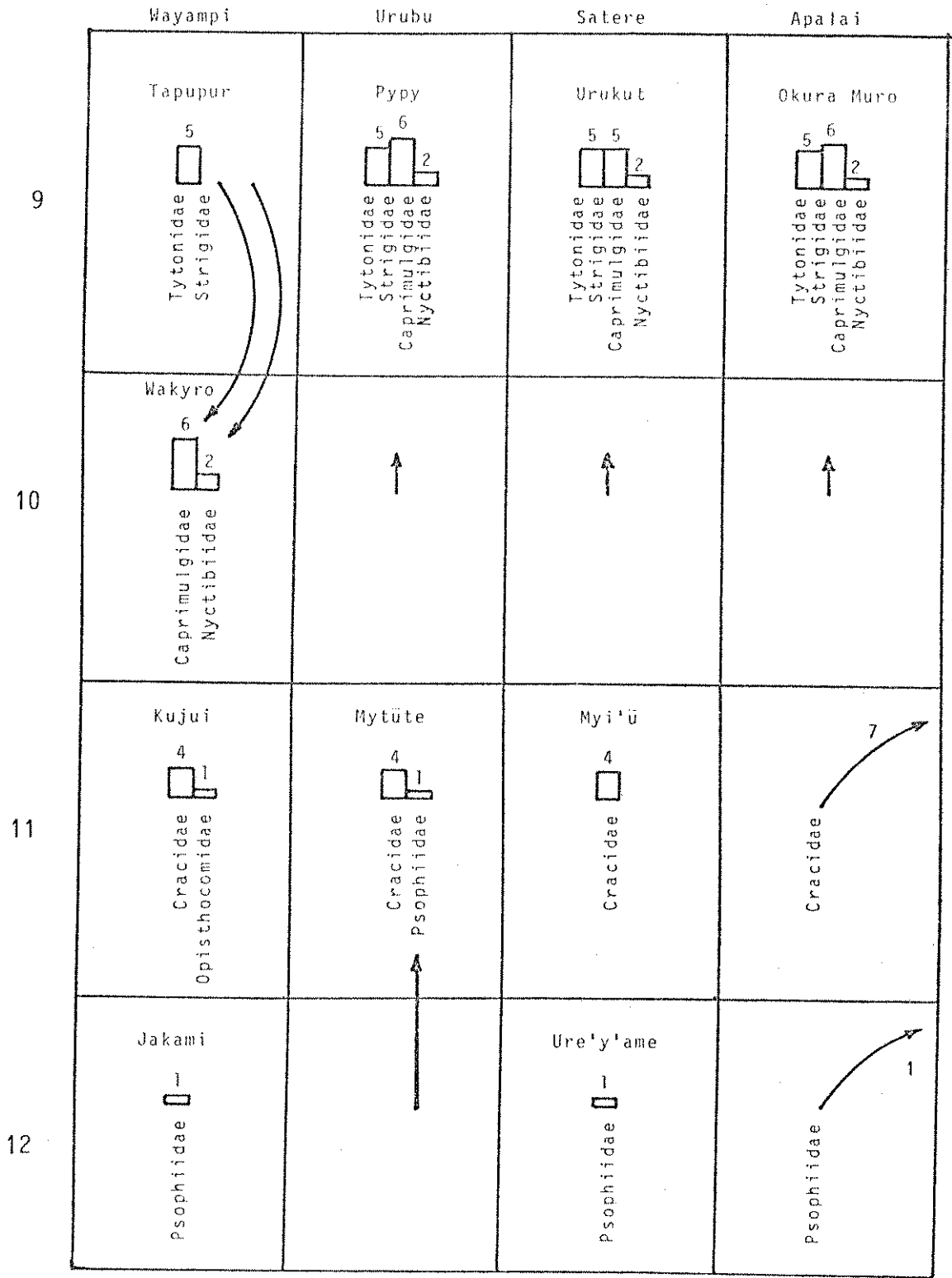


Figura 46. (cont.)

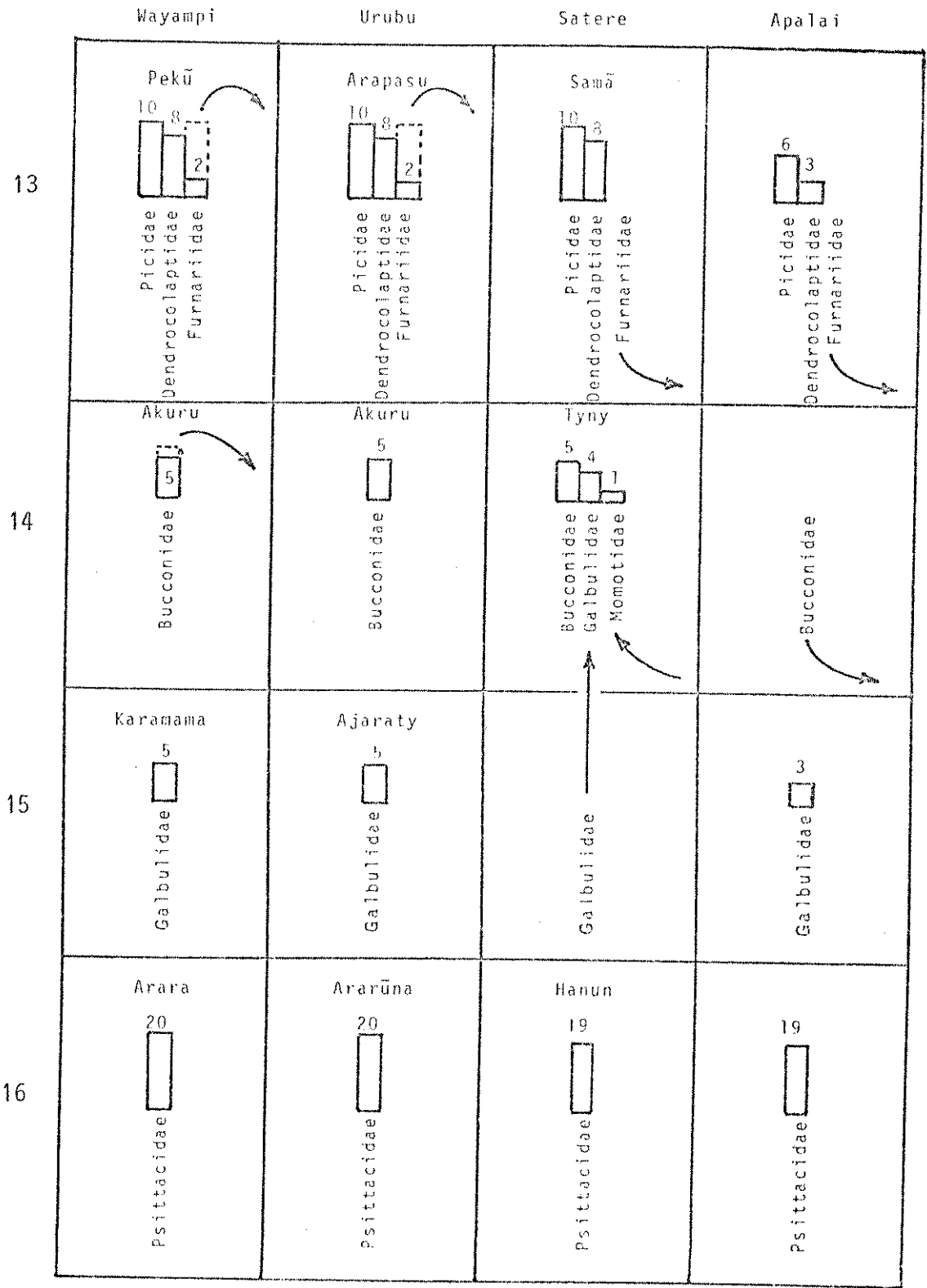


Figura 46. (cont.)

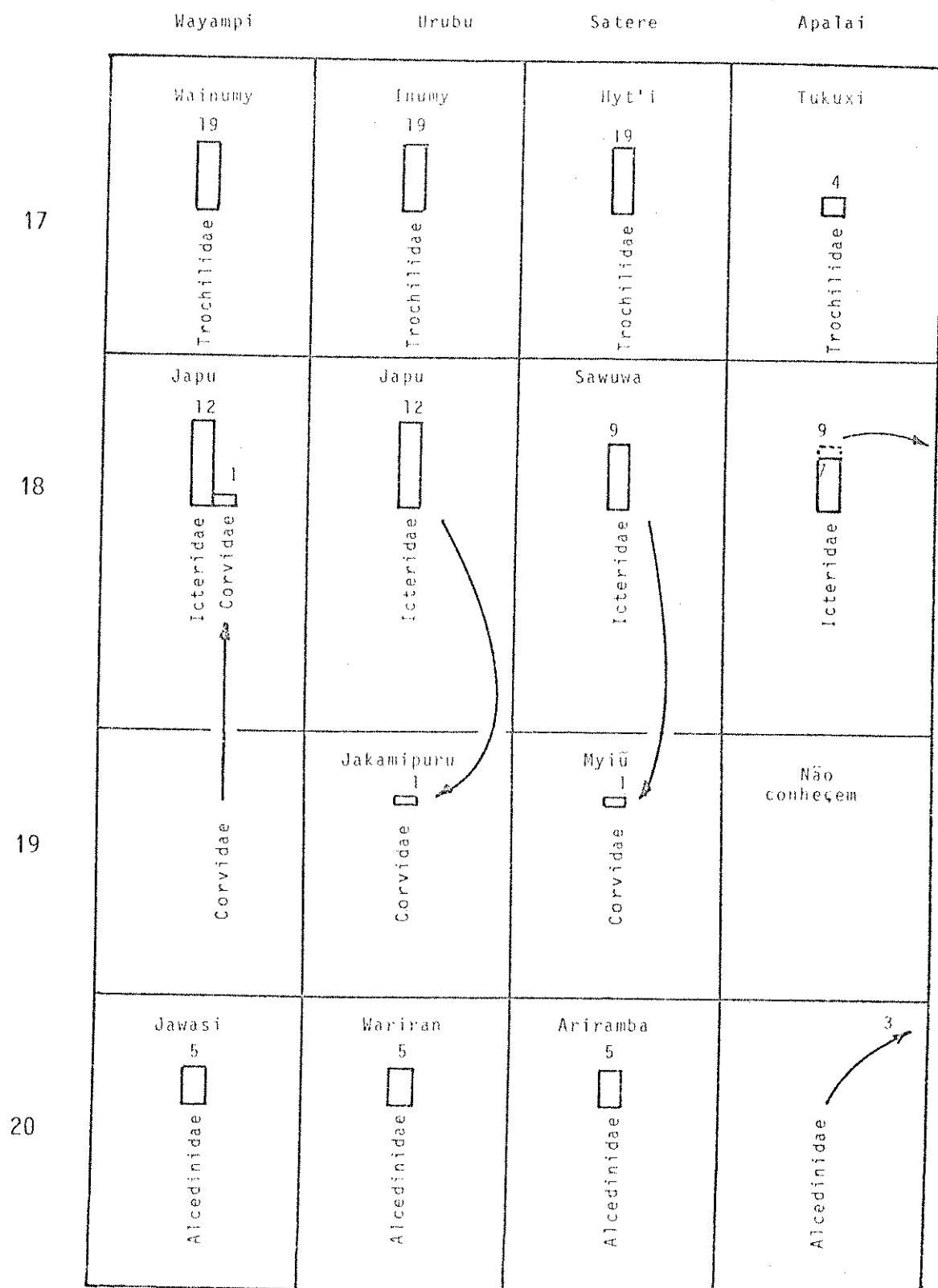


Figura 46. (Cont.)

3. Os Apalaí têm conceitos básicos diferentes nos agrupamentos de aves. Isto pode ser visto ao nível mais genérico — o de etnoclasse — em que o Apalaí é o único dos grupos aqui estudados que inclui os morcegos na mesma categoria que as aves. Eles chamam esta categoria de **torono**. Ao nível da etnofamília também há várias diferenças básicas, tanto no conteúdo das etnofamílias quanto na existência mesmo de certas etnofamílias que os grupos Tupi reconhecem. Quatro etnofamílias Tupi não existem entre os Apalaí, mas as espécies que elas representam fazem parte de outras etnofamílias. Os Cracidae (Fig. 46:11) fazem parte da mesma família que os Tucanos (Fig. 46:7), devido principalmente à alimentação. Psophiidae (jacarim) (Fig. 46:12) está reunida com os Tinamidae e Phasianidae (Fig. 46:1). Os Bucconidae (Fig. 46:14) estão reunidos com os passeriformes insetívoros (não incluídos na figura). E os Alcedinidae (com nome genérico) (Fig. 46:20) estão reunidos com os Ardeidae e Threskiornithidae (Fig. 46:3), porque se alimentam de peixe. Também o conceito de pomba (Columbidae, Fig. 46:2) é diferente do dos grupos Tupi, em que os gêneros Columbina e Claravis estão excluídos categoricamente da etnofamília e reunidos às aves que andam no chão (Fig. 46:1). Então, as aves são reunidas pelos Apalaí por motivo de alimentação e de habitat, menor atenção sendo dada aos critérios morfológicos (ao contrário do que fazem os grupos Tupi, pelo menos para os agrupamentos de etnofamílias).

Os grupos Tupi também mostram variação tanto nos membros componentes das etnofamílias quanto na própria existência mesmo de certas etnofamílias. Entretanto, estas diferenças são relativamente menores.

Os Urubu e Sateré juntam os Phasianidae (**uru**) com os Tinamidae (**inambu**) na mesma etnofamília. Porém, uma vez um Wayampi também fez esta aglomeração, mostrando que entre os Wayampi as fronteiras destas etnofamílias são

indistintas (vagas), permitindo translocamento. Isto sugere também que os membros componentes das etnofamílias seriam vistos em graus de similaridade em relação ao chefe da etnofamília. A órbita mais distante do chefe tem uma posição menos estável dentro da etnofamília. Entretanto, quando uma etnofamília reconhecida por um grupo Tupi inclui duas (ou mais) etnofamílias reconhecidas por outro grupo Tupi, a identidade lingüística destas ainda é mantida ao nível do etnogênero, e, portanto, também a distinção cognitiva. Parece, no entanto, que isso não se dá entre os Apalaí. Uma família científica como Columbidae (Fig. 46:2), que está reunida com outras famílias científicas na mesma etnofamília, poderia perder sua identidade, pois não há meio (nem lingüístico, nem por isolamento) de identificar as descontinuidades naturais. Por exemplo, é provável que os Apalaí não relacionem cognitivamente os Columbidae que andam no chão com os demais Columbidae, ainda que a morfologia seja tão semelhante.

Características taxonômicas comuns entre os grupos Tupi estudados aqui são as seguintes:

1. Todos os grupos têm o conceito de chefe e subordinados, em que o chefe serve como o padrão ou modelo da etnofamília e os subordinados têm distâncias variáveis do chefe, dependendo da similaridade relativa dos critérios que os membros componentes compartilham com ele.

2. Entre todos os grupos, a etnofamília é fundamental, permitindo-os a fazer a distinção pelo nome entre a maioria das ordens e/ou famílias científicas das aves.

3. Parece que todos os grupos reconhecem, com raras exceções, os mesmos agrupamentos ou etnofamílias e seus domínios. As exceções tratam-se de aves na periferia da etnofamília e não no núcleo.

V. A participação do ambiente na evolução de sistemas classificatórios.

A. Clima

O clima de todas as áreas indígenas aqui consideradas é classificado como tropical-úmido-quente, de temperatura média 20°C e de umidade entre 80-85%. Ainda assim, há bastante variação regional de clima entre as áreas diferentes deste estudo.

A região do rio Amaparí (área indígena Wayampi) mostra um clima euteromaxérico (Fig. 47-a), sendo que, de modo geral, não há meses verdadeiramente secos e a deficiência hídrica é mínima. A precipitação anual é aproximadamente de 2300mm.

A região do rio Andirá (área indígena Sateré) também tem um clima euteromaxérico (Fig. 47-e), mas o climógrafo mostra irregularidades na distribuição da chuva. Embora durante 2/3 do ano a região receba 160mm de chuva por mês ou menos, os meses mais secos (agosto e novembro), de 60mm de chuva, estão separados por dois meses (setembro e outubro) de 120-170mm. Isso pode reduzir bastante a chance de deficiência hídrica. A época de chuva é relativamente curta (quatro meses) e bem pronunciada.

A região do rio Paru do Leste (área indígena Apalaí) tem um clima subtermaxérico porque há um mês seco (novembro) com deficiência de água (RADAMBRASIL, 1976). (O clima foi estimado usando os dados hidrológicos de Jarilândia e Tiriós: Fig. 47-bç). A região dos Apalaí recebe relativamente menos chuva (precipitação anual de 1900mm) do que a região dos Wayampi (2300mm) e dos Sateré (2800mm).

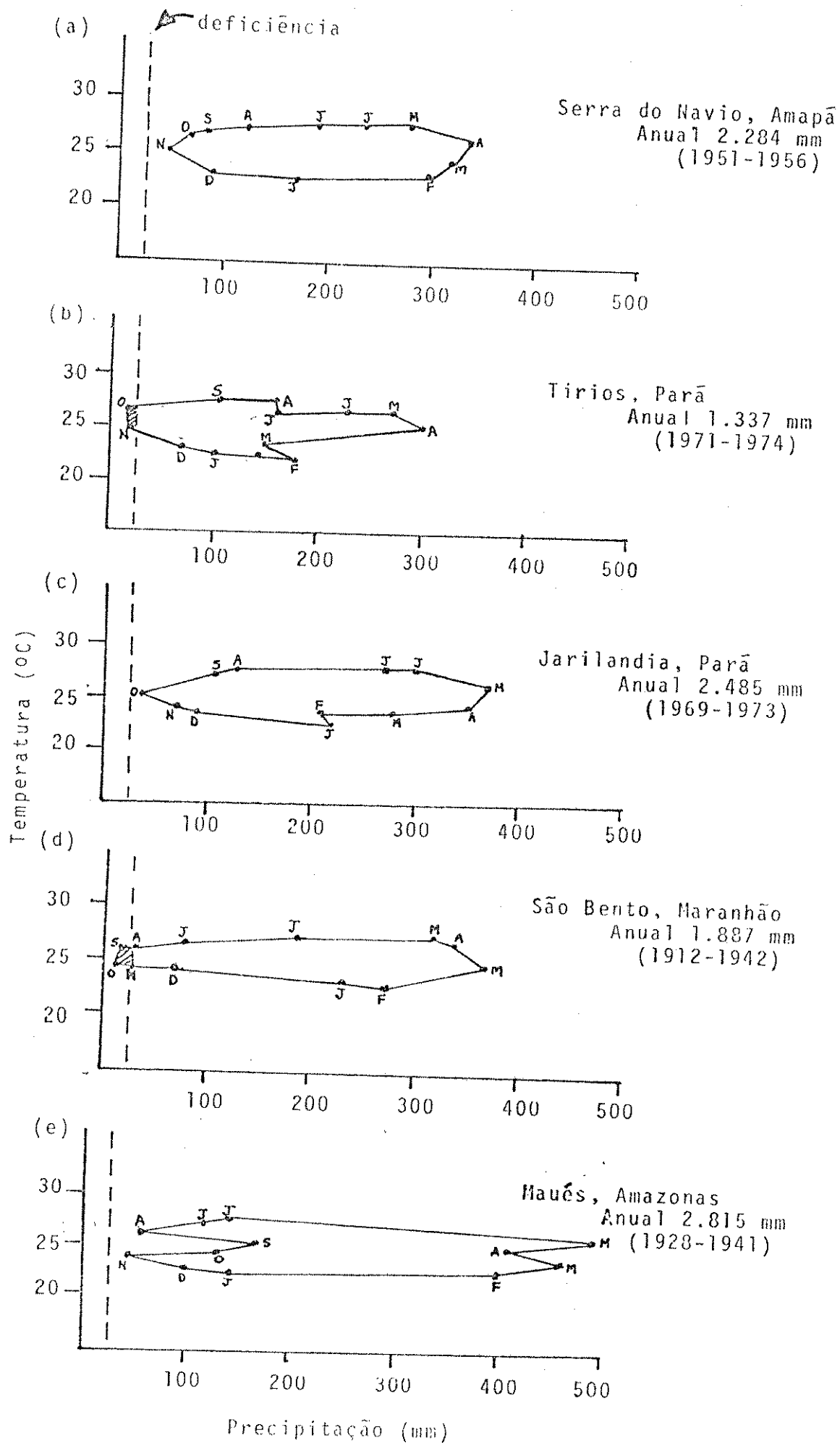


Figura 47. Climógrafos mostrando a variação mensal de temperatura e pluviosidade em cinco localidades próximas às aldeias indígenas estudadas.

Dados de nebulosidade (Miller & Feddes, 1971) mostram que na região do rio Paru para o oeste há muito menos tempo nublado do que no território do Amapá para o leste. Entre os meses de dezembro e maio (época de chuva), durante 40% do tempo a região do rio Amaparí tem forte nebulosidade (5-6 octas na escala usada pelos autores), enquanto que na região do rio Paru este nível de nebulosidade domina menos que 20% do tempo. Esta região também tem menos nebulosidade na época seca. O fato de que a área indígena Apalaí recebe relativamente mais radiação solar junto com um nível alto de chuva sugere que esta área tem uma produtividade primária relativamente maior do que a região do rio Amaparí.

A área indígena Urubu-Kaapor tem um clima termoxeroquimênico com quatro meses de seca pronunciada, com deficiência de água. A época de chuva é de seis meses e a precipitação anual média é de aproximadamente 1900mm (Fig. 47-d). A nebulosidade é semelhante à da área Wayampi.

B. Relevo

A região do rio Amaparí (Território do Amapá), especialmente as nascentes deste sistema fluvial, se situa na extremidade sudeste da Serra Tumucumaque, de altitudes que variam geralmente entre 150-400 metros. Por isso, se encontra um relevo de forte ondulação de colinas e baixas cadeias de montanhas. No norte, se encontram "inselbergs", de altitudes variáveis com ondulações mais moderadas ao sul da região.

A região do rio Paru do Leste (no Estado do Pará) é dominada por dois tipos de relevo (RADAMBRASIL, 9:133). A aldeia indígena, Bona, fica no planalto dissecado do norte da Amazônia de altitudes entre 400-600m, de relevo moderadamente colinoso. Para o norte, há a depressão interplanáltica

do sul das Guianas, colinosa suave e de altura mais baixa (150-200m), onde se encontra a grande Savana dos Tiriós. É principalmente esta depressão interplanáltica da região dos Apalaí que a distingue da região dos Wayampi. As duas regiões são afetadas pela serra Tumucumaque. Ao sul da aldeia se encontra um pediplano marcado por pedimentos.

A região do rio Andirá nos Estados do Pará e Amazonas é caracterizada pela planície Amazônica — área inundável do rio Amazonas e grandes áreas de baixos platôs de terra firme. Na época das chuvas, o vale do rio Andirá assume proporções de um lago, especialmente nas proximidades da desembocadura — comum para todos os rios da região. Ocasionalmente, se encontram também altos platôs. A altitude da região é aproximadamente 50-100m. Os baixos platôs são suavemente ondulados.

A região do alto rio Gurupi, no Estado do Maranhão, é dominada pelo planalto Amazônico rebaixado (das encostas montanhosas) e é caracterizado por estruturas tabuliformes e monoclinais, poucos "inselbergs" e terras bastante onduladas. A altitude é de aproximadamente 100-250m.

C. Solos

Os solos das regiões Amaparí e Paru têm a mesma origem (rochas ígneas e metamórficas), enquanto os solos das regiões Andirá e Gurupi têm outra origem (rochas sedimentares maciças). Há pouca diferença entre os solos das duas origens, que não se mostra através da análise química dos elementos básicos. Os dois tipos de solos têm a mesma quantidade relativa de Fe, Al, K, N, Ca e Mg (RADAMBRASIL).

Os solos da região do rio Amaparí são latossolos vermelho-amarelos distróficos com graus variáveis de textura. Os solos da floresta aluvial e do ucuubal têm textura altamente argilosa, o que faz com que a floresta aluvial passe a maioria da época das chuvas alagada. Os solos são de origem pré-cambriana, principalmente gnaisses ácidos. Os solos dos planaltos são mais arenosos e sempre bem drenados. Segundo o RADAMBRASIL, os solos são bem mais ácidos e de baixa fertilidade. Os Wayampi conhecem cinco tipos de solos na sua região (Grenand, 1980:57): 1. arenoso, 2. pedregulhoso, 3. preto, 4. vermelho argiloso e 5. vermelho argiloso úmido. O preto é o solo preferido para a formação da roça, seguido por solos arenosos e pedregulhosos úmidos.

A área do rio Paru do Leste tem solos semelhantes aos da área do Amaparí (latossolo vermelho-amarelo distrófico de textura argilosa), mas também tem latossolos vermelhos-escuros distróficos de poucas manchas eutróficas (RADAMBRASIL). Os Apalaí têm conhecimento de vários tipos de solo, um dos quais é um solo escuro de fertilidade relativamente mais alta do que a dos outros solos (Koehn, comunicação pessoal). As roças nessas manchas férteis sempre dão uma boa colheita. A análise subsequente deste solo revelou maior quantidade de nitrogênio do que nos outros solos. Os Apalaí não usam fertilizantes (Tabela 3).

Na região do rio Andirá, há latossolo amarelo distrófico de textura média (franco argiloso arenoso) e solos podzólicos (solo bem desenvolvido, vermelho amarelo), também de textura média. Os solos podzolizados ocorrem principalmente na planície. Há muitas manchas na planície de solo cinza claro, representando áreas alagadas. Os solos são principalmente areias quartzosas distróficas e podzol hidromórfico, e são áreas de depósitos de detritos. Graham (comunicação pessoal) disse que os Sateré também procuram os bons solos para a plantação de roça e que, se os acham, a roça vai

Tabela 3. (a) Comparação de parâmetros ambientais das áreas indígenas (RADAMBRASIL, 1973, 1979, e Miller e Feddes, 1971). (b) Similaridade relativa de alguns aspectos ambientais entre as áreas indígenas dos Wayampi (W), Apalai (A), Saterew-Mawe (S), e Urubu-Kaapor (U).

(a)

	Wayampi (52°40'W, 1°N)	Apalai (54°40'W, 1°10'N)	Urubu-Kaapor (45°30'W, 3°30'S)	Saterew-Mawe (56°54'W, 3°20'S)
PLUVIOSIDADE				
Média anual	Serra do Navio 2284	Jarilândia 2485	São Bento 1887	Maués 2815
Área indígena	± 2400	± 2091	1887	2815
Meses de máximo seca	2 (out., nov.)	2 (out., nov.)	4 (aug., set., out., nov.) com deficiência	3 (aug., nov., e dez.)
Umidade relativa	80-85%	80-85%	80-85%	80-85%
SOLOS				
Tipos	Latossolo vermelho amarelo distrófico, text. argilosa, e Latossolo vermelho amarelo distrófico concr.	Latossolo vermelho amarelo textura argilosa e Podzólico vermelho amarelo, argiloso. Latossolo vermelho escuro distrófico e eutrófico	Latossolo amarelo textura média. Podzólico vermelho amarelo, text. med, distrófico	Latossolo amarelo distrófico, text. média, Podzólico vermelho amarelo, text. med.

Tabela 3 (a). (cont.)

	Wayampi	Apalai	Urubu-Kaapor	Sateré-Mawé
Química				
pH	4.2-5	5.3-6.1	3.8-5.4	4.2-5.4
P(mE)	0.46-1.38	< 0.11	< 0.10-1.00	< 0.11-0.30
K(mE)	0.05-0.07	0.03-0.13	0.43-0.94	0.03-0.11
N(%)	0.03-0.10	0.05-0.18+	0.03-0.73	0.05-0.29
RELEVO	Dissecado forte ondulado moderado e colínosa, Inselbergs	Planalto dissecado, forte ondulado e moderado colínosa, Inselbergs	Planalto rebaixado, dissecado ondulado	Baixos platôs, altos platôs, planície
VEGETAÇÃO	Floresta densa	Floresta densa, Floresta área de tensão ecológica- Savana, Floresta de galeria savana	Floresta densa (a) Perenifolia (b) Subcaducifolia	Pioneiras, Floresta densa, Floresta aberta
NEBULOSIDADE				
% dez-maio	30-40	20	30-40	20-30
% jun-nov	20	10	20	10

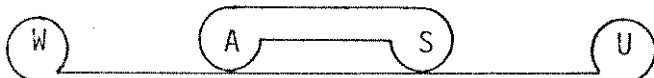
Tabela 3 (b). (cont.)

PLUVIOSIDADE

Anual

nº de
meses secos

Nebulosidade



SOLOS

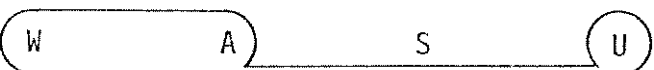
Tipo



Químico



RELEVO



VEGETAÇÃO

Tipo
dominante

Heterogeneidade



produzir alimentação durante dois a três anos, e, ainda, haverá colheita de pupunha por muitos anos mais.

Na região do rio Gurupi, os solos são latossolo amarelo de textura média (franco argiloso-arenoso ou argiloso, concrecionários lateríticos-brunos). Também há solos podzólicos vermelho-amarelos concrecionários com areias quartzosas.

D. Vegetação

A vegetação nas quatro regiões consideradas neste estudo é sempre classificada como floresta tropical amazônica. Dentro desta categoria, há alguns ambientes mais heterogêneos que os outros.

Na região do rio Paru do Leste, os índios Apalaí freqüentemente encontram quatro tipos de vegetação (RADAMBRASIL):

1. A floresta densa de árvores emergentes, principalmente espécies de angelim, maçaranduba, ucuuba, andiroba, sucupira e mandioqueira. A floresta densa também poderia ser dividida em floresta das baixas cadeias de montanhas, floresta de superfície dessecada do granito e planície aluvial/várzea.

2. Floresta da área de tensão ecológica e savana. Há cobertura florestal pobre de árvores baixas e finas. Encontra-se imediatamente a norte e nordeste da aldeia.

3. Floresta de várzea seguindo as valas entre as ondulações, dominada por buriti, ucuuba, parinari, angico, inajá e pupunharana.

4. Savana. Encontra-se ao norte e noroeste da aldeia, uma área dominada por vegetação graminóide.

A região do rio Amaparí é mais homogênea. Não há savana nem área de tensão ecológica com savana. Segundo o RADAMBRASIL, existe apenas um tipo de floresta — densa euteromaxérica. Ainda assim, a floresta densa poderia ser subdividida assim:

1. Floresta densa de baixas cadeias de montanhas manifestada como floresta uniforme ou de árvores emergentes.

2. Floresta densa de relevo dessecado forte ondulado, também manifestada como cobertura uniforme ou com árvores emergentes.

3. Floresta densa de várzea/ucuubal.

Árvores dominantes da floresta (não de várzea) incluem maçaranduba, maparajuba, cupiuba, mandioqueira, abiorana, cumaru, piquiá, samauma, (Ceiba pentandra), caxinguba (Ficus gameleira), amapá (Parahancornia amapa) e canudo-de-peito (Mabea piriri). Espécies restritas às colinas elevadas incluem algodão-bravo (Cochlospermum orinocense), Bauhinja cinnamomea, acariqueira-branca (Geissospermum sericeum) e acapu (Vouacapoua americana).

Nas várzeas e ucuubais às margens dos rios se encontra araracanga (Aspidosperma megalocarpon), Alexa wachenheimii (Papilionacea), cumarurana (Taralea oppositifolia), urucurana (Sloanea grandiflora) e açai (Euterpe sp.) além de ucuuba (Virola sp.).

A floresta na região do rio Andirá é classificada como floresta perenifolia hidrófila hileana amazônica por razão de seu relevo baixo e alta influência do rio Amazonas. Há três habitats maiores:

1. Formação pioneira da planície inundável do rio Amazonas (área graminosa).

2. A floresta densa ocorrendo nas grandes áreas de baixos platôs. A floresta é uniforme nas manchas de altos platôs e de árvores emergentes nos baixos.

3. Floresta aberta de sub-bosque rica se encontra nos baixos platôs. Estas áreas são caracterizadas por palmeiras de marupá, breus, copaíba-jacaré, ucuuba, louros, ucuquirana, inajá, bacaba, murumuru e babaçu (RADAMBRASIL).

A região do rio Gurupi tem floresta perenifolia nos platôs baixos e floresta densa subcaducifolia nas colinas e montanhas de relevo dessecado ondulado. A floresta é de cobertura uniforme. Espécies dominantes de árvores incluem anauerá, andiroba, maparajuba e matamatá. A castanha-do-Pará é especialmente produtiva na região.

E. Efeitos do ambiente nas populações de aves

O ambiente físico pode influenciar as populações de aves de várias maneiras. Neste estudo, foi observado que diferentes habitats favorecem certas famílias, gêneros ou espécies e desfavorecem outras.

Rupicola rupicola (Galo-da-serra) tem um habitat bem definido: floresta densa associada com afloramentos rochosos, onde nidificam. As fronteiras desta espécie são geograficamente limitadas a uma faixa de serras ao norte do rio Amazonas, e ecologicamente restritas ao ambiente mencionado (Meyer de Schauensee & Phelps, 1978:237). Alguns ornitólogos consideram Rupicola como família científica distinta enquanto outros, incluindo os Wayampi, a juntam com os Cotingidae. Os Wayampi e os Apalaí são os únicos grupos neste estudo que conhecem a espécie e a incluem no seu sistema classificatório ornitológico. Por razão de restrição geográfica e de ambiente, esta espécie espetacular de ave não faz parte do sistema classificatório dos outros grupos. O nome indígena da espécie em Wayampi é **peu** e, possivelmente, foi emprestado dos Apalaí/Wayana (**meu**) ou foi derivado por motivação onomatopéica.

O Jacamim (Psophia crepitans) e suas aloespécies é limitado à floresta amazônica. Por isso, o que é uma etnofamília (de um membro) para os Wayampi, e é bem conhecido entre os índios das tribos consideradas neste estudo, não faz parte do sistema classificatório dos índios Kaiwá do Mato Grosso do Sul (vide Tabela 2).

Na região dos Wayampi, há muitas frutas silvestres com tempo específico de amadurecimento (vide Tabela 4). Estas épocas se relacionam com as variações populacionais de certas espécies de aves frugívoros. Assim, elas representam espécies indicadoras de certas árvores frutíferas para os Wayampi. Eles dizem que as espécies de Ramphastidae, Cotingidae e Psittacidae vêm em grandes números na época das chuvas (a mesma da maior frutificação, quando são relativamente fáceis para caçar).

Certas frutas não necessariamente comestíveis para os Wayampi estão associadas a certas aves de caça que se alimentam delas. Cotingidae estão associados com Ocotea puberula e Aniba hostmaniana (Lauraceae). Os tucanos estão também associados com Peschiera arborea (Apocynaceae) e Virola melinonii (Myristicaceae). Os inambus estão associados com Paraqueiba sp. (Icacinaceae) e Lactia proçera (Flacourtiaceae) (Tabela 4).

Certos animais de caça também como cutia (Dasyprocta agouti), cutiara (Myoprocta acouchy), caiarara (Cebus nigrivittatus), coatá (Ateles paniscus), preguiça (Bradypus tridactylus) e guariba (Alouatta beelzebuth) são encontrados mais facilmente nas épocas de amadurecimento de certas frutas e são procurados justamente naquelas áreas onde há estas frutas. Por exemplo, quando a fruta das árvores do gênero Psychotria (Rubiaceae) amadurecem, os Wayampi procuram a anta, que se alimenta delas.

Os tucanos estão também associados com certas frutas criadas na roça ou ao redor da aldeia (banana, mamão e pupunha). Entretanto, além disso, as aves não se alimentam de outras plantas da roça nem de sementes cultivadas.

As aves são espécies indicadoras não somente de certas frutas comestíveis (acima), mas também de bons solos (Saranare e Jasitu, informantes Wayampi). Um solo que sustenta frutas boas, também sustentará a roça (vide III.C.).

F. Ambiente, populações de aves e sistemas classificatórios

Rosch et alii (1976) acharam nos seus estudos etnobiológicos que pessoas não intimamente relacionadas com o mundo biológico mostraram isso ao nível do seu sistema classificatório. O nível mais cognitivo para eles é o

da etnoclasse (equivalente à classe ou ordem científica). Berlin (1972) mostrou que há tendência para grupos indígenas mudarem de dependência cognitiva em nível de etnogênero ou etnoespécie para os níveis mais genéricos em função de crescente dependência da sociedade urbana.

Este estudo mostra que os grupos Tupi têm sistemas classificatórios em que o nível mais proeminente é o etnogênero, o que é consistente com a teoria de Berlin. A respeito dos Apalaí, o sistema também é dirigido ao nível do etnogênero. O menor interesse dos Apalaí nos pássaros, em relação aos grupos Tupi, está demonstrado por seu sistema incompleto de classificação, ou seja, aves que oferecem mais interesse que outras aos Apalaí são identificadas por nomes etnogenéricos e etnoespecíficos (por exemplo, os Tinamidae, Accipitridae, Columbidae e Cuculidae) e não possuem nomes mais genéricos, enquanto grupos de menor interesse são identificados ao nível de etnofamília ou etnoclasse, e suas espécies não têm nomes.

Algumas aves têm nomes que poderiam ser resultados de influências do ambiente. Há casos em que nomes onomatopéicos dos Wayampi aparentemente evoluíram na região e não foram emprestados de culturas vizinhas, como, por exemplo, o Caprimulgídeo Podager nacunda, **wyramenõmenõ**, o Strigídeo Otus watsonii, **torovũvũ**, o Falconídeo Milvago chimachima, **tawatokunakuna**, o Trochilídeo Phaethornis ruber, **wainumypipĩ**, e o Tiranídeo Megarhynchus pitangua, **kalajuẽjuẽ**.

O Fringilídeo Sporophila castaneiventris, **kwãkwãwa**, pode ser um nome não onomatopéico resultando da influência do ambiente [**kwãkwã** ≠ **wa**] (capim ≠ comedor), como também o Cerebídeo, Coereba flaveola, **maniwai** [**mani** ≠ **wai**] (mandioca ≠ comedor-pequeno), e os Accipitridae, Rostrhamus sociabilis,

minu'awa [minu'a # wa] (caramujo # comedor) e Accipiter superciliosus, tawatopane [tawato # pane] (gavião # frustrativo: caçador mal-sucedido).

O açaí tem época de amadurecimento (março a julho) mais longa que qualquer outra fruta silvestre, e é uma fruta de alta importância para os Wayampi. Por isso, a fruta faz parte dos nomes para as estações (Waseiwa = açaí # tempo de comer) e também faz parte do sistema classificatório das aves. Por exemplo, os **pavo** são agrupados por fatores morfológicos e também alimentares. O grupo inclui a maioria dos Cotingidae, mas somente aqueles que se alimentam de açaí. Os **pavo** também incluem os Turdidae, as espécies de Thraupis (Thraupidae) e um Capitonidae, Capito niger, todos igualmente comedores de açaí.

Os Tucanos são todos comedores de açaí. O fato de Daptrius americanus (Falconidae) estar junto com eles pode ser por razão de sua alimentação incluir o açaí.

Os Psittacidae são divididos em dois grupos: aqueles que se alimentam de açaí e aqueles que não.

Os gaviões são divididos em etnogêneros segundo o animal que eles caçam: peixes, cobras, insetos, macacos e mamíferos e aves de tamanho relativamente grande, animais de tamanho menor, lagartas e caramujos.

Os Apalaí agrupam as aves conforme fatores de habitat e de alimentação destas. Menos atenção é prestada aos critérios morfológicos. Ao nível da espécie, 46 das 170 aves são conhecidas por nomes onomatopéicos (27%), o que sugere ênfase relativamente menor nos aspectos visíveis. O sistema relativamente simples de classificação de aves usado pelos Apalaí sugere

que, embora eles sejam um grupo intimamente relacionado com o ambiente, aparentemente sentem menos a necessidade de incluir o conhecimento sobre as aves ao nível da nomenclatura, nem necessariamente ao nível da taxonomia de aves. Provavelmente o nível de informação não é o mesmo como nos grupos Tupi, pois a recuperação de informação é bem mais restrita.

Tabela 4. Frutas silvestres procuradas pelos Wayampi, época de amadurecimento e aves associadas com elas (informação do Grenand, 1980).

Espécie	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Ave
Palmae													
<i>Astrocaryum paramaca</i>			x	x									
<i>A. sciophilum</i>							x	x				x	
<i>Oenocarpus bacaba</i>	x	x	x										
<i>O. oligocarpa</i>													
<i>Euterpe oleracea</i>				x	x	x	x	x					cotinga
<i>Bactris elegans</i>				x	x	x							tucano
<i>B. acanthocarpoides</i>							x						arara
<i>Syagrus inajai</i>				x	x	x	x						
<i>Maximiliana maripa</i>							x						
<i>Attalea attalecides</i>							x	x					
Burseraceae													
<i>Tetragastris altissima</i>	x												tucano
Leguminosae													
<i>Parkia nitida</i>	x											x	x
<i>Inga alata</i>	x	x	x	x									
<i>I. thibaudiana</i>			x	x	x								
<i>I. calanthoides</i>			x	x									
<i>I. ingoides</i>			x										
<i>I. pezizifera</i>				x	x	x							
<i>I. huberi</i>				x	x	x							

VI. Oportunidades para pesquisa adicional

Como acontece sempre em trabalhos científicos, quando é respondida uma pergunta, aparecem três ou quatro outras. Entre os aspectos deste projeto que demandam estudos no futuro estão:

1. Um estudo mais profundo sobre a influência cultural de habitats diferentes, identificando as aves relacionadas com estes ambientes, e anotando quais ambientes estão proporcionando mais interesse para o grupo indígena. Pode ser que os Apalaí, por exemplo, têm mais conhecimento de aves do campo do que das da floresta. Foi mencionado que os Apalaí preferem peixe a carne de caça como fonte de proteína, o que poderia sugerir menor conhecimento de aves da floresta e uma categoria específica para as aves associadas com o rio. Os Apalaí fazem isso em parte, reunindo os Ardeidae, Threskiornithidae, Phalacrocoracidae, Anatidae, Aramidae e Alcedinidae em uma só etnofamília (Fig. 46:3).

2. Os resultados do estudo do sistema classificatório dos Apalaí sugerem que ele seja bem mais simples que os dos grupos Tupi. Um estudo de só três dias, entretanto, não faz justiça à complexidade do sistema que eles têm. Claramente um estudo mais profundo das categorias sem nomes declarados deveria ser feito, identificando realmente as áreas de conhecimento não aparente no sistema taxonômico e também descobrindo como tal informação está armazenada.

3. Foi sugerido várias vezes nesta tese que aparentemente a competição contribuiu para a evolução do sistema classificatório dos Wayampi. Isto é uma idéia subjetiva como nas outras áreas da ecologia de campo em que a competição é inferida apenas pelo peso de evidência em favor desta interpretação. Há pouca evidência de competição entre os Wayampi e as aves que se alimentam das mesmas frutas que eles consomem, pois a maioria das aves também são fontes de proteína para os Wayampi. Seria de grande importância saber o papel que a competição exerce entre outros grupos indígenas, e se ela se manifesta no sistema classificatório.

4. Não foi bem determinado aqui o papel do "chefe" (espécie indicador) como uma influenciadora na composição da etnofamília. Seria de grande importância saber se haveria uma diferença de fronteiras semânticas dependendo da espécie que serve como o chefe da etnofamília entre duas ou mais línguas. Também seria importante saber como as fronteiras são efetuadas.

VII. Conclusões e Resumo

Nos últimos anos, um número crescente de estudo etnobiológicos têm sido feitos com o propósito de entender melhor de que maneira as populações humanas percebem e categorizam informação a respeito do mundo vivo. Uma hipótese universal foi introduzida em 1973 por Berlin, Breedlove e Raven para descrever os aspectos em comum dos sistemas classificatórios. Trabalhos feitos nos últimos dez anos, de modo geral, apoiaram aquela hipótese. No entanto, ainda falta-nos informação a respeito das maneiras pelas quais são categorizados os sistemas de idéias biológicas. Estudos mais restritos que "o mundo inteiro", mas mais amplos do que uma só cultura poderiam contribuir com idéias a este respeito.

Este estudo examina sistemas classificatórios de aves entre quatro grupos indígenas de ambientes e estilos de vida algo semelhantes (Wayampi, Urubu-Kaapor, Sateré-Mawé, Apalaí). Os primeiros três pertencem ao mesmo tronco lingüístico (Tupi); o último é da família Karib. O propósito é identificar os aspectos característicos do sistema classificatório Tupi para entender melhor os papéis que o ambiente físico, a cultura e a linguagem desempenham na evolução destes sistemas.

Os sistemas classificatórios de aves foram avaliados através de um conjunto de 500 fichas de fotos e desenhos, que foram dados a alguns índios representantes de cada uma destas tribos para agrupamento. Os resultados representam os conceitos de classificação deles. Os diferentes ambientes foram caracterizados através de observações, análises e leituras.

A. O estudo profundo do sistema Wayampi mostrou o seguinte:

1. Os Wayampi têm um sistema de classificação que pode ser visto como um esquema hierárquico segundo o conceito de Berlin et alii (1973). Entretanto, parece que o sistema é visto pelos índios mais como conjuntos formados por uma espécie padrão ("chefe") e um reino de outras espécies, situadas estas a diferentes distâncias, segundo seu grau de semelhança com o padrão.

2. Os agrupamentos se comparam favoravelmente com descontinuidades naturais de aves, reconhecidas na sistemática Lineana.

3. De modo geral, os agrupamentos se encaixam no esquema de Berlin et alii (1973), incluindo os níveis de etnoclasse, etnogênero, etnoespécie e etno-subespécie. O sistema também inclui mais três grupos não incluídos por Berlin: etnofamília, etno-subfamília e etno-subgênero.

4. O nível da etnofamília é fundamental entre os Wayampi, permitindo-os armazenar mais espécies de aves na sua nomenclatura do que, por exemplo, os Apalaí.

5. Os Wayampi transmitem informações a respeito das aves através da nomenclatura e do próprio sistema classificatório: informações de comportamento aos níveis mais genéricos, de canto aos níveis mais específicos e de morfologia em todos os níveis.

B. Os estudos comparativos dos sistemas classificatórios das tribos consideradas neste estudo mostraram o seguinte:

1. Embora todos tenham sistemas com o etnogênero como o nível predominante, os grupos Tupi têm conceitos básicos que são diferentes do grupo não Tupi.

2. Todos os grupos Tupi estudados têm o conceito de chefe e seu domínio. Nos casos em que a espécie-padrão é conhecida em todas as áreas indígenas, as culturas freqüentemente compartilham da atribuição a esta mesma espécie da chefia da etnofamília.

3. Os três grupos Tupi reconhecem por nome as mesmas descontinuidades de aves.

4. A ausência de cognatos para os nomes de algumas aves entre os grupos Tupi indica o grau relativo de separação cronológica entre as culturas, ainda que os agrupamentos de descontinuidades continuem quase idênticos.

5. A tribo Apalaí tem um sistema classificatório bem mais simples que o dos grupos Tupi, tanto ao nível de nomenclatura quanto ao de reconhecimento das descontinuidades.

C. O ambiente poderia influir na evolução de sistemas da classificação de aves das seguintes maneiras:

1. Os nomes das aves refletem as espécies características de cada região. Mesmo que haja uma tendência de manter a nomenclatura histórica da tribo, novas espécies são incluídas no sistema com a conseqüente expansão

da nomenclatura, o que se dá ora emprestando nomes das culturas vizinhas, ora pela imitação dos cantos, ou então, por referência ao comportamento ou à morfologia das aves, inclusive por comparação com as espécies previamente conhecidas.

2. Conhecimentos ecológicos sobre as espécies dão informações necessárias para a vida cotidiana do índio. Isto se reflete em graus variáveis na terminologia e na classificação ornitológica entre os grupos indígenas, dependendo da origem cultural destes e/ou do peso relativo de sua dependência para com as aves.

3. Talvez a competição entre os índios e as aves por frutas silvestres influencie o sistema classificatório.

4. Espécies de aves servem, junto com espécies de árvores, como indicadores de bons solos para as roças; isto também se reflete na classificação ornitológica indígena.

D. O próprio homem influencia na evolução do sistema de classificação das aves de maneiras diferentes. Entre elas, podemos ter as seguintes condições:

1. Ele pode sobrepor (ou utilizar) seus aspectos culturais-políticos sobre uma descontinuidade de aves reconhecidas por ele, modificando, então, a relação entre os membros componentes daquela descontinuidade.

2. Ele pode também sobrepor (ou utilizar) aspectos da sua cultura econômica sobre certas aves, determinando quais são os membros que fazem parte da própria descontinuidade das aves. Além do mais, por acentuar uma

relação entre as aves de seu interesse particular, poderia desenfaturizar outras relações que também ocorrem entre as aves. Por exemplo, ele poderia acentuar a relação entre as aves de alimentação e desenfaturizar as relações de morfologia ou de habitat.

VIII. Summary

In recent years an increasing number of ethnobiological studies have been undertaken to better understand how human populations perceive and categorize information with respect to the living world around them. A universal hypothesis was introduced by Berlin, Breedlove and Raven (1973) describing similarities between systems of classification. In the past ten years research has, in general, reinforced these proposed universals of classification. But there is still a lack of adequate information as to how biological units are put together. Clearly, studies of a more restricted nature than "the world", and yet more general in scope than just one culture could contribute useful information along this line.

This study examines classification systems of birds among four indigenous Amazonian groups of people all with similar but not identical cultures and environments (Wayampi, Urubu-Kaapor, Sateré-Mawé, Apalaí). The first three are related linguistically (all from the Tupi linguistic trunk) whereas Apalaí is from the Karib linguistic family (an entirely different trunk). The purpose of this thesis is to identify those aspects which seem to be characteristic of Tupi classification systems in order to better understand the roles which the physical environment, culture and language play in the evolution of those systems.

The indigenous classification system of birds was evaluated through the use of 500 photographs and drawings (each one on a separate 3" x 5" card). The cards were given to the language helper for grouping into emic categories. The resulting groupings represent their concept of bird classification. The different environments were evaluated through observation, analysis and reference to the literature.

A. The broad study of the Wayampi system of bird classification showed the following:

1. The Wayampi have a system of classification which can be visualized hierarchically in accord with the proposal of Berlin et. al. (1973). However, emically it appears that their system can best be visualized as a set of model species (or chiefs) each with their own kingdom or "following" of species. These species occur at variable distances from their chief depending on the comparative degree of similarity which they share with him.
2. These emic categories compare favorably with discontinuities found in nature which are also recognized by the Linnaean system.
3. In general the groupings fit into the scheme proposed by Berlin et. al. (1973), which include levels for "Life-form", "Folkgeneric", "Folkspecies" and "Folksubspecies". But, in their recognition of diverse distances from a "chief", the Wayampi express another three levels not accounted for in the scheme of Berlin: "Folkfamily", "Folksubfamily" and "Folksubgeneric".
4. As is the case among most indigenous groups of the world, the level corresponding to "Folkgeneric" seems to be the most salient among the Wayampi.
5. The Wayampi transmit information with respect to birds both through their nomenclature and through their own classification system: information with respect to bird behavior at the more generic levels, onomatopoeic representations of their songs at the more specific levels and information with respect to morphology on all levels of classification.

B. The comparative study of the different indigenous classification systems showed the following:

1. Although all of the systems examined in this study indicate the level corresponding to "Folkgeneric" as the most salient, the Tupi groups share certain basic similarities not evident in the non-Tupi group.

2. All of the Tupi groups have the concept of "chief" or "model species" and his following. In cases where a model species of one indigenous group is also known in the other two indigenous areas, frequently that species will also be the "model species" among the other two.

3. The three Tupi groups recognize the same discontinuities of birds by name.

4. The absence of cognates for the names of some birds among Tupi groups indicates a relative degree of chronological separation between the cultures, even though the discontinuity groupings remain almost the same.

5. The Apalaí tribe (Karib) has a classification system markedly simpler than the Tupi groups noted both on the level of nomenclature and in the distribution of discontinuities.

C. The environment can influence the evolution of classification systems in the following manner:

1. The names of birds reflect the characteristic species of each region. Even though there exists a tendency to maintain the historical

nomenclature of the tribe, new species are included in the system through borrowing from neighboring cultures, by imitation of the bird song or for reasons of characteristic behavior.

2. Ecological knowledge about the bird species contributes necessary information for indigenous adaptation to daily life. This is reflected in various degrees among indigenous groups depending on their cultural origin and/or the relative degree to which culture depends on birds for their livelihood.

3. Competition between indigenous (human) and bird populations for wild fruits may influence the classification system.

4. Species of birds, as well as species of trees, serve as indicators of soils adequate for planting and maintaining a garden. This is also reflected in the classification system.

D. Man may influence the evolution of his own bird classification system in the following ways:

1. He may superimpose aspects of his political-cultural system on recognized discontinuities of birds, and in so doing, modify the relationship among component members of that discontinuity.

2. He may superimpose aspects of his economic culture on certain birds, and in so doing, determine who the component members are of a given discontinuity of birds. By emphasizing a particular economic value of special interest to him, he will consequently emphasize some birds more than he will others in his system. If he imposes the economically important

aspect of some food type, for example, only those birds associated with that food will be highlighted. Others birds will be de-emphasized.

IX. Bibliografia

- ABSY, M. L. - 1979. **A palynological study of Holocene sediments in the Amazon basin.** Tese de Doutorado. Universidade de Amsterdam, Holanda. 86pp., 8pl., 6 mapas de pólen.
- ANDRADE, G. E. - 1982. **Nomes populares das aves do Brasil.** Sociedade Ornitológica Mineira, Belo Horizonte. 95pp.
- ARNAUD, E. - 1983. Mudanças entre grupos indígenas Tupí da região do Tocantins-Xingu (Bacia Amazônica). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Antropologia Nº.84. Belém. 50pp.
- _____ - 1971. Os índios Oyampik e Emerilon (Rio Oiapoque): Referências sobre o passado e o presente. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Antropologia Nº.47. Belém. 30pp.
- BAENA, A. R. C. & S. DUTRA - 1982. Propriedades físicas dos principais solos da Amazônia brasileira em condições naturais. **Boletim de Pesquisa**, Nº.33. EMBRAPA, Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido, Belém. 28pp.
- BERLIN, B. - 1972. Speculations on the growth of ethnobotanical nomenclature. **Language in Society**, 1:51-86.
- _____ - 1973. Folk systematics in relation to biological classification and nomenclature. **Annual Review of Ecology and Systematics**, 4:259-271.

_____ - 1976. The concept of rank in ethnobiological classification: some evidence from Aguaruna folk botany. **American Ethnologist**, 3:381-399.

BERLIN, B., D. E. BREEDLOVE & P. H. RAVEN - 1966. Folk taxonomies and biological classification. **Science**, 154:273-275.

_____, & _____ - 1968. Covert categories and folk taxonomies. **American Anthropologist**, 70:290-299.

_____, & _____ - 1973. General principles of classification and nomenclature in folk biology. **American Anthropologist**, 75:214-242.

_____, & _____ - 1974. Principles of Tzeltal plant classification: an introduction to the botanical ethnography of a Mayan-speaking people of highland Chiapas. Academic Press, New York.

BERLIN, B. & P. KAY - 1969. Basic color terms: their universality and evolution. University of California Press, Berkeley.

BERLIN, B. & J. P. O'NEILL - 1981. The pervasiveness of onomatopoeia in Aguaruna and Uambisa bird names. **Journal of Ethnobiology**, 1(2):238-261.

BORNSTEIN, M. H. - 1973. The psychophysiological component of cultural difference in color naming and illusion susceptibility. **Behavior Science Notes**, 8:41-101.

BRIGHT, J. O. & W. BRIGHT - 1965. Semantic structures in Northwestern California and the Sapir-Whorf Hypothesis. *American Anthropologist*, 67:249-258.

BROWN, C. H. - 1977. Folk botanical life forms: their universality and growth. *American Anthropologist*, 79(2):317-342.

_____ - 1979a. Growth and development of folk botanical life forms in the Mayan Language Family. *American Ethnologist*, 6(2):366-384.

_____ - 1979b. Folk zoological life forms: their universality and growth. *American Anthropologist*, 81(4):791-817.

_____ 1984. *Language and living things. Uniformities in folk classification and naming.* Rutgers University Press, N. Jersey. 306pp.

BROWN, C. H. & P. K. CHASE - 1981. Animal classification in Juchitan Zapotec. *Journal of Anthropological Research*, 37(1):61-70.

BROWN, C. H. & S. R. WITKOWSKI - 1982. Growth and development of folk zoological life-forms in the Mayan language family. *American Ethnologist*, 9:97-112.

BROWN, Jr., K. S. & A. N. AB'SABER. - 1979. Ice-age forest refuges and evolution in the neotropics: correlation of paleoclimatological, geomorphological and pedological data with modern biological endemism. Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, *Paleoclimas*, 5:1-30.

- COUDREAU, H. - 1892. **Vocabulaires Méthodiques Ouayana, Parai, Oyampi, et Emerillon**. Bibliothèque de Linguistique Américaine - T.15, Paris.
- CRACRAFT, J. - 1981. Toward a phylogenetic classification of the recent birds of the world (Class Aves). **The Auk**, 98(4):681-714.
- CREIDER, C. - 1975. The semantic system of noun classes in Proto-Bantu. **Anthropological Linguistics**, 17(3):127-138.
- CUNHA, A. G. - 1982. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupí**. Comp. Melhoramentos, São Paulo. 357pp.
- DIEZ, A. A. P. & F. M. SALZANO - 1978. Evolutionary implications of the ethnography and demography of Ayoreo Indians. **Journal of Human Evolution**, 7:253-268.
- DOUGHERTY, J. W. D. & C. M. KELLER. - 1982. Taskonomy: a practical approach to knowledge structure. **American Ethnologist**, 40:763-774.
- DUNNING, J. S. - 1982. **South American land birds**. Harrowood Books, Newton Square, Penn. 364pp.
- DURBIN, M. - 1966. The goals of ethno-science. **Anthropological Linguistics**, 8(8):22-41.
- EDEN, M. J. - 1973. Palaeoclimatic influences and the development of savanna in Southern Venezuela. **Journal of Biogeography**, 1:95-109.

FALESI, I. C. - 1964. Levantamento de reconhecimento detalhado dos solos da Estrada de Ferro do Amapá, trecho km 150-171. **Boletim Técnico do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte**, Nº. 45:5-58.

FRISCH, J. D. - 1981. **Aves Brasileiras**. Vol. I. Dalgas-Ecoltec, São Paulo. 353pp.

GALLOIS, D. - 1980. Levantamento: situação atual das populações indígenas no Brasil: ficha padrão preenchida com informações referentes às aldeias do PI Amapari-Waiãpi. Inédito.

_____ - 1981. Os Wyaiapĩ e seu território. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Antropologia Nº. 80. Belém. 39pp.

_____ - 1983. Waiãpi. **Povos indígenas no Brasil 3, Amapá/Norte do Brasil**, Capítulo 7 (pp 99-137). Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), São Paulo.

GRENAND, F. & C. HAXAIRE - 1977. Études et Dossiers: Monographie d'un Abattis Wayãpi. **Journal d'Agriculture Traditionnelle et de Botanique Appliquée**, 24(4):285-310.

GRENAND, P. - 1980. Introduction a l'etude de l'univers Wayãpi: ethnoécologie des Indiens du Haut-Oyapock (Guyane Française). Société d'Études Linguistiques et Anthropologiques de France. Paris. 332pp.

- GRENAND, P. & F. GRENAND - 1979. Les amérindiens de Guyane Française aujourd'hui: éléments de compréhension. **Journal de la Société des Américanistes**, Paris, 66:361-382.
- GRIMES, J. E. 1980a. Huicol Life Form Classification I: Animals. **Anthropological Linguistics**, 22(5):187-200.
- _____ - 1980b. Huicol Life Form Classification II: Plants. **Anthropological Linguistics**, 22(6):264-274.
- HAFFER, J. - 1969. Speciation in Amazonian forest birds. **Science**, 165:131-137.
- _____ - 1974. **Avian speciation in tropical South America**. Publication of the Nuttall Ornithological Club 14. Cambridge, Mass. 390pp.
- HAMILL, J. F. - 1979. General principles of classification and nomenclature in folk biology: two problems. **Anthropological Linguistics**, 21(3):147-153.
- HAVERSCHMIDT, F. - 1968. **Birds of Surinam**. Oliver and Boyd, Ltd. Edinburgh & London. 445pp.
- HAYS, T. E. - 1976. An empirical method for the identification of covert categories in ethnobiology. **American Ethnologist**, 3:489-507.
- _____ - 1979. Plant classification and nomenclature in Ndumba, Papua New Guinea Highlands. **Ethnology**, 18(3):253-270.

- _____ - 1983. Ndumba folk biology and general principles of ethnobotanical classification and nomenclature. **American Anthropologist**, 85:592-611.
- HEALEY, A. - 1975. **Language learner's field guide**. SIL, Ukarumpa, Papua Nova Guiné. 500pp.
- HUNN, E. - 1975. The Tenejapa Tzeltal version of the animal kingdom. **Anthropological Quarterly**, 48(1):14-30.
- _____ - 1976. Toward a perceptual model of folk biological classification. **American Ethnologist**, 3(3):508-524.
- _____ - 1977 **Tzeltal folk zoology. The classification of discontinuities in nature**. New York. Academic Press.
- _____ - 1982. The utilitarian factor in folk biological classification. **American Anthropologist**, 84(4):830-847.
- HUNN, E. S. & D. H. FRENCH. - 1981. Lomatium: a key resource for Columbia Plateau native subsistence. **Northwest Science**, 55(2):87-94.
- JENSEN, A. A. - 1984. Sobre o uso de onomatopéia e ideofones na classificação de pássaros entre os Índios Kayapó. **Resumos do XI Congresso Brasileiro de Zoologia**, Belém. pp.478-479.
- JENSEN, C. J. S. - 1984. **O desenvolvimento histórico da língua Wayampi**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas. 183pp.

KAKUMASU, K. - 1967. Urubu anthropological checklist. **TSD Bulletin**, 7.3.
 Summer Institute of Linguistics, Brasília.

KOEHN, E. - **Apalaí C. D. bridge: leadership and a community store.**
 Microfiche. Summer Institute of Linguistics, Brasília.

LATHRAP, D. W. - 1972. Alternative models of population movement in the
 tropical lowlands of South America. XXXIX Congresso Internacional de
 Americanistas. Lima, 1970. **Actos y Memorias**, 4:13-23.

LESCURE, J., F. GRENAND & P. GRENAND - 1980. Les amphibiens dans l'univers
 Wayapi. **Journal d'Agriculture Traditionnelle et de Botanique**,
 27(3-4):247-261.

MAHR, A. C. - 1960. Anatomical terminology of the eighteenth-century
 Delaware Indians: a study in semantics. **Anthropological Linguistics**,
 2(5):1-65.

_____ - 1962. Delaware terms for plants and animal in the eastern Ohio
 country: a study in semantics. **Anthropological Linguistics**, 4(5):1-48.

MEGGERS, B. J. - 1954. Environmental limitations on the development of
 culture. **American Anthropologist**, 56:801-824.

_____ - 1977a. **Amazônia, a ilusão de um paraíso.** Ed. Civilização
 Brasileira, Rio de Janeiro. 208pp.

_____ 1977b. Vegetational fluctuation and prehistoric cultural adaptation in Amazonia: some tentative correlations. **World Archaeology**, 8(3):287-303.

_____ 1979. Climatic oscillation as a factor in the prehistory of Amazonia. **American Antiquity**, 44(2):252-266.

MEYER de SCHAUENSEE, R. - 1970. **A guide to the birds of South America**. Livingston Publishing Company, Wynnewood, Penn. 470pp.

MEYER de SCHAUENSEE, R. & W. H. PHELPS, Jr. - 1978. **A Guide to the birds of Venezuela**. Princeton Univ. Press, Princeton. 424pp.

MILLER, D. B. & R. G. FEDDES - 1971. **Global atlas of relative cloud cover 1967-1970**. U.S. Dept. of Commerce and United States Air Force, Washington, D.C., 237pp.

MILLER, J. - 1977. Delaware anatomy with linguistic, social and medical aspects. **Anthropological Linguistics**, 19(4):144-166.

NOVAES, F. C. - 1960. Sobre uma coleção de aves do Sudeste do estado do Pará. **Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo**, 11(6):133-146. Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, São Paulo.

_____ - 1970. Distribuição ecológica e abundância das aves em um trecho da mata do Baixo Rio Guamá (estado do Pará). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Zoologia**, Publicação Nº. 71. 54pp.

- _____ - 1973. Observações sobre a avifauna dos campos de Bragança, estado do Pará. **O Museu Goeldi no Ano do Sesquicentenário**, Publicação Avulsa, Nº. 20, 229-246. Belém.
- _____ - 1974. **Ornitologia do território do Amapá I**. Publicação Avulsa Nº. 25. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém. 121pp.
- _____ - 1978. **Ornitologia do território do Amapá II**. Publicação Avulsa Nº. 29. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém. 76pp.
- _____ - 1980. Observações sobre a avifauna do alto curso do rio Paru do Leste, estado do Pará. Publicação Nº. 100, Zoologia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém. 58pp.
- OLSON, G. P. - 1975. Textos inéditos.
- _____ - 1982. **The Wayãpi - a world in conflict**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Texas, Arlington. 172pp.
- PICKERGILL, B., & C. B. HEISER, Jr. - 1977. Origins and distributions of plants domesticated in the new world tropics. **Origins of Culture**, Edited by Charles A. Reed, Mouton, The Hague. pp. 803-835.
- PINTO, O. M. O. - 1978. **Novo catálogo das aves do Brasil, Primeira Parte**. Museu Paulista, São Paulo. 446pp.
- POSEY, D. A. - 1979. **Ethnoentomology of the Gorotire Kayapó of Central Brazil**. Tese de Doutorado. Universidade da Georgia, Athens. 177pp.

_____ - 1982. Indigenous knowledge and development: an ideological bridge to the future. **Ciência e Cultura**, 35(7):877-894.

_____ - 1983. Ethnomethodology as an emic guide to cultural systems. The case of the insects and the Kayapó Indians of Amazonia. **Revista Brasileira de Zoologia**, Vol. 1(3):135-144.

PRANCE, G. T. - 1973. Phytogeographic support for the theory of Pleistocene forest refuges in the Amazon Basin, based on evidence from distribution patterns in Caryocaraceae, Chrysobalanaceae, Dichapetalaceae and Lecythidaceae. **Acta Amazônica**, 3:5-28.

PUYO, J. - 1978. Oiseaux et mammifères de la France d'outre-mer. Stepolde, Papeete, França. 181pp.

RADAMBRASIL, Projeto. - 1973-1979. Levantamento dos recursos naturais (geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra), Vols. 4,6,7,9,10. Brasil, Departamento de Pesquisas de Recursos Minerais, Rio de Janeiro.

RANDALL, R. A. e E. S. HUNN. - 1984. Do life forms evolve or do uses for life? Some doubts about Brown's universals hypothesis. **American Ethnologist**, 11(2):329-349.

RODRIGUES, A. D. - 1970. Idiomas indígenas: são mais de cem as línguas faladas no Brasil. **Índios do Rio Xingu**. Rio Gráfica e Editora, Rio de Janeiro.

- _____ - 1971. Línguas Ameríndias. **Grande Enciclopédia Delta-Larousse**. Rio de Janeiro, Delta.
- _____ - 1982a. Línguas indígenas do Brasil I: A família Tupi-Guarani. **PORANTIM**, 41:6,7. Brasília.
- _____ - 1982b. Línguas Indígenas do Brasil II: O Tronco Tupi. **PORANTIM**, 42:12. Brasília.
- _____ - 1982c. Línguas indígenas do Brasil IV: A Família Karib. **PORANTIM**, 44:12,13. Brasília.
- _____ - 1983. Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. Comunicação ao Encontro Tupi, São Paulo, (inédito).
- ROSCH E., C. B. MERVIS, W. GRAY, D. JOHNSON & P. BOYES-BRAEM. - 1976. Basic objects in natural categories. **Cognitive Psychology**, 8:382-439.
- RUSCHI, AUGUSTO. 1979. **Aves do Brasil**, Volume 1. Editora Rios, São Paulo. 335pp.
- SCHADEN, E. - 1976. **Leituras de Etnologia Brasileira**. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 527pp.
- SNOW, D. - 1982. **The Cotingas**. British Museum, Oxford university Press. 203pp.
- TAYLOR, J. - 1980. **A Study of the Kaiwá naming and classification of birds**. Arquivo do Summer Institute of Linguistics, Brasília.

VAN der HAMMEN, T. - 1974. The Pleistocene changes of vegetation and climate in tropical South America. **Journal of Biogeography**, 1:3-26.

WATSON, J. B. - 1952. Cayuá Culture Change: A Study in Acculturation and Methodology. **American Anthropologist**, 51(2) Part 2:1-149.

WERNER, O. - 1966. Pragmatics and ethnoscience. **Anthropological Linguistics**, 8(8):42-65.

WIERZBICKA, A. - 1984. Apples are not a "kind of fruit" : the semantics of human categorization. **American Ethnologist**, 11(2):313-328.

WITKOWSKY, S. R. & C. H. Brown - 1977. An explanation of color nomenclature universals. **American Anthropologist**, 79:50-57.

_____ - 1978. Lexical Universals. **Annual Review of Anthropolgy**, 7:427-51.

WYMAN, E. C. & S. K. Harris - 1960. The ethnobotany of the Kayenta Navaho. **University of New Mexico Publication in Biology**, 5.

ZEISBERGER, D. - 1887. **Dictionary in four languages**. Ed. por E. N. Horsford. Cambridge, Mass.

_____ - 1910. David Zeisberger's history of the North American Indians. Ed. por A. B. Hulbert e W. N. Schwarze. **Archaeological and Historical Publications**, 19. Columbus, Ohio.

Apêndice I. Aves reconhecidas entre os Wayampi (Amapari, Oiapoque, Jari), os Urubu-Kaapor, os Saterê-Mawê e os Apalaí.
 Veja Meyer de Schauensee (1970), Meyer de Schauensee e Phelps (1978), Novaes (1960, 1970, 1974, 1978, 1980), Pinto (1978), Puyo (1978), Ruschi (1979) e Snow (1982).

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Amapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalaí
TINAMIDAE								
1 Tinamus major	Great Tinamou	Inambu-grande	Namusuky	Inamũ	Inamũtj	Inambu	Urit'iwato	Poh'no Xilipipi Poh'nopitico
2 Crypturellus cinereus	Cinereous Tinamou	Inambu-relógio	Namupijũ	Inamupijũ	Inamupijũ	Inambupihun	Urit'ihiti Urit'ihin'i Wahut'i	
3 Crypturellus soui	Little Tinamou	Sururina	Makukawa Suiko'ũ	Suwikũ'y	Suiko'ũ	Tururi Jaxinambu Sarakai Sarakai		Suiruru
4 Crypturellus undulatus	Undulated Tinamou	Jaó	Makukawa	Makukawa	Makukawa		Potpoi	
5 Crypturellus variegatus	Variiegated Tinamou	Inambu-chororão	Sui	Suwi	Suiruru	Sarakai	Wahut'i	Wyyi
6 Crypturellus erythropus	Red-legged Tinamou	Inambu-de-pés- vermelhos						Mahkawa
7 Crypturellus parvirostris	Small-billed Tinamou	Inambu-xororó				Jaxinambu Tururi	Awiwi	
PHALACROCORACIDAE								
8 Phalacrocorax olivaceus	Neotropic Cormorant	Biguá	Kunuwa	Kunuwa			Karara	
ANHINGIDAE								
9 Anhinga anhinga	Anhinga	Biguá-tinga	Karara	Kalala	Karara	Karará	Karara	Akaka Kakueimo
ARDEIDAE								
10 Ardea cocoi	White-necked Heron	Socof	Mawari	Mawali	Mawari	Magwari	Mawari	Tamuxiale
11 Ardea cinerea	Gray Heron	Maguari Garça-cinza	Kawawa Mawari	Kawawa	Kawawa	Magwari	Ikyisig	Lupelupewa
12 Casmerodius albus	Great Egret	Garça-branca	Kawawa Wyrasi	Wylasi	Kawawa Wyrasi	Sokotuyr	Sokowato Sokokyt'i	Akala
13 Egretta thula	Snowy Egret	Garcinha-branca	Wyrasist	Wylasipila		Sokotuyr	Weitakyt'i Weitakatiky'ihit	Akalaimo
14 Florida caerulea	Little Blue Heron	Garça-azul	Wainunyu	Wainunyu		Karatuyr Sokopihun	Sokokyt'i Sokohyryp'i Ikytsignaka- tinhryp'i	
15 Butorides striatus	Striated Heron	Socozinho	Oko'i	Oko'i	Wainunyu Oko	Sokora'yr	Sokohit	Tunatole
16 Hydranassa tricolor	Tricolored Heron	Garça-de-barriga- branca	Kawawa			Sokohow	Mi'ukathumya Sokohyryp'i	

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
17	Agania agani	Chestnut-bellied Heron	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
18	Pilherodius pileatus	Capped Heron	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
19	Tigrisoma lineatum	Rufescent Tiger-Heron	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
20	Zebrilus undulatus	Zigzag Heron	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
21	Ixobrychus exilis	Least Bittern	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
22	Botaurus pinnatus	Pinnated Bittern	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
COCHLEARIIDAE								
24	Cochlearius cochlearius	Boat-billed Heron	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
CICONIIDAE								
25	Jabiru mycteria	Jabiru	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
THRESKIORNITHIDAE								
26	Theristicus caudatus	Buff-necked Ibis	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
27	Mesembrinibis cayennensis	Green Ibis	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
28	Eudocimus ruber	Scarlet Ibis	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
29	Ajaja ajaja	Roseate Spoonbill	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
ANHIMIDAE								
30	Anhima cornuta	Horned Screamer	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
ANATIDAE								
31	Dendrocygna bicolor	Fulvous Tree-Duck	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
32	Dendrocygna autumnalis	Black-bellied Tree-Duck	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
33	Anas bahamensis	White-cheeked Pintail	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
34	Cairina moschata	Muscovy Duck	Wayampi do Anapari	Wayampi do Otapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Giapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
57	Heterospizias meridionalis	Savanna Hawk	Mararijawa Tawatopijû	Malalijawa	Mararijawa	Japukani	Hywiahup Ke'ãhup'i Ke'ã	
58	Buteogallus aquinoctialis	Rufous Crab-Hawk	Mararijawa	Mararijawa	Tawatopijû	Inajé		
59	Buteogallus urubitinga	Great Black Hawk	Tawatopijû	Tawatopijû	Tawatopijû	Kwanûpihun	Hywihun'i	
60	Morphnus guianensis	Crested Eagle	Japakani Wyrâu	Japakani Wylau Siwî	Japakani Wyrâu	Wyrâhup Wyrâu	Hywiwato Hywiwatu	
61	Harpia harpyja	Harpy Eagle	Wyrakast	Wylakast	Wyrakast	Kwã	Ke'ã Mani'ayron Hau'atoki Hau'atoki	piano konoto
62	Spizastur melanoleucus	Black-and-white Hawk-Eagle	Tawatopi	Japakani Jawa	Kakaïtori	Japukani Inajé	Kaurehit	
63	Spizaetus ornatus	Ornate Hawk-Eagle	Japakani	Japakani Jawa	Wyrakast		Kaure	
64	Spizaetus tyrannus	Black Hawk-Eagle	Kakaïtori	Japakani	Kakaïtori		Hywituwa'ahoro	
65	Circus buffoni	Long-winged Harrier	Siwî	Wyrakast	Wyrakast			
66	Geranospiza caerulescens	Crane Hawk	Tawatopijû	Tawatopijû	Moiwa	Japukanituwyr		
PANDIONIDAE								
67	Pandion haliaetus	Osprey	Pakuwar	Pakuwa		Kwanûpitang	Hywisa'ag Turiturî	
FALCONIDAE								
68	Herpeltotheres cachinnans	Laughing Falcon	Kakaïtori Wyrakastimiti	Kakaïtori		Japukanitawa	Hywialok'i Akawa Kaure Akawa Kaure Kaure Kakay Kakay Tuwaktuwak Hywi	Kalau
69	Microastur semitorquatus	Collared Forest-Falcon	Toô		Tawatopane	Tawatomenek		
70	Microastur mirandollei	Slaty-backed Forest-Falcon	Wyrakastimiti		Tawatopane	Tawato		
71	Daptrius ater	Black Caracara	Karakara'i Tamã	Tamã	Tamã	Tamã		
72	Daptrius americanus	Red-throated Caracara	Kakã	Kakã	Kakã	Kakã		
73	Milvago chimachima	Yellow-headed Caracara	Tawatokunakuna	Tawatokunakuna	Mararijawa	Inajé		
74	Polyborus plancus	Crested Caracara	Kakaïtori Japakani Kaure	Tamã	Tamã	Japukani	Ke'ã Hywihato Tiãtiã'i Kaurehit Tiãtiã'i	
75	Falco deiroleucus	Orange-breasted Falcon	Eju'a	Eju'a	Eju'a	Araju'a		
76	Falco ruficularis	Bat Falcon	Eju'amiti Kaure	Eju'amiti	Eju'amiti	Araju'a		

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Giapoque	Wayampi do Jarí	Urubu	Satere	Apalai
CRACIDAE								
77	<i>Orealis motacot</i>	Little Chachalaca	Arakwā	Alakwā	Arakwā	Arakwa	Arakwa i'akaghup	Alakua
78	<i>Penelope marail</i>	Marail Guan	Marai	Malai	Marai	Jakupehu	Wlawu	Aka'aka
79	<i>Penelope superciliosus</i>	Rusty-margined Guan						
80	<i>Pipile pipile</i>	Blue-throated Piping-Guan	Kujui	Kujuwi	Kujui			Kuzui
81	<i>Pipile cujubi</i>	Red-throated Piping-Guan				Kujui	Myjy'ag'ag	
82	<i>Crax allector</i>	Black Curassow	Mytū	Mytū	Mytū	Mytūxi	Myiupot	Hoko
83	<i>Crax fasciolata pinima</i>	Natterer's Curassow	Mytūtawa			Kujui		
84	<i>Mitu mitu</i>	Razor-billed Curassow						
PHASTANIDAE								
85	<i>Colinus cristatus</i>	Crested Bobwhite	Uru					
86	<i>Odonophorus guianensis</i>	Marbled Wood-Quail	Uru Urupirā	Utu	Uru	Uru Sarakai	Ukuru'ahit	
OPISTHOCOMIDAE								
87	<i>Opisthocomus hoazin</i>	Hoatzin	Maraira'aga		Jasana	Xicana Maturija	I'atina Ukuru'awato	
ARAMIDAE								
88	<i>Aramus guarauna</i>	Limpkin	Arakuru Uruwawar	Atakulu		Sarakur Uruwawar	Taragku	Manisali
PSOPHIIDAE								
89	<i>Psophia crepitans</i>	Gray-winged Trumpeter	Jakamī	Jakamī	Jakamī			
90	<i>Psophia viridis</i>	Dark-winged Trumpeter				Jakamim	Urey'ane	
RALLIDAE								
91	<i>Rallus longirostris</i>	Clapper Rail	Tuitui Arakur			Jekere'i	Taragku ipoti'a	
92	<i>Rallus maculatus</i>	Spotted Rail	Arakuviri Su'surowija			Sarakur Sikana	Taragkuittig Uripe'i	

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Amapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
93	<i>Aramidés axillaris</i>	Rufous-necked Wood-Rail	Arakur		Araku	Sarakukajän	Taragku	Katakaimo
94	<i>Aramidés cajanea</i>	Gray-necked Wood-Rail	Arakur	Alaku	Araku	Sikana	Uripe'i	Kutaka
95	<i>Porzana albicollis</i>	Ash-throated Crane	Suĩsui		Oko	Soko'i	Uripe'i'y upi'at	
96	<i>Porzana flaviventer</i>	Yellow-breasted Crane	Saracura-de-peito-anarelo			Soko'i	Uripe'i	
97	<i>Laterallus exilis</i>	Gray-breasted Crane	Suĩsui	Suĩsui	Oko'ipina	Sarakukajän	Waipakahite'y'u	
98	<i>Laterallus melanophaius</i>	Rufous-sided Crane	Suĩsui			Sarakukajän	Uripe'iatig	
99	<i>Laterallus viridis</i>	Russet-crowned Crane	Arakumiti Suĩsui			Sarakukajän	Uripe'ihup'i	
100	<i>Neorex erythropus</i>	Paint-billed Crane	Arakur			Xikana	Uripe'ihyrypi	
101	<i>Gallinula chloropus</i>	Common Gallinule	Suĩsui		Arakuru	Xikana	Uripe'i	
102	<i>Porphyrula martinica</i>	Purple Gallinule	Arakur	Suĩsui	Suĩsui	Sarakur	Uripe'i	
103	<i>Porphyrula flavirostris</i>	Azure Gallinule	Suĩsui			Mytuitui		
HELIORNITHIDAE								
104	<i>Helionis fulica</i>	Sungrebe	Kere'i Ypeki	Peki	Kere'i	Ypeki	Ypekohit	
EURYPYGIDAE								
105	<i>Eurypyga helias</i>	Sunbittern	Kere'i	Kere'i	Kere'i	Jikere'i	Pawähit	Soloimo
JACANIDAE								
106	<i>Jacana jacana</i>	Wattled Jacana	Jakamipira	Wylateke		Xikana	Mokia	
CHARADRIIDAE								
107	<i>Vanellus chilensis</i>	Southern Lapwing	Teãteã	Teatea		Mytuitui		
108	<i>Hoploxypterus cayanus</i>	Pied Lapwing	Matuitui		Matuitui	Rapeosok	Masariku	
109	<i>Charadrius collaris</i>	Collared Plover	Matuitui			Rapeosok	Masariku	
						Paranawya		

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
SCOLOPACIDAE								
110	<i>Tringa melanoleuca</i>	Greater Yellowlegs	Tuitui					
111	<i>Actitis macularia</i>	Spotted Sandpiper	Matutui	Matuwitui	Suisuiwiri	Matutui Matutui	Tirotiro	
112	<i>Batrachia longicauda</i>	Upland Sandpiper	Matuituiwiri			Matutui	Tirotiro	
113	<i>Numenius phaeopus</i>	Wimbrel	Matutui			Matutui	Tirotiro	
RYNCHOPTIDAE								
114	<i>Rynchops nigra</i>	Black Skimmer	Wy-atape	Wajaja		Migwaha	Kaiwota	
COLUMBIDAE								
115	<i>Columba speciosa</i>	Scaled Pigeon	Pykauviri	Pykauwili		Pykahu Pykahu	Pykasutig Pykasuhup	Utuku Inuli
116	<i>Columba cayennensis</i>	Pale-vented Pigeon	Pykauro Irusi					
117	<i>Columba subvinacea</i>	Ruddy Pigeon	Pykauro Irusi			Juruxiaxin	Pykasuhup Myryhuwato Mukut'a	
118	<i>Columba plumbea</i>	Plumbeous Pigeon	Pykauro	Pykauro		Pykahuro Juruxiaxin Pyku'ihowy		
119	<i>Columba passerina</i>	Common Ground-Dove	Irusipirã Takuruve				Myryhuakutut'i	Wo'patase
120	<i>Columba minuta</i>	Plain-breasted Ground-Dove	Irusipirã Takuruve			Juruxiaxin	Myryhuakutut'i	Ulutuke
121	<i>Columba talpacoti</i>	Ruddy Ground-Dove	Pykau Irusi			Juruxiaxin	Yty'omyryhu	Palutopulu
122	<i>Claravis pretiosa</i>	Blue Ground-Dove	Pykausovỹ Irusi			Pyku'ihowy Toxinwya Jakamipuru	Myryhuwato	
123	<i>Scardafella squamata</i>	Scaled Dove						
124	<i>Leptotila verreauxi</i>	White-tipped Dove	Irusi					
125	<i>Leptotila rufaxilla</i>	Gray-fronted Dove	Irusi			Juruxiaxin Juruxiaxin Juruxipitan		Alamixi
126	<i>Geotrygon montana</i>	Ruddy Quail-Dove	Irusipirã	Jelusipilã Jelusipilã				
PSITTACIDAE								
127	<i>Ara ararauna</i>	Blue-and-yellow Macaw	Kasawa	Kasawa		Aruru	Karu	Alala
128	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	Hyacinthine Macaw	Ararasovỹ		Ararasovỹ	Ararun		
129	<i>Ara macao</i>	Scarlet Macaw	Arara Arara'e Taku	Alala	Arara Taku	Arara Arate	Hanunhit	Ky'nolo
130	<i>Ara chloroptera</i>	Red-and-green Macaw	Ararakã	Alalakã	Ararakã	Araranu	Hanunwato	Kujali

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Amapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
131	<i>Ara severa</i>	Chestnut-fronted Macaw	Maracanã-guaçu	Araramakanã	Araramakanã	Arakana'i		Ma'akana
132	<i>Ara manilata</i>	Red-bellied Macaw	Maracanã-do-buriti	Arua'i	Myrysirau	Tyrywaja		Sapatali
133	<i>Ara nobilis</i>	Red-shouldered Macaw	Arara-nanica	Araramakanã	Arua'i	Arakana'i		Sapatali
134	<i>Aratinga guarouba</i>	Golden Parakeet	Guaruba	Sawe'e		Myraju	Marakanajig	Solosolo
135	<i>Aratinga leucophthalmus</i>	White-eyed Parakeet	Guirã-juba	Arua'itawa	Arua'i	Arakana'i		Kiekie
136	<i>Aratinga solstitialis</i>	Sun Parakeet	Jandaia	Arua'itawa	Kakawe	Myraju		Elekelu
137	<i>Aratinga pertinax</i>	Brown-throated Parakeet	Jandaia-de-cabeça-castanha	Arua'itawa		Tyrywajaran		Pilielilie
138	<i>Pyrrhura picta</i>	Painted Parakeet	Tiriba-pintada	Jê	Sawe'e	Tyrywajaran	Yryt'i	Taitai
139	<i>Forpus passerinus</i>	Green-rumped Parakeet	Tuiim-verde	Sawe'e	Pirist		Hukit'i	
140	<i>Forpus xanthopterygius</i>	Blue-winged Parrotlet	Tuiim	Jê		Kurupita		
141	<i>Brotopris chrysopterus</i>	Golden-winged Parakeet	Periquito-de-asas-douradas	Pirist	Pirist	Kurupita	Hyi'ikyt'i	Kiokio
142	<i>Touit batavica</i>	Lilac-tailed Parrotlet	Periquitinho-de-cauda-roxa	Jê	Wolejt	Tair	Pakyt	
143	<i>Touit purpurata</i>	Sapphire-rumped Parrotlet	Periquitinho	Jerê	Jê	Japiraka		
144	<i>Pionites melanocephala</i>	Black-headed Parrot	Periquito-de-cabeça-preta	Tapi'ira'aga	Tapi'ira'aga	Tairpihum		
145	<i>Pionites leucogaster</i>	White-bellied Parrot	Periquito-ussobiador	Pairãpairã			Ahut	
146	<i>Pionopsitta calca</i>	Calca Parrot	Periquito-de-piscopo-marron	Jynae	Paina	Japiraka	Ahutpinai	
147	<i>Pionopsitta barrabandi</i>	Barrage-checked Parrot	Curica	Arua'i				
148	<i>Pionopsitta</i> sp.							
149	<i>Pionus munstruus</i>	Blue-headed Parrot	Maitaca	Kur'ikurika'a	Kur'ikurika'a	Tairpihum		
150	<i>Pionus fuscus</i>	Dusky Parrot	Maitaca-roxa	Kur'ikuripijû	Kur'ikurika'a	Tairte	Hyi'ikyt'i	Kul'ikuli
151	<i>Amazona dufresniana</i>	Blue-cheeked Parrot	Papagaio-chuã	Kure'i	Kujokujo	Tairowy	Hyi'ihun'i	Napokopulu
152	<i>Amazona ochrocephala</i>	Yellow-headed Parrot	Papagaio-cabeça-amarela	Kureu	Palawa	Parawa'i	Kurika	Kul'ikula
153	<i>Amazona amazonica</i>	Orange-winged Parrot	Papagaio-do-mangue	Kure'i	Kiekie	Parawa'i	Awe'ipyit'i	Kul'ikula
154	<i>Amazona farinosa</i>	Mealy Parrot	Papagaio-moleiro	Kureu	Kure'i	Parawa'i	Hyi'i	Palawa
155	<i>Deroptyus accipitrinus</i>	Red-fan Parrot	Juruauçu	Kureu	Kureu	Parawa	Kurika	
			Anacã	Marakanã	Marakanãkasi	Anakã	Ahutpinai	Kun'ie
				Marakanãkasi			Kahi	

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
CUCULIDAE								
156	Coccyzus minor	Mangrove Cuckoo	Papa-lagarta-do-mangue	Asigau	Asigau	Yrapaje	Tiku'a	Xikale
157	Coccyzus melacoryphus	Dark-billed Cuckoo	Papa-lagarta	Tarutaru	Tarotaro	Yrapaje	Tiku'a	Kulumuorukale
158	Playa cayana	Squirrel Cuckoo	Alma-de-gato	Asigau	Asigau	Yrapaje	Tiku'a	Titimanu
159	Playa melanogaster	Black-bellied Cuckoo	Rabllonga-de-barriga-preta	Tajau asigau	Tajau asigau	Yrapaje	Tiku'a	Xikale
160	Playa minuta	Little Cuckoo	Rabllonga-vermelha	Asigau	Asigaumiti	Yrapaje	Tiku'a	Xikale
161	Crotophaga major	Greater Ani	Chincoç	Anukoro	Anu	Anũhu	Ainuwato	Wytĩ
162	Crotophaga ani	Smooth-billed Ani	Anu-coroca	Anu	Anũ	Anũhu	Weitapakpak	Sowowo
163	Guira guira	Guira Cuckoo	Anu-branco	Anũpijũ	Anũpijũ	Tuxinwya	Tuxinwya	Arakixili
164	Tapera naevia	Striped Cuckoo	Saci	Ajãwya	Ajãtõtitoşewyla	Tuxinwya	Tuxinwya	Pataxi
TYTONIDAE								
165	Tyto alba	Barn Owl	Suindara	Torowõ	Torowõ	Pypĩtajã	Urukut	Su'suku
STRIGIDAE								
166	Otus choliba	Tropical Screech-Owl	Coruja	Torowõ	Kerere	Urukure'a	Morehapetut	Munupo
167	Otus watsonii	Tawny-bellied Screech-Owl	Coruja-de-orelha	Torowõ	Ay	Urukure'a	Morehapetut	Kulou
168	Lophostrix cristata	Crested Owl	Coruja-de-topete	Urukure'a	Pirakoko	Urukure'a	Urukuthup	Munupo
169	Bubo virginianus	Great Horned Owl	Mocho	Urukure'a	Urukure'a	Urukure'a	Urukuthup	Ku'kui
170	Pulsatrix perspicillata	Spectacled Owl	Murucututu	Tapupur	Urukure'a	Urukure'a	Urukuthup	Pianu kaukeiky
171	Ciccaba virgata	Hottled Owl	Coruja-de-cauda-longa	Tapupur	Urukure'a	Urukure'a	Urukuthup	Myrowalaju
172	Ciccaba huhula	Black-banded Owl	Coruja-preta	Tapupur	Urukure'a	Urukure'a	Urukuthup	Kuzalia
173	Rhinophlynx clamator	Striped Owl	Mocho-orelhudo	Urukure'a	Jawapuru	Pypĩthu	Urukuthun'i	Ku'utuli
NYCTIBIDAE								
174	Nyctibius grandis	Great Potoo	Urutau-grande	Pirakoko	Pilakoko	Urukure'a	Pirãpot'i	Alaxikilo
175	Nyctibius griseus	Common Potoo	Mão-da-lua	Pirakoko	Pirakoko	Urukure'a	Pirãpot'i	Walala

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Olapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
CAPRIMULGIDAE								
176	Chordeiles acutipennis	Bacurau-de-bando	Wakyroviri		Wakyroviri	Wakura	Mukaray	Akuta
177	Podager nacunda	Bacurau	Taitetupuru		Wakyrosi	Urutawi		
178	Nyctidromus albicollis	Curango	Taitetupuru	Hylamenomenô	Wakyrosi	Wakura	Mukarayhup	Isapua
179	Caprimulgus cayennensis	Bacurau-de-cauda-branca	Wakytawa	Jaykwa	Wakyrotawa	Wakura	Mukarayhup	Akaka
180	Caprimulgus maculicaudus	Bacurau-de-cauda-pintada	Wakyrosi	Wakylo	Wakyrosi	Wakurapihun		Alipipiu
181	Caprimulgus nigrescens	Bacurau-negro	Wakyro		Wakypopiã	Wakura		So'papatalu
182	Hydropsalis chlorocerca	Curango-claro	Wakyro	Kulawasiu	Wakyro	Wakurapihun		Kuzalia
APODIDAE								
183	Chaetura chapmani	Taperã-de-temporal						
184	Chaetura andreii	Taperã						Kumalako
185	Chaetura brachyura	Taperã-de-cauda-corta	Kaure	Kaule	Kaure	Majagy	Makia	Leleiko
186	Panyptila cayennensis	Taperã-de-colar-branco	Yrau			Wajagy		Kumalako
TROCHILIDAE								
187	Glaucis hirsuta	Balança-rabo-de-bico-curvo	Wainumy					Leleiko
188	Threnetes leucurus	Balança-rabo-branco	Akykwaainumy					
189	Phaethornis superciliosus	Besourão-rabo-branco	Wainumyka'a					
190	Phaethornis bourcierii	Rabo-branco-de-bico-reto	Jakamiwaainumy	Wainumyposiasi				
191	Phaethornis ruber	Besourinho-da-mata	Jakamiwaainumy					
192	Phaethornis longuemareus	Besourinho-dorso-verde	Wainumy					
193	Campylopterus curvipennis	Asa-de-sabre-cinza	Tajauwaainumy					
194	Eupetomena macroura	Rabo-de-tesoura	Jakamiwaainumy					
195	Florisuga mellivora	Beija-flor-azul-de-rabo-branco	Tapewaainumy	Jakamiwaainumy	Wainumy			Tukuxieky
			Wakaraju	Wakalaju	Wainumysovy			Kaikuxi
			Karaju					

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
196	Anthracothonax viridigula	Beija-flor-de-garganta-lístra-verde	Jakamiwainumy			Inumy	Hyt'ihun'i	
197	Anthracothonax nigricollis	Beija-flor-de-garganta-lístra-preta	Jakamiwainumy			Inumypihum	Hyt'ihun'i	Tukuxi
198	Chrysolaipis mosquitus	Ruby-topaz-Hummingbird	Akykywainumy	Akykywainumy	Akykywainumy	Warinuny	Hyt'ihun'i	Kylutukuxiny
199	Lophornis ornata	Tufted Coquette	Tejü		Wainumymiti			
200	Lophornis gouldii	Dot-eared Coquette				Warinuny		
201	Discosura longicauda	Racket-tailed Coquette	Pairasigwe Tejü		Wainumyapewara	Warinuny		
202	Chlorestes notatus	Blue-chinned Sapphire	Pairasigwe		Wainumyka'atewe	Inumyhowy	Hyt'i	
203	Chlorostilbon mellisugus	Blue-tailed Emerald	garganta-azul		Wainumyka'atewe	Inumy	Hyt'i	
204	Thalurania furcata	Fork-tailed-Windymph	Jakamiwainumy		Wainumyware	Inumy	Hyt'i	
205	Hylocharis sapphirina	Rufous-throated Sapphire	Wainumyware Jakamiwainumy		Wainumysowý	Inumy	Hyt'ijã'Thup	
206	Hylocharis cyanus	White-chinned Sapphire	Pairasigwe	Wainumytejü	Pairasigwe	Inumy	Hyt'ijã'Thup	
207	Polytnus guainumbi	White-tailed Goldenthrout	Tajauwainumy		Wainumysowý	Inumy	Hyt'ijã'Thup	
208	Polytnus theresiae	Green-tailed Goldenthrout	Jakamiwainumy Wainumysý		Wainumyka'a	Inumy		
209	Amazilia fimbriata	Glittering-throated Emerald	Jakamiwainumy		Wainumyware	Inumy	Hyt'isese	
210	Amazilia leucogaster	Plain-bellied Emerald	Jakamiwainumy		Wainumyware	Inumy	Hyt'i	
211	Topaza pella	Crimson Topaz	Akykywainumy	Akykywainumy	Akykywainumy	Inumypiran	Hyt'i	
212	Heliothrix aurita	Black-eared Fairy	Beija-flor-verde-branca-e-bico-de-sabre		Wainumyteakwarajã	Inumy		
213	Calliphlox amethystina	Amethyst Woodstar	Besourinho-ametista		Wainumynane	Inumyhowy		
TROGONIDAE								
214	Trogon melanurus	Black-tailed Trogon	Tarukuruku Uruku'ape	Talukuluku	Tarukuruku	Suruku'apiran	Huruku'awato	
215	Trogon viridis	White-tailed Trogon	Surucua-de-barriaga-anarela	Uluku'asowý	Uruku'asowý	Suruku'ajã	Huruku'ahit	Pakolokolo

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jarí	Urubu	Satere	Apalai
216	Trogon rufus	Black-throated Trogon	Surucuá-amarelo	Uluku'apaje		Suruku'a	Huruku'aka'ay	
217	Trogon violaceus	Violaceous Trogon	Surucuá-violeta		Uruku'a	Suruku'a Suruku'ahu	Huruku'ahit	Owoli
ALCEDINIDAE								
218	Ceryle torquata	Ringed Kingfisher	Jawasi	Jawasi	Jawasi	Wariranhu	Arirampawato	Atula -
219	Chloroceryle alazona	Amazon Kingfisher	Jawasi	Jawasi	Jawasi	Wariranhu	Arirampatikapira	
220	Chloroceryle americana	Green Kingfisher	Jawasi Jawasi Jawasi	Jawasi Jawasi Jawasi	Jawasi Jawasi Jawasi	Warirantuyr	Arirampawato	
221	Chloroceryle inda	Green-and-rufous Kingfisher	Jawasi	Jawasi	Jawasi	Wariranpytäg	Arirampa'itig	Atula
222	Chloroceryle aenea	Pygmy Kingfisher	Jawasi miudinho	Jawasi	Jawasi	Wariranpytäg	Arirampahit	Atulapi'pi
MONOTIDAE								
223	Myiodynastes monota	Blue-crowned Motmot	Udu	Motulukua	Moturukuä	Jyry	Hutuk'i	Mytylakua
GALBULIDAE								
224	Brachygalba lugubris	Brown Jacamar	Maratito Karamanapijü Tamãñiti	Pyi	Pyi	Pirixi'i	Arirampa	Semuiny Tuza
225	Galbula albirostris	Yellow-billed Jacamar	Ariramba-de-bico-branco	Mapyji	Karamamã	Ajaratyhupu'i	Tyny Hyt'iwatok	
226	Galbula galbula	Green-tailed Jacamar	Ariramba-da-mata		Karamamã	Ajaratyhu	Tyny Hyt'itisymohyt	
227	Galbula ruficauda	Rufous-tailed Jacamar	Ariramba-de-cauda-castanha			Ajaratyhu		
228	Galbula leucogastra	Bronzy Jacamar	Tamagu					
229	Galbula dea	Paradise Jacamar	Jawaimi'a Jawa Tamagu Karamamã	Jawaimi'a	Jawaimi'a	Ajaratyhu	Tyny Hutuk'i	Kaikuxi
230	Jacamerops aurea	Great Jacamar	Ariramba-uirapiana	Kalamamã	Karamamã	Ajaratyhu		
BUCCONIDAE								
231	Notharchus macrorhynchus	White-necked Puffbird	Akuru	Akulu	Akuru	Akuru	Ytyehakuru'a	
232	Bucco tamatia	Spotted Puffbird	Sororopyäkwä Akuruwiri	Sororopyäkwä	Sororopyäkwä Akuruwiri	Akurupinim	Ytyehakuru'a	Apotaihy
233	Bucco capensis	Collared Puffbird	Macuru-bico-e-vermelha Macuru-bico-e-cabeça-vermelhos	Sorolopyäkwä	Sorolopyäkwä Akuruwiri	Akuru	Ytyehakuru'a	Tuza

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Amapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
234	Malacoptila fusca	João-barbudo-barriga-branca	Akurumiti					
235	Malacoptila rufa	João-barbudo-de-pescoso-castanho				Akuru		Tulele
236	Nonnula rubecula	João-barbudinho-pardo	Wyrapijê Akuru	Akulu	Akuru	Akurupitag		
237	Monasa atra	Bico-de-brasa-preto	Wyrapisuru			Jani Janihu	Piut'i	Alatikilo
238	Monasa nigrifrons	Bico-de-brasa				Tapera		Ponomoko
239	Chelidoptera tenebrosa	Miolinho	Tape Sapera Wyrampane	Tape Sapela	Tape Sapera		Aipetu'i	
CAPITONIDAE								
240	Capito niger	Capitão-de-bigode	Mytūwya	Mytūwyla	Mytūwya	Arapasutitik	Mynakara	Exikū Amu
RAMPHASTIDAE								
241	Pteroglossus aracari	Aracari	Tukāpyni	Pyni	Tukāpyni	Arasarihu	Posik'i Erēk'i	Pisepise Ama'o
242	Pteroglossus viridis	Aracari-limão	Tukāšipuku	Tukāšipuku	Tukāšipuku			Petetekane
243	Pteroglossus inscriptus	Lettered Aracari				Arasaritawa	Awok'i	
244	Pteroglossus bitorquatus	Red-necked Aracari	Pynipina		Tukāpere	Arasaripiran		
245	Selenidera culik	Guianan Toucanet	Tukānawaky'a Tukāmiti	Tukānawaky'a		Arasariparatu	Awok'i	Petetekane
246	Selenidera maculirostris gouldii	Spot-billed Toucanet						
247	Ramphastos dicolorus	Red-breasted Toucan	Tucano-de-bico-verde			Tykaju		
248	Ramphastos vitellinus	Channel-billed Toucan	Tukān Kyro Tukāne'e	Tukā Kylo Tukāne'e	Tukā Kyro Tukāne'e	Tukanuhu	Lukanhathun Hirau	Kylo
249	Ramphastos tucanus	White-throated Toucan				Tukanuku	Lukanwato	Kakue
250	Ramphastos toco	Toco Toucan		Tukāšimilā		Tukan	Lukanwato	
PICIDAE								
251	Picurnus spilogaster	White-bellied Piculet	Pekūmiti		Pekūmiti		Kwarapetektek'i	
252	Picurnus minutissimus	Arrowhead Piculet	Pekūjurukae Pekūjurukae		Pekūtata	Arapasutitik	Kwarapetektek'i	

Latim	Inglês	Português	Kayampi do Anapari	Kayampi do Oiapoque	Kayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalaí
275	Xiphorhynchus picus	Straight-billed Woodcreeper	Arapaçu-de-bico-reto	Sinipipi		Oambyha	Yrypoipoí	Isapua
276	Xiphorhynchus obsoletus	Striped Woodcreeper	Arapaçu-louco	Pakūmīti			Yrypoipoí	Isapua
277	Xiphorhynchus guttatus	Buff-throated Woodcreeper	Arapaçu-garganta-camurça	Pekūtiver		Arapasupuku	Yrypoipoí	
278	Campylorhamphus procurviroides	Curve-billed Scythebill	Arapaçu-beija-flor-de-bico-torto	Pekūtiver		Samāwatok		
FURNARIIDAE								
279	Synallaxis albens	Pale-breasted Spinetail	Bentererê	Tereterekur	Teleleku	Tejukuku		
280	Synallaxis guianensis	Plain-crowned Spinetail	Bentererê-de-barriga-parda	Tereterekur Yjar	Teleleku	Pipir		
281	Synallaxis rutilans	Ruddy Spinetail	Bentererê-vermelho	Tereterekur	Teleleku	Pipirpirag		
282	Certhiaxis cinnamomea	Yellow-throated Spinetail	Marequito-do-brejo	Tereterekur Oemya	Teretereku			
283	Philydor erythrocerus	Rufous-rumped Foliage-gleaner	Limpa-folha-de-costas-vermelhas	Terotorowya Oemya	Oemya		Pirini'i	
284	Philydor pyrrhodes	Cinnamon-rumped Foliage-gleaner	Limpa-folha-cinâmbo	Oemya	Oemya	Matukupapirag		
285	Philydor ruficaudatus	Rufous-tailed Foliage-gleaner	Virá-folha-cauda-vermelha	Oemya	Oemya	Matukupatuwy		
286	Autornis infuscatus	Olive-backed Foliage-gleaner	Limpa-folha-pardo	Terotoropirã Oemya		Yrapytag		
287	Autornis ochrolaemus	Buff-throated Chestnut-crowned Foliage-gleaner	Limpa-folha-camurça	Torotorosi				
288	Autornis rufipileatus	Rufous-tailed Xenops	Limpa-folha-coroa-castanha	Tajwa Oemya		Yrapytag		
289	Xenops milleri	Slender-billed Xenops	Caçador-de-árvore-rabo-vermelho	Awamiti				
290	Xenops tenuirostris	Plain Xenops	Caçador-de-árvore-bico-fino	Pekūsiwawya	Pekūsiwawya	Arapasutitik		
291	Xenops minutus	Short-billed Leafscraper	Caçador-de-árvore-pequeno	Pekūwya Awamiti	Pekūwya	Tuwikōkōg		
292	Sclerurus rufularis		Virá-folha-de-bico-curto	Piriritawa Maratito		Matukupa		
FORMICARIIDAE								
293	Cymbilaimus lineatus	Fasciated Antshrike	Chocão-barrado	Ka'ireakata Pyrakewya		Ajāwyrāhu	Kytipā	
294	Taraba major	Great Antshrike	Chocão-de-barriga-branca	Torotoro	Tototo	Ajāwyrāhu	Weita	
295	Sakesphorus canadensis	Black-crested Antshrike	Chocá-de-crista-preta	Sa'iman Ruruja	Ruruja	Kuxiwyra	Pereten'i	
296	Thamophilus dolatus	Barred Antshrike	Chocá-barrada	Ka'ireakata	Kaileakata	Ajāwyrāhu	Kytipā	

Latim	Inglês	Português	Mayampi do Anupari	Mayampi do Olopoque	Mayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
297	<i>Thamophilus murinus</i>	Mouse-colored Antshrike	Choca-murina	Kwäkwäsirireniäeta				
298	<i>Thamophilus punctatus</i>	Slaty Antshrike	Choca-pintalgada	Ka'ireakata	Ka'ireakata	Yrapinimra'y		
299	<i>Thamophilus amazonicus</i>	Amazonian Antshrike	Choca-de-coroa-preta	Torovowoyra	Torowowoyra	Yrapinim		
300	<i>Pygiptila stellaris</i>	Spot-winged Antshrike	Choquinha-de-asas-pintadas	Tare'ywya	Tare'ywya	Yrapinim		
301	<i>Thamomanes caesi</i>	Cinereous Antshrike	Choca-cinza-escuro	Makwäsiri		Ywya		Makuatili
302	<i>Myiotherula brachyura</i>	Pygmy Antwren	Formigueiro-pigmeu	Kwäkwäsiri	Tarawi	Ywya asoko'i		Jatua
303	<i>Myiotherula surinamensis</i>	Streaked Antwren	Formigueiro-rajado	Teatä	Tarawi	Ajäwrahu		
304	<i>Myiotherula guttata</i>	Rufous-bellied Antwren	Formigueiro-de-barriga-castanha	Siatatä		Yrapinim		Toutopillili'ne
305	<i>Myiotherula gutturalis</i>	Brown-bellied Antwren	Formigueiro-dorso-marrom	Piriri	Wyrasitä		Myhakara	
306	<i>Myiotherula axillaris</i>	White-flanked Antwren	Formigueiro-de-dorso-claro	Piririmiti				
307	<i>Myiotherula longipennis</i>	Long-winged Antwren	Formigueiro-asa-grande	Wyrasitä				
308	<i>Herpsilochmus stricturus</i>	Spot-tailed Antwren	Formigueiro-cauda-pintalgada	Piriripijü		Tejukokö	Myhakara	
309	<i>Microhoplus quixensis</i>	Dot-winged Antwren	Formigueiro-de-asas-salpicadas	Awamiti		Pipir		Ikane
310	<i>Formicivora grisea</i>	White-fringed Antwren	Formigueiro-cinzent	Tukupitukupijü				
311	<i>Terenura sodioptila</i>	Ash-winged Antwren	Papa-formiga-dorso-vermelho	Tupäwya	Piririwya	Yrapurupihun	Myhakara	
312	<i>Cercomacra tyrannina</i>	Dusky Antbird	Papa-formiga	Piririkur			Weitaria	
313	<i>Hypocnemis cantator</i>	Warbling Antbird	Papa-formiga-cantador	Tukäwajapyrea		Pipirhowy	Sy'itahyryp'i	
314	<i>Perenostola rufifrons</i>	Black-headed Antbird	Papa-formiga-de-cabeça-preta	Awamiti	Wyratenyppyatä	Yrapunim		
315	<i>Myrmeciza ferruginea</i>	Ferruginous-backed Antbird	Papa-formiga-de-costas-ferrugineas	Piriri		Matukupa		
316	<i>Pithys albifrons</i>	White-plumed Antbird	Papa-formiga-de-topete-branco	Taokawar	Wyrateasowä			
317	<i>Gymnophrys rufigula</i>	Rufous-throated Antbird	Papa-formiga-de-garganta-ruiva	Wyrateasä	Pilili			
318	<i>Hylophylax naevia</i>	Spot-backed Antbird	Papa-formiga-de-costas-pintalgadas	Taowa	Wyrateasowä	Wiririhu		
319	<i>Formicarius colma</i>	Rufous-capped Antthrush	Pinto-do-mato-de-cabeça-vermelha	Taitetuwya	Taowarekwa	Winar	Pon'a	Touselele
				Winakäniä	Wina			

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Amapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
320	<i>Formicarius analis</i>	Black-faced Anthrush	Wina	Wina	Wina	Winar	Pon'a	Soporototo
321	<i>Myrmornis torquata</i>	Wing-banded Antpitta	Wina	Wina	Wina	Winarpinim		
322	<i>Grallaria varia</i>	Variegated Antpitta	Uruwa	Uluwa	Uruwa	Uruwa	Turuwa	Atiota
323	<i>Hylopezus macularius</i>	Spotted Antpitta	Uruwa	Uluwa	Uruwa	Uruwa		
324	<i>Myrmothera campanisona</i>	Thrush-like Antpitta	Uruwa	Uluwa	Uruwa	Uruwa		
CONOPHAGIDAE								
325	<i>Conopophaga aurita</i>	Chestnut-belted Gnatcatcher	Taitetuwya	Kaliakuwya		Uruwa	Turuwa	
COTINGIDAE								
326	<i>Cotinga cayana</i>	Spangled Cotinga	Wyname	Wyname	Name	Yname	Unäipeihyr'yp'i	Takili
327	<i>Cotinga cotinga</i>	Purple-breasted Cotinga	Takiri	Takiri	Takiri	Pytagme'e	Unäipe	Pokololo
328	<i>Cotinga maculata</i>	Banded Cotinga	Name	Pakupakulu	Pakupakaru	Pytagme'e	Sy'yt	
329	<i>Xipholena punicea</i>	Pompadour Cotinga	Pakupakaru				Waiakyt'i	
330	<i>Xipholena white-tailed</i>	White-tailed Cotinga					Unäipetuwa'ahoro	
331	<i>Lipaugus vociferans</i>	Screaming Piha	Paipaijo	Paipajo	Paipaijo	Wyjo	Wiwisu	Paipaijo
332	<i>Platypsaris minor</i>	Pink-throated Becard	Name			Japi'irag		
333	<i>Tityra cayana</i>	Black-tailed Tityra	Toisawer					
334	<i>Haematoderus militaris</i>	Crimson Fruitcrow	Kwekwe	Wylapijü	Wylapijü	Pirikwaraig	Pyeropipyero	Kylakyla
335	<i>Querula purpurata</i>	Purple-throated Fruitcrow	W'rau	Wylapijü	Wylapijü	Akurupirag	Unäpe	Kuzariu
336	<i>Perissocephalus tricolor</i>	Capuchinbird	Pawo	Pawo	Pawo	Japur'ryi	Unäpe	To'wo
337	<i>Gymnoderus foetidus</i>	Bare-necked Fruitcrow	Ajäreaty	Ajäreaty	Ajäreaty	Tatawya		Atioto
338	<i>Phoenicircus carnifex</i>	Guianan Red-Cotinga	Wyrasoeu	Wynameu	Wynameu			Nupinupi
RUPICOLIDAE								
339	<i>Rupicola rupicola</i>	Guianan Cock-of-the-rock	Arawyra	Alawyla	Arawyra	Yrapytagwya	Hathü	Apotoeky
			Peü					Kuzaria
			Peüpirä					Meu

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anipari	Wayampi do Diapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
362	<i>Empidonamus varius</i>	Variegated Flycatcher	Mytawari Piroro		Mytawari	Arara'i		Xilipipi
363	<i>Legatus leucophalus</i>	Piratic Flycatcher	Suiriri	Jakalepyke	Mytawari	Pitawā	Pekiri Ariukere Yiyi	
364	<i>Conopias parva</i>	White-ringed Flycatcher	Piro-ro					
365	<i>Megarhynchus pitangua</i>	Boat-billed Flycatcher	Piro-ro	Kalajuejue		Pitawā	Pekiriwato	Sentuku
366	<i>Myiozetetes cayanensis</i>	Rusty-margined Flycatcher	Kariraru Piro-ro	Pytawali		Pitawā	Pekiri	
367	<i>Pitangus sulphuratus</i>	Great Kiskadee	Pi-ro-ro-jo-wi-ja	Mylysilao	Mytawari-positawā	Pitawā	Yiyi	
368	<i>Pitangus lictor</i>	Lesser Kiskadee	Mytawari-positawā	Tü'iwuwu		Pitawā	Yiyi	
369	<i>Attila spadiceus</i>	Bright-rumped Attila	Pytawari		Teuteu			
370	<i>Attila cinnamomeus</i>	Cinnamon Attila	Wararumi	Malalumi				
371	<i>Laniocera hypopyrrha</i>	Cinereous Mourner	Peuwya			Pipirag		
372	<i>Rhytipterna simplex</i>	Grayish Mourner	Aranyia			Wyjo	Wiwis	Kulaxie
373	<i>Rhytipterna immunda</i>	Pale-bellied Mourner	Korij-wyra			Wyjo	Wiwis	
374	<i>Myiarchus ferox</i>	Short-crested Flycatcher	Korijā Kumyryy Teuteu			Wyjo	Pekiri	
375	<i>Myiarchus tyrannulus</i>	Brown-crested Flycatcher	Kumyryyapinaru	Kumylilyapinalu	Kumyryyapinaru	Wiririhurag	Pekiri	Olohjehy'e
376	<i>Myiarchus tuberculifer</i>	Dusky-capped Flycatcher	Suiriri Sinei			Wiririhurag	Mariahe'i	Turere
377	<i>Contopus cinereus</i>	Tropical Pewee	Kumyryyapinaru			Wiririhu	Mariahe'i	Tyrymyina
378	<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	Fuscous Flycatcher	Kumyryyapinaru	Teuteu		Wiririhu	Mariahe'i	Sapua
379	<i>Terenotriccus erythrus</i>	Ruddy-tailed Flycatcher	Kumyryyapinaru					
380	<i>Myiobius fasciatus</i>	Bran-colored Flycatcher	Teuteu			Tupirai		
381	<i>Myiobius barbatus</i>	Sulphur-rumped Flycatcher	Teuteu			Tapiruru		
382	<i>Onychorhynchus coronatus</i>	Royal Flycatcher	Aapi	Tukāteikwalypyla Anākylja Malakanāwyla	Tukāreikwarypyra	Tupiruru		
383	<i>Platyrinchus platyrhynchos</i>	White-crested Spadebill	Jasanawra		Jasanawra			
384	<i>Toimomyias sulphureus</i>	Yellow-olive Flycatcher	Peuwya Wyraniiti Wyrasimeu Kwākwa'tru	Tykylyi		Arapuhawra Xiepirag		

Latm	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
385	Toimomyias poliocephalus	Mosqueteiro-de-coroa-cinza	Sinei			Xie		
386	Toimomyias flaviventris	Mosqueteiro-de-peito-amarelo	Uruwya'i		Uruwya'i	Wyratawa		
387	Rhynchocyclus olivaceus	Bico-chato-oliváceo	Sinei					
388	Ramphotrigon ruficauda	Bico-chato-de-cauda-vermelha	Sineiwasu			Pipirpirag	Mariahe'i	
389	Todirostrum chrysocrotaphum	Sebinho-pintado	Manigwa					
390	Todirostrum cinereum	Sebinho-relógio	Wyr amaraká	Wylamalaka	Siri	Yrapinim		
391	Todirostrum maculatum	Sebinho-estriado	Wyrasinirerekwa			Ajãwyráhu		
392	Idioptilon zosterops	Ferreirinho	Wyr amarakerekwa					
393	Snethlagea minor	Sebinho-olho-branco	Piriri		Piriri	Sa'itawa		
394	Lophotriccus villosus	Sebinho-de-Snethlage	Sinei	Sinei				
395	Colaptes galeatus	Sebinho-de-asas-barradas	Wyr apinoro					
396	Capsiempis flaveola	Sebinho-de-casquete	Wyr apinoro				Kytipia	
397	Phylloscartes virescens	Mosqueteirinho-amarelo	Piriri		Piriri	Ajãwyrá		
398	Inezia subflava	Mosqueteirinho-verde-oliva	Piriri			Yratawa		
399	Elaenia flavogaster	Papa-mosca-de-barriga-amarela	Piriri		Piriri	Pipirtawa		
400	Elaenia cristata	Cucurutado	Wyr apinura					
401	Elaenia chiriquirensis	Cucurutado-topetudo	A'ywya			Wiririhuran	Mariahe'i	
402	Elaenia ruficeps	Cucurutado-menor	Wyr apinuru			Wiririhuran	Mariahe'i	
403	Myiophobus gaimardi	Cucurutado-crista-laranja	Wyr apitawa					
404	Myiophobus flavivertex	Cucurutado-da-floresta	Sinei			Yratawa	Hirut	
405	Sublegatus modestus	Cucurutado-de-coroa-amarelo	Wyr apitawa			Marakajaiwya	Hirut	
406	Phaenomyias murina	Suiriri-do-cerrado	Aapi			Marakajaiwya		
407	Camptostoma obsoletum	Papa-mosquito-murino	Kumyrny			Yratawa		
408	Tyranniscus gracilipes	Papa-mosquito-Tyrannulet	Awantiti			Kagwarhuywya		
		Southern Beardless Tyrannulet	Piriri			Wiririhu	Kytipia	
		Slender-footed Tyrannulet	Piriri			Wiririhu		

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Amapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
409 Tyrannulus elatus	Yellow-crowned Tyrannulet	Sebinho-de-coroa-amarela	Wyrapiitawa			Xierag		
410 Ornithion inerne	White-lored Tyrannulet	Papa-mosca-supercílio-branco	Piriri			Marakajaiwya	Piriri'i	
411 Pipronorpha oleaginea	Ochre-bellied Flycatcher	Abre-asas-oliváceo	Omya			Yrabytag		
HIRUNDINIDAE								
412 Tachycineta albiventer	White-winged Swallow	Andorinha-de-rio	Nyjo'isoro	Silotosi Palapist	Siroro	Arariresa	Unäpe	Erekoko
413 Progne chalybea	Gray-breasted Martin	Andorinha-grande	Siroro Mononi	Siroro	Siroro	Sa'ihu		Erekoko
414 Atticora fasciata	White-banded Swallow	Andorinha-de-cinta-branca	Siroroposi'atawa Mononi	Myjü'i		Sa'ihu	Mary'aewetta	Erekoko
CORVIDAE								
415 Cyanocorax cayanus	Cayenne Jay	Gralha-nuca-branca	Japusí	Japusí	Japusí		Myü	
416 Cyanocorax cyanopogon	White-collared Jay	Cã-cã				Jakanipuru		
TROGLODYTIDAE								
417 Thryothorus coraya	Coraya Wren	Garrincha-de-chuva	Torotoro Seseuri	seseuli	Torotoro			
418 Thryothorus leucotis	Buff-breasted Wren	Garrincha-de-peito-acastanhado	Seseurirekwa			Tuikakä	Piriri'i	
419 Troglodytes aedon	House Wren	Cambaxirra	Seseuri			Tuikakä		
420 Henicorhina leucosticta	White-breasted Wood-Wren	Cambaxirra-de-peito-branco	Awamiti			Tuikakä		
421 Microcerculus marginatus	Nightingale Wren	Cambaxirra-rouxinoi				Yrapuru		
422 Cyphorhinus arada	Musician Wren	Uirapuru	Iyrakytü Yyratitü	Wylakitü			Pon'ä	
MIMIDAE								
423 Mimus gilvus	Tropical Mockingbird	Sabiä-da-praia	Asigaustí		Asigaustí	Ypajexig	Tikwä	Kulimaeky
424 Donacobius atricapillus	Black-capped Mockingthrush	Japacanin	Asigaukasi Jarotaro		Asigau			

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Amapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
TUROIDAE								
425	<i>Turdus leucomelas</i>	Pale-breasted Thrush	Sabiá-branco	Kurasiwe	Kurasiwe	Tukupa	Hirut	
426	<i>Turdus ignobilis</i>	Black-billed Thrush	Sabiá-de-bico-preto	Kurasiwe	Kurasiwe		Hirut	
427	<i>Turdus fumigatus</i>	Cocoa Thrush	Sabiá-verdadeiro	Kurasiwe	Kurasiwe	Matukupa	Hirut	
428	<i>Turdus nudigenis</i>	Bare-eyed Thrush	Sabiá-caraxué	Kurasiwe	Kurasiwe	Matukupa	Hirut	
429	<i>Turdus albicollis</i>	White-necked Thrush	Sabiá-coleira	Kurasiwe	Kurasiwe	Matukupa	Hirut	
SYLVIIDAE								
430	<i>Microbates collaris</i>	Collared Antwren	Chirito-de-colar	Kariakupane		Akuxiwyra		
VIREONIDAE								
431	<i>Cyclarhis guianensis</i>	Rufous-browed Peppershrike	Pitiguari	Sautuwa	Kalasi			
432	<i>Snaragdolanus leucotis</i>	Staty-capped Shrike-Vireo	Gente-de-fora-vem	Karapiukwer	Wylatakumila	Arara'i		
433	<i>Vireo olivaceus</i>	Red-eyed Vireo	Juruviara	Wyrateukwarajá		Matukupa		
434	<i>Hylophilus thoracicus</i>	Lemon-chested Greenlet	Juruviara-de-cabeça-cinzenta	Ajäreatywya		Matukupa		
435	<i>Hylophilus pectoralis</i>	Ashy-headed Greenlet	Juruviara-de-peito-amarelo	Wyrapiukwer		Yratawa		
436	<i>Hylophilus muscicapinus</i>	Buff-chested Greenlet	Juruviara-garganta-camurça	Wyrapiukwer	Wyrapiukwe	Matukupapirag		
437	<i>Hylophilus ochraceiceps</i>	Tawny-crowned Greenlet	Juruviara-parda	Wyrapiukwer		Matukupa		
ICTERIDAE								
438	<i>Molothrus bonariensis</i>	Shiny Cowbird	Chopim	Japupijü		Wyraun	Aiunwato	Senyi
439	<i>Scaphidura oryzivora</i>	Giant Cowbird	Virabosta Irauna	Japupijü		Japuriri	Irauna	Titiko
440	<i>Psarocolius decumanus</i>	Crested Oropendola	Japuguaçu	Japu	Japukast	Japupihun	Sawuwa	Kulima
441	<i>Psarocolius viridis</i>	Green Oropendola	Japu-verde	Japukast	Karamanore	Japutawa	Sawuwa	Kulimakapauhiano
442	<i>Cacicus cela</i>	Yellow-rumped Cacique	Japim	Japi'i	Japi'i	Japi'i	Tiapi'i	Jakakua
443	<i>Cacicus haemorrhous</i>	Red-rumped Cacique	Guaxe	Sakyo	Sakyo	Japi'irag	Tiapi'isorom	Sakulal
444	<i>Agelaius icterocephalus</i>	Yellow-hooded Blackbird	Iratavá			Xieakátawa		
445	<i>Icterus cayanensis</i>	Epaulet Oriole	Encontro	Pikuwa	Pikuwa	Tapi'irag	Weita	Waieky
446	<i>Icterus chryscephalus</i>	Moriche Oriole	Rouxinol-do-Rio-Negro				Aiunwato	
447	<i>Icterus icterus</i>	Troupial	Rouxinol			Mo'wyratawa		

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Ofapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
448 Icterus nigrogularis	Yellow Oriole	Corrupião-amarelo-de-garganta-preta	Japuyra					
449 Gymnomystax mexicanus	Oriole Blackbird	Irataua-grande	Japi'i					
450 Leistes militaris	Red-breasted Blackbird	Polícia-inglesa				Xiepirag		
451 Sturnella magna	Eastern Meadowlark	Soldado	Maratitotawa				Surara	
PARULIDAE								
452 Granatellus pelzelni	Rose-breasted Chat	Mariquita-de-barriga-vermelha	Wyrasiripipa			Xiepirag		
453 Basileuterus rivularis	River Warbler	Mariquita-dos-rios	Tupãwya			Warahywyra		
454 Conirostrum speciosum	Chestnut-vented Cuckoo	Sebinho-de-crisso-castanho				Yrapitag	Siritaka'ay	
455 Coereba flaveola	Bananaquit	Cambacica	Maniwa				Siritaka'ay	
TERSINIDAE								
456 Tersina viridis	Swallow-Tanager	Sai-andorinha	Wyrasoë	Simeilalu		Waxixi		
THRAUPIDAE								
457 Cyanerpes caeruleus	Purple Honeycreeper	Sai-purpura	Mananiwa	Pelepelewa	Mananiwa	Sa'itapoti	Siritahun'i	
458 Cyanerpes cyaneus	Red-legged Honeycreeper	Sai	Pereperewa	Mananiwa		Sa'itymāpirāme'e	Siritahun'i	
459 Chlorophanes spiza	Green Honeycreeper	Sairá-beija-flor	Aisimoju		Aisimoju	Sa'i	Siritahyryp'i	
460 Dacnis cayana	Blue Dacnis	Sai-verde	Amapa			Kuxitowya		
461 Dacnis lineata	Black-faced Dacnis	Sai-azul	Aisimoju			Sa'iseg	Siritahyryp'i	
462 Tangara velia	Black-rumped Tanager	Sai-de-cara-preta	Wyrasový					
463 Tangara chilensis	Paradise Tanager	Saira-prateada	Siri	Sili	Wyrasirime	Sa'ihu	Siritahyryp'i	
464 Tangara punctata	Spotted Tanager	Saira-de-paraíso	Aikupeka	Aisilili		Waxixig		
465 Tangara varia	Dotted Tanager	Saira-negaga	Aisiri	Aikupeka		Waxixig		
466 Tangara mexicana	Turquoise Tanager	Saira-manchada	Wyratajarekwa	Wyratajarekwa			Sy'i	
467 Tangara gyrola	Bay-headed Tanager	Saira-turquesa	Tasiti	Tasiti		Waxixig		
468 Tangara cayana	Burnished-buff Tanager	Saira-cabeça-de-lacre	Wyrakamytā		Aikāmytā	Warahuyraakāpirag	Mynakara	
469 Euphonia violacea	Golden-sided Euphonia	Saira-amarela		Peowyla		Xiehowy		
470 Euphonia cayanensis	Plumbeous Euphonia	Gaturamo-verdadeiro	Wyrataja'u	Wylatājy	Wyrataja'u	Wyrata'ighu		
471 Euphonia plumbea	Plumbeous Euphonia	Gaturamo-de-lados-anarelos	Tarikiriki	Talikiliki	Tarikiriki	Wyrata'igpithun		

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Anapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
472 <i>Thraupis episcopus</i>	Blue-gray Tanager	Sanhaço-azul	Ajãsovỹ Pyĩ	Ajãsovỹ	Ajãsovỹ	Wajagyhowy	Sy'i	Apukui
473 <i>Thraupis palmarum</i>	Palm Tanager	Sanhaço-de-coqueiro	Ajãst Pyĩ	Ajãst	Ajãst	Wajagyhowy		
474 <i>Ramphocelus carbo</i>	Silver-beaked Tanager	Pipira-de-papo-vermelho	Kapĩ			Pipirpirag		Pigkane
475 <i>Cyanicterus cyanicterus</i>	Blue-backed Tanager	Sanhaço-azul-de-ventre-amarelo	Uruku'awya					
476 <i>Lanio fulvus</i>	Fulvous Shrike-Tanager	Sanhaço-de-peito-ferrugineo	Wyrapiukwer	Kujuwĩwyla				
477 <i>Lanio versicolor</i>	White-winged Shrike-Tanager	Sanhaço-de-cabeça-preta						
478 <i>Tachyphonus cristatus</i>	Flame-crested Tanager	Tiê-galo	Kwasiwya	Jawĩwyla	Kwasiwya	Pipirtawa	Myhakara	
479 <i>Tachyphonus surinamus</i>	Fulvous-crested Tanager	Pipira-de-rabadilha-amarela	Kwasiwya	Kwasiwyla		To'owya Pipirpinuh		
480 <i>Tachyphonus phoenicius</i>	Red-shouldered Tanager	Pipira-de-encontros	Kwasiwyrapijũ			Pipirpinuh		
481 <i>Euometis penicillata</i>	Gray-headed Tanager	Pipira-de-cabeça-cinza	Wyrakãatã			Pipirpinuh Pipirpirag		
482 <i>Nemostia pileata</i>	Hooded Tanager	Fruteiro	Paraparawa			Ka'agwartuwyr		
483 <i>Hemitraupis guira</i>	Guira Tanager	Saira-guira	Anapa		Urukure'atawame'e	Ka'agwar		
484 <i>Hemitraupis flavicollis</i>	Yellow-backed Tanager	Saira-garganta-amarela	Kusiast	Kusiast		Pipirtawa		
485 <i>Lamprospiza melanoleuca</i>	Red-billed Pied Tanager	Tiê-de-bico-vermelho	Siêsiê			Xishu	Piut'i	
486 <i>Schistochlamys melanopis</i>	Black-faced Tanager	Sanhaço-cinza	Wyrasirapipa Wyrasiriparekwa			Xietuwyr		
FRINGILLIDAE								
487 <i>Saltator maximus</i>	Buff-throated Saltator	Trinca-ferro	Jĩn		ST	Xig		
488 <i>Saltator coerulescens</i>	Grayish Saltator	Trinca-ferro-cinzento	STnoroja		ST	Matukupa		
489 <i>Caryothraustes canadensis</i>	Yellow-green Grosbeak	Furriel	Wyrapiukwer	Kaupi		Ka'agwar	Wianuweita	
490 <i>Pitylus grossus</i>	Slate-colored Grosbeak	Bicudo-de-garganta-branca	Wyrapisuruya			Mytũwya		Kuro'opie
491 <i>Paroaria gularis</i>	Red-capped Cardinal	Cardeal-tangará	Aapiwasu Wyrakãmirã			Mytũwyratuwyr	Myhakara	Poneky
492 <i>Cyanocitta cyaneides</i>	Blue-black Grosbeak	Azulão-da-mata	Wyrasiripipa Akapiĩnũ	Akapĩnũ	Kapinu	Xiepinuh	Pihaitag	
493 <i>Volatinia jacarina</i>	Blue-black Grassquit	Tiziu	Tukupi			Xiehowy		

Latim	Inglês	Português	Wayampi do Amapari	Wayampi do Oiapoque	Wayampi do Jari	Urubu	Satere	Apalai
494 Sporophila schistacea	Slate-colored Seedeater	Patativa-de-bico-amarelo	Akâpînurerekwar			Xietuwyr		
495 Sporophila plumbea	Plumbeous Seedeater	Patativa	Al apînurerekwar			Xie		
496 Sporophila castaneiventris	Chestnut-bellied Seedeater	Caboclinho-de-peito-castanho	Kwâkwâwa	Kwakwawa	Kwâkwâwa	Xiepirag		
497 Sporophila minuta	Ruddy-breasted Seedeater	Caboclinho-de-rabadilha-castanha	Kwâkwâwa	Kwakwawa		Xiepirag		
498 Oryzoborus angolensis	Lesser Seed-Finch	Curio	Wrasîato	Awasiaky	Kapinu	Xiepihun	Muruhiru Pihaitag	
499 Sicalis columbiana	Orange-fronted Yellow-Finch	Canário-do-campo	Peuwyrâ			Xiepirag		
500 Coryphospingus cucullatus	Red-crested Finch	Tico-tico-rei	Arâwyrâ			Yrâpytag		
501 Arremon taciturnus	Pectoral Sparrow	Tico-tico-do-mato Pai-pedro	S'in Ruruja	Luluja	Ruruja S'i	Marakajawyrâ	Myharapysonsom	
502 Myospiza humeralis	Grassland Sparrow	Tico-tico-do-campo	Kwâkwâtau		Kwâkwâwa	Marakajawyrâ	Muruhiru	
503 Zonotrichia capensis	Rufous-collared Sparrow	Tico-tico	S'in			Marakajawyrâ		

Apêndice II. A definição dos símbolos usados nas ortografias
indígenas.

Os seguintes símbolos são usados na ortografia de nomes indígenas nesta
tese:

p	t	k	m	n	g
r	l	s	x	v	j
h	'	a	e	i	o
y	~				

A maioria dos símbolos têm o mesmo valor que em português, com os
seguintes exceções;

- g (nasal velar) é pronunciado como o "ng" no inglês singing
ou no alemão fangen.
- v (fricativa bilabial) é mais semelhante à letra "b" como
na palavra abolir, sem fechar completamente os lábios, ou
como "v" ou "b" no espanhol ave ou cabello.
- j (semivogal anterior) é pronunciado como o "i" na palavra
iaia ou iate.
- h (fricativa glotal) é pronunciado como no inglês harm ou
no alemão halten.
- ' (oclusiva glotal) é pronunciado como uma pausa entre duas
vogais, com a glote fechada.
- y (vogal alta central não arredondada) é pronunciado
aproximadamente como o "u" quanto a posição da língua na
boca, mas retraíndo os lábios como na pronuncia do "i".

or: Allen Arthur Jensen

Pág.	Par.	Linha	Onde lê	Deve ler
21		1	Apêndices 1 195	Apêndices 1 196
22		2	Apêndices 2 219	Apêndices 2 221
1			complexidade usando	complexidade, usando
7			aboriginal	original
11			ẽ,	ẽ:
8			foram	eram
1			usã-lo	usã-la
2			distintos	distintas
7			tratadas	tradados
2			subclasses	etnoclasses
3			reconhecem-se	Estas se reconhecem
1			compostas	compostos
2			subordinadas a ele.	subordinados.
3			populares	populares de etnoclasses
7			nomes	nomes genéricos
6			nome	nome específico
3			O varietal	A etno-subespécie
4			caracterizado	caracterizada
1				duploespaço da linha/ 4 abaixo de 3
5			lã	ai
6			nominalizadas	nominadas
3			nominalizadas	nominadas
8			culturas diferentes	diferentes sulturas
8			Stage 1, 2, 3, 4-6	Stage 0, 1, 2, 3-5
3			biológico	biológica
2			das	dos
4			foi	foi ai
4			lingüísticos	lingüístico
1			evidente de que	evidente que
3			Phelps, 1978	Phelps, 1978;
5			deespécies	de espécies
6			no Suriname	no Suriname
7			desenhode	desenho de
9			Snow (1982), Parvirostrus	Snow (1982) parvirostris
1			napesquisa	na pesquisa
6			"Ove po	"ove po
1			ordem,	ordem
2			pequenos),	pequenos)
3			dados,	dados
4			a qual	o qual
1			3,4 uropigio	uropígio
4			det.	atrib.
4			do nome da espécie	do nome
			<u>Crypturellus undulatus</u>	<u>Crypturellus</u> sp.
3			cuã	kuã
1			* kãsi	* akãsi
			ave de rabo bifurcado	ave rabuda
			tuka	tukã
2			afins),	afins)
6			ẽ o maior	ẽ a maior
7			ẽ o mais procurado	ẽ a mais procurada
3			"moju"	moju
2			"kumaka"	kumaka
7			o primeiro	os primeiros
7			se alimenta	se alimentam
7			o segundo	os segundos
2			domésticos	domésticas
3			{yamaka	{yamaka
4			1980)} , {tawalu	1980)} , {tawalu
5			1980)} , {yakale..1980	1980)} , {yakale..1980}
Tab			deslocamento da linha	que são reconhecidas
6			etnosub-espécie	etno-subespécie
13			(ave-padrão)	(ave-padrão),
14			etnofamília,	etnofamília
2			{notavelmente	{notavelmente
3			(Alcedinidae)}	(Alcedinidae)}
6			etnogêneros,	etnogênero e
10			tecnicamente	tecnicamente,
10			mesma coisa como	mesma coisa como no caso de
			<u>Cathartes</u>	<u>Cathartes</u>
2			diferente	diferente da
1			{tawato...(1980)}	{tawato...(1980)}
4			tapẽ , kakã , tama	o tapẽ , o kakã , o tamã
5			wyrau	o wyrau
2			morfologia	de morfologia
2			{tawato..frustrativo}	{tawato..frustrativo}
3			sucedido	sucedida
4			{kusiri...comedor}	{kusiri...comedor}
4			(sauim)	(sauim)
2			{paku...comedor}	{paku...comedor}
1/2			{minu'a...comedor}	{minu'a....comedor}
70	5	2	[marai...falsa]	[marai...falsa]
71			Maraira'aga/55	Maraira'aga/5
73			Phasianidae	Phasianidae
76	2	1	sulsi	sulsi,
	4	8	foi chamado	foi chamada
78	2	4	sugere também que	sugere que
		5	também característico	também uma característica
80	3	2	Cuculidae abaixo	Cuculidae de baixo
	5	2	distinguido	distinguida
		3	(C.maior)	(C. maior),</